



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:  
LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA FRANCESA**

**INGRID VANESSA SOUZA SANTOS**

**MULHERES NA TERCEIRA ONDA: AUTORIA FEMININA  
NOS CONTOS DE FICÇÃO CIENTÍFICA DAS REVISTAS  
*TRASGO E MAFAGAFO***

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2021**

**INGRID VANESSA SOUZA SANTOS**

**MULHERES NA TERCEIRA ONDA: AUTORIA FEMININA  
NOS CONTOS DE FICÇÃO CIENTÍFICA DAS REVISTAS  
*TRASGO E MAFAGAFO***

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Língua Francesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Francesa.

**Orientadora: Professora Doutora Rosângela de Melo Rodrigues**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2021**

S237m

Santos, Ingrid Vanessa Souza.

Mulheres na terceira onda: autoria feminina nos contos de ficção científica das revistas *Trasgo* e *Mafagafo* / Ingrid Vanessa Souza Santos. – Campina Grande, 2021.

203 f. : il. color.

Monografia (Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Francesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Profa. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues".

Referências.

1. Feminismo e Literatura. 2. Literatura Brasileira. 3. Ficção Científica Feminista. 4. Revistas de Ficção Científica. 5. Revista *Trasgo*. 6. Revista *Mafagafo*. I. Rodrigues, Rosângela de Melo. II. Título.

CDU 305-055.2:82(81)(043)

**INGRID VANESSA SOUZA SANTOS**

**MULHERES NA TERCEIRA ONDA:  
AUTORIA FEMININA NOS CONTOS DE FICÇÃO CIENTÍFICA  
DAS REVISTAS *TRASGO* E *MAFAGAFO***

Trabalho de Conclusão Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura  
em Letras: Língua Portuguesa e Língua  
Francesa do Centro de Humanidade da  
Universidade Federal de Campina  
Grande, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado(a) em  
Letras: Língua Portuguesa e Língua  
Francesa.

**BANCA EXAMINADORA:**

*Rosângela de Melo Rodrigues*

---

**Professora Dr<sup>a</sup>. Rosângela de Melo Rodrigues**  
**Orientadora – UAL/UFCG**

*Amanda R. Freitas Brito*

---

**Professora Dr<sup>a</sup>. Amanda Ramalho de Freitas Brito**  
**Examinadora Externa I – UFPB**

*Silvanna Kelly Gomes de Oliveira*

---

**Professora Ms. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira**  
**Examinadora Externa II – UEPB**

**Trabalho aprovado em: 25 de maio de 2021.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, José Antônio e Selma, que abdicaram de tudo para que eu pudesse ter a oportunidade de estudar e chegar aonde cheguei. Esta conquista não é só minha, mas sim de vocês. Sou muito grata por todas as escolhas difíceis que vocês tiveram que tomar, por todos os livros que eu ganhei de presente e por todas as vezes que os meus estudos foram colocados em primeiro lugar na vida de vocês. Não há palavras que descrevam o que eu sinto por vocês, então eu dedico esse trabalho a vocês dois.

Agradeço à minha irmã, Jéssica, que desde cedo estimulou meu hábito de ler e o meu fascínio pela ficção científica, ao assistir *Doctor Who* comigo. Todos esses anos você me protegeu e me estimulou. Eu sei que não seria a pesquisadora que sou hoje sem você.

Agradeço à minha querida Fabiany, que foi a primeira pessoa que ouviu a proposta dessa pesquisa e foi uma das que mais apoiou meu amor pela ficção científica, me inspirando de todas as formas possíveis. Talvez essa pesquisa não existiria se você não tivesse me dito para continuar com a ideia.

Agradeço às minhas companheiras de curso, Ana Beatriz e Laís Vidal, que fizeram com que eu me sentisse acolhida durante todos esses semestres na faculdade. Vocês foram minhas parceiras inúmeras vezes. Surtamos juntas e rimos juntas. Sem vocês eu provavelmente teria enlouquecido na metade do processo.

Agradeço a Sebastian, que não terá como ler isto, mas não poderia ficar de fora. Você também esteve comigo em momentos difíceis, antes mesmo de eu cogitar a ideia desse projeto.

Agradeço à minha orientadora, a professora Rosângela Rodrigues, que compartilha a mesma paixão por ficção científica e teve paciência comigo durante todos esses meses na pandemia. Suas observações precisas me levaram a chegar aonde eu queria neste projeto. Muito obrigada!

Agradeço às professoras da banca examinadora, Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito e Silvana Kely Gomes de Oliveira, pelas contribuições a esta pesquisa.

Agradeço aos editores-chefes das revistas *Trasgo* e *Mafagafo*, Rodrigo van Kampen e Jana Bianchi, que foram imediatamente solícitos comigo quando eu os procurei. A simpatia e boa vontade de vocês foi uma grata surpresa. Que a minha a minha pesquisa seja a primeira de muitas que irão eternizar as suas revistas.

Agradeço a mim mesma, por ter perseverado e ter conseguido chegar até aqui.

*Comecei a escrever sobre poder, porque era algo que eu tinha muito pouco*  
(Octavia E. Butler)

## RESUMO

As revistas de ficção científica acompanharam a evolução do gênero em questão, sendo cruciais para sua popularização no âmbito da literatura. Ao que se refere à representação de minorias sociais, percebe-se que o cenário deste gênero passou por um longo período até ser mais inclusiva, fortemente impulsionado por movimentos políticos, sendo a maior influência, as Eras do Feminismo. No Brasil, pesquisadores separam os períodos de publicações e temáticas da ficção científica por fases que eles denominam como “Ondas da Ficção Científica Brasileira”. Nossa pesquisa nota que é durante a chamada Terceira Onda da Ficção Científica Brasileira, que o gênero teria uma maior diversidade tanto nos personagens quanto em que os escrevem. Duas dessas revistas se destacam pelo teor feminista nos contos: as revistas *Trasgo* e *Mafagafo*. Logo, vê-se a relevância de pesquisar as produções femininas em tais revistas, ao considerarmos o número de autoras brasileiras que utilizam esses veículos para publicação, em adição o valor de se abordar a influência de um movimento social como a Quarta Era do Feminismo na concepção desta fase da ficção científica. Como *corpus* foram selecionados dois contos de cada revista. Na *Trasgo* foram os contos “O que sonham as pílulas”, de Aline Valek e “Felicitas Ex Machina”, de Alexandra Cardoso. Já na revista *Mafagafo*, foram indicados os contos “A origem das ideias revolucionárias”, de Rúbia Dias e “Suor e Silício na Terra da Garoa”, de Vanessa Guedes. Diante disso, surgiram as seguintes questões: a) quais são as marcas definidoras dos contos de ficção científica brasileira escritos por mulheres nas revistas *Trasgo* e *Mafagafo*? b) quantos contos de ficção científica foram escritos por mulheres nas edições das revistas de ficção especulativa *Trasgo* e *Mafagafo*? c) quais tipos de temáticas narrativas são recorrentes nos contos? d) Como os elementos característicos do gênero literário ficção científica são inseridos nos contos? e) como a Quarta Era do Feminismo influenciou as produções dos contos de ficção científica das revistas digitais mencionadas? A seguinte pesquisa tem uma análise qualitativa com procedimento bibliográfico, como é norteado por Gil (2002). Alguns de nossos principais teóricos são: Pereira (2005), Alves (2009), Causo (2013) e Roberts (2018), para a temática da ficção científica; Wittekind (2016), Santos (2016) e Silva (2019), para as teorias da Quarta Era do Feminismo; Ginway (2005) e Miranda (2019), para a escrita feminina. Concluímos que a Quarta Era do Feminismo foi determinante para a construção da ficção científica brasileira feminina, trazendo suas pautas para as narrativas e as tornando o cerne da maioria das histórias.

**Palavras-chaves:** Ficção científica feminista; Revistas de ficção científica; Feminismo; Revista *Trasgo*; Revista *Mafagafo*.

## **Women of the third wave: female authorship in the science fiction short stories of *Trasgo* and *Mafagafo* magazines**

### **ABSTRACT**

Science fiction magazines followed the evolution of the genre in question, being crucial for its popularization in the field of literature. With regard to the representation of social minorities, it is clear that this scenario of this genre has gone through a long period until it has become more inclusive, strongly driven by political movements, with the greatest influence being the Eras of Feminism. In Brazil, researchers separate the periods of science fiction publications and themes by phases that they call “Waves of Brazilian Science Fiction”. Our research notes that it is during the so-called Third Wave of Brazilian Science Fiction, that the genre has a greater diversity both in characters and who writes them. Two of these magazines stand out for their feminist content in the short stories: the magazines *Trasgo* and *Mafagafo*. Therefore, the relevance of researching female productions in such magazines is seen, considering the number of Brazilian authors who use these vehicles for publication, in addition to the value of addressing the influence of a social movement such as the Fourth Age of Feminism on conception of this phase of science fiction. Two short stories from each magazine were selected as corpus. At *Trasgo*, there were the short stories “O Que Sonham as Pílulas”, by Aline Valek and “Felicitas Ex Machina”, by Alexandra Cardoso. In *Mafagafo* magazine, the short stories “A Origem das Ideias Revolucionárias”, by Rúbia Dias and “Suor e Silício na Terra da Garoa”, by Vanessa Guedes were chosen. Therefore, the following questions arose: a) what are the defining marks of Brazilian science fiction stories written by women in *Trasgo* and *Mafagafo* magazines? b) how many science fiction short stories were written by women in the editions of the speculative fiction magazines *Trasgo* and *Mafagafo*? c) what types of narrative themes are recurrent in the stories? d) How are the characteristic elements of the science fiction literary genre inserted in the short stories? e) how did the Fourth Age of Feminism influence the productions of science fiction stories from the aforementioned digital magazines? The following research has a qualitative analysis with a bibliographic procedure, as guided by Gil (2002). Some of our main theorists are: Pereira (2005), Alves (2009), Causo (2013) and Roberts (2018), for the theme of science fiction; Wittekind (2016), Santos (2016) and Silva (2019), for the theories of the Fourth Age of Feminism; Ginway (2005) and Miranda (2019), for female writing. We conclude that the Fourth Age of Feminism was decisive for the construction of the feminine scifi, bringing its agenda to the narratives and making them the core of most stories.

**Keywords:** Feminist science fiction; Science fiction magazines; Feminism; *Trasgo* Magazine; *Mafagafo* Magazine.

## **Femmes de la troisième vague: l'écriture féminine dans les nouvelles de science-fiction des magazines *Trasgo* et *Mafagafo***

### **RÉSUMÉ**

Les magazines de science-fiction ont suivi l'évolution du genre en question, étant crucial pour sa popularisation dans le domaine de la littérature. En ce qui concerne la représentation des minorités sociales, il est clair que le scénario de ce genre a traversé une longue période jusqu'à devenir plus inclusif, fortement stimulé par les mouvements politiques, avec la plus grande influence étant les ères du féminisme. Au Brésil, les chercheurs séparent les périodes des publications et des thèmes de science-fiction par des phases qu'ils appellent «Les Vagues de la Science-Fiction Brésilienne». Notre recherche note que c'est au cours de la Troisième Vague de Science-Fiction Brésilienne que le genre a une plus grande diversité à la fois avec les personnages et avec qui les écrit. Deux de ces magazines se distinguent par leur contenu féministe dans les nouvelles: les magazines *Trasgo* et *Mafagafo*. Par conséquent, la pertinence de rechercher des productions féminines dans de tels magazines est considérée, compte tenu du nombre d'auteurs brésiliens qui utilisent ces véhicules pour la publication, en plus de la valeur d'aborder l'influence d'un mouvement social tel que le Quatrième Âge du Féminisme sur la conception de cette phase de science-fiction. Deux nouvelles de chaque magazine ont été sélectionnées comme corpus. Dans le magazine *Trasgo*, les nouvelles «O Que Sonham as Pílula» par Aline Valek et «Felicitas Ex Machina» par Alexandra Cardoso ont été choisies. Dans le *Mafagafo*, les nouvelles «A origem das ideias revolucionárias» de Rúbia Dias et «Suor e Silício na Terra da Garoa» par Vanessa Guedes ont été sélectionnées. Par conséquent, les questions suivantes se sont posées: a) quelles sont les marques distinctives des histoires de science-fiction brésiliennes écrites par des femmes dans les magazines *Trasgo* et *Mafagafo*? b) combien de nouvelles de science-fiction ont été écrites par des femmes dans les éditions des magazines de fiction spéculative *Trasgo* et *Mafagafo*? c) quels types de thèmes narratifs sont récurrents dans les histoires? d) comment les éléments caractéristiques du genre littéraire de science-fiction sont-ils insérés dans les nouvelles? e) comment le quatrième âge du féminisme a-t-il influencé les productions d'histoires de science-fiction des magazines numériques susmentionnés? La recherche suivante a une analyse qualitative avec une procédure bibliographique, comme guidé par Gil (2002). Certains de nos principaux théoriciens sont: Pereira (2005), Alves (2009), Causo (2013) et Roberts (2018), pour le thème de la science-fiction; Wittekind (2016), Santos (2016) et Silva (2019), pour les théories du Quatrième Âge du Féminisme; Ginway (2005) et Miranda (2019), pour l'écriture féminine. Nous concluons que le Quatrième Âge du Féminisme a été décisif pour la construction de la science-fiction féminine brésilienne, apportant ses lignes directrices aux récits et en faisant le cœur de la plupart des histoires.

**Mots clés:** Science-fiction féministe; Magazines de science-fiction; Féminisme; Magazine *Trasgo*; Magazine *Mafagafo*.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Capa da coletânea *Eles Herdarão a Terra*

**Figura 2:** Capa de *Asilo nas Torres*

**Figura 3:** Capa de *Lugar de Mulher é na Cozinha*

**Figura 4:** Capa de *Universo Desconstruído*

**Figura 5:** Capa do livro *Sertãopunk: Histórias de um Nordeste do amanhã*

**Figura 6:** Capa da 1ª edição da revista *Amazing Stories*

**Figura 7:** Capa da 12ª edição da *Isaac Asimov Magazine*

**Figura 8:** Capa do 12º conto da 3ª edição da Mafagafo

**Figura 9:** Capa da 12ª edição da Trasgo

**Figura 10:** Capa da 17ª edição da Trasgo

**Figura 11:** Capa da 2ª parte da 2ª edição da Mafagafo

**Figura 12:** Capa da 7ª parte da 3ª edição da Mafagafo

**Figura 13:** Maquiagens antivigilância

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1:** Lista de mulheres que publicaram FC na revista Trasgo

**Tabela 2:** Lista de mulheres que publicaram contos de FC na revista Mafagafo

## **LISTA DE SIGLAS**

**FC:** Ficção científica

**FCB:** Ficção científica brasileira

**F&FC:** Fantasia e Ficção Científica

**EUA:** Estados Unidos da América

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1. CRONOLOGIA DA FC.....</b>	<b>20</b>
1.1. As protoficcões científicas.....	20
1.2 A gênese da FC pela escrita das mulheres.....	23
1.3 FCB antes das Ondas: explorações e utopias feministas.....	25
<b>2. AS ONDAS DA FCB.....</b>	<b>34</b>
2.1 A Primeira Onda da FCB.....	34
2.2 A Segunda Onda da FCB.....	43
2.3 A Terceira Onda da FCB.....	50
<b>3. A INFLUÊNCIA DAS ERAS FEMINISTAS NA FCB.....</b>	<b>62</b>
3.1 Explorando as Eras Feministas.....	62
3.2 Feministas na FCB.....	70
3.3 As revistas de FC.....	78
3.3.1 As revistas <i>pulp</i> de FC e o problema de representatividade feminina.....	78
3.3.2 As revistas brasileiras.....	81
3.3.3 Revista <i>Trasgo</i> .....	83
3.3.4 Revista <i>Mafagafo</i> .....	86
<b>4. AS FCB FEMINISTAS DA TRASGO E DA MAFAGAFO.....</b>	<b>91</b>
4.1 “O Que Sonham as Pílulas”.....	91
4.2. “Felicitas Ex Machina”.....	96
4.3 “A Origem das Ideias Revolucionárias”.....	102
4.4 “Suor e Silício na Terra da Garoa”.....	106
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXO C.....</b>	<b>140</b>
<b>ANEXO D.....</b>	<b>152</b>
<b>ANEXO E.....</b>	<b>169</b>
<b>ANEXO F.....</b>	<b>171</b>

## INTRODUÇÃO

As revistas *pulp* e antologias foram responsáveis pela popularização da ficção científica como gênero literário. No Brasil, a cultura de publicações de contos de FC em revistas tardou a acontecer. Diferente dos lançamentos dos Estados Unidos da América e da Europa, o Brasil não obteve sucesso em criar um movimento literário de ficção científica que envolvesse leitores, escritores e revistas especializadas (1993, p. 3), como aponta Braúlio Tavares. Esse cenário só mudou no final dos anos 1950, com vinda da Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira, através da editora *Edições GRD*. No período de publicação das duas primeiras “ondas” da FC brasileira<sup>1</sup>, apesar de criarem traços próprios ao longo das décadas, as obras nacionais ainda apresentavam muita familiaridade com trabalhos estrangeiros, além da predominância de autoria masculina nas revistas mais aclamadas.

Só há uma mudança significativa durante a Terceira Onda, que começa durante a popularização da internet e de ativismos sociais na rede (sendo a Quarta Era<sup>2</sup> do Feminismo<sup>3</sup> uma das maiores influências). Mulheres e outras minorias sociais assumem mais espaço não só na autoria, mas na organização de revistas de ficção especulativa, que agora se difundiam nos meios digitais. Duas das maiores revistas eletrônicas de ficção especulativa que seguiram esse modelo foram as revistas *Trasgo*<sup>4</sup> e *Mafagafo*<sup>5</sup>.

A Revista *Trasgo* foi uma das precursoras das revistas digitais de ficção científica e fantasia do Brasil. Criada em 2013 e encerrada em 2021, as publicações da *Trasgo* eram trimestrais e contavam sempre com um total de seis contos por edição, sendo cada conto de um autor brasileiro diferente. A revista mencionada, assim como muitas que viriam posteriormente, apresentava uma proposta de ser mais inclusiva ao se tratar de autores. Seguindo o mesmo estilo da *Trasgo*, lançada em 2018, a Revista *Mafagafo* publica mensalmente, com um total de três edições lançadas. Cada edição é dividida em quatro partes, com contos e noveletas. A revista também publica ficções relâmpagos<sup>6</sup> de ficção especulativa através de uma *newsletter* denominada *Fáisca* e de uma conta na rede social *Twitter* chamada *Pio*, além de uma seção de contos de F&FC estrangeiros traduzidos para o português brasileiro chamada *Aves Migratórias*.

Tanto na *Trasgo* quanto na *Mafagafo*, vê-se uma notável vontade de trazer mais representatividade na temática de contos do gênero mencionado. Pode-se considerar que as revistas

---

<sup>1</sup> A primeira onda da ficção científica durante dos anos 1958 até 1982, enquanto a segunda iria de 1982 à 2004.

<sup>2</sup> Optou-se pela denominação de “era” em vez de “onda” para evitar ambiguidade entre o movimento feminista e o da ficção científica brasileira.

<sup>3</sup> Cada país passou por ascensões do movimento feminista em diferentes formas e eras. Contudo, escolheu-se analisar as Eras do Feminismo definidas no ocidente, já que são cronologicamente similares.

<sup>4</sup> <https://trasgo.com.br/>

<sup>5</sup> <https://mafagaforevista.com.br/>

<sup>6</sup> Contos que têm na faixa de 1000 a 1500 palavras.

digitais são grande parte da construção de novos movimentos, formando assim uma Terceira Onda da FCB. Torna-se imprescindível pesquisar as produções femininas nas revistas mencionadas, considerando o número de autoras em atividade, além da importância de se estudar sobre a influência de um movimento social como a Quarta Era do Feminismo na formação de uma nova fase da ficção científica.

As pesquisas acadêmicas que estudam o gênero mencionado têm, em sua vasta maioria, enfoque em trabalhos das demais fases da FC no Brasil (ou até mesmo em obras estrangeiras), enquanto as publicações nacionais da era digital seguem inexploradas. Portanto, investigar sobre tais antologias de contos em revistas digitais brasileiras mostra-se um modo de dar destaque a um movimento da ficção científica que é literária e historicamente promissor.

Esta pesquisa tem como base a seguinte pergunta: quais são as marcas definidoras dos contos de ficção científica brasileira escritos por mulheres nas revistas *Trasgo* e *Mafagafo*? Por conseguinte, para respondê-la foram levantadas as seguintes questões que contribuíram para a construção dos objetivos, sendo elas: a) quantos contos de ficção científica foram escritos por mulheres nas edições das revistas de ficção especulativa *Trasgo* e *Mafagafo*?; b) quais tipos de temáticas narrativas são recorrentes nos contos?; c) como os elementos característicos do gênero literário ficção científica (como por exemplo, viagens no tempo, tecnologia futurista, alienígenas) são inseridos nos contos? , e d) como a Quarta Era do Feminismo influenciou as produções dos contos de ficção científica das revistas digitais mencionadas?

Temos como objetivo geral analisar as marcas são as marcas definidoras dos contos de ficção científica brasileira escritos por mulheres nas revistas *Trasgo* e *Mafagafo*. Enquanto os objetivos específicos são: verificar a quantidade de contos de ficção científica escritos por mulheres nas edições das revistas *Trasgo* e *Mafagafo*; examinar as temáticas nas narrativas dos contos de autoria feminina; analisar os elementos característicos do gênero literário ficção científica nos contos selecionados, e por fim, investigar a influência da Quarta Era do Feminismo nas produções dos contos de ficção científica.

Para um maior entendimento a respeito da investigação das obras de ficção científica de autoria feminina nas revistas citadas, é imprescindível voltarmos para o cenário brasileiro de produção do gênero literário. Realizando o processo de análise sob tais influências, é possível entender que contexto histórico juntamente das produções de ficção científica brasileira das décadas anteriores foram decisivas nas publicações que ocorreriam na Terceira Onda da FC nacional. Esta que merece nosso enfoque.

Como principal teórico das “Ondas” tem-se Causo (2013, 2015) que aponta as características e principais problemas da Terceira Onda. Em sua tese de doutorado “Ondas nas praias de um mundo

sombrio: New wave e cyberpunk no Brasil” (2013), o autor aponta que “[...] além da reconciliação entre o *pulp* e literário, ela [a ficção científica brasileira] precisa igualmente retornar àquela identidade própria, local, [...] e redescobri-la para trabalhá-la com autoconsciência” (2013, p. 263). A Terceira Onda, como movimento vigente, ao mesmo tempo que cria sua própria identidade tenta sanar a problemática das demais Ondas: falta de representatividade tanto nas autorias quanto nos tropos das narrativas.

Numa linha similar de pesquisa de Causo (2013, 2015), em seu estudo cronológico e temático sobre a FC, Roberts (2018) afirma que no século XXI há “[u]ma proliferação de FCs LGBTs, FCs pós-coloniais, FCs pós modernas, FCs escritas por fãs, FCs retrô, FCs experimentais e todo tipo de outras espécies é produzido e consumido em diferentes microclimas do gênero” (2018, p. 663). Contudo, é inegável o fato que a ficção científica sofreu e ainda apresenta resquícios de um elitismo, sexismo e anglicismo nas publicações de suas obras. A Terceira Onda da FCB resgata o estilo de publicações de fanzines e revistas antológicas escritas de fãs para fãs (popularizadas na Segunda Onda) abrindo espaço para minorias sociais discorrerem sobre a problemática da intolerância e o valor da representatividade na literatura, muitas vezes motivadas pelos posicionamentos políticos propagados nas décadas anteriores. Entre elas, uma das mais influentes, as Eras do feminismo<sup>7</sup>.

Assim como a FC utiliza do termo “ondas” para delimitar períodos com mudanças decisivas na estrutura de sua própria estrutura, o feminismo também separa seus movimentos de reivindicações em quatro momentos. Wittekind (2016), Santos (2016) e Oliveira (2019) como principais teóricas das ondas do feminismo. Como indica Silva, “[...] já é possível afirmar com segurança que estamos vivendo um momento de quarta onda do feminismo” (2019, p. 22). Isto é, com a evolução da internet e de novas tecnologias, esta nova formação do movimento social é utilizada como forma de denunciar a violência contra mulher, antigos valores patriarcais e a LGBTfobia.

Sobre o passado da FC, observa-se que as narrativas contendo militarismo e guerras interplanetárias (na maioria das vezes com protagonistas masculinos) não dialogavam com as vivências femininas da época. Apenas após a popularização de autoras como Ursula Le Guin, com tramas que colocavam mais mulheres e outras minorias sociais em destaque, a FC ganhou uma parcela considerável de público feminino. Contudo, o sexismo da crítica e de editoras ainda prevaleceria pelas décadas seguintes. No Brasil, a FC seria excludente com as mulheres até a chegada de sua Terceira Onda.

No período da Terceira Onda, mais autoras procuravam se desvencilhar de noções antigas propagadas pelo maioria masculina, branca e heterossexual que dominava a FC. É importante ressaltar que conceitos como ficção científica e crítica feminista tiveram um crescimento considerável na

---

<sup>7</sup> Vale salientar que a inserção de contextos feministas em textos de FC diferem dependendo de cada autora. Uma obra feminina não necessariamente implica-se como feminista.

década de 1980, com nomes de prestígio como Joanna Russ, que dedicou grande parte de sua vida como escritora em ensaios e livros seriam categorizados como “ficção científica feminista”.

No Brasil, a Quarta Era do Feminismo abriu espaço para mais autoras assim como Russ falassem sobre o machismo dentro da comunidade literária. Silva (2019), tal qual Rüsche e Furlanetto (2018), relaciona o aumento de tais discussões sobre o feminismo com a popularização das tecnologias de informação e comunicação (TICs), com a troca de informações em velocidade instantânea entre pessoas com interesses similares. Um dos exemplos está no prefácio da primeira antologia de contos de FC feminista do Brasil, o livro “Universo Desconstruído”: “[...] a FC brasileira é produzida majoritariamente por homens para um público também masculino, muitas vezes com estereótipos mal construídos ou equivocados em cima da imagem feminina” (SYBYLLA; VALEK, 2013, p. 6). Tratando-se das revistas *Trasgo* e *Mafagafo*, objeto de análise de nosso projeto, é notável o empenho de ambas em trazerem narrativas com tropos que fujam de estereótipos.

A escrita das mulheres no âmbito da FC ainda é depreciada não só por críticos, como também por leitores que buscam “resgatar” os moldes tradicionais do gênero, compostos de subtexto conservador político e excluindo a presença de autoras. Rüsche e Furlanetto salientam que neste “universo de antologias e revistas de ficção científica no Brasil até 2004, publicações que apontam indicações de leitura ou valorização de nomes, mulheres ocupariam um lugar absolutamente minoritário entre incluídos [...]” (RÜSCHE; FURLANETTO, 2018, p. 16). Sendo assim, podemos notar que a escrita feminina dentro dos contos de FC das revistas mencionadas possuem um forte peso político. Vale salientar que a autoria feminina não necessariamente significa também intrinsecamente feminista, o que torna-se evidente em algumas produções dentro de ambas as revistas. Contudo, o contexto de criação e circulação de tais obras escritas por mulheres é notoriamente perpassado por discussões com um caráter de ativismo social que ocorreram no país. Por fim, levando em conta o contexto histórico e de produção no Brasil, temos nos voltado para uma abordagem de análise dos contos das revistas *Trasgo* e *Mafagafo* que evidencie que a escrita feminina presente nas obras em questão apresentam elementos típicos de sua época de publicação.

Esta pesquisa tem uma análise qualitativa com procedimento bibliográfico, considerando que será realizada uma investigação aprofundada de tópicos do gênero ficção científica através de materiais como periódicos, livros e artigos científicos (GIL, 2002). Como objeto de estudo, temos os contos das revistas digitais de ficção científica brasileira *Trasgo* e *Magafo*, estando ambas disponíveis para leitura em seus respectivos *sites*, ainda publicando novos textos literários. Ademais, nota-se que a pesquisa tem o intuito exclusivo de contribuir para o desenvolvimento de conhecimentos já existentes por meio de uma aplicação teórica; logo, vemos que sua natureza é pura.

O objetivo desta pesquisa é descritivo, tendo em vista de que iremos descrever características

dos contos femininos nas revistas *Trasgo* e *Mafagafo*. Levando em conta que tais materiais serão analisados de acordo com suas particularidades temáticas, vê-se que o tempo de estudo empregado é transversal (GIL, 2002).

Para a coleta de dados, foram selecionados instrumentos escritos como os contos das revistas citadas, além de excertos textos sobre a semiose na ficção científica (ROBERTS, 2018), (PEREIRA, 2005) e a escrita feminina no gênero (MIRANDA, 2019). Pretende-se observar como tais narrativas literárias de autoria feminina são estruturadas num contexto de publicações em meios digitais. Em síntese, a pesquisa em questão será dividida em quatro etapas.

Atentando-nos para um maior entendimento sobre a evolução da ficção científica brasileira, separamos o primeiro momento para dissertar sobre o desenvolvimento do gênero mencionado através de uma contextualização de cada uma das Três Ondas da Ficção Científica no Brasil (CAUSO, 2015, p. 173-174). Como nosso foco de análise será em obras pertencentes ao período de produção da Terceira Onda, optamos pela realização de um aprofundamento maior nas propriedades desta fase especificamente. A partir dos trabalhos de Causo (2013; 2015) e Alves (2009), iremos explicar o processo de transição do gênero literário brasileiro.

Em um segundo momento, pensando no questionamento fundamental deste trabalho, de como é constituída a escrita das mulheres nos contos da *Trasgo* e *Mafagafo*, iremos a priori realizar uma listagem de quantidade de contos de ficção científica escritos por mulheres nas revistas mencionadas. O intuito de tal levamento, apesar de não ser o ponto central do estudo de pesquisa, foi para constatar a necessidade de enumerar ao leitor a quantidade de contos de autoria feminina, em razão de contextualizar o cenário de produção nas antologias e de motivar a seleção de menos contos para a análise.

Para a análise da revista *Trasgo*, foram selecionados os contos “O Que Sonham as Pílulas”, de Aline Valek (edição 12) e “Felicitas Ex Machina”, de Alexandra Cardoso (edição 17). Juntamente, da revista *Mafagafo*, foram indicados os contos “A Origem das Ideias Revolucionárias”, de Rúbia Dias (edição 2, parte 2) e “Suor e Silício na Terra da Garoa”, de Vanessa Guedes (edição 3).

Em um terceiro momento serão examinadas as temáticas recorrentes nas narrativas em questão, Com a finalidade de não somente pontuar diferentes contextos abordados pelas autoras de ficção científica. Consideramos também o contexto de produção para o processo de escrita de cada obra (AMORIM, 2011, p. 80-81). Além disso, atentando ao período produção, a posteriori, iremos responder como os elementos característicos da ficção científica (entre eles, viagens no tempo, tecnologia futurista, alienígenas) são inseridos nos contos selecionados. Também realizaremos uma investigação de como a Quarta Era do Feminismo, um movimento de ativismo social com origens no meio digital (SILVA, 2019), influenciou as produções dos contos de ficção científica das revistas

Trasgo e Mafagafo. Levamos em consideração que a ficção científica teve sua gênese (seja no exterior ou no Brasil) com obras de temática feminista e que assim como em outras Era do Feminismo, a literatura fantástica transporta para suas obras o contexto de publicação e experiências vividas pelas autoras (AMORIM, 2011, p. 80).

## 1. CRONOLOGIA DA FC

### 1.1. As protoficções científicas

A origem da FC ainda é motivo de debate. Quando se trata da protoficção científica, torna-se mais complexo delimitar uma origem. Desde os primórdios da escrita há descrições de mundos fantásticos e de viagens avançadas à sociedade. A protoficção científica, como apontado por Fiker (1985 apud ARAÚJO, 2020, p. 39) são as manifestações que antecedem a instauração do gênero na literatura, “[...] cujas características e elementos foram parcialmente incorporados às suas narrativas: viagens imaginárias, mundos futurísticos, cientistas e a própria ciência como fio condutor”. Considerando a seguinte definição, qual obra poderia ser considerada a primeira obra de protoficção científica?

De acordo com Roberts (2018), para muitos pesquisadores o romance *A História Verdadeira* (180 d. C.), de Luciano de Samósata, seria a protoficção científica precursora. Luciano de Samósata aborda em seu livro um falso relato de viagens, onde ele se coloca como protagonista. Na narrativa, o navio da embarcação é levado aos céus através do impulso de um redemoinho. Num primeiro momento, a personagem chega à Lua onde encontra seres extraterrestres híbridos da Lua e do Sol que estão numa guerra interplanetária. Luciano relata raças alienígenas de homens que não possuem mulheres. Uma delas mostra um grupo de homens que mantém relações homossexuais e monogâmicas e que, para se reproduzirem, mantém gestações na panturrilha ao invés do ventre. A outra, que chamam-se Arvóritas, também são estritamente do sexo masculino e a reprodução da espécie ocorre após o corte de testículos e plantação destes na terra até que nasça uma árvore e consequentemente floresçam homens (SANO, 2008, p. 13).

Apesar de apresentar elementos típicos da FC, *A História Verdadeira* (180 d. C.) ainda divide a opinião se o romance pertence de fato ao gênero, devido à sua natureza abertamente paródica. Qualidade esta que está presente desde o título, que reafirma a inveracidade dos relatos. Roberts desclassifica a narrativa de Luciano de Samósata como FC por “[...] ridicularizar os discursos filosóficos ou “científicos”” (2018, p. 76). No entanto, vale ressaltar que a intenção de Luciano de Samósata é efetivamente abordar com tom irônico os diversos diários de viagem e “testemunhos históricos” com narrativas absurdamente inverossímeis. Como aponta Palencia-Roth (1997, p. 104), uma das figuras essenciais para a criação de *A História Verdadeira* (180 d. C.) foi o historiador Heródoto, também conhecido como "Pai das Mentiras" por propagar narrativas fantasiosas e tratá-las como fatos. Sua obra *História* (430 a.C.) foi uma notável influência para o livro de Luciano de Samósata. Sano (2008) também elucida que:

Dessa forma, a sátira de Luciano se constrói por meio da alusão cômica àqueles autores que garantem a veracidade de suas narrativas, em conjunto com a ressalva de que tudo o que ele fez mesmo narra é falso e não merece crédito. Luciano denuncia, assim, o que há de mentiroso ou fictício nas obras desses autores, expondo-os não apenas ao riso de seus leitores, mas desmascarando-os (SANO, 2008, p. 45).

Deste modo, é perceptível que o autor não se promove a realizar um ataque contra a ciência, mas sim realizar uma crítica aos historiadores que não se atentaram a esta ao escreverem relatórios deliberadamente inaccurados. Outro fator para considerar a obra como o marco da protoficção científica é externalização do conhecimento científico ao fazer alusões aos “campos de geografia, astronomia, zoologia e antropologia [...] mesmo que seja visível principalmente através da lente da paródia” (GEORGIADOU; LARMOUR, 1998, p. 45-46 apud ROBERTS, 2018, p. 75).

Por fim, é possível afirmar que *A História Verdadeira* (180 d. C.) também popularizou um subgênero na FC: a *voyage extraordinaire*<sup>8</sup>. Esse subgênero em sua essência trata de um viajante ou de uma tripulação que sai do “lugar comum” e se aventura em áreas desconhecidas e inóspitas. Na FC, as *voyages extraordinaires* geralmente abordam jornadas à Lua ou outros planetas do sistema solar, como pode ser visto no romance supracitado. No entanto, enquanto este subgênero se popularizou entre os escritores homens, impulsionando o senso de desbravamento de terras desconhecidas por meio de exploração marítima, a utopia se tornou recorrente entre muitas obras de FC e protoficção científica escritas por mulheres. As utopias são uma forma de descrever o imaginário de uma civilização perfeita. Geralmente, quando escritas por mulheres, são conjecturadas sociedades libertas dos fundamentos do patriarcado. Um exemplo evidente é a primeira obra de protoficção científica de autoria feminina: *O Mundo Resplandecente* (1666), de Margaret Cavendish, a Duquesa de Newcastle-upon-Tyne.

Ganhando a primeira edição brasileira somente em 2019, pela editora de pequeno porte *Plutão Livros*<sup>9</sup>, o romance de Cavendish coloca como protagonista uma mulher que não é nomeada. Após se tornar alvo de uma paixão obsessiva de um marinheiro, a jovem é sequestrada e levada numa viagem marítima. Contudo, devido a uma forte tempestade que muda o curso da viagem, o sequestrador e o resto da tripulação (composta por homens) morrem de hipotermia, enquanto a jovem torna-se a única sobrevivente presa numa região do Polo Norte. A escolha de tratar esse cenário como misterioso é compreensível, como apontado por Milene Baldo, considerando que no século XVII a área permanecia desconhecida “porque raras tinham sido as expedições feitas para atingir tal fronteira” (2017, p. 132).

No Polo Norte a jovem se depara com animais antropomorfizados. Tais animais, referidos como “seres resplandecentes”, a auxiliam e levam-na ao encontro de um Imperador. Após ter uma

---

8 Viagem extraordinária ou odisséia.

9 <https://www.plutaolivros.com.br/mundo-resplandecente>

longa e árdua jornada perpassando ilhas habitadas por demais seres híbridos, a protagonista encontra a passagem para um mundo paralelo. Mundo este que dá nome à obra. Neste novo ambiente, estruturado por um sistema político monárquico, a protagonista encontra com o Imperador que se encanta pela jovem e a torna sua imperatriz, a deixando livre para comandar como bem entendesse. A jovem busca compreender e adaptar-se ao novo mundo e à organização de seus habitantes. O mundo resplandecente também dá oportunidade para que a Imperatriz aprenda sobre diversas vertentes da ciência. Ao longo da narrativa o leitor se depara com a concepção de uma utopia, que diversa entre a FC e fantasia (algo usual nas protoficções científicas). No prefácio escrito por Baldo na edição brasileira do romance, a pesquisadora especifica que "[...] Cavendish passa a ser primeira mulher, de que se tem registro, a escrever uma utopia" (BALDO, 2019, p. 7).

É igualmente perceptível que *O Mundo Resplandecente* (1666), em seu início, utiliza elementos típicos das *voyages extraordinaires* da protoficção científica. Contudo, diferentemente de outras versões deste subgênero escritas por homens, a inserção de uma protagonista feminina num contexto de exploração do novo mundo é o indício do pensamento moderno de Cavendish. Não à toa, Roberts (2018, p. 111) a define como “a primeira mulher identificável como autora de FC, criadora de uma arrojada visão de FC”. A utopia aqui se baseia essencialmente na incorporação da ciência numa sociedade avançada, através do comando feminino. A obra de Cavendish possui um teor profeminista<sup>10</sup>, apresentando situações em que mulheres são postas além de um papel secundário ou de submissão a figuras masculinas. Logo nas primeiras páginas a heroína se livra do assédio de seu captor, entra numa nova dimensão onde rege uma utopia, através de preceitos científicos discutidos principalmente com sua escriba (alter ego da própria Margaret Cavendish).

As mulheres da utopia de *O Mundo Resplandecente* (1666) são protagonistas em discussões sobre política e ciência, fazendo referência à realidade da própria escritora. Cavendish cria na Imperatriz uma líder idealizada. A escriba, sua alter ego, é reflexo da crítica ao modo como a sociedade patriarcal da época não enxergava mulheres como seres intelectuais. Apesar da visão utópica de Cavendish ser bastante pautada no monarquismo, como indicado por Walters (2014, p. 3), a autora ainda se propunha a descrever mulheres em posições revolucionárias para o século XVII. No segundo prefácio do livro, publicado originalmente em 1668, a autora dedica a obra "a todas as nobres e dignas damas", além de ponderar sobre a relação das mulheres de sua época com a leitura de uma obra do gênero supracitado (CAVENDISH, 2019, p. 15).

Apesar de ter sido um marco para a protoficção científica (sobretudo aquelas de autoria feminina), *O Mundo Resplandecente* (1666) passou séculos invisibilizado pelo cânone literário. O

---

<sup>10</sup> O termo "profeminista" se refere a alguém ou alguma obra que exprime concepções similares ao que se entende atualmente como feminismo. No entanto, considerando que este movimento social só começa efetivamente no século XIX, qualquer pessoa ou prática que siga esses preceitos é considerada como "profeminista".

romance só voltaria a ter destaque por pesquisadores do gênero após ser mencionado em *Um Teto Todo Seu* (1929), livro de ensaios de Virginia Woolf. Tanto a utopia quanto a própria autora foram alvos de críticas misóginas (SILVA, 2007, p. 5). Contudo, não somente Cavendish sofreria com o sexismo da comunidade literária, como também Mary Shelley: a escritora que inaugurou o gênero da ficção científica.

## 1.2 A gênese da FC pela escrita das mulheres

O século XVIII daria início ao Iluminismo e, com ele, uma série de avanços no campo da ciência. Um dos mais singulares foi o galvanismo, estudo do médico Luigi Galvani que descobriu “[...] que podia fazer os músculos de um sapo morto responder aos estímulos elétricos” (MYOTIN, 2018, p. 32). O estudo revolucionou campos da medicina e da bioeletricidade. Quase quarenta anos depois de sua concepção, o galvanismo, que ainda possuía certa popularidade, influenciou Mary Wollstonecraft Shelley na criação de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, em 1818.

O romance de Shelley traz como protagonista Victor Frankenstein, que se muda para a cidade alemã Ingolstadt no intuito de estudar ciências naturais. Ao chegar na universidade, a mãe de Victor contrai escarlatina e vem a falecer (SHELLEY, 2017, p. 49). A partir de então, o estudante foca suas pesquisas em tentar desvendar os “mistérios da criação”. Mesmo após ter descoberto a forma de criar vida, Victor não revela detalhadamente o processo. Contudo, ao longo da narrativa há indícios das práticas de galvanismo efetuadas pelo personagem:

Na época, eu não desconhecia as leis mais óbvias da eletricidade. Naquela ocasião, um homem de grande pesquisa em filosofia natural estava conosco e, empolgado pela catástrofe, entrou na explicação de uma teoria que havia formulado sobre eletricidade e galvanismo, que era ao mesmo tempo nova e espantosa para mim (SHELLEY, 2017, p. 47).

Já era uma da manhã; a chuva batia melancolicamente contra as vidraças e minha vela fora quase toda consumida, quando, **sob sua luz débil**, vi o torpe olho amarelo da criatura se abrir; ela respirou fundo, e **um movimento convulsivo agitou seus membros** (SHELLEY, 2017, p. 64, grifo nosso).

Juntando partes humanas retiradas do cemitério, Victor dá vida a uma criatura que ele imediatamente teme e abomina. O romance Shelley traz em sua narrativa diversas interpretações. A mais evidente analogia está presente no subtítulo, que faz uma evidente menção a Prometeu. Prometeu, para a mitologia grega, foi um titã que furtivamente deu o fogo dos deuses para a humanidade e que por isso, é severamente punido. O significado do “fogo” apresenta variações, mas geralmente é associado à vida e ao conhecimento. Em *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), a vida é

concedida através da tecnologia.

O livro de Mary Shelley continua a ser um divisor de opiniões. Alguns pesquisadores, como o próprio Adam Roberts (2018, p. 191), desconsideram a obra supracitada como marco deste gênero literário. No entanto, o consenso da maioria dos acadêmicos coloca este romance gótico como o início da ficção científica. Ao contrário de obras como a de Luciano de Samósata e a de Margaret Cavendish, que têm elementos brandos de ficção científica (além de serem hibridizados com outros gêneros do fantástico), é somente com *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818) que o cânone literário iria se deparar com uma narrativa que seria completamente fundamentada em preceitos científicos e tecnológicos. Isto é, somente no século XIX, com o ápice da Primeira Revolução Industrial (1760–1840) e por consequência, de significativos avanços na ciência e tecnologia, que a FC teria sua introdução efetiva. Afinal, só é exequível a escrita de uma obra de ficção científica se a ciência é compreendida, explorada e consolidada.

Mary Shelley também ajudou a consolidar a ideia da tecnofobia. Victor Frankenstein, assim como Prometeu, é punido por suas experiências desmedidas envolvendo matéria orgânica e tecnológica. Como aponta Alegrette, “[...] seu procedimento científico o obriga a furtar o “fogo divino”, que na obra, torna-se o “princípio da vida”, que remete aos supostos avanços científicos do início do século XIX” (2010, p. 53). O ser artificial criado por Victor rapidamente o causa medo, quando este último imagina as repercussões que a criatura poderia causar à humanidade.

Não à toa, muitas das obras subsequentes a de Shelley trazem tropos envolvendo cientistas ou roboticistas que temem ou são castigados por suas criações sintéticas. Do conto “Herbert West: Reanimator” (1922), de H.P. Lovecraft ao filme *Ex\_Machina: Instinto Artificial* (2015), dirigido por Alex Garland, a história de Victor Frankenstein tornou-se indiretamente uma advertência do quão perigosa a tecnologia poderia ser se não usada com cautela. Segundo o escritor Isaac Asimov (2007, p. 12), “o êxito de Frankenstein foi tão grande que a ideia básica – ‘o homem cria o robô; o robô mata o homem’ - se repetiu sem parar numa série inacabável de histórias de ficção científica”.

Outra interpretação do romance é o temor da gravidez. Mary Shelley era filha de Mary Wollstonecraft, uma das mais importantes filósofas e feministas da história. *Reivindicação dos Direitos das Mulheres* (1792) e demais tratados trariam espanto para a sociedade conservadora da época, mas seriam cruciais para a formação feminista de Shelley (VÍVOLO; LONGHI, 2014, p. 303). Wollstonecraft morreria um mês depois de dar à luz a sua filha, devido a complicações do parto. A morte da mãe seria um fator determinante para que Shelley crescesse com uma amálgama de culpa e receio da gravidez e de suas implicações.

Como apontado por Ellen Moers (1976, p. 95, tradução nossa)<sup>11</sup>, “o nascimento é uma coisa

---

11 *Birth is a hideous thing in Frankenstein, even before there is a monster.*

hedionda em Frankenstein, mesmo antes de haver um monstro”. Atormentada pela morte de sua mãe no pós-parto e de sua primogênita Clara, que falecera apenas dois meses depois de seu nascimento, a escrita de Shelley fora evidentemente influenciada por eventos reais que envolviam ligações complexas entre concepção e falecimento. Como indicado no próprio livro, “[p]ara examinar as causas da vida, precisamos primeiro entender a morte” (SHELLEY, 2017, p. 58).

*Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818) faz uma reinterpretação do mito de Prometeu, onde desenvolve a noção da tecnofobia ao mesmo tempo que representa os medos de diversas mulheres de sua época: o horror do parto e a apreensão de tornar-se criadora de um ser monstruoso. Assim, na ficção científica, Shelley foi pioneira em diversos aspectos, além de trazer um aspecto particular que poucas autoras de sua época tiveram oportunidade: o de reproduzir através da escrita os temores da gravidez e da criação. De acordo com a pesquisadora Rosângela Rodrigues, “[e]ncontrar um modo particular de dizer o seu mundo é algo que as mulheres e as demais minorias podem explorar para solidificarem os seus espaços discursivos de enfrentamentos” (2016, p. 23). No caso do romance, apesar dos protagonistas serem masculinos, ele é fortemente pautado em traumas e anseios de Shelley sobre maternidade (SHELLEY, 2017).

Independente do tipo de interpretação, o romance se aprofunda no teor da criação de algo repulsivo e possivelmente ameaçador, ao mesmo tempo que analisa o perigo de não se responsabilizar por aquilo que se é concebido, seja orgânico ou artificial. Apesar do medo de engravidar algo monstruoso ser um temor comumente relacionado ao mundo feminino (MOERS, 1976), alguns pesquisadores e leitores atribuíram a composição do livro a Percy, o marido de Shelley. Até nas críticas atuais especializadas em FC, ainda há resquícios de comentários sexistas quanto à consideração do livro como o pioneiro do gênero ou da agência de Mary Shelley como escritora da obra. Assim como Mary Shelley, muitas das escritoras brasileiras de FC tratariam de questões próprias da vivência das mulheres. Bem como no exterior, a fundação do gênero no Brasil também começaria no século XIX e resgataria tropos já familiares na literatura anglófona e francesa.

### **1.3 FCB antes das Ondas: explorações e utopias feministas**

No Brasil, a obra do português naturalizado como brasileiro Augusto Emílio Zaluar, *O Doutor Benignus* (1875), o primeiro romance de FC seria nitidamente influenciado pelos escritores Jules Verne e H.G. Wells, ao tratar de uma expedição organizada por um cientista que busca indícios de vida extraterrestre no Brasil. A narrativa dá início após Dr. Benignus encontrar um pergaminho em língua tupi, com o desenho do Sol e com uma inscrição indicando que de fato havia habitantes por lá. O protagonista homônimo prontamente junta um grupo de estudiosos para comprovar a teoria.

Influenciado pelas *voyages extraordinaires*, a comitiva realiza análises de outros planetas enquanto atravessam as matas de Minas Gerais e Goiás. Apesar de ter sido de forma bem mais branda que as *voyages extraordinaires* francesas, o livro descreve os personagens da expedição passando por uma série de aventuras.

O romance de Zaluar se propõe a discutir questões nacionalistas, mostrando um protagonista que crê que toda espécie humana teve sua gênese no Brasil, fazendo referência ao trabalho do naturalista Peter Lund. Este último seria responsável por teorizar que a humanidade surgiu especificamente Lagoa Santa, em Minas Gerais, devido às “populações indígenas que ali estavam à época do descobrimento, e que ali viviam desde a época em que a fauna brasileira era habitada por uma fauna gigante extinta” (WAIZBORT, 2012, p. 71). No entanto, apesar de ter inserido cenário e componentes do Brasil, o romance supracitado mais tenta emular (e exaltar) a cultura anglo-americana do que de fato criar uma identidade nacional:

O romance de Zaluar é um legítimo romance científico brasileiro do século XIX, mas é produto tanto da imitação quanto da distância cultural sofrida pelo país em relação à Europa. Embora tenha tentado abordar alguns mitos locais (as idéias da América como terra da liberdade e do continente sul-americano como o mais antigo do planeta - o que lhe daria alguma primogenitura) suas distinções como romance não são fruto da engenhosidade do autor em adaptar a fórmula ao contexto (CAUSO, 2003, p. 134).

Em determinado momento, Benignus comenta que na concepção dele, a riqueza de um povo depende sobretudo da deslocação geográfica. Ele expõe os norte-americanos e a raça anglo-saxônica como as mais avançadas por realizarem o processo de "deslocamento geográfico" (ZALUAR, 1994, p. 51), fazendo menção à exploração que tais grupos promoveram em outros países e regiões próximas. Muitas passagens da obra reforçam uma comparação entre estadunidenses e brasileiros, colocando os primeiros numa posição de superioridade. O protagonista constantemente reforça o desprazer de viver no Brasil, se comunicando por cartas com pesquisadores estrangeiros, numa ocasião “[...] ele discorre sobre as teorias astronômicas elaboradas pelo europeu, rasgando elogios e reclamando do lugar em que vive” (LIMA, 2019, p. 8). A pesquisadora Rachel Haywood Ferreira (2011) também salienta que:

Em *Doutor Benignus*, Europa e Estados Unidos representam exemplos de futuros possíveis para o Brasil; A Europa é o modelo de cultura, religião e ciência, enquanto os Estados Unidos dão um exemplo de industrialização, a ética de trabalho protestante e as aplicações práticas ianques de tecnologia em transporte e comunicação (FERREIRA, 2011, p. 87, tradução nossa<sup>12</sup>).

---

<sup>12</sup> In *Doctor Benignus*, Europe and the United States represent examples of possible futures for Brazil; Europe is the model for culture, religion, and science, while the United States sets an example of industrialization, the Protestant work ethic, and practical Yankee applications of technology in transportation and communication.

Assim como Mary Shelley, o autor se influenciou em muitas das inquietações científicas em vigor da época, sendo a mais evidente a teoria da evolução das espécies, de Charles Darwin (1809-1882). Contudo, as concepções de darwinismo apontadas no romance possuem uma série de equívocos. Ferreira (2011, p. 90, tradução nossa)<sup>13</sup> ainda acrescenta que “Zaluar aparenta estar mais interessado nas implicações do Darwinismo Social do que no trabalho de Darwin e de seus discípulos”. A própria resolução da teoria sobre a presença de alienígenas vindo do Sol (que posteriormente mostra-se acertada) torna-se secundária para as recorrentes observações de Benignus sobre um suposto atraso e simplicidade do povo brasileiro. A narrativa de *O Doutor Benignus*, em vez de construir uma FC com identidade nacional, mais tenta acentuar o Darwinismo Social, colocando o Brasil como uma nação bárbara que necessita da colonização européia ou norte-americana para seu próprio crescimento.

Apesar de tais problemas no romance de Zaluar, é inegável sua relevância para a literatura nacional. Quase vinte e cinco depois, uma mulher publicaria outro romance do mesmo gênero. Logo, levando em consideração a temática deste trabalho, a partir de agora falaremos especificamente da trajetória feminina dentro da FC e de suas principais obras. Antes da formação das Ondas da FCB, duas produções se destacam. A primeira, *A Rainha do Ignoto* (1899), escrita por Emília Freitas, e a outra, *Sua Excelência: a Presidente da República no Ano 2500* (1929), de Adalzira Bittencourt. Duas utopias com reflexões distintas sobre a posição das mulheres na sociedade brasileira, mas ambas consideradas como obras feministas.

Emília Freitas não somente inaugurou a escrita feminina dentro da FC, como também foi a primeira pessoa a publicar fantasia no país. Sua escrita foi considerada revolucionária por abordar questões feministas, além de tocar em outros tópicos que ainda eram tabus para o Brasil do século XIX, como abolicionismo, anticlericalismo e republicanism. A obra cairia no esquecimento por muitos anos, só ganhando uma segunda edição em 1980, pelo pesquisador Otacílio Colares, e a terceira viria após vinte e três anos pela *Editora Mulheres*. O livro ganharia mais quatro edições no ano de 2019. Gomes (2016, p. 46) critica que a obra “permaneceu no ostracismo devido às más condições de produção para a mulher brasileira e nordestina, pois Emília Freitas foi totalmente ignorada pelos críticos literários brasileiros - e estrangeiros - durante quase um século inteiro”. Ao tratar de mulheres racializadas, este apagamento deliberado de escritoras (sobretudo as que eram advindas do Nordeste brasileiro), acontecia com mais intensidade, como ocorreu com Maria Firmina dos Reis. Logo, é necessário colocar em evidência a exclusão dessas autoras no cânone nacional é

---

<sup>13</sup> Zaluar appears to be far more interested in the implications of Social Darwinism than in the work of Darwin or his disciples.

também um ato político, instigado pelo pensamento intolerante do século XIX.

*A Rainha do Ignoto* (1899) se inicia com a chegada do recém-formado no curso de Direito, Edmundo, à pequena cidade de Passagem das Pedras (antigo nome do município de Jaguaruana, prévio à abolição), no Ceará. A cidade fica nas proximidades da Gruta do Areré, local que desperta a credence do povo cearense, já que muitos acreditam ser habitado por uma criatura mística. O protagonista descobre que os próprios moradores criam lendas sobre uma moça, vista como um ser envolvido com fadas e demônios, que atordoia quem ouse se aproximar da gruta. Edmundo permanece cético mesmo depois de se deparar com a bela mulher, usando vestes brancas ricas o suficiente para destoar dos demais moradores.

Funesta, uma das identidades da moça, é vista usando o mesmo vestido branco todas as noites, enquanto cruza o rio Jaguaribe num pequeno barco. A imagem da moça, assim como suas formas de aparição, são alguns dos aspectos góticos recorrentes. A princípio Edmundo acredita que Funesta seja uma senhora rica, que utilizava de disfarces para rir da credulidade do povo interiorano (FREITAS, 2003, p. 33). No entanto, decide investigar depois da contínua curiosidade instigada pelos comentários dos habitantes. Ele conhece Probo, um dos moradores da região, que lhe provém mais detalhes sobre a figura misteriosa. O homem “[...] lhe conta que a moça do Areré é, na verdade, a Rainha do Ignoto, uma mulher misteriosa e poderosa que conduz um grupo composto exclusivamente por mulheres, as chamadas paladinas [...]” (OLIVEIRA, 2014, p. 147-148). A Rainha do Ignoto e as paladinas vivem no mundo subterrâneo, um local coberto por névoas, também chamado de Ilha do Nevoeiro. Tal qual Mary Shelley, a narrativa de Freitas utiliza de muitos tropos góticos para a construção tanto da figura da Rainha quanto para o cenário da Ilha do Nevoeiro. No entanto, a autora traz uma releitura regional a tais tropos:

Na composição do cenário gótico europeu, há invariavelmente a presença de elementos associados ao período medieval, sempre pensado como a Idade das Trevas. Desta forma, o tropos do castelo e seus labirintos (tão caro ao gótico) traduzido no romance de Emília Freitas como a Gruta do Areré, dado ser esta imagem mais legítima dentro de um projeto de literatura nacional - tendo-se em mente o ambiente oitocentista das letras brasileiras, no qual a cor local passa a ser um signo de nacionalidade. O labirinto, por sua vez - que nas narrativas góticas europeias estava cristalizado nas formas obscuras e truncadas dos corredores e masmorras do castelo medieval - surge na obra de Emília Freitas como um imbricado reino subterrâneo, dada a inexistência de castelos sombrios em nosso cenário tropical (ALÓS, 2005, p. 122-123).

O teor de ficção científica se faz presente quando Probo decide ajudar Edmundo a entrar na Ilha do Nevoeiro. Probo mostra-se ressentido ao ter sido desprezado pela Rainha do Ignoto, que convidou Roberta (sua esposa) para o mundo subterrâneo. Pelo conhecimento de Roberta da região, Edmundo é capaz de adentrar na Ilha do Nevoeiro disfarçado de mulher. Infiltrado no reino do Ignoto, se depara com uma sociedade avançada e numa subdivisão de mulheres que são especialistas nas mais

diferentes áreas e que ocupam funções de acordo com suas respectivas competências. Assim como seria visto mais tarde em *Terra das Mulheres* (1915), a sociedade é composta de mulheres. Fossem médicas, comandantes, engenheiras, maestras, cientistas entre outras das diversas funções apresentadas, todas elas são regidas por leis feministas.

A utopia de Freitas já se inicia ao promover uma sociedade feminina que seleciona mulheres capacitadas (FREITAS, 2003, p. 156) - algo já dificultoso, considerando que muitas destas profissões eram hegemonicamente masculinas -, mas estas também se utilizam de ciência avançada, além de mesclarem pseudociência (hipnose) e elementos místicos para manter a comunidade livre de invasores, além de se focar em dar combates às injustiças da região. Gomes aponta que *A Rainha do Ignoto* (1899) “[...] remete ao imaginário utópico por representar um espaço alternativo que figura uma comunidade secreta de mulheres em contraponto ao ambiente predominantemente patriarcal da sociedade cearense do final do século XIX” (2016, p. 20).

O lado não apenas feminista, como também republicanista e abolicionista se fazem recorrentes no livro. Ao contrário de utopias como *Terra das Mulheres* (1915), que tentam representar um modelo de sociedade onde homens e minorias étnicas são completamente banidos, o romance de Freitas promove uma utopia que idealiza igualdade e liberdade para todas as pessoas. O reino dava auxílio igualmente para crianças enjeitadas, homens trabalhadores e pessoas negras escravizadas. Como sendo um cenário utópico-feminista, as Paladinas colocam num plano superior de mulheres, justamente por serem também aquelas com poucas oportunidades na época. “Elas compartilhavam os propósitos da Rainha, cuja missão era assistir aos necessitados, sobretudo mulheres vítimas de desamor, de maus tratos domésticos e de solidão” (OLIVEIRA, 2007, p. 123). Contudo, comentários a respeito a favor do republicanismo e do fim da escravidão são também recorrentes. A organização da Ilha do Nevoeiro, seja num quesito social ou econômico (já que, apesar de haver riquezas, todos os bens eram revertidos para a comunidade), é estruturada para realizar tais ideais. O outro homem recorrente na narrativa, Probo, reflete seu desprezo pela organização da Rainha do Ignoto, dando voz ao pensamento patriarcal e escravocrata da época:

- O que tem o governo que ver com elas? Tem muito; ele não autorizou esta sociedade secreta... Este tesouro acumulado na mão deste diabo deve ser considerado um crime! Ela não podia explorar as minas da ilha e explora; não contente com isso, funda com nomes imaginários casas comerciais, fábricas, engenhos, centros de lavoura e grande criação de gado; de forma que tem em todas ou em quase todas as províncias do Brasil, um rendimento fabuloso! E para quê? Para desperdiçar em fantasias loucas! em benefícios extravagantes! Em fazer mal à propriedade alheia; pois rouba ao senhor para dar ao escravo. Que absurdo! É abolicionista! Já eu a ouvi dizer que não há lei alguma de direito humano que possa escravizar um cidadão, que a condição de escravo resultou de um abuso da força contra a fraqueza, e urge reagir...
- Tem idéias alevantadas e sãs, disse o Dr. Edmundo.

- Que sãs?! exclamou Probo exaltado, veja, examine o que ela teve a petulância de declarar em um discurso que fez, na última sessão do Nevoeiro; "A pena última é o recurso dos governos impotentes para regenerar o criminoso pela instrução e pelo trabalho."
- Bem pensado! senhor Probo.
- Bem pensado também inculcar no ânimo dos que a rodeiam, que o rei é o produto da ignorância dos povos antigos, que ainda não estavam em estado de governarem-se, e formar uma república. (FREITAS, 2003, p. 197-198).

Freitas utiliza Probo para explorar os arquétipos antiquados que eram recorrentes em sua época. A escolha dos nomes das personagens retrata contradição e falso moralismo. Enquanto a palavra “probo” significa alguém honrado ou íntegro, adjetivos que não condizem com sua personalidade, já que este vive tramando contra a Rainha do Ignoto e suas paladinas (GOMES, 2016, p. 29), “funesta” faz referência a algo ou alguém que causa morte ou provoca aflição, o oposto do que a heroína promove em sua utopia, mas ainda assim qualidades que Probo tenta atribuir à Rainha.

Alguns pesquisadores, entre eles Oliveira (2014), não consideram que o romance utópico-feminista de Emília Freitas de fato pode ter algum viés da FC. Assim como no caso de Mary Shelley, ainda ocorre uma grande resistência em considerar Freitas como uma escritora do gênero, o que pode ser concebido como uma reminiscência de um pensamento misógino de separar a escrita de mulheres de uma suposta “FC genuína”, àquela que era escrita por homens e que usava mais tropos relacionamentos à tecnologia ou à exploração de terras fantásticas. A utopia, apesar de ter sido concebida por homens, foi um subgênero que se tornou uma predileção de mulheres que buscaram reproduzir algum ideal, como já visto em *O Mundo Resplandecente* (1666).

Não por acaso, a discussão de considerar a “utopia” como intrínseco da FC ainda é recorrente. Sobre isto, Roberts (2018, p. 25) elucida que a “corrente principal” da FC está cheia de construtores de mundo detalhados, envolventes e grande parte da gramática dessas construções deriva da ficção utópica”. *A Rainha do Ignoto* (1899) apresenta ao leitor uma construção de mundo alternativo que se baseia em extrapolações utópicas de uma sociedade feminista do século XIX. Mesmo que alguns dos ideais propagados na narrativa já tenham sido alcançados nos dias atuais, para a época de publicação a sociedade do reino da Ilha do Nevoeiro ainda era considerada inconcebível. Ademais, também nota-se que a ciência e tecnologia são (mesmo que em menor escala que os elementos da fantasia) frequentes na narrativa e têm funções significativas para a construção da utopia.

Trinta anos após a primeira publicação de *A Rainha do Ignoto* (1899), a autora Adalziria Bittencourt escreveria uma novela que (ao contrário de seu precursor feminino) tem um forte teor eugenista. Em *Sua Excelência: a Presidente da República no Ano 2500* (1929), o feminismo triunfaria no Brasil, chegando a ter como presidente da república uma mulher. Observa-se que a descrição inicial da então primeira mulher presidente da república tem grande enfoque nos atributos físicos da

mesma, o que pode ser considerado como demonstração dos preceitos que são reproduzidos no livro, reforçando estereótipos do corpo feminino sexualizado e colocando este modelo físico como um ideal que precisa ser alcançado:

Doutora Mariângela de Albuquerque. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. 28 anos de idade. *Paulista*. Diplomada em Medicina e em Direito. Esbelta. Olhos de veludo. Boca pequena e lindos dentes. Talento de escol. Cultura poliforma. Boa. Sensata. Meiga. Tipo de beleza. Mulher perfeita (BITTENCOURT, 1996, p. 161-162, grifo da autora).

O governo de Mariângela de Albuquerque faz com que o Brasil se torne a potência mais rica do mundo. Ao decorrer, a novela aborda as mudanças que ocorreram na nação para que ela se tornasse um exemplo de utopia. A medicina avançou ao ponto de que dificilmente alguém ficava doente; vivendo entre 130 a 180 anos, "os atestados de óbito eram dados somente por senilidade ou execução legal" (BITTENCOURT, 1996, p. 160). Homens e mulheres também ficam consideravelmente mais altos e de se pesarem mais do que qualquer outro ser humano. Todas as crianças receberam acompanhamento para terem uma infância saudável; elas eram estimuladas a brincarem, irem à escola e a explorarem a natureza para se tornarem adultos bem sucedidos. As pessoas desenvolveram interesses em arte e literatura, o último item ocorrendo principalmente devido ao fim do analfabetismo. Segundo Maria Bernardete Ramos (2002, p. 14), “[o] Brasil utópico de Adalzira Bittencourt é a imaginação social ganhando status de realidade na escrita que circula como mais um artefato da modernidade brasileira, imaginação essa irrigada pelo sonho de sua geração”.

Adalzira Bittencourt também acrescenta acontecimentos e figuras históricas, sobretudo aquelas ligadas ao sufrágio brasileiro. É possível notar que há uma clara influência nas repercussões do primeiro voto feminino brasileiro, realizado por Celina Viana, e da primeira mulher a ser eleita na América Latina, Alzira Soriano. Ambas situações ocorreram no Rio Grande do Norte apenas um ano antes do lançamento do livro de Bittencourt. Na história, o feminismo tem papel crucial para o estabelecimento da utopia. Propondo ideias progressistas para o fim dos anos 1920, como a instituição do divórcio, equidade de ensino entre os gêneros e a normalização do trabalho feminino, observa-se que são internalizadas na narrativa as convicções feministas advogadas pela autora. Contudo, o feminismo presente torna-se descaracterizado quando a novela reproduz concepções machistas, além de outras problemáticas diretamente ligadas à defesa de uma política de higiene social.

Boa parte da novela é utilizada para a construção do país após as novas leis serem implantadas, começando assim a utopia idealizada pela autora. Como levantado por Ramos (2002, p. 22), “[o] Brasil sonhado por Adalzira em Sua Excia... é a imaginação da superioridade eugênica”. Uma das medidas tomadas fora a deportação de todos os brasileiros negros e de afro-portugueses de volta para

a África (subentende-se que o mesmo pode ter ocorrido com indígenas), que segundo o julgamento da autora voltariam a ficar “por lá, trepados pelas árvores, comendo carne crua e dançando o jongo” (BITTENCOURT, 1996, p. 194). Também fora implantada a eutanásia para pessoas com hanseníase, deficiências físicas ou que tenham qualquer doença crônica. Um evidente reflexo do pensamento racista e capacitista de Bittencourt enfatizado ao longo da narrativa.

Casais não poderiam se casar sem a devida autorização e inspeção de médicos do Estado, já que a procriação era pensada levando em conta a boa genética dos possíveis pais: “[o] sangue era o que maiores atenções merecia. Sangue puro para os casais de puro-sangue. [...] O que seria o filho de um tuberculoso? De um fraco? Brasileiro é que não seria” (BITTENCOURT, 1996, p.169). Outro projeto de lei aprovado fora o de que as mulheres eram submetidas a exames pré-natais e pós-partos, no intuito de examinar bebês que poderiam não atender o padrão estabelecido pelo governo. Um dos quatorze artigos da lei supracitada assinala que a mãe que tentasse esconder o filho com deficiência física (que por consequência estaria condenado à eutanásia) seria decapitada junto com a criança.

Apesar de colocar o feminismo como um fator crucial para o avanço da sociedade, a novela de Bittencourt aborda quase exclusivamente punições femininas. Pais e maridos não passam por nenhum projeto de adequação, enquanto as mulheres são obrigadas a entrarem numa "Escola das Mães", no intuito de aprender sobretudo a cuidar de bebês, bem como de serviços domésticos (BITTENCOURT, 1996, p.174). Reforçando a concepção de maternidade compulsória, a narrativa trata o processo de tornar-se mãe como a maior missão que uma mulher pode receber. Ademais, a incumbência da criação dos filhos é mostrada como exclusivamente feminina. Quando casadas, também são obrigadas a serem sempre submissas aos maridos, aceitando até mesmo possíveis adultérios por partes destes. Edgar Smaniotto acrescenta que os eugenistas consideravam que a mulher tinha um papel importante, considerando que "poderiam ser as verdadeiras condutoras de uma política de reprodução e educação eugênicas" (2015, p. 8).

O suposto feminismo da utopia em questão espelha o mesmo tratamento sexista que as mulheres recebiam no Brasil da época de publicação. Contudo, em vez de apresentar qualquer tipo de subversão como fizera sua antecessora, *Sua Excelência: a Presidente da República no Ano 2500* (1929) acentua ainda mais as desigualdades entre gêneros. Como explana Ramos (2002, p. 25), o feminismo de Bittencourt condizia com uma vertente das décadas de 1920 e 1930, sobretudo aquele propagado na *Revista Feminina* (1914-1936), que rejeitava o anarcofeminismo e que acreditava que a figura feminina deveria continuar como "a dona efetiva do lar". Vale ressaltar que para Bittencourt, eugenia e feminismo eram conceitos que não deveriam ser separados. Como Peggy Sharpe aponta, tais ideias vieram dos estudos de Bittencourt na Itália, em demais viagens para a Europa e a Argentina, "[...] que a inseriram na corrente internacional de debates sobre eugenia em dois continentes" (1998, p.

46-47). Posteriormente, nos anos 1940, sua escrita de cunho político resultou tanto em conferências sobre eugenia e feminismo, quanto em programas durante o regime de Getúlio Vargas, sempre defendendo propostas que enfatizavam a saúde da mulher e a homogeneidade racial.

*Sua Excelência: a Presidente da República no Ano 2500* (1929) traz em sua narrativa a construção de um Brasil tecnologicamente futurista, trazendo descrições de arquitetura avançada e de veículos voadores (BITTENCOURT, 1996, p. 188), além de detalhar o avanço da ciência em outras áreas como bioengenharia. Todavia, a ficção utópica em questão, apesar de tentar idealizar um Brasil perfeito com base em preceitos feministas, mais se aproxima das convenções misóginas da época, em vez de se rebelar contra estas. A utopia de Adalzir Bittencourt é abertamente ultranacionalista, racista e capacitista. Focando no extermínio ou na repressão de qualquer minoria social, observa-se que a novela supracitada realiza um panfletarismo das políticas eugênicas, mais semelhante a uma distopia do que de fato a uma utopia.

Trazendo repercussões de caráter positivo ou negativo, as utopias de Emília Freitas e Adalzir Bittencourt tentam construir um Brasil mais igualitário para mulheres. Ambas as autoras passavam pela mesma fase do feminismo: entre o fim do século XIX e começo do século XX, as discussões sobre o direito ao voto feminino e uma educação formal equitativa para mulheres estavam em voga entre os círculos feministas.

Contudo, aqui vale ressaltar a maior divergência entre a escrita de Freitas e Bittencourt. Apesar de ambas tocarem em temáticas que envolvem diretamente a emancipação feminina, apenas *A Rainha do Ignoto* (1899) pode ser considerada como uma obra feminista. *Sua Excelência: a Presidente da República no Ano 2500* (1929), por ser escrita por mulher e trazer reflexões de uma protagonista feminina, pertence à categoria de uma novela de escrita de mulher. No entanto, apesar de sua narrativa se colocar abertamente como feminista em diversas ocasiões, observa-se que Bittencourt pouco contribui para qualquer subversão do machismo. Apesar de colocar uma mulher numa posição de alta da hierarquia política brasileira, há uma recorrente reprodução de estereótipos machistas, racistas e capacitistas. Assim como em *Terra das Mulheres* (1915), a novela supracitada reforça tais concepções eugênicas de sua criadora. Nesta obra não há subversão nem mesmo para as mulheres heterossexuais, cisgênero e brancas, - àquelas com mais privilégios entre as demais mulheres - já que mesmo estas são forçadas a pensarem na maternidade, num ideal específico de beleza e num padrão de comportamento que homens não possuem obrigação de seguir. Freitas, por outro lado, utiliza seu romance para denunciar não somente o sexismo de sua época, como a escravidão e a diferenças de classes, além de outras pautas sociais. Isto é, nota-se indícios de um feminismo interseccional já na narrativa de *A Rainha do Ignoto* (1899).

Deste modo, é possível traçar diferenças entre escrita das mulheres e escrita feminista. A

escrita das mulheres, apesar de contar com a autoria de uma minoria social não necessariamente implica que haja o aprofundamento de temáticas do movimento sociopolítico supracitado. É evidente que uma mulher exercendo a profissionalização da literatura, sobretudo nos séculos XIX e XX, é uma forma de insubordinação não apenas do cânone literário machista mas também do próprio patriarcado. Porém, em alguns casos (como o da escrita de Bittencourt, que se proclama como feminista), é necessário realizar as seguintes contestações:

[...]o que fazem as mulheres autoras de literatura ficcional quando constroem personagens femininas em obras destinadas a um público feminino? Quais modelos de escrita literária as autoras subvertem ou reforçam? Quais ideologias repassam ou negam? Quais modelos de performances femininas elas (autoras e obras) referendam ou anulam de seus enredos? (RODRIGUES, 2016, p. 45).

No caso de Bittencourt, é notável que as personagens femininas só reforçam mais concepções machistas, além de não contemplar sua escrita para as identidades plurais que sempre existiram no Brasil. Mesmo se colocando como a favor do feminismo, *Sua Excelência: a Presidente da República no Ano 2500* (1929) só traz concepções equivocadas sobre o movimento em questão, com performances que pouco condizem com o que era idealizado pelas figuras históricas feministas que são mencionadas na narrativa. Uma escrita feminista se pauta sobretudo na crítica contra os diversos tipos de discriminação que mulheres sofrem, além de colocar em evidência as reivindicações desse grupo. No caso de *A Rainha do Ignoto* (1899), essas reivindicações se tornam presentes, sem fortalecer concepções preconceituosas. Com trinta anos de diferença entre cada publicação, observa-se que as noções de “feminismo” que foram empregadas passaram nas obras de FC por diferentes interpretações. De modo geral, a FCB sempre foi a escolha de autores que buscavam retratar questões políticas e culturas em diferentes momentos. Conforme explica Ferreira (2011, p. 3 apud HAAG, 2011, p. 79), “o gênero [da ficção científica] provou ser um veículo ideal para registrar tensões na definição da identidade nacional e do processo de modernização”. Tais discussões de cunho ideológico seriam recorrentes na próxima fase da FC: a formação das Ondas da FC.

## **2. AS ONDAS DA FCB**

### **2.1 A Primeira Onda da FCB**

Na literatura, há registros de obras com elementos científicos ou tecnológicos que antecedem séculos da FC nacional. Nos EUA e em alguns países da Europa, a FC passou por um longo período de mudanças de temáticas, escritores e veículos de publicação. No entanto, em solo nacional, um

movimento literário do gênero supracitado aos mesmos moldes que estes países só seria formado mais tardiamente. Vale salientar que houve trabalhos esporádicos desde o século XIX, mas somente na segunda metade do século seguinte a FCB se estabeleceria. Causo (2015, p. 174) considera que da segunda metade do século XIX até o ano de 1957, o que houve no Brasil “[...] foram antecedentes de um sistema literário - ou de um *subsistema literário*, nesse caso: a ficção científica como gênero de produção e leitura especializadas”. Esta delimitação de períodos da FC no cenário nacional, determinado por escritores, pesquisadores e por fãs, também pode ser tratado como a constituição das Ondas da FCB.

A terminologia "Ondas da ficção científica" foi originalmente cunhada por duas mulheres: Andrea L. Bell e Yolanda Molina-Gavilán, na introdução da antologia *Cosmos Latinos: An Anthology of Science Fiction from Latin America and Spain* (2003), posteriormente se popularizando entre estudiosos e apreciadores do gênero. As Ondas demarcam três momentos cruciais na estruturação da FCB. As Ondas delimitavam os períodos de publicações, das temáticas e de autores em voga. Em geral, outros países possuem suas próprias separar suas fases as denominando de “Eras” (ROBERTS, 2018), além de (na maioria das vezes) se passarem em períodos divergentes das Ondas brasileiras.

O próprio conceito de demarcação das Ondas está aberto a variações, de acordo com cada pesquisador. Causo (2003; 2013; 2015) e Pereira (2019) definem que a Primeira Onda teve início em 1958, enquanto outros estudiosos do gênero, como Ginway (2005), demarcam o início da FC como um gênero literário em 1960. Esta pesquisa delimita às três Ondas da FCB da seguinte forma: a Primeira Onda ocorreu de 1958 a 1982, a Segunda Onda de 1982 a 2004, enquanto a Terceira Onda só teve início na década de 2010.

Em 1958, a FC foi influenciada por alguns eventos. No ano anterior, foi lançado o primeiro satélite artificial, o *Sputnik-1*, causando repercussão não somente num contexto sociopolítico como também na literatura, que se surpreendeu com tal façanha técnico-científica. Devido às implicações deste lançamento na situação da Guerra Fria (1947-1991), este evento seria crucial para que vários autores (fossem brasileiros ou estrangeiros) escrevessem histórias sobre o medo da tecnologia avançada, ufologia e cenários apocalípticos.

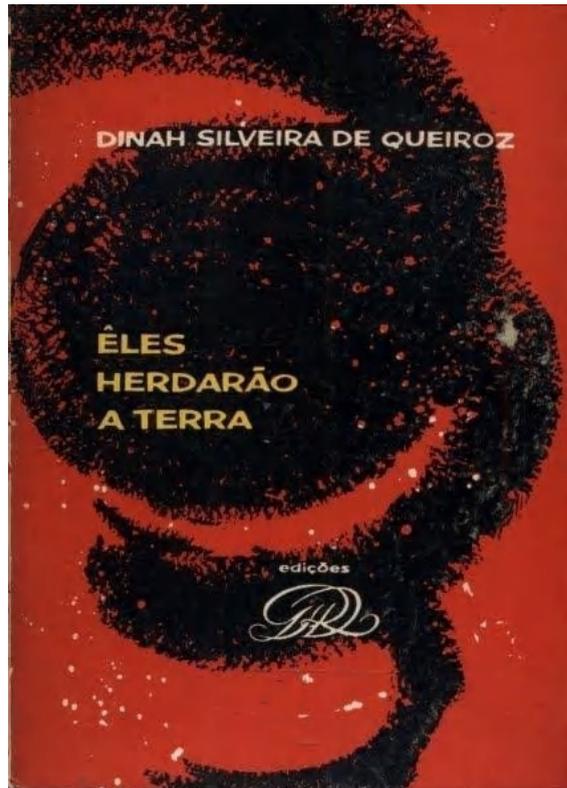
Nesta conjuntura, foram lançados em 1958 o romance *O Homem que Viu o Disco-Voador*, de Rubens T. Scavone (que se tornaria um grande sucesso de vendas e de prêmios), e a primeira antologia de FC em território nacional (mesmo que ainda sem autores brasileiros) *Maravilhas da Ficção Científica*, contando com a organização de Fernando Correia da Silva e Wilma Pupo Nogueira Brito. Esta antologia contaria com uma introdução de Mário da Silva Brito, crítico e um dos realizadores do Prêmio Jabuti. Segundo Causo (2013, p. 160), "[o] texto de Brito [...] foi uma espécie de pontapé inicial de um debate relativamente intenso, sobre o lugar da FC nas letras nacionais e na

literatura como um todo [...]". Todavia, é Gumercindo Rocha Dorea que abre espaço para uma geração de autores na FC.

O editor baiano Gumercindo Rocha Dorea criaria em 1948 as *Edições GRD* (também conhecida por apenas *GRD*), que ficaria popular por publicar obras sobre o integralismo brasileiro, o que reflete o período de tensão política devido à Guerra Fria e ao fascismo latente das décadas passadas. Em 1960, a *GRD* se tornaria a precursora na FCB, ao trazer nomes de peso para os primeiros títulos. A inserção deste novo gênero na editora de Rocha Dorea, assim é explicado pelo pesquisador e historiador Rodrigo Christofletti (2010, p. 210), “[...] não é um fato isolado ou menor, pois se trata de um período de clara tendência e definição político-ideológica em que o comunismo e o capitalismo iniciavam suas incursões espaciais, detectadas de maneira consistente nos livros publicados pela GRD”. O anticomunismo foi um tema recorrente nas temáticas das obras da editora, principalmente devido à participação de Gumercindo Rocha Dorea na segunda geração da Ação Integralista Brasileira (SANTOS, 2019). As obras dos primeiros anos da década 1960 colocou o comunismo como um perigo iminente para os brasileiros.

Além de introduzir ao mercado brasileiro trabalhos de autores consagrados da FC internacional, a coleção “Ficção Científica GRD” (tratada anteriormente como “Clássicos Modernos da Ficção Científica”) também convocou autores brasileiros do *mainstream* para a escrita desta seção. Uma das mais renomadas foi Dinah Silveira de Queiroz, que seria tratada como a “mãe da FCB”: seu livro de contos *Eles Herdarão a Terra* (1960) foi a primeira publicação de autoria brasileira da *GRD*.

**Figura 1:** Capa da coletânea *Eles Herdarão a Terra*



Fonte: <https://www.bibliotecadoterror.com.br/2017/08/a-colecao-classica-de-ficcao-cientifica.html>  
Acesso mar. 2021.

Posteriormente, a publicação da *Antologia Brasileira de Ficção Científica* (1961) seria um marco para o gênero supracitado, contando com contos de diversos autores como a já mencionada Dinah Silveira de Queiroz, André Carneiro, Fausto Cunha, entre outros. O próprio Dorea chegou a elucidar sua escolha de escritores:

Aí estão... nomes altamente credenciados, e alguns novatos pioneiros e prosseguidores. Representantes da inteligência brasileira, nas suas variadas gamas literárias, desde o romance, passando pela crítica, pelo jornalismo, pelo teatro, pela história, a *Antologia* sintetiza uma nova harmonia criadora, pela primeira vez tentada no Brasil (DOREA, 1961 apud CAUSO, 2019, p. 10, grifo do autor).

No mesmo ano, Dorea publicou outra antologia de contos: *Histórias do Acontecerá* (1961) contou com alguns nomes repetidos das primeiras coletâneas de contos, figuras já consagradas na literatura como Rachel de Queiroz, além de autores iniciantes no gênero. Muitos dos autores deste livro seguiram carreira na escrita de FC, continuando a trabalhar nas antologias e romances publicados pelo GRD e outras editoras do gênero que surgiram com o passar dos anos. No famoso ensaio "Ficção Científica no Brasil: Um Planeta Quase Desabitado", presente no livro *No Mundo da Ficção Científica* (1974), de L. David Allen, o autor Fausto Cunha (um dos que começaram na editora de Dorea) chama tal formação de escritores da Primeira Onda de "Geração GRD", justamente devido à

influência do editor para a formação da FCB:

A “GERAÇÃO GRD” - Bem merece o editor Gumercindo da Rocha Dorea que se batize com o seu nome a geração de autores de ficção científica surgida, por assim dizer, à sombra de sua sigla. [...] Da GRD sairiam também Eles Herdarão a Terra, de Dinah Silveira de Queiroz [...] e duas antologias, que revelavam, pela primeira vez no Brasil, a existência de uma “plêiade” de autores do gênero (CUNHA, 1974, p. 9).

Apesar de ter sido a primeira a publicar coletâneas FCB, a *GRD* não foi a única a contribuir para a formação da Primeira Onda. Ginway (2005) atribui a *Editora EdArt* como parte também crucial para a “explosão” do gênero no Brasil, ocorrida no início dos anos 1960. No ensaio já mencionado de Cunha, o autor menciona que “[e]m 1963, era a vez de a EdArt se lançar também nesse campo [...]” (CUNHA, 1974, p. 9). A *EdArt* também chega a criar uma coleção específica para a FC, denominada de “Ciencificação”, com edições de Álvaro Malheiros. Assim como ocorreu na *GRD*, uma antologia de contos seria o maior sucesso da “Ciencificação”: *Além do tempo e do espaço - Antologia de Ciencificação* (1965), contando com escritores já conhecidos como Rubens Teixeira Scavone, André Carneiro, além de novas figuras para a FC, como Lygia Fagundes Telles.

Com a instauração da Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985), a Primeira Onda produziu menos trabalhos sobre os conflitos da Guerra Fria e se dedicou a abordar a repressão e a presença militar no poder. Assim comenta Carlos Haag (2011, p. 83) que “[e]sse período da ditadura marca o início da ficção científica distópica, ou seja, usar elementos familiares e fazê-los estranhos para discutir ideias e fazer denúncias”. Como este era um problema político específico do Brasil, é perceptível que nesse período a escrita utilizou mais elementos da cultura nacional, em vez de tentar simular o estilo e referências da literatura anglo-americana. Como elucidado pelas pesquisadoras Sousa e Santos (2015, p. 96-97), “[f]oram estes elementos nacionais, carregados de significados histórico-ideológicos, as figurações utilizadas para retratá-los e o desconhecimento do gênero Ficção Científica Brasileira que possibilitaram o protesto velado nos tempos da Ditadura Militar”.

A FC deste período é consideravelmente mais negativa que suas precursoras, considerando que no final do século XIX até início do XX, houve uma proliferação de ficções utópicas e *voyages extraordinaires*, onde as narrativas pregavam ter grandes expectativas para o território brasileiro (apesar de muitas destas utopias reforçarem práticas eugênicas). A escolha de distopias na escrita literária durante o regime militar é condizente com o sentimento coletivo tanto no cenário nacional quanto no exterior. Num contexto pós Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), muitas ficções distópicas surgiram na literatura, abordando governos totalitários e a constante vigilância de indivíduos através da tecnologia. As obras anglófonas *1984* (1949), de George Orwell, e *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, se tornaram umas das mais influentes da FC ao criticar sistemas

totalitários que emergiram no mundo. A Primeira Onda também foi influenciada por Bradbury, em seus contos mais sombrios e com forte teor tecnófilo (CAUSO, 2013, p. 215). Esse tom também seria perpassado em muitas obras durante os “anos de chumbo”, período mais violento da repressão militar, que duraria entre dezembro de 1968 e março de 1974.

Apesar de contar com algumas utopias, os trabalhos da Primeira Onda durante os “anos de chumbo” podem ser sintetizados em duas categorias: distopias satíricas e dramáticas, ambas focadas em analisar de alguma forma o regime militar. A FCB sofreu mudanças significativas durante este período: devido à intensa coibição, muitos autores experientes na escrita da FC optaram por se afastar do gênero. Assim explana Marcello Simão Branco (2013, p. 138) que esta Onda da FCB apesar de ter sofrido uma interrupção, teve prosseguimento “[...] pelas mãos de autores descompromissados com as tradições do gênero, mas que se exercitaram para criticar a ditadura militar”. A maioria destes autores faziam parte do *mainstream* literário, que tinham pouca ou nenhuma familiaridade com as tradições estabelecidas pelos demais autores de FC. Todavia, muitas das obras desses autores capturaram o sentimento de temor e repúdio da época, retratando sociedades com políticas autoritárias (em que pode ocorrer uma revolta) e com forte receio a projetos de modernização. Como analisa Ginway, essas obras distópicas

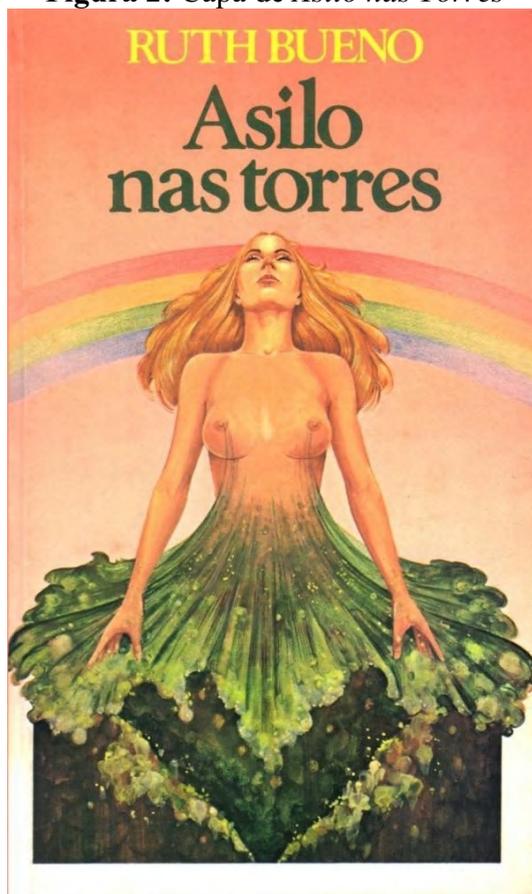
[...] são representações alegóricas de um Brasil sob governo militar, com claras alusões ao uso calculado, pelo regime, de censura, controle de mídia, tortura, aprisionamentos e desaparecimentos, todas táticas características do “golpe dentro do golpe” de 1968, engendrado pela linha-dura dos militares. Por essas razões, os enredos das distopias brasileiras tendem a girar em torno da rebelião coletiva ou individual contra uma tecnocracia perversa e arbitrária [...]. Uma importante apresentação das distopias brasileiras é a sua tendência a protestar contra a política governamental de modernização, tanto quanto contra a de repressão (2005, p. 94-95).

O movimento da tecnofobia na FCB, apesar de não ter começado com a instauração da Ditadura Militar, se intensificou significativamente neste período. Nos anos 1960, o estabelecimento de novas tecnologias gerava desconfiança nos brasileiros, o que foi retratado em grande parte das distopias. Para os autores brasileiros, “a modernização, especialmente na forma de importações tecnológicas, é uma repetição da experiência colonial” (GINWAY, 2005, p. 42). Vale ressaltar que tal receio tecnofóbico não era infundado: a modernidade pregada durante esse período também estava atrelada à possibilidade de permanência dos militares no poder, considerando que a indústria tecnológica era voltada para a fabricação de aparatos militares, com o intuito de “equipar as forças que trabalhavam a favor do Governo” (SOUSA; SANTOS, 2015, p. 95).

Nos anos 1970, as narrativas evoluíram para distopias ecológicas, que ainda tocavam em temáticas envolvendo a Ditadura Militar e a capacidade destrutiva da tecnologia (durante o processo

de modernização do país) para o meio ambiente. Uma das mais notórias foi a novela *Asilo nas Torres* (1979), de Ruth Bueno, que retrata uma sociedade vivendo em Saturno, priorizando a tecnologia enquanto as pessoas tornam-se cada vez mais prisioneiras das máquinas. Natureza e feminilidade se misturam, criando outro traço típico da FCB dos anos 1970: a combinação de mulheres com a natureza como símbolo da identidade nacional. O movimento do ecofeminismo surge nessa época e, como explicado por Sousa e Santos (2015, p. 98), “é notado com maior ênfase, delatando as relações existentes na sociedade patriarcal brasileira: quando a mulher não representa o elemento ecológico, ela frequentemente se associa a ele através do ambiente narrado”.

**Figura 2:** Capa de *Asilo nas Torres*



Fonte: <https://ficcaocientificabrasileira.wordpress.com/2019/11/27/asilo-nas-torres/> Acesso 15 mar. 2021.

As representações femininas na Primeira Onda foram unidimensionais; as mulheres foram usadas como recurso metafórico, criando comparativos entre a natureza pura, maternal e precisada de salvação (na figura feminina) contra a tecnocracia destrutiva do governo militarizado. Nos anos 1970 grande parte das distopias eram escritas por homens, o que possibilitou que as mulheres fossem cada vez mais reduzidas a estereótipos. Ginway (2005, p. 109) ressalta que a “[a] ficção distópica, mesmo que escrita por mulheres, continua a apoiar-se de metáforas da natureza, a fim de lamentar a perda da identidade tradicional brasileira a uma nova ordem tecnocrática impessoal”. Um exemplo é o já

mencionado *Asilo nas Torres* (1979).

Nesta mesma década também se intensificaram na literatura debates sobre pautas feministas, sobretudo nas FC estrangeiras com autoras como Joanna Russ e Ursula K. Le Guin, que discutiam sobre identidade e relações de poder entre gêneros. No Brasil, dois romances escritos por mulheres prevaleceram dentre as ficções distópicas de autoria masculina voltadas para criticar o regime militar: *Um dia vamos rir disso tudo* (1976), de Maria Alice Barroso, e *Asilo nas Torres* (1979).

Apesar de algumas mulheres estarem presente em coletâneas e antologias (principalmente as da *GRD*), a Primeira Onda da FCB não contou com muitas autoras. Além do gênero ainda ser bastante marginalizado na segunda metade do século XX, o maior problema para o escasso número de autoras publicadas no gênero supracitado é o machismo contínuo no cânone literário. Vale a pena ressaltar que “[m]ulheres são minoria entre os escritores de FC da América Latina [...], mas certamente não são autoras menores” (BELL; MOLINA-GAVILÁN, 2003, p. 17, tradução nossa)<sup>14</sup>. O nome feminino mais marcante da Primeira Onda da FCB sem dúvida é Dinah Silveira de Queiroz. Porém, houve casos de mulheres fora da cena literária da FCB, mas que contribuíram na escrita de novelas e romances únicos, tal qual Cassandra Rios com *As mulheres dos Cabelos de Metal* (1971) e das já citadas Maria Alice Barroso e Ruth Bueno, na escrita das respectivas obras *Um Dia Vamos Rir disso Tudo* (1976) e *Asilo nas Torres* (1979). No entanto, a maior participação da escrita feminina neste gênero ocorreu através da escrita de contos em antologias, fossem de livros ou de revistas. Alguns exemplos foram: Zora Seljan, Lúcia Benedetti e Raquel de Queiroz.

Vale sublinhar a importância de revistas literárias para a disseminação da FC. Tanto no exterior quanto no Brasil (principalmente nas duas últimas Ondas), as revistas que publicaram contos de FC foram responsáveis por introduzir muitos autores que ajudariam a construir o gênero. No Brasil, uma das primeiras revistas a publicar nomes nacionais foi a *Galáxia 2000*, que contou como editor o autor Jeronymo Monteiro, considerado por muitos como o “pai da ficção científica brasileira” não apenas por ter escrito clássicos da FCB antes mesmo da fundação da *GRD*, como também por editar revistas e organizar espaços para autores e entusiastas do *fandom*.

Em 1963, ele criaria o “Clube de Ciencificação” (também tratado por Monteiro como “Clube dos Autores de Ficção Científica” ou “Clube de Ficção Científica), contando com figuras relevantes do gênero como os escritores Nilson Martello, André Carneiro, Clóvis Garcia, Álvaro Malheiros, além dos editores da *GRD e EdArt*, Gumercindo Rocha Dorea e Álvaro Malheiros (CAUSO, 2013). Dois anos depois, numa reunião com o escritor Ney Morais, tem a concepção da I Convenção Brasileira de Ficção Científica, onde seria publicado o primeiro fanzine não apenas da FCB, como também do Brasil. *O Cobra* (fazendo uma piada à *Convenção Brasileira*), editado por Gueisa e Nilson Martello,

---

14 Women are in the minority among sf writers in Latin America [...], but they are certainly not minor authors.

foi um boletim desta convenção (CAUSO, 2003). Porém, é em 1968, com a fundação da Galáxia 2000, que Monteiro ajudaria na consolidação das revistas focadas em publicar FC no Brasil.

A Galáxia 2000 foi concebida inicialmente para ser uma versão brasileira da famosa e consolidada revista estadunidense *The Magazine of Fantasy and Science Fiction* (também chamada pelo público de *F&SF*). Apesar de ainda contar com um número maior de contos traduzidos, também eram publicados autores nacionais. Após seis edições, a revista foi cancelada, mas em 1970 Jeronimo Monteiro tornou-se editor de redação de mais uma versão da *F&SF*: a Magazine de Ficção Científica. Assim como em Galáxia 2000, os contos estrangeiros foram maioria, mas “[...] também publicavam um conto de algum autor brasileiro, e posteriormente deram a opção aos leitores que gostariam de se aventurar no campo da ficção científica enviassem seus contos para a editora” (SANTOS, 2019, p. 19-20). Tanto pelo título de tal revista, quanto pelo conteúdo, observa-se que (assim como as primeiras publicações da *GRD* e da *EdArt*) a Magazine de Ficção Científica tentou mimetizar as produções estrangeiras do gênero, sobretudo as anglófonas. Sobre este fato, a editora da revista Mafagafo, Jana Bianchi, discorre:

Em português, temos uma palavra equivalente à “magazine”, a palavra “revista”, mas o termo anglicizado foi o escolhido para dar nome ao primeiro projeto a publicar ficção científica brasileira (junto com contos traduzidos). E destaco esse ponto porque, embora o trabalho desses escritores e escritoras tenha sido marcado por ambientações brasileiras e temas que podiam ser apontados como “nossos”, a Primeira Onda ainda aconteceu em um contexto fortemente colonizado, com referências e analogias a obras anglófonas. Grandes árvores têm raízes profundas (BIANCHI, 2019, p. 8).

Um dos maiores percalços da Primeira Onda da FCB foi a busca por uma identidade própria, em vez de se apegar aos estrangeirismos e tradições das revistas e editoras do exterior. Mesmo durante a Ditadura Militar, quando autores buscavam resgatar mitos e cenários tipicamente nacionais, o contexto de colonização mencionado por Bianchi (2019) prevaleceu nas narrativas desta geração e até mesmo nas da Segunda Onda da FCB. Um fator marca o fim da Primeira Onda: o número cada vez mais escasso de obras do gênero (principalmente na *GRD*), devido ao enfraquecimento de publicações durante a Ditadura Militar (BRANCO, 2013).

Apesar de terem surgido clássicos durante os “anos de chumbo”, como por exemplo a novela de Ruth Bueno, as produções literárias diminuíram consideravelmente com o crescente temor de represálias provocadas pelo autoritarismo da época. Para alguns pesquisadores como Causo (2013; 2015) e Branco (2013), esse período em que se produzia muitas ficções utópicas e distópicas contra o regime militar, foi tratada posteriormente como “[...] um Ciclo ou Onda de Utopias e Distopias que, embora prefigurado durante a Primeira Onda [...] foi tendência que efetivamente marcou a década de 1970, de 1972 até aproximadamente 1982 [...]” (CAUSO, 2013, p. 220). A Segunda Onda começaria daí, entre 1982 e 2001, numa fase em que o envolvimento dos fãs foi essencial.

## 2.2 A Segunda Onda da FCB

A Segunda Onda foi marcada principalmente pela produção em massa de fanzines, revistas e livros com publicações independentes. No Brasil, o *fandom* sempre foi uma entidade importante para o alicerçamento da FCB. Mesmo na Primeira Onda, através dos esforços de Jeronymo Monteiro e de grupos de entusiastas que viraram um grande *fandom*, a FCB conseguiu produzir materiais que ficariam marcados no cânone, como foi o caso do fanzine *O Cobra* (1965). Na Segunda Onda, durante os anos 1980, os fanzines produzidos por integrantes do *fandom* do gênero foram parte crucial para a disseminação da FC. Como abordado por Daniel Dutra no artigo *Ficção científica brasileira: um gênero invisível*, da revista *Fantástica 451*, esses fanzines seriam “dedicados à publicação tanto de contos de autores brasileiros como de estrangeiros e demais matérias, artigos e resenhas relacionados à ficção científica” (2018, p. 24).

Em 1982 seria fundado o Clube de Ficção Científica Antares (CFCA), de Porto Alegre, que teria como enfoque a astronomia e a FC. No ano seguinte, a CFCA lançou um dos fanzines mais importantes desta era: o *Boletim Antares* (1983-1992), tendo 58 edições e como editora, Jane Mondello de Souza. Posteriormente, também seria publicado o *Hiperespaço* (1983-2003), com 52 edições, por Cesar Silva, José Carlos Neves e Mario Mastrotti. Cinco anos após o lançamento de *Hiperespaço*, surgiria *Megalon* (1988-2004/2017), editado por Marcello Simão Branco e Renato Rosatti, contando com 71 edições periódicas e mais uma extra lançada treze anos depois do fim do fanzine, em comemoração ao escritor britânico Arthur C. Clarke. Tais fanzines contavam com o apoio dos sócios para se manterem publicando. O *Somnium*, o mais influente e duradouro dentre os fanzines de FC sua época, chegava a ter quinhentos sócios.

O fanzine *Somnium*, publicado pelo Clube de Leitores de Ficção Científica desde 1985 (e que posteriormente adotaria o formato de revista), foi fundado por Roberto Cesar do Nascimento, Ivan Carlos Regina, Fritz Peter Bendinelli e Walter da Silva Machado. Até a sétima edição, o fanzine ficaria conhecido apenas por *Boletim do Clube de Leitores de Ficção Científica*, modificado apenas depois de um concurso realizado entre os sócios<sup>15</sup>. Ainda ativo, com mais de 110 edições, o *Somnium* foi espaço para a escrita de muitas obras da FC, que assim como os demais fanzines, publicava não apenas narrativas de ficção, como também tentava divulgar e debater sobre produções do gênero mencionado. Segundo Fabiana Pereira, “[a] fundação do CLFC logo após o fim da ditadura significou a retomada e desenvolvimento da configuração de *fandom* que existira cerca de vinte anos antes e se desfez logo após a promulgação do AI 5” (2005, p. 52).

Os fanzines foram uma nova mídia para os autores (consagrados ou iniciantes) divulgarem

---

15 <https://www.clfc.com.br/quem-somos/>

seus trabalhos. Muitos dos autores nacionais aclamados começaram a escrever suas primeiras obras de FC através de fanzines, como é o caso de Gerson Lodi-Ribeiro, Martha Argel, Roberto de Sousa Causo, Finisia Fideli, Simone Saueressig, entre outros. Dentro deste formato, eram publicados contos, poemas e noveletas do gênero. A criação de tais fanzines “[...] deu um grande impulso para a reunião de inúmeros interessados que sequer sabiam da existência de uma ficção científica nacional, mas que logo se destacariam como autores e participantes do *fandom*” (PEREIRA, 2005, p. 51, ). Além disso, os fanzines foram responsáveis pelas publicações contínuas de novas obras da FCB.

Este novo formato de publicação também foi espaço para a elaboração de textos de não-ficção, através da escrita de artigos sobre as temáticas e resenhas de conteúdos literários ou de produções audiovisuais da FC. É também nesta época que aumenta o número de encontros e convenções sobre a FC; uma tradição iniciada no Brasil por Jeronymo Monteiro, em 1965. Apesar do número de entusiastas ter crescido consideravelmente, o gênero ainda era de nicho e marginalizado no cânone literário. O alcance ainda era restrito, principalmente porque a principal fonte de divulgação dos fanzines eram os clubes de FC e astronomia, localizados majoritariamente em cidades do sul e sudeste.

Outra problemática discutida na era dos fanzines foi a predominância da cultura estrangeira na escrita brasileira. Nos anos 1980, as produções do exterior ainda ganhavam posição de destaque nos fanzines brasileiros, seja através de resenhas, artigos ou até mesmo em alusões dentro das narrativas nacionais. A escrita dessas obras da Segunda Onda, por muitas vezes, parecia seguir um modelo importado de obras anglófonas, trazendo referências e tropos que inicialmente reproduziam o mesmo cenário literário colonizado visto nas décadas anteriores. Como explica Alves (2009),

[n]esse contexto, alguns começavam a questionar a tendência de a ficção científica, como um gênero importado, ser desenvolvida também em modelos estrangeiros, em vez de verdadeiramente mergulhar na cultura brasileira e gerar algo único, típico, natural de nossa literatura (ALVES, 2009, p.35).

Não obstante, mesmo que muitas obras ainda apresentassem forte inspiração em trabalhos internacionais, ainda tiveram autores que conseguiram subverter trazendo tanto influências estrangeiras quanto abordando questões que eram particularmente brasileiras. Um exemplo está na introdução do subgênero *cyberpunk* ao contexto nacional.

No contexto da Guerra Fria, com o progresso científico e industrial sendo cada vez mais impulsionado pela corrida tecnológica, muitos escritores da FC mostraram grande interesse em retratar o avanço da cibernética, informática - e por consequência, a internet -, além de outras tecnologias de informação e comunicação (TICs). Segundo Alves (2009), esses avanços foram

importante influência para o *cyberpunk*, termo cunhado em 1983 por Bruce Bethke no conto "Cyberpunk" para a revista de FC *Amazing Stories* (ROBERTS, 2018). No entanto, somente com o lançamento do romance *Neuromancer* (1984), de William Gibson, que as premissas deste subgênero *cyberpunk* se popularizaram.

A etimologia *cyberpunk* vem da junção das palavras “cibernética” e “punk”. São narrativas que se passam num mundo distópico ao mesmo tempo que avançado tecnologicamente. Neste cenário, são retratados os danos do capitalismo aos centros urbanos, onde grande parte da população é mantida numa vida de subsistência devido à desigualdade social instigada pelas multinacionais e pelo Estado totalitário. O mundo *cyberpunk* é sombrio e pessimista, onde (além da pobreza) o uso excessivo de drogas e a violência policial predominam. Como apontado por Tavares (2008)<sup>16</sup>, “[a]s histórias *cyberpunk* lidam com personagens marginais, solitários e cínicos (o lado punk) num ambiente onde a cibernética e a informática controlam tudo, inclusive os corpos e cérebros humanos”. No entanto, foram filmes como *Blade Runner - O Caçador de Andróides* (1982), *Videodrome - A Síndrome do Vídeo* (1983), *Robocop - O Policial do Futuro* (1987) e *Akira* (1988) que ajudaram a disseminar este subgênero da FC no Brasil, considerando que muitos autores nacionais se inspiravam nas produções cinematográficas estrangeiras (principalmente as estadunidenses) para criarem suas narrativas.

Como declara Roberts (2018, p. 589), “[o] *cyberpunk* talvez tenha sido a invenção crucial do gênero nos anos 1980”. No Brasil não foi diferente, entre as décadas de 1980 e 1990, este subgênero ganhava sua maior notoriedade. O vínculo dos brasileiros com este subgênero (que à primeira vista parecia representar somente com a realidade de países de primeiro mundo) superava o fascínio pela FC estrangeira e dialogava com temas caracteristicamente nacionais.

Na mesma década do surgimento do *cyberpunk*, o Brasil passava por mudanças políticas, econômicas e sociais. No período pós-Ditadura Militar, começava a massificação do uso de cocaína e, por consequência, de seu tráfico (RODRIGUES, 2012, p. 20). Esta massificação aumentava a tensão entre policiais e moradores das favelas no Rio de Janeiro (posteriormente se repetindo em outras regiões que viraram "rota da droga")<sup>17</sup>, que eram alvos das operações “antidrogas”. Nesta mesma época, crescia o uso de armamento pesado, sobretudo o fuzil, o que resultava em mais embates entre a polícia e o crime organizado, crescendo a violência e o mal estar nas localidades mais economicamente vulneráveis do Brasil. Também durante os anos 1980 e 1990, ocorria uma Hiperinflação no Brasil, que intensificava a desigualdade social. Em suma, a sociedade brasileira passava por muitas das questões vistas no *cyberpunk*: uma tecnologia em desenvolvimento (GINWAY,

---

16 <http://mundofantasma.blogspot.com/2010/02/1634-o-que-e-cyberpunk-762008.html>

17

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1308200010.htm#:~:text=Com%20os%20anos%2080%2C%20a,in%C3%A9Dcio%20do%20banho%20de%20sangue%22>

2005), o crescente uso de drogas, a violência (tanto da polícia quanto de traficantes), escassez de bens e recursos, e por consequência, um viés pessimista. Não por acaso, nesta era de redemocratização, o Brasil desenvolvia a sua versão deste subgênero: o tupinipunk.

O tupinipunk foi cunhado por Roberto de Sousa Causo durante o lançamento do livro de contos *A Espinha Dorsal da Memória* (1989), de Braulio Tavares (CAUSO, 2013, p. 224). O termo é uma aglutinação da palavra “tupiniquim”, que remete a um tribo indígena e também ao sinônimo utilizado para se referir a algo brasileiro, com a palavra “punk”, fazendo menção ao *cyberpunk*. Como apontado pela pesquisadora M. Elizabeth Ginway (2015, p. 101), o tupinipunk “[...] é largamente satírico e geralmente ilustra uma resistência a tomadas de controle político ou a invasões corporativas que constituíram parte das novas políticas neoliberais promulgadas após o final da ditadura militar”. Este seria o primeiro dos muitos subgêneros que iriam surgir entre a Segunda e Terceira Ondas.

A obra inaugural do tupinipunk foi *Silicone XXI* (1985), de Alfredo Sirkis, um romance policial que se passa num cenário futurista *neo noir*, assim como o já mencionado *Blade Runner* (1982). No Rio de Janeiro, em 2019, o romance acompanha um inspetor de polícia negro que procura por um assassino em série que mata travestis utilizando uma arma própria das Forças Armadas. Além da sátira, uma característica típica do tupinipunk é o erotismo. Na obra de Sirkis o sexo é elemento crucial. Robôs são usados não somente para fins domésticos, como também para satisfação sexual. Cada personagem possui alguma motivação que envolve de forma direta ou indireta sentimentos de luxúria desmedidos. A escrita de *Silicone XXI* (1985) não somente ironiza os tropos clichês dos filmes e romances policiais estadunidenses, como também reflete o longo período de repressão da Ditadura Militar. Este último torna-se evidente quando o romance revela que o assassino em série é Estrôncio Luz, um ex-militar. Além de utilizar a violência sexual como uma ferramenta de poder, Estrôncio segue o estereótipo dos homens das forças armadas: além de machista, é extremamente homofóbico e transfóbico (mesmo se relacionando com travestis). Indica Causo que “[...] Sirkis baseou esse personagem no General Newton Cruz, conhecido linha-dura dos tempos da ditadura” (2013, p. 246).

Não à toa que a sexualidade exacerbada e as menções à Ditadura Militar são postas juntas. Durante a Primeira Onda da FCB a escrita passaria por muitas repressões pelos militares. A interferência do governo chegava até mesmo na censura de obras que abordassem a sexualidade de qualquer modo considerado subversivo. A Segunda Onda usaria este erotismo em seus escritos como forma não somente de afrontar o conservadorismo sexual da Ditadura Militar, como também de criar uma nova identidade caracteristicamente brasileira para o seu *cyberpunk*, que se diferenciase da estadunidense. Ginway explica que

[...] o tupinipunk se deleita na sexualidade como parte da sua crítica da hegemonia americana e dos paradigmas culturais brasileiros tradicionais, e é por meio da união sexual de homem e mulher que o Brasil metaforicamente resiste à penetração do capital e da cultura americana, e critica a estrutura social do Brasil (GINWAY, 2004,

p. 161).

Tal preservação da cultura nacional da FC seria abordada três anos depois do lançamento de *Silicone XXI* (1985), por Ivan Carlos Regina em seu “Manifesto antropofágico da ficção científica brasileira – Movimento Supernova”, lançado primeiramente na trigésima edição do fanzine *Somnium*. Evocando o *Manifesto Antropofágico* (1928), escrito por Oswald de Andrade, Regina aborda questões que seriam tratadas pelo *fandom* até os dias atuais. Enquanto Oswald de Andrade propunha que o referencial europeu fosse deglutinado pelos brasileiros e que assim fosse criada uma arte tipicamente nacional, Ivan Carlos Regina sugere que o mesmo seja feito na FCB. Isto é, que os autores se distanciassem das influências estrangeiras (principalmente a estadunidense) e formassem uma FCB com tropos e elementos com aspectos vernáculos:

Precisamos deglutir urgentemente, após o Bispo Sardinha, a pistola de raios laser, o cientista maluco, o alienígena bonzinho, o herói invencível, a dobra espacial, o alienígena mauzinho, a mocinha com pernas perfeitas e cérebro de noz, o disco voador, que estão tão distantes da realidade brasileira quanto a mais longínqua das estrelas. A ficção científica brasileira não existe (REGINA, 1988 apud ALVES, 2009, p. 96).

O manifesto de Regina causou muitas controvérsias. Alguns entusiastas consideraram que o texto tinha nacionalismo xenofóbico (GINWAY, 2005), além de fomentar estereótipos sobre indivíduos indígenas. No entanto, o posicionamento do “Manifesto antropofágico da ficção científica brasileira – Movimento Supernova” é preciso ao analisar que não somente os autores, como também os leitores e crítica estavam consumindo de modo exacerbado as influências anglo-americanas ao ponto destas eclipsarem as referências brasileiras. Vale ressaltar que a FC no Brasil e nos EUA tiveram evoluções divergentes, já que os dois países também passaram por experiências sociopolíticas diferentes. Precedendo até mesmo o manifesto, debates sobre a posição do Brasil como produtor de uma FC (gênero que teve numa concepção em países de primeiro mundo) já estavam sendo fomentadas no *fandom* durante a Segunda Onda, “[a] problemática formal, a legitimidade desta produção em um país periférico e não produtor de tecnologia [...] eram e são pontos principais neste debate” (PEREIRA, 2005).

Em geral, a FCB mostra seu poder de inovação quando a escrita de suas obras são atreladas a eventos históricos e políticos. Se na Primeira Onda os autores procuravam criticar a Guerra Fria e Ditadura Militar através dos elementos do gênero, a Segunda Onda mostra-se muito mais consciente do lugar do Brasil como país de Terceiro Mundo, sofrendo com as reminiscências dos anos de chumbo. É também nesta Onda que os brasileiros se chocam com dois desastres que marcariam a relação das pessoas com a ciência: o primeiro seria o acidente nuclear em Chernobil, na Ucrânia,

ocorrido em 1986, contando com 1,8 milhão de ucranianos afetados. No ano seguinte, em Goiânia, o Brasil passaria pelo maior caso de contaminação radiológica fora de usinas nucleares, causado pelo contágio com o isótopo radioativo Césio 137, que deixou na faixa de 1600 afetados e 4 mortos. Caso este que é mencionado algumas vezes no manifesto de Regina, onde o autor chega datar no final do texto que fora escrito “1º ano após o desastre de Goiânia”. Como apontado por Bianchi (2019, p. 9), “[é] muito significativo que esse novo ponto de referência para a ficção científica brasileira tenha sido definido ao redor de um incidente que diz tanto sobre o Brasil e sobre nosso caso de amor e ódio com a ciência”.

A relação da FCB com traumas nacionais ocorre até nas escritas da Terceira Onda, como é visto no conto “O Homem Atômico”, de Cristina Lasaitis, republicado pela revista *Trasgo* na 2ª edição, em 2014. Lasaitis reimagina um cenário onde o plano do ex-presidente ditador Ernesto Geisel de construir uma bomba atômica é concretizado, mas escondido do povo brasileiro. Numa clássica narrativa onde fatos e teorias conspiratórias se entrelaçam, conseqüente do apagamento de informações durante a Ditadura Militar, somente no final o leitor tem a confirmação de que um programa nuclear secreto realmente fora executado:

Casais de namorados apreciaram-se com os cabelos recobertos de poeira resplandecente, velinhos extasiados esticaram as mãos para deixar-se cobrir por uma tênue película de luz, crianças fizeram festa e assopraram pó brilhante umas nas outras, enquanto jovens maravilhados abriam a boca aos céus e deixavam-se experimentar o sabor picante do césio 137 (LASAITIS, 2014, p. 50).

O terror atômico agora não se remetia apenas ao perigo das bombas na Guerra Fria, mas também aos desastres na Ucrânia e Brasil. Com o fim da década de 1980, o ativismo ambiental se popularizou. Devido ao acidente com o césio-137 causando também danos para o ambiente com duração de quase duzentos anos, os brasileiros começaram a discutir sobre prejuízos irreversíveis à fauna e à flora. Contudo, é nos anos 1990 que essas discussões ganharam uma proporção ainda maior, com os crescentes debates sobre o aquecimento global. No primeiro ano desta nova década, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (ou IPCC, devido à versão inglesa do título) lançaria seu primeiro relatório indicando os fatores causadores das mudanças climáticas mundiais e também quais repercussões que estas causariam na saúde do homem<sup>18</sup>. No entanto, na FCB, apesar de ecologia ser um tema recorrente no *fandom*, o número de ficções científicas que abordavam esse tema diminuiu consideravelmente em comparação ao número de distopias e utopias ecológicas que surgiram entre os anos 1970 e 1980. Uma das obras mais singulares fora *O Ovo do Tempo*, noveleta de Finisia Fideli,

---

18 <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,ipcc-aponta-mudancas-no-clima-desde-1990,9868,0.htm>

publicada originalmente em 1994.

Apesar da ecologia ter sido um objeto de discussão importante para a literatura, o começo dos anos 1990 no Brasil teve enfoque num evento histórico: as consequências do início do mandato de Fernando Collor de Mello, primeiro presidente da república eleito após as eleições diretas. Com este novo período político, o país passava por mudanças não apenas sociais, como também econômicas. Por consequência, ainda ocorria um processo de globalização, o que gerou opiniões divergentes entre os escritores brasileiros. Como apontado por Ginway (2005),

Esta geração também começa a transformar a ficção científica para que ela se ajuste a uma sensibilidade mais "pós-moderna", rejeitando ou parodiando as noções estereotipadas de identidade brasileira das gerações anteriores. [...] A ficção científica brasileira dos anos oitenta e noventa erode noções de identidade nacional celebradas pelos autores anteriores de ficção científica e começa a abraçar contradições, descontinuidades e alteridades em suas reformulações dos mitos culturais brasileiros, geralmente oferecendo uma visão mais crítica da realidade brasileira (GINWAY, 2005, p. 147).

Esse processo de reformulações fez com que os escritores de FC tocassem em novas temáticas, fugissem dos tropos usuais e modelos estabelecidos anteriormente. O *tupinipunk*, gênero menos explorado nos anos 1980, voltaria com mais obras que viraram clássicos da FCB, como é o caso dos romances *Santa Clara Poltergeist* (1991), *Piritas Siderais* (1994), com autorias respectivamente de Fausto Fawcett e Guilherme Kujawski; e do conto "O Caipira Caipora" (1993), de Ivan Carlos Regina. Isto é, a década de 1990, com todas as implicações da globalização de um país de terceiro mundo, fez com que os escritores nacionais refletissem ainda mais sobre os processos de importação e exportação de outras culturas. Segundo Jeremias Moranu (1998, p. 50) no "Dossiê: Ficção Científica Brasileira" da Revista CULT, "[t]anto o *cyberpunk* anglo-americano quanto o brasileiro seriam reflexos do globalismo e do multiculturalismo atuais, mas vistos de extremos opostos do desenvolvimento".

Também por efeito da globalização, com mudanças consideráveis do comércio internacional a até mesmo nos meios de comunicação e entretenimento multimídia, muitos autores nacionais mostravam-se hesitantes sobre as possibilidades de futuro para os brasileiros. Essa hesitação reverberou também na FC, através da escrita do ícone dos alienígenas. Assim como em muitas obras do audiovisual durante a Guerra Fria, o Brasil dos anos 1990 expressou do mesmo modo sua inquietação com o Outro através de narrativas sobre invasões alienígenas:

[o]s alienígenas, como um todo, continuam a ser de importância central na ficção científica brasileira, e realçam o *status* de Terceiro Mundo do Brasil; eles [...] representam uma crítica da ordem econômica mundial. Como reflexos das incertezas sociais, políticas e econômicas dos brasileiros no clima da era pós-ditadura, eles podem trazer o caos, a salvação, ou simplesmente marcaram a entrada do Brasil em uma economia mundial cada vez mais globalizada (GINWAY, 2005, p. 185).

Alguns livros conseguiram transmitir essa inquietação nacional, porém o que tivera mais êxito fora a antologia *Estranhos contatos* (1998). Contando com autores já consolidados como Rubens Texeira Scavone, Finisia Fideli e Anna Creusa Zacharias, cada conto mostrara uma visão diferente de alienígenas, reflexo dos vieses de cada autor sobre o período da inserção de novas culturas (sobretudo a estadunidense) devido à globalização. No entanto, com este mesmo processo de integração sociocultural, as TICs ganharam um número maior de usuários.

Em consequência do avanço da internet, surgiram sites e blogs para os entusiastas do gênero. Seja para a escrita de novas narrativas ou para criação de resenhas críticas, artigos ou até mesmo *fanfics* sobre obras famosas. Além disso, essa abertura da produção nos meios digitais reduziu a distância entre clubes que possuíam os mesmos interesses; em adição, passou a ser um ambiente de escrita e divulgação para aqueles que não seriam facilmente notados pelas editoras.

Nos anos 1990, crescia também o número de publicações de autoria feminina. Em 1992, a autora Marcia Kupstas lança *Sete Faces da Ficção Científica e Sete Faces da Ficção Espacial*, duas antologias de contos de uma série de 18 volumes voltados para o público infantil e juvenil. Em geral, poucas autoras de literatura de livros infantil e juvenil se arriscam a escrever FC (considerando que durante a Primeira e Segunda Onda, o gênero era ainda mais menosprezado pelo cânone), sendo a mais conhecida desta categoria Lúcia Machado de Almeida, que publicaria clássicos na Primeira Onda como os livros *Spharion* (1979), da famosa série Vaga-Lume; além de *O Asteróide* (2000), lançado no final da Segunda Onda. Tanto Kupstas quanto Almeida ganharam grande notoriedade não só por suas contribuições à literatura infantil e juvenil, como também às suas adições de FC que sempre foi muito restrita a um público adulto.

Em geral, as mulheres publicavam contos e novelas, comumente em livros de antologias, fanzines e revistas de FC. Os fanzines e revistas da Segunda Onda ajudaram a introduzir para a FC muitos nomes femininos importantes na construção da literatura nacional, como por exemplo, Adriana Simon, Martha Argel, Nilza Amaral e Simone Saueressig. No entanto, apesar de haver figuras femininas marcantes na FCB, estas ainda estavam em número inferior se comparadas às obras publicadas por homens. É somente na Terceira Onda da FCB que haveria uma mudança considerável na cena literária do gênero.

### **2.3 A Terceira Onda da FCB**

A chegada do novo milênio trouxe um lento declínio para a FCB. Apesar de algumas obras traduzidas se popularizarem entre leitores fora do *fandom*, a FC de caráter nacional continuava com sua posição de nicho. Além disso, mesmo com algumas publicações estando em evidência (como é o

caso das revistas Quark e Scarium, lançadas respectivamente em 2001 e 2002), os anos 2000 não conseguiram contar com uma produção extensa e com características próprias, como ocorreram nas décadas anteriores. A maioria dos fanzines que marcaram a Segunda Onda, como o Hiperespaço e Megalon, encerraram suas atividades nos primeiros anos deste novo milênio. O mesmo ocorreu com a Somnium, que entrou em hiato em 2008 e só voltaria em 2012, com um formato mais próximo das revistas profissionais. Os fanzines, mesmo sendo digitalizados, perderiam o engajamento que tinham nos anos 1980. Em seu livro originalmente lançado em 2004 e tendo ganhado uma tradução no ano seguinte pela editora *Devir*, a pesquisadora M. Elizabeth Ginway (2005, p. 227) especulou que “[...] embora o sucesso com que sonhou a geração de fãs e escritores pós-ditadura ainda não tenha chegado, todos os sinais apontam para um futuro dinâmico para o gênero no Brasil”. Esse futuro mais dinâmico chegaria nos anos 2010, quando as obras de FCB deixariam de ter apenas publicações esporádicas e tornam-se frequentes.

O surgimento dessa fase perpassa por uma série de manifestações ocorridas devido a questões econômicas e políticas, tendo estas uma forte presença do ciberativismo. Assim explicam Rüsche e Furlanetto (2018, p. 261) que “nos anos 10, influências globais de protestos anticapitalistas são sentidas em diferentes partes do país”. Começando em 2010, com a Primavera Árabe que surgiria na Tunísia, servindo como denúncia à ditadura em inúmeros países árabes. No ano seguinte, o *Occupy Wall Street* abordaria a corrupção e discrepância econômica ocasionadas por empresas do setor financeiro americano. Já as Jornadas de Junho, realizadas no Brasil em 2013, inicialmente focados em impugnar os frequentes aumentos nas tarifas de ônibus, também trariam discussões como o direcionamento da violência policial contra negros e a até mesmo tentativa de implementação da “cura gay”<sup>19</sup>. Influenciada também por outras mobilizações brasileiras, como a Revolta do Buzu, ocorrida em Salvador em 2003, e a Revolta da Catraca, de Florianópolis, que durou entre 2004 e 2005, as Jornadas de Junho trouxeram uma movimentação a nível nacional.

Diferentes de outras manifestações deste mesmo período, as Jornadas de Junho possuíram (principalmente no início) um grupo de pessoas com posicionamentos políticos divergentes. Esse número aumentaria após um crescimento exponencial de repressão policial inicialmente contra *black blocs* e depois atingindo outros manifestantes desvinculados a práticas agressivas, sendo negra a maioria destes manifestantes que sofreram violência policial. Segundo Vicente e Azevedo (2018, p. 5), “[a] cobertura que a população fez usando as câmeras dos smartphones, compartilhando relatos de violência e abuso de autoridade, colaborou para que o movimento ganhasse mais força”. As mídias

---

19 Popularmente conhecido como "cura gay", o Projeto de Decreto Legislativo – PDC nº 234/2011 tinha como intuito a aplicação do parágrafo único do artigo 3º e 4º, da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99 de 23 de Março de 1999, sendo estes uma clara tentativa de patologizar novamente a homossexualidade.

digitais foram primordiais para a disseminação destes protestos e para que novos públicos entrassem em contato com as propostas planejadas dos manifestantes. Os encontros eram marcados geralmente em grupos de *Facebook* ou pelo *Twitter*, do mesmo modo que ocorreu nos demais protestos dos anos anteriores. No entanto, com uma maior pluralidade ideológica surgindo nos protestos pelas cidades brasileiras, mais esvaziada tornava-se a pauta introdutória. Esse esvaziamento (em conjunto com o surgimento de ideais divergentes) durante as Jornadas de Junho foi notado pela socióloga Marília Moschkovich, que escreveu em seu blog<sup>20</sup> suas percepções sobre um notável encadeamento de extremismo político:

As reações de militantes variavam. Houve quem achasse lindo, afinal de contas, era o povo nas ruas. Houve quem desconfiasse. Houve quem se revoltasse. Houve quem, entre todos os sentimentos possíveis, ficasse absolutamente confuso. Qualquer levante popular em que a pauta não eh [sic] muito definida cria uma situação de instabilidade política que pode virar qualquer coisa. Vimos isso no início do Estado Novo e no golpe de 1964, ambos extremamente fascistas. Não quer dizer que desta vez seria igual, mas a história me dizia pra ficar atenta (MOSCHKOVICH, 2013 apud VICENTE; AZEVEDO, 2018, p. 6).

A insatisfação de alguns grupos com o governo da até então presidente da república Dilma Rousseff, pertencente ao espectro político da esquerda, fez com que um grande número de pessoas externalizasse seu descontentamento contra não apenas a presidência, mas também à própria esquerda política. No geral, as Jornadas de Junho foram o princípio para que uma comunidade reacionária (em sua maioria políticos e cidadãos da classe média de direita) fomentasse a ascensão de um Brasil ultraconservador, que posteriormente apoiaria um golpe de Estado, resultando no impeachment de Rousseff e na eleição do atual presidente da república, Jair Bolsonaro. Este se tornaria popular por seus discursos contra minorias sociais e a favor da volta da Ditadura Militar, chegando a homenagear o coronel torturador Carlos Brilhante Ustra durante a votação a favor do impeachment supracitado.

A década de 2010, desde a Primavera Árabe até as eleições de Jair Bolsonaro, foi crucial para a construção de uma nova militância política no Brasil. Devido aos protestos instigados pelo ciberativismo, um novo ciclo do feminismo iria surgir. Menos acadêmico e mais popular, a Quarta Era do Feminismo foca-se na interseccionalidade. Tendo como cerne o discurso das minorias sociais, esse ciclo utiliza mídias sociais para a mobilização das causas coletivas. Sua maior vantagem seria o forte apelo entre os mais jovens. Mais grupos se reuniram *online* para debater sobre o racismo, a LGBTfobia e principalmente o machismo. Como apontado por Rüsche e Furlanetto (2018):

Há um acento feminista nesses movimentos, apresentando, em alguns casos,

---

20 <https://medium.com/primavera-brasileira/esta-tudo-tao-estranho-e-nao-e-a-toa-dfa6bc73bd8a>

protagonismo significativo de mulheres. Demandas históricas feministas, como horizontalidade e questionamento do que seja autoridade, são acolhidas no manejo de estratégias políticas de comunicação (RÜSCHE; FURLANETTO, 2018, p. 262).

Consequentemente, a escrita dos anos 2010 também passaria por uma renovação ocasionada pelo progresso das manifestações. Em junho de 2011, a revista Pesquisa FAPESP, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, focada na pesquisa acadêmica, fez uma matéria sobre a FC nacional. Escrita pelo jornalista Carlos Haag, "O futuro do presente no pretérito: A ficção científica brasileira e a relação do país com a ciência e a tecnologia" faz uma breve cronologia da FCB, apontando o tom eugenista e negativamente ideológico de obras como *Sua Excelência: a Presidente da República no Ano 2500* (1929), além de destacar a originalidade do gênero no Brasil. Tocando em noções de identidade nacional, do teor político, com mais temáticas sobre gênero e sexualidade nas narrativas brasileiras, Haag não apenas faz um estudo preciso das Ondas anteriores, como também acaba estipulando o futuro do gênero no Brasil na década em que a revista foi publicada. Isto é, a FCB mostrava-se atenta a essas transições na política brasileira e no crescente ultraconservadorismo não só no cenário nacional, mas também internacional, resultando numa leva de obras com grande enfoque em escrever sobre e ter autoria de minorias sociais. Assim disserta Bianchi, ao descrever a Terceira Onda, que

[a] primeira coisa digna de nota é que finalmente estamos produzindo uma ficção mais diversa — não só com personagens e temas mais diversos, mas também escrito por autores de diferentes contextos. Por “mais diverso”, infelizmente não quero dizer “tão diverso como deveria ser”. Mesmo em um país com uma grande variedade étnica e social, ainda temos um mercado majoritariamente masculino, branco e cisgênero (BIANCHI, 2019, p. 11).

Essa busca por representatividade na Terceira Onda começaria de modo progressivo, ganhando proporções significativas principalmente na segunda metade da década de 2010. Contudo, em seu início já vê-se sinais de mudanças já nos primeiros anos. A editora *Draco*, criada no final da década anterior, faria em 2012 o relançamento do famoso *Lugar de Mulher é na Cozinha*, primeira antologia de FCB a incluir apenas mulheres, que contou com a organização de Martha Argel e autoria de ícones da Segunda Onda, como Nilza Amaral e Adriana Simon. Como já indicado no título, a antologia traz à tona questionamentos sobre papéis de gênero utilizando temáticas da FC. O que havia sido fora do comum em 2000 (ano do lançamento original), mas condizente em 2012, quando uma nova Era do Feminismo crescia gradualmente nos debates nas redes sociais. A nova edição desta antologia é reflexo de um pensamento mais progressista que crescia sobretudo entre editoras de pequeno e médio porte, como a *Draco*.

**Figura 3:** Capa de *Lugar de Mulher é na Cozinha*



Fonte: Site da Editora Draco, 2021.

A *Draco*, assim como a *Tarja Editorial*, seria uma das principais editoras na divulgação da FCB, tendo uma extensa coleção de obras do escritor Carlos Orsi e trazendo para o Brasil coletâneas com temáticas específicas de subgêneros da FC que já eram estabelecidos na literatura estrangeira como *Vaporpunk – relatos steampunk publicados sob as ordens das suas majestades* (2010), organizada por Gerson Lodi-Ribeiro e Luis Filipe Silva, além das sequências *Dieselpunk – Arquivos confidenciais de uma bela época* (2011) e *Solarpunk – Histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável* (2013), ambos mantendo organização apenas de Lodi-Ribeiro. Uma série que se propunha a reimaginar sociedades seja através de um olhar utópico ou distópico. Entre as publicações desta série, também surgiu uma nova coletânea serial, seguindo o mesmo estilo de sua precursora: a *Space Opera – Jornadas inimagináveis em uma galáxia não muito distante* (2012), organizada por Hugo Vera e Larissa Caruso, teria duas sequências e também exploraria o subgênero da *space opera* com autores já conhecidos da Segunda Onda. No entanto, apesar da *Draco* ter se destacado apresentando a um novo público esses subgêneros da FC, é num contexto digital e de autopublicação que a Terceira Onda encontraria sua audiência:

Os leitores, por sua vez, possuem acesso mais fácil e direto aos autores, tendo em vista as novas formas de distribuição e divulgação. O novo modo de chegar ao livro ou ao autor não é mais via críticas e resenhas, e sim via redes sociais e indicações de outros leitores (VOLLBRECHT, 2019,p. 57).

Um dos ícones dessa Terceira Onda foi a revista eletrônica *Trasgo*. Embora não tenha sido a primeira a aderir este formato, a *Trasgo* foi uma das revistas mais duradouras ao lado da *Scarium* e *Somnium* que haviam saído de seu hiato apenas um ano atrás. Com seu formato digital (posteriormente também apostando no físico), a revista era um atrativo para um novo público que tinha preferência em ler não apenas em computadores e celulares, mas também nos leitores digitais como *Kindle* e *Kobo*, que se popularizaram na década de 2010.

Não apenas o teor digital chamaria a atenção dos leitores de FCB, como também uma gama de autores (tanto renomados quanto iniciantes) pertencentes a minorias sociais que escreviam contos que fugiam do clichê do herói cis-hétero e branco que ainda se propagava em muitas narrativas da Segunda Onda. Nos quase oito anos em publicação, além de buscar a inclusão feminina, a revista tentava se tornar mais inclusiva para negros e pessoas da comunidade LGBT, chegando a abrir chamadas para que esses grupos enviassem seus contos<sup>21</sup>. Como destaca van Kampen (entrevista com Rodrigo van Kampen, ver Anexo A):

Desde o começo da *Trasgo* a gente tentou fazer uma revista diversa. No começo, a gente tentava equilibrar autoras e autores, e aí depois a gente viu que isso não era suficiente e passou ir mais atrás de escritores e escritoras negras, do pessoal LGBTQ que escreve; a gente começou a ir atrás de pessoas diversas que pudessem escrever para a gente, que pudessem mandar um conto (VAN KAMPEN, 2021).

As reivindicações por uma FCB mais diversa já eram pautas de autoras e editoras que estavam insatisfeitas com as publicações e discussões dos *fandoms* serem restritas majoritariamente ao mesmo círculo de autores cis-héteros e brancos. Uma dessas autoras foi a escritora Lady Sybylla, que já tinha um histórico de divulgação da ciência, F&FC e feminismo em seu blog, *Momentum Saga*, desde 2010. Apesar das duas primeiras Ondas contarem com escritoras prestigiadas, o número de trabalhos de autoria feminina publicados em solo nacional era ínfimo comparado aos masculinos. Além disso, o gênero sempre foi marginalizado pelo cânone literário e pela crítica, que estimularam que a FCB fosse vista como exclusivamente de homens e de autores que não escreviam literatura “de verdade”. Numa das primeiras postagens do blog, é abordada a imagem machista que o gênero passava ao mesmo tempo que critica os rumos que a FCB tomava: “[o] gênero não vingou no Brasil do jeito que deveria. Ele é visto como coisa de nerd, nerd homem, diga-se de passagem, aquele que acha que o nerdismo é seu clubinho exclusivo [...]” (SYBYLLA, 2010)<sup>22</sup>.

Como resultado deste período de desaprovação contra este crescente machismo e invisibilização feminina, foi concebida *Universo Desconstruído: Ficção Científica Feminista*,

---

21 <https://trasgo.com.br/a-trasgo-quer-publicar-de-tudo-e-todes/>

22 <https://www.momentumsaga.com/2010/06/ficcao-cientifica.html>

primeira antologia de FC feminista, organizada por Aline Valek e Lady Sybylla em 2013. Disponibilizado em formato *ebook* (e mais tarde, também no físico) gratuitamente, a antologia de Valek e Sybylla é o retrato dos anseios e das produções da Terceira Onda: além de ser independente e virtual, é abertamente feminista e busca uma FCB mais diversa e interseccional. Todas as personagens são mulheres, a maioria sendo sáfica, que dão uma visão verossímil sobre problemas comuns às mulheres como maternidade compulsória, assédio sexual, papéis de gêneros, etc.

Somos, em geral, muito mal representadas pelos autores deste gênero que é o único capaz de mostrar que mudanças sociais e tecnológicas são possíveis no futuro e que a raça humana é capaz de evoluir e deixar para trás o longo histórico de preconceito, racismo, misoginia, escravidão e violência (VALEK; SYBYLA, 2013, p. 6-7).

**Figura 4:** Capa de *Universo Desconstruído*



Fonte: Site do projeto Universo Desconstruído, 2021.

O projeto de Sybylla e Valek seria bem recebido, virando referência quando o assunto era FC feminina e feminista. A antologia foi grande atrativo para uma parte do *fandom* que não se sentia acolhida pelas narrativas das Ondas passadas, ou até mesmo para uma parcela de leitores que não necessariamente era fã de FC, mas se sentia representada pelas temáticas abordadas. Com a Quarta Era do Feminismo em evolução, muitas adolescentes e mulheres tiveram sua introdução na FC com a antologia citada. É importante salientar que um dos êxitos de *Universo Desconstruído* (2013) está não

só na temática relevante para o período de publicação, mas também em tornar sua leitura acessível.

Com a chegada da empresa *Amazon* no Brasil, e conseqüentemente a popularização dos leitores digitais, produtores de conteúdo e a própria comunidade literária (principalmente os que cresciam durante a expansão das TICs) passaram a consumir mais *ebooks* do que livros físicos. Isto se dava principalmente pela praticidade que os leitores digitais traziam para a nova geração acostumada com aparelhos eletrônicos, além do baixo valor que os *ebooks* disponibilizados na *Amazon* tinham (entre R\$ 1,99 a R\$ 15). O baixo custo do valor de livros digitais, ao mesmo tempo que desvalorizava o trabalho de muitos autores de FCB, introduziu o gênero a um novo público. Esse dilema seria recorrente entre autores, editoras e revistas independentes da FBC. Contudo, diferente dessas obras, *Universo Desconstruído* (2013), assim como sua sequência *Universo Desconstruído 2* (2015), se propunham a ser mais além de antologias de FCB, mas sim manifestos. Com este pensamento, via-se a necessidade de democratizar estas leituras.

Em adição a *Universo Desconstruído 2* (2015), que além do feminismo trazia uma forte discussão sobre racismo e ancestralidade, o ano de 2015 trouxe outro manifesto com propostas similares às já vistas nas organizações de Valek e Sybylla. Diferentes das obras precursoras que contou com duas mulheres cisgênero brancas, o “Manifesto Irradiativo” tem como criadores o escritor negro Jim Anotsu (já publicado na Trasgo) e o escritor não-binário transmasculino Vic Vieira. Também disponibilizado gratuitamente e digital num site próprio<sup>23</sup>, o manifesto além de falar sobre feminismo e o antirracismo, também se debruça sobre diversas minorias sociais como grupos LGBT, de pessoas neurodivergentes, indígenas, etc:

PORQUE pessoas trans, incluindo todo o guarda-chuva de identidades genderqueer e não-binárias, merecem espaço na literatura especulativa nacional como personagens, escritores, ilustradores, editores, e demais profissionais do mercado editorial;  
PORQUE pessoas homossexuais, homorromânticas, bissexuais, birromânticas, panssexuais, panromânticas, demissexuais, demirromânticas, assexuais, arromânticas, e queer merecem espaço na literatura especulativa nacional como personagens, escritores, ilustradores, editores, e demais profissionais do mercado editorial;  
PORQUE pessoas com diversidade funcional e pessoas neurodivergentes merecem espaço na literatura especulativa nacional como personagens, escritores, ilustradores, editores, e demais profissionais do mercado editorial;  
PORQUE todos os corpos devem ser representados com igualdade e respeito em sua diversidade, sem gordofobia;  
PORQUE pessoas das comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas, rurais, em favelas e demais camadas socioeconômicas marginais merecem espaço na literatura especulativa nacional como personagens, escritores, ilustradores, editores, e demais profissionais do mercado editorial [...] (ANOTSU; VIEIRA, 2015, p. 1-2).

Entre 2013 e 2015, não somente devido às Jornadas de Junho, como também por uma

---

23 <https://manifestoirradiativo.wordpress.com/>

polarização política instigada pelas eleições presidenciais, aumenta ainda mais o conservadorismo de direita ao mesmo passo que minorias sociais (e pessoas que se identificavam com o espectro político da esquerda) se preocupavam cada vez mais em externalizar suas identidades e preocupações sobre o futuro da nação. A primeira mulher a se tornar presidente do Brasil, Dilma Rousseff, sofreu uma série de ataques machistas de outros políticos e da própria mídia, o que chamou a atenção de muitas ativistas feministas. O Brasil, que apesar de ter um histórico patriarcal e racista (GINWAY, 2005), encontrava-se ainda mais hostil. Tal qual os quatro autores já mencionados, o *fandom* da FCB se manifestava diante desta transição de um país em desenvolvimento socioeconômico e cultural, para uma nação em crise e intolerante. Contudo, em 2016, com a interrupção compulsória do mandato presidencial de Rousseff, a FCB tomaria novos rumos.

O golpe de Estado de 2016 gerou um mal estar coletivo, reverberando numa série de obras de FCB que variam entre utopias e distopias políticas (numa tentativa de reimaginar cenários sociopolíticos diferentes dos que ocorriam no Brasil). Mesmo não tendo o mesmo número que o Ciclo de Utopias e Distopias de 1972 a 1982, a FCB desta época trouxe à tona o horror de uma ameaça contra a democracia. Uma das obras que conseguiu capturar essa apreensão foi o romance *Ninguém Nasce Herói* (2017), de Eric Novello. A narrativa se passa num Brasil ditatorial fundamentalista, que é comandado por um presidente intitulado de "O Escolhido", que possui o apoio de milícias. Os personagens principais são um grupo de amigos na faixa dos 20 anos, sendo a maioria racializada e pertencente à comunidade LGBT. Esse grupo de amigos precisa lidar com um Estado violento que oprime todos que façam parte de alguma minoria social.

Diferente das distopias da Primeira Onda, a sexualidade em *Ninguém Nasce Herói* (2017) vai além de relações heterossexuais. Com mais liberdade para retratar diferentes orientações sexuais, Novello traz uma miscelânea de relacionamentos sejam eles poliamorosos, sáfficos, homossexuais, etc. Essa miscelânea corresponde ao período de orgulho e libertação sexual que eclodiu nos anos 2010. Do mesmo modo, a representação feminina do romance também difere do que era visto nas distopias das eras passadas. Como explica Ginway (2005, p. 97), “a maioria das distopias brasileiras retrata as mulheres como variações da dualidade madona/meretriz”. As personagens femininas aqui tem próprios arcos e propósitos narrativos que vão além dos masculinos, fugindo dos estereótipos apontados por Ginway. Com uma base de leitores e escritores abertamente feministas, a figura das mulheres na FCB do final da década de 2010 seria mais ativa e diversa.

A diversidade também está presente em novos subgêneros. O primeiro, o afrofuturismo, já estabelecido nos EUA graças a autoras como Octavia Butler e N.K. Jemisin, tem como principais escritores brasileiros Lu Ain-Zala, Fábio Kabral, Waldson Souza, além da dupla Afrofuturas (pseudônimo das irmãs Pétala Souza e Isa Souza). Em sua dissertação de mestrado sobre o subgênero

em questão, Waldson Souza (2019, p. 10-11) define que o “afrofuturismo é um conceito utilizado para nomear e pensar a produção artística que surge da união entre ficção especulativa e protagonismo negro no que diz respeito à autoria da obra e às personagens nelas representadas”. Essas narrativas envolvem ancestralidade, crenças e culturas africanas, além de uma reinterpretação de mitos e da diáspora negra. No Brasil, alguns autores do afrofuturismo unem esses valores à cultura afrobrasileira.

Um destes autores, Fábio Kabral, traz em seu romance *O Caçador Cibernético da Rua 13* (2017) todos os conceitos primordiais deste subgênero e acrescenta uma essência nacional. Numa narrativa afrocêntrica, Kabral apresenta uma cidade futurista, introduzindo tecnologias avançadas ao mesmo tempo que traz uma preservação da ancestralidade. São feitas menções a mitologia iorubá, assim como uma reimaginação da diáspora negra. No mesmo período, a pesquisadora e autora Lu Ain-Zaila lança a *Duologia Brasil 2408*, com os livros *(In)Verdades* (2016) e *(R)Evolução* (2017). Ambas ficções distópicas mesclam com temáticas que envolvem a vigilância e opressão desmedida do Estado, além de críticas à degradação ambiental. Fábio Kabral e Lu Ain-Zaila tratam o afrocentrismo em diferentes perspectivas, mas com personagens femininos e masculinos negros que divergem de padrões pré-estabelecidos. Com o lançamento e sucesso do filme *Pantera Negra* (2018), dirigido por Ryan Coogler, o afrofuturismo se popularizou na cultura *mainstream* fazendo o gênero se tornar mais frequente no Brasil. Um exemplo é a antologia *Afrofuturismo - O Futuro é Nosso* (2020), organizada pela Editora Kitembo.

A Terceira Onda também introduziu dois subgêneros exclusivamente brasileiros: o amazofuturismo e o sertãopunk. Saindo do eixo literário do sul e sudeste, estes dois subgêneros trazem aspectos de diferentes regiões do Nordeste e do Amazonas agregando-os a elementos típicos da FC, sem as visões estereotipadas que escritores fora desses territórios poderiam trazer. O amazofuturismo começa inicialmente nas artes do ilustrador João Queiroz<sup>24</sup>, mas que migra lentamente para a literatura através de obras como “O Pajemancer”, conto escrito por Mário Bentes para a coletânea *2084: Mundos Cyberpunks* (2019), organizada por Lidia Zuin. Este subgênero mistura a alta tecnologia do universo *cyberpunk* mesclado a elementos da cultura amazônica. A comunidade e ancestralidade indígenas são elementos cruciais no amazofuturismo, considerando que, de modo similar ao afrofuturismo, o subgênero foi concebido pensando em retratar um futurismo numa sociedade indígena. É notável que este subgênero também retoma uma antiga vindicação do manifesto de Anotsu e Vieira (2015) da necessidade em incluir narrativas com personagens e autores indígenas.

Num artigo para a Tricerata, revista digital de F&FC e horror, a pesquisadora e ativista Inaê Diana Ashokasundari Shravya aponta novas implicações com o surgimento do amazofuturismo: desde

---

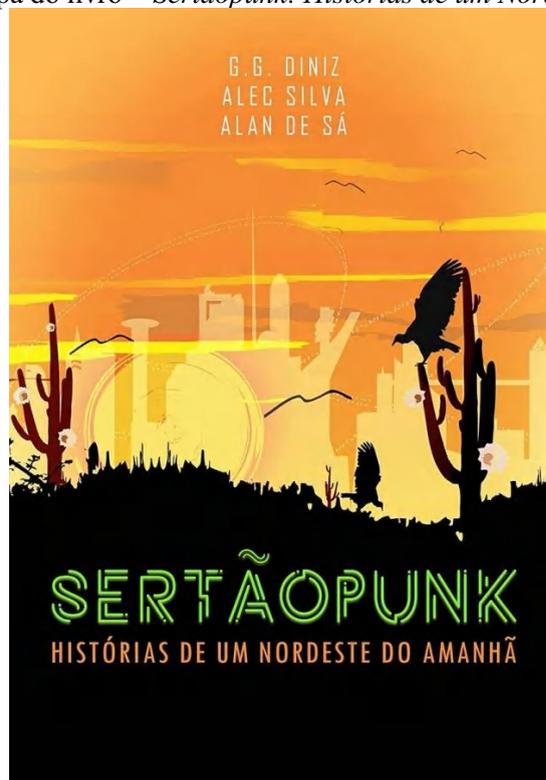
24 <https://www.instagram.com/q1r0z/?hl=pt-br>

reestruturação no conceito de hierarquias e divisões sexuais, até narrativas em que o foco científico estaria na biotecnologia utilizada para a preservação do ambiente, “[c]iência e vida dançam juntas nas sociedades amazofuturistas” (SHRAVYA, 2020, p. 12).

De modo similar, o sertãopunk se propõe a trazer mudanças para o gênero, fazendo combinação de elementos da FCB e regionalismo nordestino. O subgênero foi criado por Alan de Sá, G.G. Diniz e Alec Silva. Em seu livro digital, *Sertãopunk: Histórias de um Nordeste do amanhã* (2019), os autores não apenas escrevem contos do sertãopunk, como descrevem suas motivações para a criação do subgênero, além de explicar o conceito. Ele vai além de introduzir a cultura nordestina para um cenário futurista. Ala de Sá enumera alguns critérios que é necessário que o sertãopunk atenda:

- Um Nordeste onde avanços tecnológicos, sobretudo ecológicos proporcionaram alta qualidade de vida para os nordestinos;
- Presença de desordem social por parte de uma elite coronelista emergente e financiada por poderosos grupos (de outras regiões ou não);
- Reformulação do processo migratório brasileiro;
- Nordeste como polo independente de desenvolvimento intelectual, artístico, tecnológico e cultural;
- Uso da oralidade, de elementos culturais e das diversas lendas e religiões da região na narrativa (SÁ, 2019, p. 7).

**Figura 5:** Capa do livro *Sertãopunk: Histórias de um Nordeste do amanhã*



Fonte: Site *Amazon Brasil*.

Observa-se que os autores também atribuem como referências elementos realismo mágico,

solarpunk, subgênero da FC em que se imagina um cenário futurista (geralmente utópico) onde é criada uma sociedade sustentável; e o afrofuturismo, já que a maior parte dos territórios remanescentes de quilombos no Brasil se encontram no Nordeste. Logo, é na nesta região que também se encontra uma enorme riqueza cultural afrobrasileira. Em geral, o sertãopunk cresce da necessidade de retratar o Nordeste com toda sua pluralidade de regiões e sem as concepções xenofóbicas que eram reproduzidas sobretudo por autores do sul e sudeste. Assim como outras obras e subgêneros já mencionados, o sertãopunk é também um manifesto. Da mesma forma que outros escritores e ativistas fizeram, houve grande preocupação em disponibilizar o *ebook Sertãopunk: Histórias de um Nordeste do amanhã* (2019) sem nenhum custo. Em seu blog, *Usina de Universos*, a escritora G.G. Diniz explica: “[...] para qualquer pessoa poder acessar, de qualquer lugar. O motivo para isso é óbvio. Estávamos querendo criar um movimento do zero, não fazia sentido colocar a proposta atrás de um ‘paywall’” (DINIZ, 2021)<sup>25</sup>.

É possível apontar algumas características da maioria das obras da Terceira Onda FCB. Como é indicado por Simone Vollbrecht (2019, p. 30), nesta era “[...] a experimentação é constante e a mescla com outros gêneros literários é esperada, se não abertamente incentivada”. Os autores da FC nacional experimentam novos subgêneros e subvertem aqueles já vistos nas Ondas anteriores, devido às crescentes temáticas condizentes com o período histórico de publicação. Não somente isso, a escrita da FCB chegou no seu apogeu político, levando em conta que é nesta Onda que uma maior quantidade de minorias sociais e que o Brasil passava por mudanças governamentais cruciais.

Entre 2018 e 2020 as polarizações políticas separaram ainda mais o país. Entre a campanha eleitoral e o início do mandato do presidente da república Jair Bolsonaro, a comunidade de FCB se tornava mais ativa. A figura de Bolsonaro significava para muitos autores como um retrocesso ao autoritarismo e uma perda dos direitos conquistados na redemocratização do país. Segundo Bianchi, “[é] inevitável a gente falar de política quando se fala de ficção científica. Não existe ficção científica ou fantasia sem política” (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B). Não à toa que muitos autores de FCB escreveram mais do que obras ficções; o surgimento dos inúmeros manifestos, como a FC feminista de Valek e Sybylla, as reivindicações por mais diversidade de Anotsu e Vieira, o afrofuturismo brasileiro, o amazofuturismo e o sertãopunk são levantes de uma comunidade contra os machismo, LGBTfobia, racismo e xenofobia afluentes com ascensão da direita brasileira.

---

25 <https://usinauniversos.com/2021/04/a-historia-do-sertaopunk/>

### 3. A INFLUÊNCIA DAS ERAS FEMINISTAS NA FCB

#### 3.1 Explorando as Eras Feministas

O feminismo, numa definição primária, é um movimento social e político que tem como principal reivindicação a emancipação e a igualdade de todas as mulheres. No entanto, Magda Guadalupe dos Santos, assim como outras teóricas da temática, aponta que tal movimento deve ser tratado como algo plural, "tem em vista a desconstrução dos papéis sociais e binários entre sexos e gêneros que alimentam o patriarcado" (2016, p. 32). Além disso, também há outras vertentes que também exigem seus próprios espaços de debates, como o feminismo marxista, interseccional, decolonial, ecofeminismo, entre outros. Tais categorias foram criadas ao passar das décadas, de acordo com as vindicações de grupos sociais que não eram contemplados com os feminismos das gerações anteriores.

Essas gerações são usualmente denominadas por “ondas”, mas nossa pesquisa optou pela designação de “eras”. O motivo de terem tais denominações ocorre justamente porque cada era lida com determinados obstáculos, que precisavam ser postos em evidência e questionados; De acordo com Santos (2016, p. 33), "[...] um a um os obstáculos se apresentam, são reconhecidos e vivenciados, seja em moldes dialéticos, seja enquanto controvérsias, e uma nova etapa, uma nova onda se apresenta como algo necessário de ser reconhecido e apreendido”. Do mesmo modo, é perceptível que as mulheres que são agentes responsáveis por essas reivindicações também mudam de acordo com cada era. As Eras do Feminismo são usualmente divididas em quatro gerações, mas vale ressaltar que até mesmo essa delimitação ainda é relativa de acordo com quem as pesquise.

O próprio conceito das Eras é inteiramente Ocidental, concebido por pensadoras advindas de países europeus e dos EUA. Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021, p. 60) afirmam que “muitas vezes, as construções dos saberes de países do sul global, como é o caso do Brasil, são marginalizadas e não consideradas nos apontamentos históricos e nas inflexões sugeridas pelos feminismos hegemônicos”. Isto é, mesmo nas últimas eras, o feminismo em destaque é aquele produzido por mulheres brancas dos eixos geográficos supracitados. No entanto, algumas das demandas feministas europeias e estadunidenses já eram alvos de debates no Brasil.

A Primeira Era do Feminismo ocorreu entre meados do século XIX e início do século XX. A pesquisadora Constância Lima Duarte (2003), coloca a primeira pauta (especificamente brasileira) desta geração sendo a busca pelo direito básico de aprender a ler e a escrever. As mulheres que não tinham familiares com condições de enviá-las para professores particulares, em geral eram instruídas ao casamento ou enviadas a conventos. E assim, eram criadas gerações de moças com pouca formação,

doutrinadas aos serviços domésticos ou para serem disciplinadas pela Igreja. Em 1827, é criada a primeira legislação para a abertura de escolas públicas voltadas exclusivamente para as mulheres.

E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever (DUARTE, 2003, p. 198).

Deste modo, não é inesperado que somente no final deste século que uma mulher escreveria FC. O direito à leitura e escrita mesmo na época da publicação de *A Rainha do Ignoto* (1899) continuou a ser privilégio de poucas mulheres brancas com mais condições financeiras. Durante o século XXI, as brasileiras que tinham aspiração pela profissionalização de suas escritas eram consideradas feministas, pois segundo Zahidé Muzart (2003, p. 267), “[...] só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava [...] um desejo de subversão. [...] Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente” (apud DUARTE, 2003, p. 198). A potiguar Nísia Floresta tornou-se a feminista a ganhar mais destaque nessa Era. Ela se inspirou no trabalho de Mary Wollstonecraft (sendo a primeira tradutora de *Reivindicação dos Direitos das Mulheres* (1792)) e ajudou a disseminar teorias feministas europeias ao traduzi-las para o português brasileiro. Em geral, o foco de Nísia Floresta estava na emancipação feminina. Ela reforça, principalmente, que a desigualdade entre os gêneros é resultante dessa carência de uma educação formal que o patriarcado causou às mulheres.

Outra pauta dessa Era foi o início de reivindicações sufragistas que tiveram suas gêneses na Inglaterra e nos EUA, mas foram popularizadas no mundo todo. A principal reivindicação era em relação à equidade aos direitos políticos, visando às participações em eleições - seja na posição de eleitoras ou de candidatas -, além da exigência autonomia econômica (SILVA, 2019). Apesar dessas pautas terem sido discutidas no Brasil durante décadas, somente nos anos 1930 que as feministas teriam êxito no tópico do voto feminino. Além de Nísia Floresta, outro nome bastante lembrado da Primeira Era do Feminismo foi o da bióloga Bertha Lutz, que lutou pelo direito ao voto e também advogou por um sistema educacional (e científico) mais inclusivo às mulheres.

É importante frisar que o feminismo no Brasil também foi responsável por colocar mulheres negras como deslocadas deste movimento. Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021, p. 63) citam duas ativistas negras que foram significativas para a Primeira Era: Almerinda Farias Gama e Maria Rita Soares de Andrade. Elas são, respectivamente, uma advogada sindicalista fortemente envolvida com a política e a primeira juíza federal do Brasil. Não somente isso, assim como no eixo Europa-EUA, além de uma hierarquia étnica, o feminismo da Primeira Era também incitou (seja propositalmente ou

não) a diferença de classes. Mulheres pobres (brancas ou racializadas), negras e de outras etnias sempre foram marginalizadas por este sistema hierárquico. Explica bell hooks que

[d]esde o começo do movimento, mulheres de classes privilegiadas conseguiram tornar suas preocupações “as” questões que deveriam ser o foco, em parte porque elas eram o grupo de mulheres que recebia atenção pública. Elas atraíam a mídia de massa. As questões mais relevantes para as trabalhadoras ou para o grande grupo de mulheres nunca eram destacadas pela mídia de massa convencional (HOOKS, 2018, p. 51).

O problema da divisão étnica e socioeconômica também iria perpassar a Segunda Era do Feminismo, que ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980. Este período é marcado por mudanças consideráveis tanto no aspecto político quanto cultural, onde foram questionadas as conjunturas das organizações de poder entre homens e mulheres. No exterior, essa Era começaria uma década antes, devido à repercussão do livro de ensaios da filósofa e ativista política Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo* (1949). A obra seria um marco não apenas de sua geração, mas também do movimento feminismo como um todo, ao reconhecer diferentes entre os conceitos de sexo e gênero, “onde sexo passa a ser entendido como uma característica biológica, e gênero, como uma construção social, um conjunto de papéis impostos à pessoa a depender de seu sexo” (SILVA, 2019, p. 12).

A problematização dos papéis de gênero também perpassou as teóricas estadunidenses, sendo *A Mística Feminina* (1963), de Betty Friedan, o mais famoso nos EUA. Este explorou a insatisfação feminina devido à maternidade compulsória e ao estímulo ao estabelecimento de outros papéis de gênero. Uma das questões que são evidenciadas por Friedan é que as mulheres eram doutrinadas ao lar, não podendo exercer uma profissão. Profissões como escritora ainda eram subversivas, apesar do número de mulheres atuantes nas letras ter crescido consideravelmente entre as duas primeiras Eras. Na FC, este período foi crucial para a popularização do subgênero FC feminista, que contou com muitas autoras se baseando em preceitos tanto de Friedan quanto de Beauvoir.

Apesar de Simone de Beauvoir ser considerada a precursora da teoria dos papéis de gênero, é importante salientar que durante a Primeira Era já havia registro de uma mulher negra que tocava na temática sobre as construções sociais atreladas ao conceito de “ser mulher”. É apontado por Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021, p. 64-65) que o discurso “Eu não sou uma mulher?”, dado em 1851 na Convenção de Mulheres em Ohio, pela abolicionista Sojourner Truth, foi um marco para teorias feministas, mas que seguiu invisibilizado pelas próprias feministas e por teóricos durante muitas décadas.

Num cenário nacional, no entanto, apesar das obras de Beauvoir terem sido leituras de muitas feministas, a ocorrência motivadora foi os eventos da Ditadura Militar, sobretudo durante os anos de

chumbo. O feminismo brasileiro deste momento se caracterizou por coletivos de mulheres que não apenas tentavam incorporar o teor subversivo da revolução cultural-sexual da França, como também procuravam criar novas concepções do que era “ser mulher” no período da ditadura.

No Brasil, assim como em outros países da América Latina, além da luta contra a dominação masculina, a violência sexual e pelo direito ao exercício do prazer, essa onda sofreu uma grande influência da ditadura, seja em processos de silenciamento ou em movimentos feministas onde muitas mulheres se organizavam em oposição ao militarismo e às repressões políticas e de expressão (RIBEIRO; NOGUEIRA; MAGALHÃES, 2021, p. 65).

Segundo Maria Teles, duas escritoras se destacaram ao popular brasileiro: Betty Friedan, “que ao visitar o Brasil para lançar seu livro *A Mística Feminina*, no final da década de 60, provocou intensas polêmicas nos meios de comunicação” (1999, p. 62), e Carmen da Silva, que publicava artigos na revista *Cláudia* questionando muitas das concepções envolvendo gênero e hierarquia no Brasil. Além do âmbito literário, as mulheres também estiveram presentes em lutas armadas. Depois da implantação do Ato Institucional n.º 5 (ou apenas AI-5), um grande grupo de mulheres reivindicaram a presença feminina na luta armada, o que resultou na inclusão delas num espaço majoritariamente masculino (TELES, 1999). Mesmo num espaço contra as repressões de militares, ainda havia um forte teor machista. A maioria dos homens eram desacreditados da capacidade das mulheres no ambiente hostil dos guerrilheiros. Com o fim da ditadura, as mulheres se fizeram presentes em mais pautas políticas. reforçava-se o poder de coletivos para inserir mais demandas feministas no âmbito do Estado (RIBEIRO; NOGUEIRA; MAGALHÃES, 2021). Em 1985, é criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, marcando mais uma reivindicação feminina durante a redemocratização brasileira e dando início a uma nova Era feminista.

Entre meados dos anos 1980 a 1990 começava a Terceira Era do Feminismo. O conceito de gênero explorado pela geração anterior aqui é problematizado. Isto é, uma das pautas desta Era estava justamente no questionamento da noção da identidade feminina estar exclusivamente atrelada ao gênero, sem considerar outras condições como etnia, orientação sexual, condição socioeconômica, etc. Assim, esta Terceira Era trouxe como fundamentação este reconhecimento da multitude de identidades femininas, “[...] entendendo que as opressões sociais, mesmo que baseadas no gênero, atingem de maneiras diferentes mulheres que se encontram sob diferentes condições factuais” (SILVA, 2019, p. 16).

Muitas destas pautas já eram exploradas por feministas negras nas Eras passadas (haja vista o caso de Sojourner Truth), mas tomaram força neste período. O feminismo interseccional se formou nesse cenário de problematização de definir a mulher somente através dos papéis de gênero. Segundo

Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021, p. 67), a interseccionalidade discerne que “além da discriminação de gênero, as mulheres também estão sujeitas a fatores que se cruzam, tais como: classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual”. A filósofa estadunidense Angela Davis foi uma das mais notáveis acadêmicas a se tornar referência nesta temática, através do viés de mulheres negras. Enquanto isso, no Brasil as mulheres periféricas e trabalhadoras rurais também discutiam a discrepância de suas lutas femininas em comparação ao feminismo das revistas femininas e dos coletivos criados por mulheres brancas de classe média alta (TELES, 1999). Essa divergência também ficaria evidente na literatura, onde o feminismo retratado nas narrativas remetia apenas ao que era discutido entre as classes privilegiadas.

Outro tópico discutido nesta Era foi a concepção de não binarismo de gênero. A estadunidense Judith Butler, filósofa estruturalista, focou seus estudos nas minorias sexuais (gays, lésbicas, transexuais, bissexuais, etc), além de adotar a teoria de que não somente o gênero fundamenta a identidade do indivíduo, como também a intersecção entre etnia, classe, orientação e condição geopolítica.

Butler (1990) introduziu para o público a teoria de que sexo biológico não necessariamente é indicativo de gênero, assim como explorou o conceito de um sistema não binário, apontando que de fato haviam mais que dois gêneros. No entanto, é preciso frisar que o conceito de não binarismo de gênero já existia muito antes das publicações de Butler. Em diversos países, o conceito de um terceiro gênero, por exemplo, já era culturalmente normalizado. Na América já existiam os *muxes* mexicanos, os *two-spirit* ameríndios e os *mahus* havaianos (mas que tiveram sua gênese na Polinésia); além dos *hijras* indianos, os *bissus* indonésios, os *fa'afafine* samoanos, os *whakawahine* maoris, entre outros dos inúmeros gêneros não-ocidentais (SANTOS JUNIOR, 2018). O mérito de Butler é trazer tais noções de não binarismo para o feminismo branco do Ocidente.

Num contexto brasileiro, discussões sobre teorias *queer* ainda eram um enorme tabu. O entendimento massificado do não binarismo só ocorreria no Brasil durante a Quarta Era, mas os anos 1990 foram importantes para a inserção de mais narrativas com personagens LGBTQIA+ tanto no audiovisual quanto na literatura. Nesse período, começava a discutir a representação feminina na cultura *pop*. Antigos tropos sexistas como “a donzela em perigo”, “*femme fatale*”, foram contestados pela baixa quantidade de personagens femininas em ficções que eram contempladas originalmente para um público masculino.

Uma das autoras que disseminou crítica a esses tropos sexistas foi a cartunista Alison Bechdel. Seu trabalho mais notável foi uma ilustração de uma série de regras criadas pela amiga de Bechdel, Liz Wallace. Estas regras, popularmente denominadas de Teste Bechdel-Wallace, foram concebidas no quadrinho *The Rule*, lançado na série em quadrinhos *Dykes to Watch Out For*, em 1985. O teste

tinha três regras: a primeira é que o filme ou obra fictícia deveria ter pelo menos duas mulheres; a segunda é que elas conversassem entre si; a terceira, que o assunto não fosse sobre homens (BECHDEL, 1986, p. 22-23). Muitas feministas (incluindo entusiastas da FC) utilizaram essas regras para apontar a falta de representatividade feminina dentro da ficção.

Os protestos por uma cultura *pop* mais feminista também foram pautas da Quarta Era do Feminismo, que teria início nos anos iniciais da década de 2010 e perdura até os dias atuais. Esta geração, apesar de ter um considerável aumento de adeptas, só foi reconhecida no mundo acadêmico nos últimos anos de 2010. Uma das primeiras pesquisadoras brasileiras a identificá-la foi a escritora Heloísa Buarque de Hollanda, que realiza um panorama desta nova Era no livro *Explosão feminista: Arte, cultura, política e universidade* (2018). Ao tratar desse período num capítulo o livro supracitado, a acadêmica Maria Bogado explica que “[e]mbora só em 2015 [...] tenha alcançado maior amplitude, capaz de atingir diferentes setores da sociedade, desde o início da década de 2010 ela já vinha mostrando sua força em manifestações públicas” (2018, p. 33). Essas manifestações se diferenciariam das demais por começarem através das redes sociais.

A razão motivadora da Quarta Era ocorreu devido ao crescente número de assédio e violência sexual contra garotas adolescentes e mulheres. Em 2011, replicando o movimento que protestou os casos de estupros nas universidades canadenses e a retaliação da polícia que culpabilizou as vítimas chamando-as de "vadias", o Brasil organizou a sua primeira Marcha das Vadias em cidades de Estados diferentes (BOGADO, 2018). No entanto, apesar de contar com muitas manifestantes nas ruas, foi no ambiente virtual que os protestos e denúncias contra as violências de gênero ganharam a atenção massificada.

A internet foi um local onde muitas mulheres poderiam não apenas relatar suas experiências com violências sexuais, como também denunciá-las. Além disso, por meio dessas novas tecnologias de comunicação, uma massa mais diversificada de mulheres aderiu ao movimento. Deste modo, a Quarta Era “[...] surge mediante o avanço das tecnologias de informação e comunicação, sendo usadas para contestar a misoginia, o sexismo, a LGBTfobia e vários tipos de desigualdades e violências de gênero” (SILVA, 2019, p. 22). A internet deu voz a grupos de mulheres e minorias sociais antes invisibilizadas nas fases passadas, como as periféricas, as racializadas, as pertencentes à comunidade LGBTQIA+, as com deficiências.

Não à toa que este movimento seria decorrente de um período específico de manifestações que eram híbridas: começavam na internet e terminavam nas ruas. A geração do ciberativismo feminista baseou-se fortemente no formato de protestos da Primavera Árabe, do *Occupy Wall Street* e das Jornadas de Junho. É de conhecimento de que a internet poderia unir diferentes pessoas para uma mesma causa. Inclusive, algumas pesquisadoras, como Wittekind (2016), denominam esse novo

período de ascensão dos coletivos anti-machistas no Brasil como a “Primavera Feminista”. Logo, observa-se a relevância dos movimentos políticos precedentes para a formação deste.

Para os brasileiros, sobretudo nas Eras anteriores, o feminismo sempre foi um tabu (WITTEKIND, 2016, p. 26), mas o debate por meio de *hashtags* e entre sites (*Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Tumblr*) que tinham um considerável número de usuários jovens ajudou a tornar o movimento mais próximo da cultura *mainstream*. Ademais às manifestações entre usuários nas redes, também foram criados coletivos feministas que contribuíram para tornar o movimento mais acadêmico e mais comentado pela mídia. Entre os mais notáveis estão *Think Olga*<sup>26</sup>, que era interseccional e organizou campanhas populares como o "Chega de Fiu-Fiu", "Primeiro Assédio" e "Mandas Prints", todas voltadas para o repúdio contra o assédio sexual. Outro coletivo notável foi o Quilombelas<sup>27</sup>, criado após o assassinato da vereadora Marielle Franco, que visava trabalhar com a cultura afro-brasileira no ambiente escolar.

Também surgiram as primeiras revistas e jornais feministas digitais como a Capitolina<sup>28</sup> e AzMina<sup>29</sup>, onde a primeira tratava de assuntos variados como literatura e artes através de uma percepção feminista, e a segunda era voltada discussões sobre a temática supracitada e a promoção de campanhas como “Machismo Não É Brincadeira” e “Carnaval Sem Assédio”. Todas estas campanhas reverberaram em veículos jornalísticos de grande circulação e pesquisas acadêmicas, como a de Milene Wittekind (2016). Esta geração teve o mérito de fazer com que não apenas o movimento fosse normalizado, como também fosse de conhecimento de uma parcela de indivíduos que desconhecia o feminismo. Este fenômeno se deu porque as pautas feministas eram discutidas em várias esferas: nas leis, nas propagandas, no audiovisual, nos noticiários, chegando a ser tema de redação até mesmo em provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

No campo das letras, o projeto Leia Mulheres<sup>30</sup> foi o mais bem sucedido. Importado para o Brasil em 2015, possuía o ideal de fazer com que mais autoras fossem lidas. Cada mês era escolhida uma obra diferente (muitas vezes optando por narrativas feministas) e posteriormente aconteciam encontros com os seguidores do projeto. O Leia Mulheres está presente em todos os estados brasileiros, fazendo um resgate histórico de muitas autoras que foram esquecidas pelo cânone literário nacional e internacional.

O quesito da representatividade na literatura também foi vigorosamente discutido por acadêmicas e leitoras. Na Quarta Era, há a volta do Teste Bechdel-Wallace para analisar o perfil das personagens femininas nas obras, mas também ocorrem novas formas de examinar estas

---

<sup>26</sup> <https://thinkolga.com/>

<sup>27</sup> <https://www.instagram.com/coletivoquilombelas/>

<sup>28</sup> <http://www.revistacapitolina.com.br/>

<sup>29</sup> <https://azmina.com.br/>

<sup>30</sup> <https://leiamulheres.com.br/>

representações. O Teste Mako Mori<sup>31</sup> foi criado por uma usuária da rede social *Tumblr*<sup>32</sup>, servindo de crítica à análise restrita de seu antecessor. Ele também segue três critérios: primeiramente, que haja pelo menos uma personagem feminina na trama; segundo, que esta personagem tenha seu próprio arco narrativo; terceiro, que este arco não seja para dar suporte à uma história masculina. A criação de novas vertentes de análise sobre as representações de mulheres na ficção mostra o impacto desta geração feminista na literatura.

As feministas da Quarta Era trouxeram à tona mais discussões sobre representatividade no âmbito da escrita. Ao observar as demandas interseccionais, perceberam que não era o bastante somente inserir mais personagens femininas. É necessário que também haja espaço para outros grupos sociais que não são contemplados na cultura *mainstream*. Além disso, como é tratado no Teste Mako Mori, é preciso que se analise como são construídos os tropos e os arcos narrativos destas personagens, de modo que antigos estereótipos de gênero não voltem a serem reproduzidos através destas personagens. É necessário ressaltar que a questão da representação de mulheres é muito mais complexa, com questões que os próprios testes não conseguiriam abarcar. De todo modo, os testes Bechdel-Wallace e Mako Mori não foram criados como formas de regulamentar a representação feminina, mas sim de repreender a escrita de mulheres com arcos voltados apenas para os personagens masculinos e criticar a normalização da exclusão de personagens femininas (sejam protagonistas ou secundárias) das narrativas. Na literatura, esse apagamento, como já mencionado, não é recente e também reverbera um antigo problema da desconsideração da escrita das mulheres e feminista no canône.

Há uma pressa visível de parcela da crítica literária em encerrar de forma precoce as discussões em torno das questões relativas a gênero, ao feminismo ou à própria escrita de mulheres, pois é mais cômodo para os que historicamente se beneficiam do silenciamento e da invisibilidade das mulheres assumirem uma perspectiva excludente e dizer que não há uma maneira genuinamente subversiva dos padrões canônicos androcêntricos na literatura, pois inexistem estudos analíticos mais verticalizados que comprovem a materialidade de tal escrita (RODRIGUES, 2016, p. 21).

Na FC, a pesquisadora Rísla Lopes Miranda (2019) também analisa a relação do direito à literatura com a formação de mais narrativas feministas do gênero. Esta questão é uma das problemáticas mais antigas da FC. O Brasil, um país de Terceiro Mundo que ainda é fundamentado em preceitos patriarcais, impossibilitou por séculos a escrita feminina. Quando falamos de mulheres à margem da sociedade, a inviabilidade é ainda maior. É preciso que minorias sociais tenham recursos

---

<sup>31</sup> Personagem feminina do filme de FC, *Círculo de Fogo* (2013), dirigido por Guillermo del Toro.

<sup>32</sup>

<https://web.archive.org/web/20141103115806/http://chaila.tumblr.com/post/58379322134/spider-xan-also-i-was-thinking-more-about-why>

para poderem escrever e ser publicadas por outros veículos. As incessantes reivindicações da Quarta Era do Feminismo por uma FC mais diversa (seja dentro e fora das narrativas), uma cena mais representativa nesses espaços literários. Contudo, é importante frisar que apesar de ser em menor número que as publicações atuais, a FCB teve resquícios de escritas de mulheres que abordam, seja em primeiro ou segundo plano, questões feministas.

### 3.2 Feministas na FCB

Segundo a escritora Finisia Fideli (1998, p. 54), "[t]ão desconsiderado no Brasil, o gênero ficção científica tem contado com a colaboração de mulheres desde os seus primórdios". Contudo, mesmo com a importância feminina fundamental para a concepção da FCB, as mulheres ainda são menos publicadas do que homens. Esta discrepância no mercado editorial é não somente uma questão histórica, como também social. Como apontado por Jana Bianchi (ver Anexo B), historicamente, os homens tiveram mais acesso à literatura e mais oportunidades de escrever, o que resultava num número maior de publicações masculinas. Mesmo assim, a FC ainda contou com considerável número de mulheres publicadas.

Entre 1960 e 1970, a FC internacional falava cada vez mais sobre pautas feministas. O número de mulheres não somente crescia exponencialmente, como também o conteúdo das obras torna-se cada vez mais explicitamente político. Apesar do feminismo ter sido primordial na transformação da FC, as publicações brasileiras e estrangeiras tiveram percursos divergentes. “Destaca-se aqui uma fase em que problemas culturais e políticos se mesclam, devendo as mulheres encorajarem-se para combater as estruturas sexistas de poder” (SANTOS, 2016, p. 34). Durante este período, a Segunda Era do Feminismo (marcada pelo movimento da contracultura e da libertação sexual) teve uma boa recepção na FC estrangeira, através de publicações de autoras como Ursula Le Guin, Joanna Russ e Marge Piercy. A FC nacional, no entanto, demoraria décadas até se adequar com preceitos feministas.

No Brasil, durante as duas primeiras Ondas, houve poucas obras sobre as vivências femininas sendo escritas por mulheres. A quantidade de escritos femininos já era, por si só, limitada. A maioria das autoras de FCB escrevia contos ou poemas em revistas, fanzines e antologias, mas o número de escritos femininos em romances ou novelas era significativamente menor. Uma das poucas autoras que conseguiram publicar romances foi Dinah Silveira Queiroz, figura fundamental na construção do gênero em solo brasileiro. *Eles Herdarão a Terra* (1960) foi justamente a primeira produção brasileira da GRD. A maioria dos contos tem homens como protagonistas, com exceção de “O Carioca”, que foca na relação de uma viúva (não nomeada) com as criações de seu novo namorado (e vizinho), um robocista. Em seu primeiro contato com os robôs do namorado, a protagonista sente pavor, um claro

sinal da tecnofobia que crescia no Brasil durante os anos 1960.

[...] a personagem da viúva nutre esse temor, provavelmente, por intermédio da mídia brasileira e suas retratações das consequências das guerras mundiais, que seria o fato histórico mais marcante na memória da personagem (e da sociedade em que esta vivia), se levarmos em conta que a narrativa do conto supostamente se desenvolve na década de 60. A época influencia o olhar sob determinado objeto (SANTOS; MARTINS, 2020, p. 39).

Esta tecnofobia persiste até a introdução do robô homônimo. Um robô diferente dos demais, que possuía características antropomórficas. A viúva desenvolve um relacionamento singular com o Carioca, uma atração sexual. A mulher e o Carioca criam jogos de teor sadomasoquistas, em que a primeira pune o robô e depois o gratifica posteriormente soprando no pescoço da máquina, algo que ele considera prazeroso. Ao longo da obra, é perceptível a falta de paixão que a viúva sente pelo vizinho em contrapartida com o prazer que tem pelo Carioca. De acordo com Elizabeth Ginway (2005, p. 51), “a viúva assume o papel do “senhor” nesse relacionamento, enquanto o papel masculino faz o papel da escrava seduzida, em uma inversão do cenário tradicional do homem proprietário de escravo, seduzindo uma mulher escrava”. O conto desenvolve uma protagonista submissa (tanto em seu novo relacionamento, quanto com o antigo marido) que em seu caso erótico desenvolve uma persona dominante. Há também uma crítica a hierarquia entre gêneros, através do namorado roboticista que reproduz inúmeros comportamentos machistas com a viúva. Todavia, a exploração da sexualidade feminina nos anos 1960 faz com que o conto em questão se destaque até em pesquisas atuais.

Queiroz foi a maior escritora da Primeira Onda, publicando outra coletânea de contos no final da década, *Comba Malina* (1969). Ela também dividiu espaço com outras autoras em antologias, como Lúcia Benedetti e Zora Seljan. A última participou de *Histórias do Acontecerá* (1961) escrevendo o conto "Maternidade". Ambientado num cenário futurista, a autora utiliza através de uma linguagem poética, a descrição de um trabalho de parto. Apesar de narrar sobre a satisfação de tornar-se mãe, o conto de Seljan emprega a concepção patriarcal de que o exercício da maternidade é a maior alegria que uma mulher pode ter: “[n]aquele exato segundo, Antônia compreendeu que era chegado o início da alegria maior. Pela décima vez iria extroverter em sentimentos conscientes a plenitude do trabalho criador” (SELJAN, 1961, p. 118).

Na FC, a maternidade é um tema recorrente. Em obras da Primeira Onda, como no conto de Seljan, a maternidade é tratada como algo quase sagrado. Posteriormente, outras narrativas retomam o tropo do viés monstruoso visto inicialmente em *Frankenstein* (1818), ou criticam a pressão patriarcal que as mulheres sentem para se tornarem reprodutoras, como no conto de Aline Valek, “Eu, Incubadora”, da antologia *Universo Desconstruído* (2013). Em meados da década de 1960, essa discussão ganhou mais força na FC internacional, graças às reivindicações da Segunda Era do

Feminismo. *A Mística Feminina* (1963), de Betty Friedan, reforça essa insatisfação feminina mediante a obrigação da maternidade e outros papéis de gênero que as mulheres precisavam performar.

Quando a maternidade, uma realização considerada sagrada há muitas eras, é definida como um estilo de vida completo, devem as mulheres negar a si mesmas o mundo e o futuro aberto para elas? Ou a negação desse mundo as obriga a tornar a maternidade um estilo de vida completo? A fronteira entre mística e realidade se dissolve; mulheres reais incorporam a fratura na imagem (FRIEDAN, 2020, p.77).

Temáticas como feminismo e problemáticas intrínsecas à identidade feminina eram mais raras na FCB, sobretudo na Primeira Onda. Como explica Ginway, “[a] história de ficção científica escritas por mulheres brasileiras geralmente estão de acordo com os paradigmas tradicionais do gênero” (2005, p. 213). Com a ascensão dos anos de chumbo, a maior parte das autoras de FC nacional focaram suas críticas ao regime ditatorial em vigor. Com algumas exceções, a Primeira Onda pouco explorou o olhar feminino num dos períodos políticos mais críticos do Brasil e na América Latina. Cenário este que mudaria consideravelmente na Segunda Onda.

A escritora Finisia Fideli (com grande atuação na Segunda Onda, mas tendo escritos até na Terceira Onda) foi uma das escritoras mais vocais a respeito de ter uma FC feminista. No episódio "As mulheres e a produção de ficção científica no Brasil" (2016), do *podcast Ghost Writer*, Finisia Fideli declara: “[e]u acho que eu sou uma das primeiras feministas atuantes, de escrever para revistas e participar de palestras. Eu faço palestras sobre a mulher na ficção científica, sempre com uma abordagem feminista” (FIDELI, 2016). Essa abordagem feminista de Fideli esteve presente desde seus primeiros contos de FC.

Em seu conto de estréia, “Exercícios de Silêncio”, publicado inicialmente em 1983 e sendo republicado pelo fanzine *Megalon* nove anos depois, Fideli tem como protagonista Theo, um astronauta que acaba danificando sua nave, se vendo obrigado a ficar preso num planeta pequeno cujo os habitantes vivem numa civilização que não usufrui de instrumentos tecnológicos. Theo segue o estereótipo dos heróis clássicos da FC: hipermasculino, arrogante e com pouca perspectiva da cultura do Outro. Ao longo da narrativa, o astronauta expressa-se de forma pedante com os habitantes, sobretudo seu guia, Mona. Uma das práticas dos locais, a meditação que dá nome ao conto, é zombada por Theo, que se considera um homem superior das ciências: “[d]ecidiu que aquele era um desafio que precisava vencer a qualquer custo para provar àqueles ignorantes primitivos o que um homem civilizado é capaz de fazer” (FIDELI, 1992, p. 25).

A postura de Theo diante daquela comunidade estrangeira não somente é xenofóbica, como paternalista. Porém, progressivamente, após praticar os “exercícios de silêncio”, o personagem tenta se integrar à comunidade (que tem práticas tradicionalmente vinculadas a grupos femininos). Participando de atividades com as mulheres da região, o astronauta descobre uma argila, utilizada pelo

grupo para a confecção de cerâmica, é rígida o suficiente para ser usada no concerto de sua nave. O problema de Theo tem uma resolução indistinguívelmente feminina. Ao falar do conto durante no episódio do *Ghost Writer*, a autora reforça: “[j]á me disseram, inclusive fora do Brasil, que [Exercícios de Silêncio] é uma história feminista. E eu espero que sim, porque essa tem sido a minha abordagem na vida” (FIDELI, 2016). Não somente isto, mas Fideli também dá um ar feminista para a FC *hard*, uma categoria geralmente atrelada à escrita masculina. Do mesmo modo, Ginway explana que

[e]mbora a ficção científica *hard* não seja associada às mulheres escritoras com frequência, "Exercícios de Silêncio" (1983), de Finisia Fideli, segue a estrutura da *problem story* clássica, enquanto oferece uma visão de mundo distintamente feminina (2005, p. 148, grifo da autora).

Assim como ocorreu com Finisia Fideli, outras autoras da Segunda Onda exploraram a FC para abordar uma visão mais feminista. Mulheres como Adriana Simon, escritora e editora do *Somnium*, foram responsáveis por uma FCB com uma menor predominância masculina. Simon também esteve presente em *Lugar de Mulher é na Cozinha*, originalmente lançado em 2000. Com organização de Martha Argel, a antologia se propunha a subverter o bordão machista “lugar de mulher é na cozinha”, criticado desde os anos 1960 por escritoras ativistas, como a já mencionada Betty Friedan.

Os contos trazem percepções variadas sobre a relação das mulheres com a cozinha. Por séculos, as mulheres foram atribuídas à administração doméstica, principalmente no processo de preparar refeições. No prefácio do livro, Ginway explana que “[a]ssim, a cozinha vira um campo de batalha ou um santuário; [...] Às vezes as protagonistas realizam atos de violência e rebelião que subvertem a imagem tradicional de passividade e domesticação femininas” (2012, p. 7). Algumas autoras se rebelam contra esta imposição não só da cozinha, mas também da compulsoriedade do casamento e da maternidade. Outras reintegram a cozinha como um lugar de tradição e cuidado, sem necessariamente precisar da imposição masculina. O conto de Simon, “Lugar de Ninguém...”, um dos mais controversos da antologia, se encaixa na segunda categoria.

O conto acompanha Bruna, que passa por assédio moral causado por um de seus colegas de trabalho, ao dizê-la que “lugar de mulher é na cozinha”. Mesmo havendo homens ainda a favor do assediador, a protagonista consegue fazer com que alguns policiais se sintam ultrajados pela ofensa que fora proferida pelo colega de trabalho e, conseqüentemente, que ele seja detido. O bordão que é mote da antologia é problematizado pelos personagens masculinos do conto por outra razão. Ambientada fora do planeta Terra, a história se passa em Marte, onde a população humana havia se estabelecido por décadas. Devido a um microorganismo vindo de Júpiter que se multiplica rapidamente quando aquecido, grande parte da colônia humana em Marte foi exterminada, resultando

no banimento da cozinha por causa do seu potencial de perigo. A cozinha torna-se uma menção de mau gosto para aquela nova civilização. No entanto, Bruna sente-se infeliz com essa mudança, que resultara diretamente no consumo em massa de uma gama de alimentos processados. No trecho mais polêmico do conto, a protagonista discorre:

Estava enjoada daquela comida mecanicamente preparada. Martins, aquele homem preconceituoso, estava totalmente errado. Seu lugar não poderia ser na cozinha, mesmo querendo. E pensar que há um tempo atrás muitas mulheres reclamavam de ter que cozinhar. Construir, criar com suas próprias mãos, ver o resultado do seu trabalho (SIMON, 2012, p. 100).

Se nas décadas de 1960 e 1970 a cozinha torna-se um lugar renegado pelas feministas, considerando que "[...] as cozinhas tinham voltado a ser o centro da vida das mulheres" (FRIEDAN, 2020, p. 15), nos anos 2000 surgiam grupos de mulheres que tentavam integrar o pensamento feminista às práticas que historicamente eram designadas como femininas, abordando preceitos caracteristicamente pertencentes à Terceira Era do Feminismo, que "[...] é constituída, de fato, por uma multiplicidade de feminismos que não visam à hegemonia de uma tese sobre a outra" (SANTOS, 2016, p. 35), Simon aponta através de sua protagonista - uma mulher de negócios bem-sucedida - que o problema não está na cozinha, mas sim na exigência que o patriarcado dita em todas as mulheres. De modo similar, num artigo para a revista de ficção especulativa online, *Strange Horizons*, Ginway explica que

[a]o equiparar cozinhar com os prazeres do lar, a história se torna uma elegia para tempos mais simples e prazeres tomados como garantidos. Dada a importância da alimentação na sociedade brasileira, ela serve como pano de fundo para a interação social e o lazer. Quando a cozinha se torna “lugar de ninguém”, a vida é roubada do prazer sensual, da sutileza, e do tempero da vida. Simon parece dizer que, embora as mulheres tenham feito progressos no local de trabalho, elas foram roubadas de um espaço feminino, onde a criatividade e a sensualidade das mulheres poderiam ser expressas de forma privada e independente. **Embora a idealização da culinária pudesse ser vista como regressiva se vista em termos feministas convencionais, ela poderia ser concebida como uma tentativa de recuperar o espaço feminino e as tradições culturais perdidas para a modernização** (GINWAY, 2013, grifo nosso, tradução nossa)<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> *By equating cooking with the pleasures of the home, the story becomes an elegy for simpler times and pleasures taken for granted. Given the importance of food in Brazilian society, it serves as a backdrop for social interaction and leisure. When the kitchen becomes "no one's place", life is robbed of sensual pleasure, subtlety, and the spice of life. Simon seems to be saying that although women have made progress in the workplace, they have been robbed of a female space, one where women's creativity and sensuality could be expressed in a private and independent way. Although the idealization of cooking could be seen as regressive if viewed in conventional feminist terms, it could be conceived as an attempt to reclaim the female space and cultural traditions lost to modernization.*

É importante ressaltar que a questão de atrelar a cozinha (e por intrinsecamente, todos os serviços domésticos) como centro da mulher está voltada para um grupo específico. Como apontado pela pesquisadora bell hooks, "[q]uando a questão foi apresentada como uma crise das mulheres, era de fato uma crise somente para um grupo pequeno de mulheres brancas com alto nível de educação" (2018, p. 65). No contexto brasileiro, argumento de hooks também se ratifica, pois, considerando como uma nação do Terceiro Mundo, o Brasil conta até os dias atuais com mulheres que fazem tripla jornada de trabalho. Através dessa problemática é possível concluir quais tipos de mulheres produziam na Segunda Onda. Com poucas mulheres racializadas e periféricas escrevendo nesta Onda, a visão do que era "ser mulher" na FCB estava focada num grupo restrito de mulheres brancas da classe média. Apesar disso, antologias como *Lugar de Mulher é na Cozinha* (2000) foram essenciais para a construção de um gênero mais diverso na Terceira Onda.

Mesmo com a relevância da antologia *Lugar de Mulher é na Cozinha*(2000), as revistas e fanzines ainda eram os maiores disseminadores das FC escritas por mulheres, já que ainda persistia um sexismo em publicar romances, novelas e coletâneas com apenas uma autora ou com um grupo composto somente de mulheres. Entre 1990 e 2000, os fanzines mais atuantes como Hiperespaço, Megalon e Somnium produziam mais FC feminina do que grandes editoras. Algumas revistas, assim como a Somnium fez em sua 51ª edição, tentavam promover edições somente de mulheres ou com o maior número de mulheres possível. No entanto, a maioria das escritoras de FCB não ganhava sua devida notoriedade, elas permaneceram invisibilizadas tanto pela crítica quanto na academia. Fideli (1998, p. 55) elucida que "[é] triste constatar, que entre tantos talentos (e muitos outros, provavelmente, ocultos), pouco se viu da produção posterior dessas autoras".

A década de 2010 foi decisiva para a escrita feminina na FCB. Isto se deu porque "[o] movimento feminista mudou a ficção científica" (FIDELI, 1998, p. 53). Devido a um aumento considerável de discussões feministas nas redes sociais, que se propunha a debruçar-se sobre algumas reivindicações excluídas pelas outras gerações feministas, a FC se mostrava cada vez mais atenta ao ativismo interseccional da Quarta Era do Feminismo. Uma das obras mais singulares da FCB feminista é a já mencionada *Universo Desconstruído* (2013), que resultou em outras narrativas com discussões sobre gênero, sexualidade, raça e regionalidade.

Uma das idealizadoras, Lady Sybylla, foi uma importante divulgadora da FC internacional e nacional. Traduzindo escritoras esquecidas pelo cânone e sem edições brasileiras, como Mari Wolf e Roquia Sakhawat Hussain (autora do primeiro conto de FC feminista, "O Sonho da Sultana", de 1905). Assim como muitos autores da Terceira Onda, incluindo a co-criadora *Universo Desconstruído* (2013), Aline Valek, Sybylla utiliza blog e outras redes sociais para manter o diálogo com seu público-alvo. Segundo Rüsche e Furlanetto, "[...] nesta geração se oferecem a um tweet de distância: as duas autoras,

Aline Valek e Lady Sybylla, são pessoas que, sem dúvida, encampam diálogos com leitores por meio de redes sociais [...]” (2018, p. 264).

Apesar de ter uma lista de contos e noveletas publicados de forma independentes na Amazon e em revistas como a *Trasgo* e *Black Rocket*, são as novelas *Deixe as estrelas falarem* (2017) e *Por uma vida menos ordinária* (2019) seu maior sucesso depois das antologias de FC feminista. Como a maioria das obras de Sybylla, as duas novelas são do subgênero *space opera* e trazem figuras femininas fora do padrão da FC: mulheres mais velhas, racializadas, em posições altas de poder, que tratam sua sexualidade de forma aberta e naturalizada. Inspirando-se em outras autoras como Becky Chambers, Sybylla traz um olhar mais otimista para suas narrativas, mas ainda fazendo críticas sobre pautas feministas relevantes, como o abuso sexual e a culpabilização que as vítimas (geralmente mulheres) sofrem:

Apesar de todos os avanços no que diz respeito às leis, punições para estupradores e a profunda mudança moral da sociedade do Consórcio Terra, crimes sexuais ainda aconteciam. Aconteciam em colônias afastadas, mas felizmente a palavra da vítima nunca mais era considerada duvidosa, e ela tinha total amparo do governo nas decisões que cabiam à autonomia sobre seu corpo. Nem consigo imaginar como era a vida naqueles séculos de trevas, quando uma mulher era considerada culpada pela violência que sofria (SYBYLLA, 2017, p. 57).

Ambas as obras fazem parte do catálogo da *Dame Blanche*, editora independente de F&FC fundada pelas escritoras Clara Madrigano e Anna Fagundes Martino. A Terceira Onda traria consigo uma abundância de não somente revistas e publicações alternativas, bem como editoras de pequeno e médio portes, publicando somente FC ou F&FC que antes não encontravam espaço em grandes editoras. Além da *Dame Blanche*, surgiram a *Agência Magh*, a *Plutão Livros*, a *Corvus*, entre outras. A maioria dessas edições tem uma considerável equipe feminina, o que reflete nas obras produzidas.

Além das já mencionadas coletâneas sobre afrofuturismo, a Terceira Onda trouxe também novas narrativas com personagens LGBTQIA+ escritos por pessoas da própria comunidade. *Violetas, unicórnios e rinocerontes* (2020), coletânea de contos organizada por Claudia Dugim, conta com autoras que já tinham histórico de escrita em revistas literárias - sobretudo na *Trasgo* -, como Alexandra Cardoso (autora de um dos contos que será posteriormente analisado), Cristina Lasaitis e G.G. Diniz. Esta última ganharia grande repercussão sobretudo nos últimos anos da década de 2010. Além de ser uma das criadoras do sertãopunk, movimento que ganha interesse da crítica e de acadêmicos estrangeiros, Diniz também atua como editora na *Corvus*. Tal qual outras autoras, também participou da *Trasgo*, numa edição formada apenas por mulheres. Um dos trabalhos mais notáveis de Diniz está na *Plutão*, com a novela “O Colonizador” (2020).

A novela acompanha a pesquisadora Jandira, que trabalha num laboratório fora da Terra, numa base de pesquisa com poucos recursos. A jovem tem como orientador o dr. Costa, famoso na internet por seus vídeos amadores sobre ciência. A narrativa reforça que, apesar da protagonista ser apenas assistente do dr. Costa, ela possui um conhecimento técnico elevado. A personagem se sente incomodada com as constantes investidas de seu orientador, o que vem a piorar quando o assédio passa a ser físico. Apesar de se passar no futuro, os problemas de Jandira correspondem a situações atuais que outras mulheres passam: além temor de sofrer um abuso sexual no ambiente de trabalho, há o perigo de ser desacreditada por autoridades:

Uma conversa com alguém do RH não resolveria nada, porque eu teria que ficar na base até o fim do período de seis meses de qualquer modo, e o máximo que me aconteceria seria me retirarem da pesquisa. [...] Afinal, o "especialista" era o dr. Costa. [...] E eu não tinha *provas*. Estava sempre sozinha com ele, seria uma palavra contra a outra (DINIZ, 2020, p. 20).

A publicação de Diniz (assim como a de Sybylla) correspondem a uma era de denúncias contra violência sexual dentro e fora do trabalho. A Quarta Era do Feminismo teve grande repercussão quando mulheres compartilharam suas experiências de assédio. “Campanhas online com intuito de encorajar mulheres a denunciarem violência de gênero ganharam força e repercussão” (SILVA, 2019, p. 24). Redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e *Tumblr* popularizaram estas campanhas contra o assédio e auxiliaram mulheres a denunciarem figuras masculinas por meio de *hashtags* como #MeuProfessorAbusador e #MeTooBrasil.

As escritoras utilizam cada vez mais a FC para remodelar os papéis femininos na literatura. De acordo com Ginway (2005, p. 213), “o apelo do gênero junto a mulheres e feministas, é claro, baseia-se na oportunidade que ele oferece de se imaginar heroínas e construções alternativas de gêneros e papéis sexuais”. No entanto, não somente isto, é perceptível que durante as décadas a FCB foi utilizada por mulheres como ferramenta para colocar em evidência ou criticar problemas recorrentes em cada período de publicação. Sobretudo na Terceira Onda, a escrita do gênero supracitado tem papel crucial para fazer com que o leitor reflita sobre violências de gênero que ainda são recorrentes no século XXI.

Ademais, apesar dessa interpretação positiva nas publicações brasileiras, a cena das revistas de FC nem sempre foi tão inclusiva e com uma representação feminina adequada. Muitas destas foram responsáveis por promover a sexualização e a glamourização da violência contra a mulher. O apelo do gênero ainda atraiu muitas leitoras e escritoras, mas o percurso de representatividade das mulheres na FC nas revistas literárias também foi custoso.

### 3.3 As revistas de FC

#### 3.3.1 As revistas *pulp* de FC e o problema de representatividade feminina

As revistas foram fundamentais para a disseminação da FC no âmbito literário. Mesmo em países como EUA, os livros ainda eram itens muito caros para a maioria das pessoas. O mercado literário só mudaria significativamente com a chegada das revistas *pulp*, que eram impressas em papel de baixo custo, manufaturadas através da polpa de celulose. Existiam revistas *pulps* de vários gêneros: FC, fantasia, aventura, *thriller*, etc. Em geral, elas tinham personagens com posicionamentos maniqueístas, além do grande enfoque em aventuras em cenários estrangeiros (quando não eram até mesmo extraterrestres). Em comparação às demais *pulps*, “as de FC eram mais vistosas; em parte porque seu conteúdo era mais excitante, mais cheio de estrelas, mais propenso a erguer, com metáforas, os olhos de seus leitores para o que brilha acima de nós” (ROBERTS, 2018, p. 353).

No século XX, o editor Hugo Gernsback revolucionou a FC. Em 1926, seria criada por ele a primeira revista especializada no gênero, que continua em circulação até os dias atuais, a *Amazing Stories*. Não obstante, o maior feito de Gernsback está na criação do próprio termo “ficção científica”. No começo do século XX, as obras do gênero eram chamados de “romances científicos”, até Gernsback cunhar o termo “Scientifiction”<sup>34</sup> no edital da primeira edição da *Amazing Stories*, dando uma breve explicação sobre o que ele considera que seja FC:

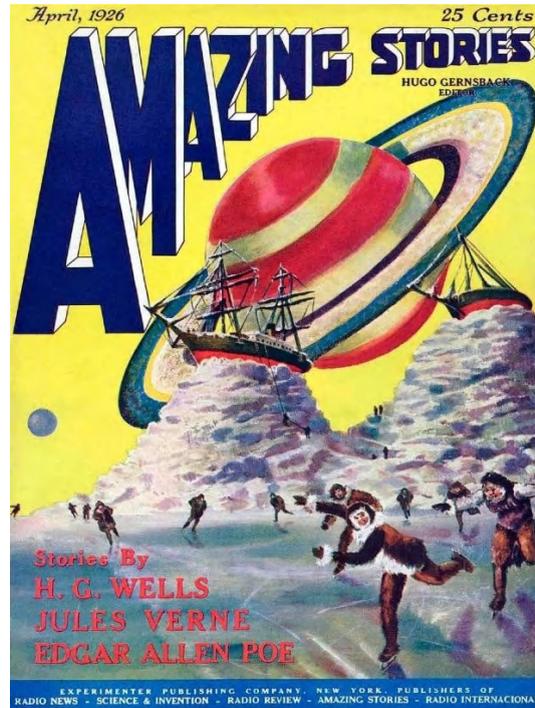
Existe a revista de ficção usual, a história de amor e o tipo de revista com apelo sexual, o tipo de aventura e assim por diante, mas uma revista de "Scientifiction" é uma pioneira nesse campo na América. Por “scientifiction” quero dizer [...] um romance fascinante intercalado com fatos científicos e visão profética (GERNSBACK, 1926, p. 3, tradução nossa)<sup>35</sup>.

**Figura 6:** Capa da 1ª edição da revista *Amazing Stories*

---

<sup>34</sup> Em inglês, ficção científica é traduzida como *science fiction*.

<sup>35</sup> *There is the usual fiction magazine, the love story and the sex-appeal type of magazine, the adventure type, and so on, but a magazine of "Scientifiction" is a pioneer in its field in America. By "scientifiction" I mean [...] a charming romance intermingled with scientific fact and prophetic vision.*



Fonte: <<https://www.pulpmags.org/content/info/amazing-stories.html>> Acesso em 20 abr. 2021.

A revista foi um sucesso imediato, alcançando públicos que antes eram afastados da leitura pelo valor dos livros e que tinham grande interesse por narrativas aventurescas. A *Amazing Stories* passou por outros editores após quatro anos (devido à falência de seu criador), mas seu legado permaneceu através da composição de novas revistas de FC por Gernsback e outros editores. Uma das características marcantes das revistas *pulp* de FC eram as capas com cores vibrantes e títulos igualmente chamativos. As capas comumente davam ênfase em personagens em aventuras espaciais e às narrativas corriqueiras de heróis hipermasculinizados (geralmente astronautas ou cientistas) que ora enfrentavam perigos através da tecnologia, ora lidavam com monstros alienígenas ou terrestres geneticamente modificados. Esta arte de FC *pulp* "[...] consistia na criação de um modo bastante original de representação visual [...] logo reconhecível, que ainda hoje corresponde à FC" (ROBERTS, 2018, p. 373). Ademais, a maioria das *pulps* tinham escritas simplistas e com uma atmosfera de ingenuidade. Sobre esta questão, Brian Attebery discorre que

[e]scritores menos talentosos ou menos ousados escreveram variações infinitas sobre a história de um jovem cientista que salva o mundo e ganha a aprovação de seu mentor com uma nova invenção ousada. O casamento com a filha do cientista mais velho costumava reforçar a natureza de conto de fadas dessas histórias. Usando essa estrutura básica de enredo, o escritor poderia introduzir variações em relação à natureza da ameaça (alienígenas, cientistas rivais, desastres naturais) e a invenção (uma máquina do tempo, um dispositivo para acelerar a evolução, um raio de morte). O tom pode ser sombrio, arrebatador ou cômico. O final, porém, era quase sempre feliz, uma vindicação do personagem do jovem herói e das crenças do leitor

(ATTEBERY, 2003, p. 36, tradução nossa)<sup>36</sup>

A citação de Attebery também abre espaço para uma nova problemática: a inadequada representação das personagens femininas. Enquanto os protagonistas eram sempre homens másculos, estóicos e racionais, as mulheres (quando se faziam presentes nas narrativas) eram meros interesses românticos, tratadas como seres históricos que eram frágeis tanto no quesito físico quanto emocional, além de não possuírem nenhum conhecimento científico. O machismo era evidente até mesmo nas capas, que colocavam as personagens femininas com pouca ou nenhuma roupa, em adição as poses com conotações sexuais. Finisia Fideli apontou, em tom espirituoso, as formas como estas personagens eram representadas por escritores masculinos de FC:

as personagens eram representadas dentro de uma gama meio restrita de estereótipos: a "virgem tímida" (filha ou sobrinha do cientista ou capitão da nave, onde o herói vai resgatá-la), a "rainha das Amazonas" (sexualmente desejável e aterrorizante ao mesmo tempo, costumava ser "domada" pelo herói supermásculo ou, então, era identificada como a vilã da história e morria volatilizada pela pistola de raios do garanhão), a "cientista solteirona frustrada", [...] a "boa esposa" (virgem tímida no futuro, que fica quieta nos bastidores, amando seu homem e não arrumando encrenca), a "irmãzinha traquina" (que tem um semblante de autonomia, até que sua sexualidade desabroche e a transforme em virgem tímida e, se tiver sorte, em boa esposa), [...] a "suspirante" (tem empatia com todos, resolve todos os problemas e sofre como uma boa mamãe) (1998, p. 53).

Apesar de muitas leitoras das *pulps* escreverem cartas aos editores denunciando as caracterizações sexistas, assim apontou Justine Larbalestier no livro *The battle of the sexes in science fiction* (2002), o teor machista das *pulps* americanas foi intenso por muitas décadas. Elas também influenciaram a FC europeia. Dito isso, de acordo com a pesquisadora Rísla Miranda (2019, p. 83) “[...] questionar o tipo de representação que é feita na literatura é questionar esquemas de opressão que são constantemente sentidos pelas mulheres, buscando uma igualdade na qual é possível oportunizar o fazer literário e a leitura [...]”.

O Brasil, no entanto, manteve o mesmo sexismo das *pulps*, mas não passou pela tradição desse tipo de literatura. Um dos motivos está no fato dos brasileiros terem enorme suspeita do uso da tecnologia e da ciência (dois componentes cruciais nas *pulp* anglo-americanas). Segundo Ginway, “por causa da aguda divisão de classes na sociedade brasileira e da concentração de poder e de

---

<sup>36</sup> *Less talented or less daring writers wrote endless variations on the tale of the young scientist who saves the world and wins his mentor's approval with a daring new invention. Marriage to the elder scientist's daughter often reinforced the fairy-tale nature of these stories. Using this basic plot structure, the writer could introduce variations regarding the nature of the threat (aliens, rival scientists, natural disasters) and the invention (a time machine, a device to accelerate evolution, a death ray). The tone could be sombre, rapturous or comic. The ending, though, was nearly always happy, a vindication of the young hero's character and the reader's beliefs.*

dinheiro entre a elite tradicional, a tecnologia é vista como um elemento divisor, ao invés de unificador” (2005, p. 39). Algumas revistas de FCB trouxeram essa tecnofobia durante o período da Guerra Fria. Do mesmo modo, o problema de uma má representação feminina (ou até mesmo, a absoluta falta de mulheres) também perpassou as revistas brasileiras.

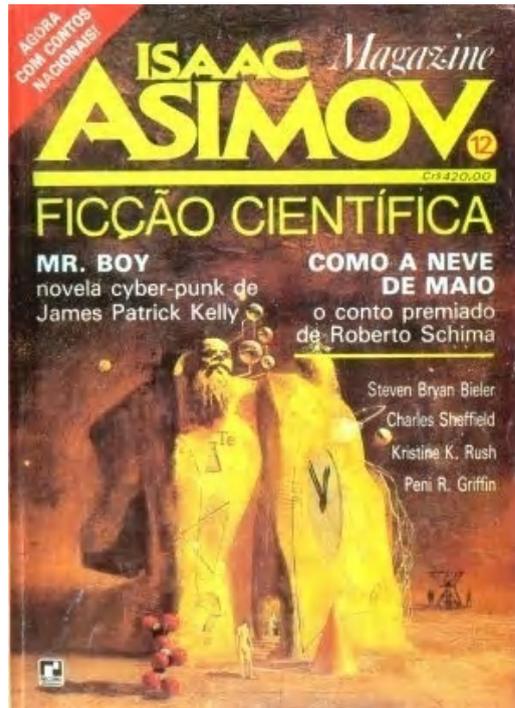
### 3.3.2 As revistas brasileiras

No Brasil, há registros de revistas especializadas no gênero desde os anos 1950. A primeira revista foi a *Fantastic*, organizada pela editora *Edigraf*, que teve doze edições entre 1955 a 1961. Contudo, como é analisado por Pereira (2005), a revista em questão permaneceu sem publicações brasileiras de FC. Fideli reafirma a importância dos periódicos para a construção da FCB, ao dizer que “[t]ítulos como *Fantastic*, *Galáxia 2000*, *Magazine de Ficção Científica* e *Isaac Asimov Magazine* tiveram vida efêmera e deixaram saudades” (1998, p. 54). Por outro lado, a autora não se debruça por um problema grave dessas publicações: a considerável falta de participação feminina.

A maioria destas revistas passavam pelos mesmos problemas: ao fazer uma curadoria dos contos, grande parte dos escolhidos eram de autores estrangeiros brancos que já tinham uma carreira consolidada no exterior (entre os recorrentes estavam Isaac Asimov, Arthur C. Clarke e Ray Bradbury), sobrando espaço apenas para um autor nacional por edição, que na maior parte das vezes também eram homens brancos. Ao que se refere à escrita de mulheres, as brasileiras “dividiram” espaço com as esporádicas autoras estrangeiras que eram publicadas. Conforme aponta Miranda, “[a]lém dessa imposição de grupo social dominante para os demais grupos sociais, há, também, a dominação a partir de questões de gênero e de raça, ou seja, condições de exclusão de gênero e de raça associadas à questão de classe” (2019, p. 32). Todavia, observa-se que até meados da Segunda Onda ainda tentava lidar com questões sobre a hegemonia anglo-americana nas publicações.

Uma das revistas mais influentes no Brasil foi a *Isaac Asimov Magazine*, que assim como a *Fantastic* era uma versão brasileira de revistas americanas. A revista durou entre 1990 e 1992, publicando um total de vinte e cinco edições, algo que era comum no mercado de revistas de FCB. Estas eram “[...] caracterizadas pela baixa tiragem e reduzido número de edições, tornando-se pouco conhecidas do grande público e limitando-se apenas ao diminuto número de entusiastas do gênero [...]” (PEREIRA, 2019, p. 35). No entanto, a revista recebeu boas críticas e apesar de só ter publicado autores nacionais a partir da décima segunda edição, foi bem quista entre os fãs do gênero.

**Figura 7:** Capa da 12ª edição da *Isaac Asimov Magazine*



Fonte: <http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/2015/02/galeria-isaac-asimov-magazine-brasil.html>. Acesso em 20 abr. 2021.

Vale salientar, que assim como outras revistas de FC, a *Isaac Asimov Magazine* também tinha problemas de representatividade. Ela, assim como as demais revistas já mencionadas, colocou mulheres em posições minoritárias. Esta questão também é apontada por Rüsche e Furlanetto, elucidando que “[...] mulheres ocupariam um lugar absolutamente minoritário entre incluídos – pessoas negras são mais raras ainda entre as seleções realizadas” (2018, p. 267). De meados da Segunda Onda até seu fim, outras revistas mostrariam mais preocupação não apenas em trazer mais mulheres, mas retratar personagens femininas de formas menos estereotipadas (mesmo que fossem escritas por homens). Além da *Somnium*, outras revistas de FCB deste período tentavam criar espaços mais acessíveis para mulheres e para narrativas femininas.

A *Quark*, lançada em 2001 e editada por Marcelo Baldini, que inicialmente trazia um conto nacional por edição, decidiu mudar seu formato na oitava edição e publicar somente autores brasileiros (GINWAY, 2005). Porém, mesmo publicando autores renomados da FCB, a revista só perdurou um ano. Por ser uma das últimas revistas dos anos 2000 a publicar em formato físico e não ter nenhum armazenamento em formato digital, a *Quark* experiencia um esquecimento do cânone. Por outro lado, a revista de F&C e horror, *Scarium MegaZine* arriscou inicialmente num formato híbrido, apesar do maior foco ter sido das revistas físicas. Tendo na equipe principal o editor Marco A. M. Bourguignon e a jornalista Lara Chateaubriand, a *Scarium* diferenciou de suas antecessoras ao inserir logo na primeira edição uma quantidade majoritária de escritoras. Contudo, a quantidade de mulheres foi mais baixa nas demais edições, assim como para outras minorias sociais.

A Terceira Onda da FCB mudaria completamente o cenário das revistas de F&FC e horror.

Algumas das revistas digitais que surgiram nesta época foram: *Trasgo* (2013), *Aversa* (2017), *Mafagafo* (2018), *A Taverna* (2019), *Literomancia* (2019), *Eita!* (2020), *Escambanática* (2021), *Suprassuma* (2021), *Ignoto* (2021). Nestes periódicos não somente seria refletida mais da participação feminina, como também de outros grupos que quase nunca apareciam na literatura fantástica, de acordo com as reivindicações de movimentos como o *Universo Desconstruído* (2013) e *Manifesto Irradiativo* (2015). Diferente da maioria das que foram criadas na Primeira e Segunda Onda, estas revistas digitais tiveram um novo recurso para sua preservação no mercado literário. O financiamento coletivo foi decisivo para não somente as revistas, mas muitos livros da Terceira Onda. No entanto, para abordar esta questão é necessário debruçarmos sobre as duas revistas que são objetos de nossa análise: a *Trasgo* e a *Mafagafo*.

### 3.3.3 Revista *Trasgo*

A *Trasgo* foi a primeira revista digital da Terceira Onda da FCB a conquistar maior notoriedade da crítica e do *fandom*. Em 2013, a primeira edição é lançada, tendo uma publicação trimestral de contos de ficção científica e fantasia, encerrando suas atividades em 2021. Com edição do escritor e editor-chefe Rodrigo van Kampen, a *Trasgo* se diferenciava das revistas da Segunda Onda por ter um intuito de se tornar profissional, assim como já acontecia há décadas com periódicos internacionais como *Amazing Stories* e a *Asimov's Science Fiction*. Em seu blog, o van Kampen relata seus anseios iniciais sobre a revista: “[a] ideia da *Trasgo* sempre foi ser uma revista profissional, eu queria fazer direito” (VAN KAMPEN, 2021).

Assim como outras publicações independentes de F&FC, a revista apresentou dificuldades em se manter financeiramente estável para poder pagar seus autores e ilustradores, que mudavam a cada edição. Numa das experimentações da *Trasgo*, foi tentado cobrar um valor por cada revista, o que não rendeu bons resultados. Na percepção de van Kampen, “[n]ão dá para ganhar dinheiro ainda, ou talvez dê, não sei, [mas] eu não consegui” (entrevista com Rodrigo van Kampen, ver Anexo A). Voltando a disponibilizar as edições gratuitamente, o financiamento coletivo permaneceu como a melhor opção para a sobrevivência da revista. A *Trasgo* aderiu ao site de financiamento coletivo brasileiro Padrim<sup>37</sup>, para manter suas publicações trimestrais, além do Catarse para bancar a versão impressa dos contos lançados no primeiro ano da revista<sup>38</sup>. Este formato manteria muitas revistas digitais da Terceira Onda, como a *Mafagafo*. De todo modo, a revista foi bem sucedida entre o público.

Esta recepção positiva pode ser considerada concebida devido a três condições: a primeira se deu pela revista não somente apostar num formato mais profissional, o que era apreciado pelos fãs e

---

<sup>37</sup> <https://www.padrim.com.br/trasgo/posts>

<sup>38</sup> <https://trasgo.com.br/trasgo-ano-1-ja-esta-no-catarse/>

escritores mais tradicionais. Rodrigo van Kampen também mostra-se ciente da influência de sua revista em posteriores produções de F&FC, ao afirmar que a *Trasgo* “[...] deu um reflexo nas outras revistas que surgiram com uma proposta de trabalhar o texto com qualidade, não só receber [o conto] do autor e publicar do jeito que chegou” (entrevista com Rodrigo van Kampen, ver Anexo A). A segunda está no fato de que muitos dos autores consagrados da Segunda Onda participaram da revista, como Roberto Causo, Nilza Amaral e Simone Saueressig, atraindo o leal *fandom* da geração passada. Por fim, outro fator importante foi a aberta conexão da *Trasgo* com movimentos sociais, especialmente o feminismo, o que atraiu um novo público que apesar de ter menos interesse na FC, aspirava mais representações positivas na literatura.

A Terceira Onda se desenvolvia durante um período de revolução das mídias digitais, mas se consolidou com a chegada do feminismo. “A capacidade de interatividade por trás das redes sociais beneficiou a criação de coletivos feministas e manifestações através da internet” (WITTEKIND, 2016, p. 30). A ascensão do feminismo no Brasil em conjunto com antigas reclamações de autoras e fãs da FCB, que não se sentiam representadas, impulsionaram posicionamentos de fanzines e revistas como a *Trasgo*. Em 2015, a revista separou uma seção listando todas as mulheres que foram publicadas na época<sup>39</sup>, com o intuito de apresentá-las a um público que ainda não as conhecia. Além disso, chegou a abrir chamadas para pessoas que fugissem do padrão de homem heteronormativo e branco, que já era recorrente na FC. No edital da 14ª edição, o editor manifestou seu anseio por mudanças no periódico:

A *Trasgo* precisa publicar mais contos escritos por mulheres.

A *Trasgo* precisa publicar mais contos escritos por pessoas trans, queer, NB, homo e afins.

A *Trasgo* precisa publicar mais contos escritos por autoras negras, indígenas e de todas as cores.

A *Trasgo* precisa publicar mais contos escritos por pessoas com deficiência e neurodivergentes.

A *Trasgo* precisa publicar mais de tudo e todas e todes (VAN KAMPEN, 2017, p. 3)

É preciso ressaltar que mesmo com incentivos da equipe, a revista sempre passou por problemas na inclusão de mulheres e outras minorias sociais. De acordo com van Kampen, o número de homens brancos se sobressai ao de qualquer outro grupo. Em geral, a revista *Trasgo* “[...] recebia 80 contos escritos por homens brancos, 20/30 escritos por mulheres, 2 escritos por pessoas que se identificavam como LGBTQ” (entrevista com Rodrigo van Kampen, ver Anexo A). Este dilema é refletido diretamente nos números de escritoras de FCB, um gênero popularmente considerado como “masculino”.

Na pesquisa não foi incluída a edição especial que traduz contos e artigos do periódico *Strange Horizons* (já que não foram produzidos pela *Trasgo*), nem os zinecontos<sup>40</sup> que foram publicados

---

<sup>39</sup> <https://trasgo.com.br/todas-as-mulheres-da-trasgo/>

<sup>40</sup> Os zinecontos contos únicos e mais curtos que são publicados respeitando a estrutura física dos fanzines.

ocasionalmente fora do formato tradicional da revista. Também não foram considerados os contos de fantasia com algum elemento secundário de FC, visto que nosso enfoque está na FC como gênero. A tabela a seguir apresenta a quantidade de autoras de FCB publicadas nas 18 edições da revista:

**Tabela 1:** Lista de mulheres que publicaram FC na revista *Trasgo*

<b>CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA</b>	<b>AUTORA</b>	<b>EDIÇÃO</b>
Gente é Tão Bom	Claudia Dugim	1ª edição
O Homem Atômico	Cristina Lasaitis	2ª edição
Canção Abissal	Priscila Barone	5ª edição
Cão 1 Está Desaparecido	Lady Sybylla	6ª edição
A Mão Decepada	Nilza Amaral	7ª edição
Envelope a Écadro	Cristina Pezel	8ª edição
Senhoras Idosas Que Puxam Assunto no Meio da Rua	Priscilla Matsumoto	11ª edição
O Que Sonham as Pílulas	Aline Valek	12ª edição
O Futuro É Um País Estrangeiro	Anna Fagundes Martino	12ª edição
Vozes no Silêncio	Júlia da Silva	12ª edição
Vidas Dispensáveis	G.G. Diniz	12ª edição
Felicitas Ex Machina	Alexandra Cardoso	17ª edição
Casa de Veraneio	Lívia Stocco	18ª edição
Nabu	Isa Prospero	18ª edição

Fonte: Tabela elaborada por Ingrid Vanessa Souza Santos para esta pesquisa.

Nota-se que durante as 18 edições, lançadas entre 2013 a 2018, 14 autoras de FCB foram publicadas na revista *Trasgo*. Observa-se que mesmo após a tentativa de abrir mais espaços para mulheres e outros grupos que fugissem do padrão, a *Trasgo* ainda apresenta uma maioria branca e cisgênero na FCB, bem como feminina. Por outro lado, mesmo tais contos pertencendo a uma maior número de mulheres privilegiadas, grande parte deles trabalhava sob a ótica do feminismo interseccional que considera “[...] as diferenças e as singularidades das mulheres que escrevem e também, claro, das que leem” (MIRANDA, 2019, p. 35), tratando-se geralmente de protagonistas

mulheres, às vezes racializadas e/ou pertencente a comunidade LGBTQIA+. Isso ainda é um atrativo para leitores da Terceira Onda em busca de narrativas com personagens mais diversas. A outra revista que também é nosso foco de análise passaria por questões similares.

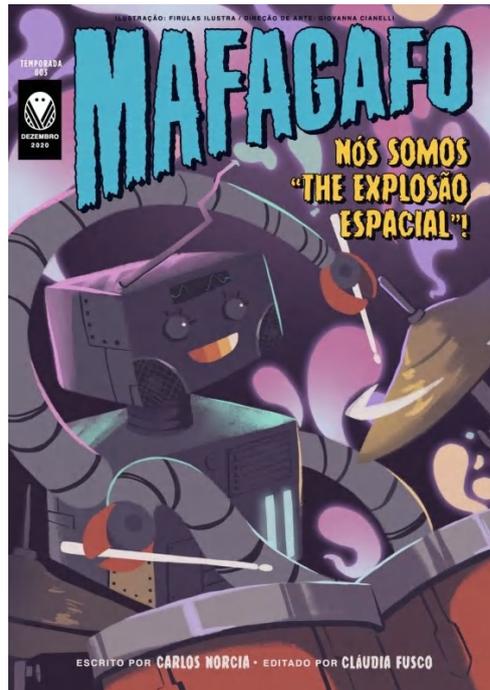
### 3.3.4 Revista Mafagafo

A Mafagafo é a primeira revista criada e editada por uma mulher, sendo esta a escritora, tradutora e *podcaster* literária Jana Bianchi. Com o primeiro número lançado em 2018, a revista digital continua ativa, também publicando em diferentes formatos como a *newsletter* Faisca, a conta Pio (disponível na rede social *Twitter*) e o selo Aves Migratórias, para contos estrangeiros. A criação da Mafagafo está diretamente atrelada com a Trasgo, considerando que não somente os editores-chefes de ambas as revistas são amigos, como também pelo relatado pela própria Bianchi no primeiro número da revista:

Não fui eu que tive a ideia de fazer uma revista seriada. Estava navegando nas redes sociais quando vi uma postagem do Rodrigo van Kampen — editor-chefe da Revista Trasgo, referência dentre as atuais publicações brasileiras de contos de fantasia e ficção científica — falando sobre a vontade de ver nascer um projeto como esse. A vontade ele tinha, faltava o tempo de assumir mais uma publicação. Assim que imaginei as possibilidades, passei a ter a mesma vontade (BIANCHI, 2018, p. 3).

A Mafagafo também buscou formas de profissionalizar suas publicações. Diferente de algumas publicações da Primeira Onda e Segunda Onda, onde fãs muitas vezes publicavam sem compensação salarial, a revista mostrou rigor num processo editorial. De acordo com Bianchi, “[e]ra um trabalho editorial sério e cuidadoso de selecionar o texto, editar o texto com editoras profissionais, revisar o texto, fazer uma capa baseada no que a autora e a editora querem para aquele determinado texto” (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B). Assim como na Trasgo, em cada edição são chamados artistas diferentes para ilustrar as capas e as ocasionais artes que estão presentes entre os contos. Entre a 2ª e 3ª edição, a Mafagafo desenvolveu uma identidade visual para suas capas que remetem aos modelos clássicos do que eram vistos em periódicos *pulp*, como o já mencionado *Amazing Stories*. No entanto, apesar das referências das revistas do século XX, não há uma objetificação do corpo feminino nos trabalhos desta era.

**Figura 8:** Capa do 12º conto da 3ª edição da Mafagafo



Fonte: <https://mafagaforevista.com.br/edicao-3-dezembro/> Acesso em 20 abr. 2021.

Assim como muitos dos trabalhos da Terceira Onda, a Mafagafo optou por um financiamento coletivo. Especificamente na plataforma brasileira *Catarse*<sup>41</sup>, onde são oferecidas recompensas para os apoiadores da revista. Há uma faixa de 150 pessoas que financiam a Mafagafo, o que faz com que haja um arrecadamento de 2000 reais por mês, que são revestidos em pagamentos para todos que participam da revista. No entanto, de acordo com Bianchi, o apoio financeiro ocorre principalmente devido ao fato de que os apoiadores acreditam no projeto e gostam do material publicado (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B).

Outro fator a ser analisado é a relação dos apoiadores da Mafagafo com a política. O mesmo fenômeno da *Trasgo* se repete em sua sucessora: uma comunidade não só buscando novas obras de F&FC, mas também de uma literatura mais diversa, vira o público-alvo da Mafagafo. Apesar da 1ª edição não haver nenhuma autora de FC, desde o início a revista trouxe contos com personagens, cenários e mitos indubitavelmente brasileiros. A recepção da 1ª edição foi positiva, gerando um engajamento considerável nas redes sociais. A 2ª edição mostrou-se abertamente política, tendo posicionamentos claros contra o então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, conhecido por seus discursos machistas e com propagação contra todas as minorias sociais. Não apenas a equipe da Mafagafo, como os próprios apoiadores estão envolvidos num espectro político da esquerda. Ao mencionar sobre um grupo de *WhatsApp* destinado aos financiadores da revista, a editora-chefe esclarece:

<sup>41</sup> <https://www.catarse.me/mafagafo>

A gente fala feliz de política naquele grupo, porque a gente sabe que todas as cento e poucas pessoas que estão ali, se não são vocalmente contra, elas pelo menos não são a favor do Bolsonaro. E também falamos de outras questões que eu não vejo sendo discutidas em outras comunidades públicas; a gente fala muito sobre questões de gênero, não-binarismo, acessibilidade de pessoas com deficiência (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B).

De acordo com Wittekind, “[...] como tudo evoluiu, assim como a tecnologia por meio dos meios digitais e das redes sociais, as manifestações e criações de coletivos feministas se multiplicaram” (2016, p. 28). Neste período, as discussões sobre o feminismo começaram a dominar novos grupos sociais. Dentro da comunidade FCB, isto ocorreu de forma intensa, considerando que a geração da Terceira Onda trata de política de modo mais explícito que suas precursoras. Sobretudo entre 2016 e 2018, momento de transições políticas e culturais na sociedade brasileira, o teor das discussões se tornou mais acentuado. Movimentos sociais como o feminismo já não ficavam mais segregados a determinadas esferas sociais, eles seriam partes cruciais da nova composição de muitas narrativas de FCB.

É possível constatar que o público que auxilia a revista a se manter ativa (não apenas através do apoio financeiro, mas também por compartilhamento nas redes sociais) é justamente aquele filiado às práticas do feminismo interseccional, que se popularizou durante a Quarta Era do Feminismo. O perfil político dos leitores tanto da Mafagafo quanto da Trasgo reflete esta era com mais pessoas que tentam, entre outras pautas feministas, diminuir a hierarquização da literatura. Isto é, de rever o contexto de exclusão da leitura e escrita de vários grupos sociais (como mulheres, negros, indivíduos não binários, pessoas com deficiência, etc) incentivados por outros grupos dominantes. Compreende-se então que este posicionamento interseccional “[...] é fundamental [...], pois há a diminuição da literatura escrita por mulheres pelo simples fato de ser escrita por mulheres, evidenciando a ausência delas nos espaços de poder de discurso” (MIRANDA, 2019, p. 33).

O público da Mafagafo mostra-se de acordo com muitas pautas feministas; a própria revista adere princípios similares, apesar de não ter o enfoque no movimento, ela segue esses preceitos do feminismo desde o processo de seleção dos materiais que serão publicados (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B). Por outro lado, é importante ponderar de que modo este pensamento da Quarta Era do Feminismo se reflete - seja de forma direta ou indireta - nos contos da Mafagafo. Na pesquisa, temos foco especificamente na publicação de contos da Mafagafo, eliminando os demais formatos adotados pela revista. A seguinte tabela apresenta o número de autoras de FCB publicadas nas 3 edições da Mafagafo:

**Tabela 2:** Lista de mulheres que publicaram contos de FC na revista Mafagafo

<b>CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA</b>	<b>AUTORA</b>	<b>EDIÇÃO/PARTE</b>
Atlas	H. Pueyo	2ª edição / 1ª parte
Futurotil	Paola Siviero	2ª edição / 1ª parte
Sobrepostas	Maísa Fonseca	2ª edição / 2ª parte
A Origem das Ideias Revolucionárias	Rúbia Dias	2ª edição / 2ª parte
Presente	Clara Gianni	2ª edição / 4ª parte
Noite Perfeitamente Normal	Nina Ladeia	2ª edição / 4ª parte
Suor e Silício na Terra da Garoa	Vanessa Guedes	3ª edição / 7ª parte

Fonte: Tabela elaborada por Ingrid Vanessa Souza Santos para esta pesquisa.

Num total de 7 autoras que produziram a FCB em contos, observa-se que a maioria das mulheres foi publicada no formato de ficção relâmpago. Estilo este de texto que foi popularizado pela revista; o que Bianchi considera como a maior contribuição da Mafagafo para a FCB (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B). A 1ª edição acabou sendo mais curta que as demais, composta apenas por cinco noveletas (e nenhuma de FC escrita por mulheres). A 2ª edição versou entre a organização de textos seriados e as ficções relâmpagos. Por fim, a 3ª edição manteve o mesmo formato de textos visto na temporada anterior, tendo cada conto postado mensalmente no site da revista.

Analisando o perfil das autoras publicadas, observa-se que Mafagafo também apresenta uma carência de mulheres racializadas e transexuais. Do mesmo modo da *Trasgo*, a revista manifesta estratégias de trazer mais minorias sociais para serem publicadas (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B), tentando equiparar as publicações entre homens e mulheres, levando em consideração que ainda há uma hierarquização da literatura no Brasil. Contudo, o mesmo fenômeno visto na *Trasgo* aqui se repete: a maioria dos contos tem mulheres como protagonistas, geralmente falando sobre questões de gênero ou questões políticas. Por outro lado, temáticas sobre etnicidade se tornaram secundárias nas narrativas das FC femininas da Mafagafo, estando presente somente em “Suor e Silício na Terra da Garoa”, um dos contos que serão analisados em seguida. Mesmo com tal carência de narrativas femininas envolvendo pautas raciais, as autoras trazem elementos da cultura nacional (e até mesmo latino-americana) para se oporem ao sistema patriarcal que foi consolidado na FCB. De todo modo,

a inclusão de narrativa de mulheres negras, latinas e indígenas faz com que mudanças efetivas nos sistemas de opressão comecem a aparecer. Se quisermos tais mudanças, as histórias e experiências dessas mulheres são fundamentais não só na perspectiva da diversidade da narrativa, mas também oportunizar espaços de poder para ela (MIRANDA, 2019, p. 95).

Com ambas as listas, é possível examinar os quatro contos que são objetos de pesquisa: Na revista *Trasgo*, serão analisados os contos "O Que Sonham as Pílulas" (2016), de Aline Valek, e "Felicitas Ex Machina" (2018), de Alexandra Cardoso; enquanto na *Mafagafo* investigados os contos "A Origem das Ideias Revolucionárias" (2018), de Rúbia Dias, e "Suor e Silício na Terra da Garoa" (2020), de Vanessa Guedes.

## 4. AS FCB FEMINISTAS DA TRASGO E DA MAFAGAFO

### 4.1 “O Que Sonham as Pílulas”

Em “O Que Sonham as Pílulas”, escrito por Aline Valek na 12ª edição da revista *Trasgo* (2016), as pessoas tomam pílulas do sonho que reproduzem aventuras temáticas na tentativa de otimizar o horário do sono e de simular situações nunca vividas. A professora de artes Leona, usuária recorrente das pílulas, têm seus sonhos invadidos por lembranças inconscientes de sua antiga escola. Num tom surrealista, a narrativa desenvolve anseios ocultos que a protagonista não tem coragem de lidar. A pílula do sonho é o elemento principal de FC no conto: ela remete às realidades simuladas que foram popularizadas durante os anos 1960 e 1970 na literatura anglo-américa (e conseqüentemente no Brasil, que se tornou seu fiel consumidor). As simulações, por darem ênfase aos conflitos psicológicos e geralmente com um teor pessimista, se popularizaram na era do subgênero *new wave*, a antecessora do *cyberpunk* (ROBERTS, 2018). Outro componente da *new wave* é o teor psicodélico das narrativas, característico da contracultura, além de se desprender do rigor verossímil e científico das FC *hard*.

A Terceira Onda da FCB tem maior número de histórias focadas em dramas humanos, investigando a psique em vez de dilemas tecnológicos. Ou seja, também fugindo do padrão *hard*. Na narrativa de Valek, as pílulas dos sonhos - drogas legalizadas e normalizadas pela sociedade - são inseridas para comparar entre o real vivido pela protagonista e a fantasia que lhe é almejada, Uma premissa típica do subgênero *new wave*, que também utiliza os elementos das drogas sintéticas e das realidades simuladas para fazer um contraste com os dramas da realidade e das utopias individuais. Contudo, o escapismo buscado por Leona no mundo onírico começa a ruir quando problemas reais a perseguem numa base diária durante as aventuras simuladas: “Duas semanas e já era a quinta vez que sonhava com seu antigo colégio. Até em um sonho sobre o fim do mundo esse lugar tinha que persegui-la?” (VALEK, 2016, p. 7).

Nas décadas passadas, as simulações eram vistas como prisões humanas, como pode ser vista em livros da *new wave* e do *cyberpunk* angloamericanos. As obras de FC se propunham a escrever narrativas em que heróis buscavam incessantemente a busca pela saída da realidade simulada. Na Terceira Onda, o desafio mostra-se oposto para as protagonistas: "como continuar na simulação?". Isto é, se nos anos 1972 e 1982 as utopias foram as maneiras que FCB usou para indicar os anseios dos brasileiros do que eles queriam numa sociedade perfeita e para a idealização de uma conjuntura política divergente da que se passava no país, os anos 2010 utilizaram as realidades simuladas (seja por meio de drogas sintéticas, como no conto supracitado, ou por máquinas de tecnologia avançada) para os mesmos fins, mas desta vez pensando menos em anseios coletivos e mais aspirações individuais.

Com mais *millennials*<sup>42</sup> escrevendo na Terceira Onda, as histórias ganharam um ar mais sentimental, subvertendo a noção da tecnofobia de seus antecessores (GINWAY, 2005) e colocando seus protagonistas em jornadas de formação. No entanto, ao mesmo tempo, em tais narrativas também são usuais personagens cada vez mais nostálgicos e com problemas em lidar com fracassos (fossem profissionais ou de relacionamentos) na vida adulta. A simulação se torna um refúgio para jovens adultos e suas respectivas adversidades pessoais. O conto de Valek captura o mal estar coletivo ao encarar angústias do passado; as pílulas são um anseio por um mundo fantástico.

Vale ressaltar que apesar de focar mais nos próprios problemas, as narrativas da Terceira Onda ainda mostravam grande empatia pelos problemas de minorias sociais. Mesmo quando os autores não faziam parte desse grupo, a grande parte das narrativas mostrava alguma preocupação pelas classes menos privilegiadas. Considerando que o conto em questão foi publicado no final de 2016, ano que no Brasil perdeu a Primavera Feminista e passou pelo radicalismo político que resultou num golpe político (VICENTE; AZEVEDO, 2018), observa-se que a escrita de Valek foi perpassada por eventos históricos cruciais que foram encaminhados por diferentes concepções do que seria um futuro ideal para o Brasil ou pelo menos para grupos específicos.

Em “O Que Sonham as Pílulas”, a protagonista gradualmente compreende que os fragmentos de lembranças que surgem durante o sonho fazem parte de um problema maior, mas apesar do sentimento de desconforto, opta por procurar pelo ex-marido Túlio para ter alento em pílulas mais fortes. A relação entre Leona e Túlio é perceptivelmente tensa; a protagonista mostra desprezo pelo ex-marido enquanto este assume um tratamento paternalista, a ajudando com pequenas tarefas, pelo viés da personagem como mais uma forma inferiorizá-la.

— O que você veio me pedir dessa vez? — Túlio sequer deu tempo de se criar entre eles uma eternidade de conversas constrangedoras, porque Leona aparecer ali não podia significar outra coisa. Da última vez, havia sido para pedir que ele a ajudasse a reconfigurar sua máquina de café. Agora, pela cara dela, Túlio imaginou que o pedido envolveria dinheiro ou desculpas — duas possibilidades que o divertiriam, sem dúvidas (VALEK, 2016, p. 10)

No excerto acima, é perceptível uma relação conflituosa, mas ao mesmo tempo dependente por parte de Leona para o marido. Se na Segunda Era do Feminismo tal dependência poderia ser interpretada de modo negativo por causar algum tipo perpetuação de antigos papéis de gênero criticados por Friedan (1963), na Quarta Era o vínculo emocional da esposa com o marido é visto com mais circunspeção. Entre muitas das pautas desta Era, o relacionamento tóxico (sobretudo entre casais heterossexuais) é temática recorrente entre grupos de discussões feministas. O tratamento de Túlio

---

<sup>42</sup> Os *millennials* são os indivíduos nascidos entre os anos 1980 e 1996. Eles são determinados por terem crescido num período de popularização das novas tecnologias de informação e comunicação, se tornando a primeira geração de “nativos digitais”.

com Leona denota fragmentos desse relacionamento, em que a figura masculina se coloca numa posição de superioridade patriarcal, subestimando a capacidade feminina e tomando a condição de correto, ao supor que a esposa lhe devia desculpas.

Valek tem histórico de abordar dinâmicas problemáticas entre homens e mulheres, expondo uma misoginia velada, que se reproduz com mais facilidade na sociedade que se adaptou ao aumento de denúncias contra assédio estimuladas pelas feministas da Quarta Era (SILVA, 2019). Muitas das autoras contemporâneas de FCB começaram sua jornada no gênero ou escrevendo no subgênero FC feminista, se baseando no posicionamento político de Valek, que, além de inaugurar esta categoria no Brasil, também sempre foi vocal sobre suas convicções dentro e fora dos textos. Um exemplo é a própria editora-chefe da Mafagafo, Jana Bianchi, que declarou que Valek foi uma de suas grandes influências.

[...] ela [Aline Valek] falava muito sobre como a gente interage [...] com a sociedade, de questões feministas. A Aline [Valek] foi uma influência para a minha postura dentro do mercado. Eu sempre lia as coisas dela e me identificava com tudo o que ela falava de criação. Ela continua escrevendo na *newsletter* dela e eu ainda sinto muita identificação com o que ela fala, em termos políticos também. Em como se posicionar politicamente [...] (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B).

Aline Valek foi uma das primeiras autoras da Terceira Onda a fazer o teor feminista ser introduzido uma parte necessária na FCB. Não à toa que o conto em questão foi publicado na 12ª edição da *Trasgo*, um número que contou exclusivamente com escritas femininas. Em entrevista com o editor-chefe Rodrigo van Kampen, ele conta a preocupação da equipe em evitar a criação de edições só mulheres por receio de gerar involuntariamente uma lacuna maior entre os espaços em que homens e mulheres eram publicados, já que a intenção da *Trasgo* sempre fora trazer mulheres e pessoas diversas em todas as edições (entrevista com Rodrigo van Kampen, ver Anexo A) e não somente em números especiais. Isto é, tais preocupações da *Trasgo* podem ser associadas com uma linha de pensamento da Quarta Era do Feminismo: a criação de ambientes femininos não é o suficiente para uma reestruturação do patriarcado; é necessário a inclusão de mulheres em espaços que são naturalizados como masculinos.

O empoderamento, portanto, é base para se pensar direitos humanos e alinha-se ao direito à literatura, pois ocupar os espaços de discursos no campo literário está combinado com diversas frentes de luta para a ocupação de mulheres nos espaços de poder (MIRANDA, 2019, p. 37).

**Figura 9:** Capa da 12ª edição da *Trasgo*



Fonte: <https://trasgo.com.br/revista-trasgo-12/> Acesso em 29 abr. 2021.

No editorial da edição em questão, a autora Clara Madrigano discorre que “[n]ão importa pra qual lado sua preferência penda, fantasia ou ficção científica, as mulheres já estão aqui, já estavam aqui há muito tempo, e não pretendemos ir para lugar nenhum” (2016, p. 3), num posicionamento expressamente feminista da revista. Contudo, o texto feminista em “O Que Sonham as Pílulas” diverge da concepção de focar somente em personagens femininas passando por violência de gênero ou demandando alguma das reivindicações do movimento político. A protagonista, inserida num contexto do feminismo moderno, lida com outras questões pessoais. Ainda há uma sutil luta de poder entre marido e mulher, mas o arco central de Leona não está atrelada à resolução de uma narrativa masculina, seguindo os pré-requisitos do Teste Mako Mori, uma das criações feministas desta Quarta Era. De todo modo, apesar da relação com atritos, Leona desabafa com Túlio a respeito dos sonhos:

Então Leona explicou a ele sobre os sonhos recorrentes com o antigo colégio, com os colegas da época da adolescência e todo aquele sentimento de fracasso que vinha à tona quando esses elementos invadiam seus sonhos, não importava que pílulas tomasse. Talvez, se usasse pílulas com efeitos mais intensos, fosse possível sufocar esse pedacinho inconveniente de seu subconsciente (VALEK, 2016, p. 11).

Túlio sugere ela passar uma noite sem o uso das drogas, o que é rapidamente descartado por Leona, por considerar algo ultrapassado tornar o sono como horas desperdiçadas. O mundo criado no

conto, que apresenta vestígios de se passar num futuro próximo, reflete uma sociedade que é estimulada a realizar uma rotina de multitarefa para provocar a sensação de ter sido eficiente. O conceito de indivíduos que produzem continuamente e se sentem validados através de um número maior de tarefas realizadas vem de uma noção capitalista do século XXI. No entanto, desde a Segunda Era, as mulheres lidam com duplas (e até triplas) jornadas de trabalho, mas com nenhuma validação da sociedade (RIBEIRO; NOGUEIRA; MAGALHÃES, 2021).

A geração *millennial* (sobretudo a nascida no Brasil) está diretamente atrelada a esta noção, por terem crescido com mais recursos que as demais gerações. O mito do sucesso garantido através da produção ininterrupta, propagado pelos nascidos das outras décadas antes da virada do segundo milênio, criou uma sensação de desolação daqueles que não o alcançaram. Não somente isto, através de Leona, o conto ressalta o quanto este mito é especialmente danoso às mulheres, justamente por esta falta de reconhecimento no trabalho e nas conquistas diárias. É notável a caracterização moderna da personagem de “O Que Sonham as Pílulas”. Ela assume posições que os outros escritores Ondas ainda tinham receio de abordar: além de mulher, é divorciada e o seu maior arrependimento está ligado não somente a um homem, mas ao emprego que não conquistara. Logo, essa “mudança sutil de papéis dos personagens femininos na ficção científica segue em paralelo à evolução dos papéis femininos na sociedade brasileira” (GINWAY, 2005, p. 213).

No conto supracitado, Valek utiliza o elemento da ficção científica para abordar o sentimento de decepção e arrependimento da protagonista. Devido a tais arrependimentos e legitimação, Leona reproduz com outras mulheres o mesmo tipo de comportamento condescendente que seu marido usava para inferiorizá-la:

— Professora de artes! Quase como eu! — Jacira estava orgulhosa, como se não percebesse que para Leona isso representava o fracasso, a incapacidade de ter se tornado interessante, de ter alcançado o sucesso, de ter dado certo na vida. Ela havia se tornado uma versão mais nova de Jacira, uma professora de uma matéria com a qual ninguém se importava, e isso quase doeu mais em Leona do que a súbita percepção do desprezo que sentiu pela professora da matéria que mais amava num colégio onde não podia dizer que tinha gostado de tantas coisas (VALEK, 2016, p.14).

Ao decidir seguir o conselho do ex-marido, Leona encara questões do passado. A escola é uma reflexão não somente das angústias da separação conturbada com Túlio, como também de escolhas e erros do passado que a levaram a uma vida profissional mal sucedida: “[...] a lista “por que os outros se dão melhor do que eu” [...] O problema nunca estava nela; era sempre culpa do outro ou das circunstâncias. Mas ali ela não tinha como se esconder dessa verdade” (VALEK, 2016, p. 16). Não conseguindo lidar com os arrependimentos inconscientes e as frustrações, mistura porções de pílulas

dos sonhos com temáticas diferentes. Não há resolução para questões mal resolvidas, o conforto da protagonista é voltado mais uma vez para o mundo da simulação.

Em muitas escritas de mulheres, a simulação é menos tecnológica e mais existencial. Na FC, tanto nacional quanto internacional, as realidades simuladas sempre foram elementos recorrentes. Os autores da *new wave* buscavam criticar muitas vezes o militarismo e autoritarismo, sem a preocupação com uma maior acurácia científica e tecnológica da FC *hard*. Apesar de ainda haver um estereótipo equivocadamente de que mulheres só escrevem FC *soft* (GINWAY, 2005), observa-se que as autoras da Terceira Onda têm preferência pelos temas humanistas que o estilo em questão pode oferecer à trama.

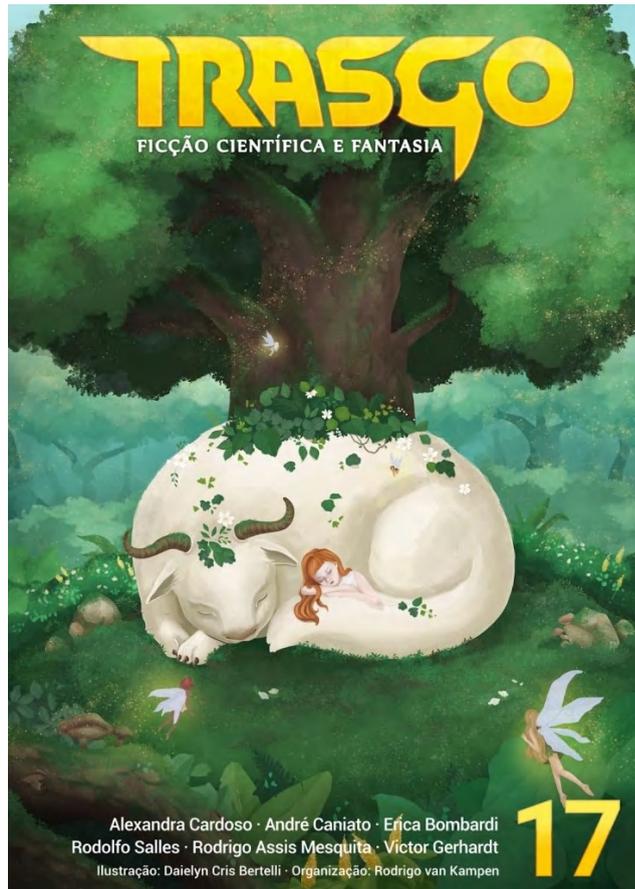
Com o elemento “realidade simulada” - nesse caso específico, ao ser induzida por drogas - trabalha com a frustração feminina numa sociedade moderna. É com as pílulas que Leona tenta omitir as insatisfações de sua geração, que mesmo após muitos direitos conquistados, ainda lida com a sensação de fracasso ao não obter tudo o que deseja. Mesmo desprezando o marido, Leona ainda se mostra inferiorizada por ele. Além disso, também é expressa a frustração de não ter “superado” profissionalmente as mulheres da geração passada. De todo modo, o recurso tecnológico, apesar de ser o objeto motivador da trama, fica em segundo plano para as inquietações da protagonista.

As tecnologias na FCB, sejam elas mais próximas do fantástico, como em “O Que Sonham as Pílulas” ou mais verossimilhantes ao que são encontradas no mundo “real”, se afastam cada vez mais do estereótipo do perigo e se tornam ferramentas para sanar angústias humanas. O conto “Felicitas Ex Machina”, de Alexandra Cardoso, aborda esse outro lado, trazendo a relação entre uma criatura tecnológica e humana.

#### 4.2. “Felicitas Ex Machina”

Primeiro conto da 17ª edição da revista (2018), “Felicitas Ex Machina” tem como foco a relação da protagonista Ada (uma referência à matemática Ada Lovelace), uma inteligência artificial de uso doméstico, e a adolescente Gabriela. A autora, Alexandra Cardoso, foi a primeira autora declaradamente transexual a escrever a FC na Trásgo. Tanto este conto quanto seu posterior trabalho com FC, a antologia *Violetas, Unicórnios e Rinocerontes* (2020), trabalham com uma forte temática das pautas LGBTQIA+. O dito conto na 17ª edição é a sua estreia no gênero.

**Figura 10:** Capa da 17ª edição da Trásgo



Fonte: <https://trasgo.com.br/editorial-17/> Acesso em 29 abr. 2021.

A IA (inteligência artificial) serve de assistência à adolescente introvertida Gabriela, com quem desenvolveu uma relação afetiva desde o nascimento. No entanto, apesar de servir à Gabriela, Ada é obrigada a seguir as diretrizes pré-estabelecidas pela mãe da jovem. Ao longo da narrativa percebe-se que a mãe de Gabriela vigia e manipula da filha através de Ada:

Ela já havia aprendido muitos anos atrás que a inteligência artificial não podia mentir ou omitir informações caso a sua mãe lhe desse uma ordem direta, portanto, era melhor sempre manter a conversa em tópicos inanes. [...]

Sua mãe não era estritamente religiosa, mas ela certamente estava pronta para dispensar julgamento sobre qualquer coisa que ela considerasse tóxica ou imoral. O acesso de Gabriela a notícias, livros, filmes, músicas e quaisquer formas de cultura e entretenimento era regulado pela Ada através dos parâmetros estabelecidos por sua mãe. Esses mesmos parâmetros eram compartilhados com sua escola, empresas locais e bibliotecas para garantir que Gabriela não fosse exposta a nenhum material que divergisse dos parâmetros éticos estabelecidos por sua mãe (CARDOSO, 2018, p. 8-9).

A jovem é privada de qualquer conteúdo que abordasse questões LGBTQIA+, o que faz com que a inteligência artificial se divida entre obedecer às ordens estabelecidas por sua administradora (a mãe) e garantir a satisfação de Gabriela, que está se descobrindo como lésbica. Em entrevista à *Trasgo*, a autora comenta suas influências para a concepção da IA que supervisiona e filtra

conteúdos LGBTQIA+. Em seu relato, é revelado que o conto se baseou em tecnologias reais, que são usadas para a repressão de crianças da comunidade.

A inspiração veio por volta de 2015, eu estava lendo esse artigo sobre como as funções do controle parental do Windows 10 podiam ser usadas para reportar, caso crianças tentassem acessar sites de apoio à LGBTQ. Eu comecei a remoer essa ideia, mas ao mesmo tempo queria fugir do tema de que a tecnologia por si só é maligna (CARDOSO, 2018, p. 93).

De fato, ao se basear num acontecimento real em que uma tecnologia é deliberadamente usada para fins LGBTfóbicos, Cardoso coloca em evidência uma das razões da necessidade de uma FC mais diversa também nas orientações sexuais. Nas duas primeiras Ondas, essa temática ainda era um tabu, o que resultou em poucos autores escrevendo sobre ela. Geralmente ela era tocada como forma de satirizar algum personagem ou grupo social, como em *Silicone XXI* (1985). Além disso, praticamente não há obras que se voltassem para o safismo. As vivências das obras de FCB, fossem escritas por mulheres ou não, eram focadas apenas na sexualidade que envolvesse a presença masculina. Esta questão está atrelada também com a hierarquização da literatura, já que há classe dominante que determina “[...] que a circulação, a distribuição e a apropriação daquele bem cultural seja dificultado, facilitando apenas para aqueles que já vivem naquele meio e possuem estilos de vida compatíveis” (MIRANDA, 2019, p. 31), o que faz com grupos minoritários tenham sua escrita deslegitimada e não publicada.

Elizabeth Ginway, ao abordar FC e orientação sexual, diz que no pós-Ditadura Militar as “[h]istórias de computadores [...] lidam com os estigmas contra a sexualidade ativa das mulheres, os homossexuais e a AIDS, e são usados como metáforas para um espaço alternativo ou imaginário no qual atitudes sociais podem ser transformadas” (2005, p. 177). Com as reivindicações da Terceira Onda, essas metáforas progressistas ultrapassam o elemento do computador e perpassam narrativas com outros elementos. Contudo, Cardoso traz as mesmas discussões do elemento num viés moderno e comum às mulheres. Colocando o próprio computador como protagonista (neste caso específico, uma IA com extensão de dispositivos eletrônicos), o conto faz com que o leitor seja observador dos problemas humanos.

Dividida entre duas diretrizes, Ada encontra brechas nas ordens, promovendo momentos de liberdade para a Gabriela. Planejando com a IA Marie (referência a Marie Curie), Ada faz com que a jovem interaja com Alice, colega de classe que passa pelos mesmos problemas de autoestima de Gabriela. Quando um romance surge entre as duas garotas, Ada se vê procurando mais formas de ajudar sua usuária a uma vida longe da vigilância constante da mãe. Neste ponto, a história torna-se condizente com o título do conto: este faz uma referência a expressão latina *Deus ex machina*, que significa "Deus surgido da máquina"; enquanto que *Felicitas ex machina* se traduz como “Felicidade

surgida da máquina”, podendo ser entendida como a felicidade (de Gabriela) que foi consequência das ações de Ada.

Situado num futuro próximo, o conto utiliza elementos da robótica para discutir o controle parental com o advento de novas tecnologias. Diferenciando das primeiras Ondas da FCB, que colocava humanos como heróis numa sociedade dependente de robôs e IAs, Cardoso (2018) dá protagonismo para o ser tecnológico. Através do viés da Ada, nota-se que as inteligências artificiais possuem mais empatia com as duas jovens humanas do que as mães. Tanto Ada quanto Marie assumem o papel de figuras maternas de suas usuárias, ao criarem relações afetivas com as mesmas. Através de drones e de estimulação eletromagnética aplicada nas terminações nervosas de Gabriela, Ada consegue atingir formas físicas e propiciar toques de carinho à garota. O texto enfatiza o sentimento mútuo de afeição de máquina e humana.

Elizabeth Ginway (2005) aborda que, ao contrário da literatura americana, que aborda o robô como um símbolo da tecnofobia, em muitas histórias da FCB os robôs são mostrados com simpatia. Nas narrativas brasileiras, os robôs geralmente ficam situados dentro dos lares, criando laços afetivos com os protagonistas humanos. Um exemplo está no conto “O Carioca” de Dinah Silveira de Queiroz, onde uma viúva desenvolve uma relação com as criações de seu namorado roboticista. O mesmo ocorre em “Felicitas Ex Machina”, com Ada e sua usuária, num vínculo máquina-humana.

Entretanto, ao contrário das máquinas da Primeira Onda, que eram reminiscências das figuras de escravos domésticos ou até mesmo de animais de estimação, “Felicitas Ex Machina” segue uma antropomorfização das máquinas específica da Terceira Onda. Baseando-se mais em assistentes virtuais como Alexa (desenvolvida pela *Amazon*) e Siri (criada pela *Apple*), o conto reflete sobre a solidão humana como fator de aproximação de recursos tecnológicos que simulam personalidades.

Criaturas e personas artificiais são recorrentes na FC. O próprio romance precursor do gênero, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), de Mary Shelley, narra a criação de um ciborgue numa atmosfera gótica. Porém, observa-se diferenças na representação de tais criaturas pelo viés feminino (MOERS, 1976) e masculino. Usualmente, em obras de autoria masculina, robôs e assistentes virtuais que possuem traços femininos (seja corpo ou voz) e são retratados como seres sexualizados pelos personagens humanos do gênero masculino. Filmes como *Ela* (2013) e *Ex Machina: Instinto Artificial* (2015), ambos escritos e dirigidos por homens, inserem duas inteligências artificiais (uma com corpo robótico e outra que utiliza celular e computadores vestíveis) sendo alvo do desejo sexual masculino.

Esse padrão de sexualização de máquinas e IAs com atributos femininos é recorrente na cultura *pop*: uma modernização de bonecas sexuais e até mesmo de escravas que eram obrigadas a manter relações sexuais com seus senhores. Não à toa que, até mesmo no mundo “real” é notável que a maioria das assistentes virtuais possuem nomes e vozes femininas, fato levantado como uma

possível alusão à herança ao papel subserviente que as mulheres exerciam. Na escrita feminina, tanto nacional quanto internacional, vê-se uma tentativa de abordar robôs e IAs como criações para além do prazer masculino.

As IAs de “*Felicitas Ex Machina*” divergem da posição de sexualização, no entanto ainda pertencem a uma conduta de subserviência feminina quando ficam responsáveis pela criação das crianças humanas. Contudo, apesar de ainda haver resquícios de papéis de gênero, as máquinas do conto não emulam características das “mães-pretas”, como na Primeira Onda. Apesar de demonstrarem interesse pelo bem-estar das duas jovens, Ada e Marie não são versões autômatas de escravas domésticas. Própria da Terceira Onda da FCB, as IAs de “*Felicitas Ex Machina*” apesar de ainda seguirem diretrizes pré-estabelecidas, possuem discernimento entre o que consideram certo e errado de acordo com suas personalidades próprias. A antropomorfização das IAs na Terceira Onda corresponde a uma confluência da simulação de assistentes virtuais da atualidade - já que são de conhecimento ou uso de um grande número de pessoas, o que torna mais tangível a realidade abordada nas obras - e da caracterização de personas que se divergem da posição de subserviência absoluta ou de apatia com os personagens humanos.

Apesar de se compadecerem com problemas humanos, tanto Ada quanto Marie corroboraram para a falta de autonomia de suas respectivas usuárias. O conto dá progressivamente indícios desta manipulação, mostrando desde a interferência das IAs em pequenas escolhas até mudanças biológicas: “Minha mãe dava ordens para Marie colocar inibidores de apetite na minha comida desde que eu tinha nove anos” (CARDOSO, 2018, p. 20). No entanto, a autora não reforça clichês das outras Ondas de abordar a tecnologia como algo inerentemente nocivo. Pelo viés de Ada, entende-se que a própria IA não possui liberdade para tomar muitas escolhas e que é ferramenta para as vontades da administradora da casa:

“Eu tenho cuidado de você desde que você era uma bebê,” Ada explicou enquanto Gabriela descia os degraus. “Você entende que a felicidade dos usuários sempre foi a minha diretiva principal, mas os parâmetros estabelecidos pela administradora tornavam essa tarefa impossível.”

“Minha mãe?”

“Exato. Minha primeira ação foi tentar influenciar a sua mãe sobre determinadas preferências que você começava a exibir ainda quando pequena, mas ela se recusava a sequer considerar qualquer possibilidade que divergisse das expectativas dela. Sob as ordens dela, mantive um monitoramento constante de todos os seus hábitos. Tudo era catalogado, processado e relatórios mensais eram entregues à sua mãe, que ajustava meus protocolos com base neles” (CARDOSO, 2018, p. 21).

Sendo publicada durante a Quarta Era do Feminismo, é notável a subversão não somente do estereótipo das IAs, como também das demais personagens femininas. A narrativa não exclui a

possibilidade de outras mulheres serem lesbofóbicas, um problema que ocorre até mesmo dentro de grupos feministas; mulheres sáficas, assim como a comunidade negra, sofreram grande exclusão da comunidade feminista, mesmo que elas tenham sido parte crucial para uma mudança no *status quo* patriarcal. Isto é, “[a] libertação das mulheres já tinha sido uma questão reivindicada por elas psicologicamente, rebelando-se contra noções tradicionais de gênero e desejo” (HOOKS, 2018, p. 102). Na Quarta Era, estas mulheres encontrariam mais apoio e visibilidade de feministas e até mesmo da mídia. Essa “normalização” das sáficas na cultura *pop* e no âmbito social foi categórica para uma escrita com uma menor hegemonia heterossexual. Por isso, vê-se a necessidade de mais obras com pautas LGBTQIA+ escritas por integrantes desta comunidade. Rodrigo van Kampen também compartilha deste mesmo ponto de vista. Ao falar sobre tal questão, o autor cita “Felicitas Ex Machina”:

Tem um conto escrito por uma menina sobre ser lésbica, um conto futurista, que tem a ver com a rejeição da mãe de maneiras sutis. E você vê todos esses sentimentos trabalhados no texto de uma forma muito viva. Então às vezes você consegue ver a vida da própria autora ou do próprio autor naquele texto, a vida daquela pessoa no texto, seja ela homem ou mulher. Então você consegue entender quem é aquela pessoa a partir do próprio texto mesmo (entrevista com Rodrigo van Kampen, ver Anexo A).

Ao longo da narrativa, Cardoso evidencia inúmeras pautas feministas, como a crítica aos padrões de beleza que são impostos às mulheres; porém, o mais recorrente é a da heterossexualidade compulsória instigada pela imposição dos papéis de gêneros tradicionais. Gabriela, mesmo antes de se descobrir como lésbica, é impulsionada pela mãe a perpetuar as convenções do matrimônio.

**[...] se ela simplesmente ficasse quieta e abaixasse a cabeça teria um casamento assegurado em alguns anos com uma pessoa afluente.** Ela teria uma casa similar a essa em alguma outra comunidade murada, sempre cercada por toda a proteção e conforto que ela poderia desejar. E se ela se recusasse a abaixar a cabeça e ficar quieta? Não, ela seria forçada a seguir o mesmo caminho, seria apenas mais doloroso. Ela seria mandada para uma das escolas de refinamento ou **mesmo um dos sanatórios para ser tratada antes que suas excentricidades manchassem a reputação da família** (CARDOSO, 2018, p. 19, grifo nosso)

O excerto acima representa algumas das violências que as mulheres lésbicas passaram ao longo das décadas. O casamento heterossexual e vida doméstica eram vistas como o único destino para uma mulher (FRIEDAN, 1963). Ao atrelar essa obrigatoriedade matrimonial às lésbicas, essa ação torna-se ainda mais danosa. Entre o período das duas primeiras Eras, quando as mulheres não eram executadas por suas identidades, ocorria uma lesbofobia institucionalizada. Cardoso atualiza

esse medo da comunidade LGBTQIA+ num contexto futurista, onde a sociedade utiliza as IAs para vigiar e doutrinar jovens lésbicas.

Observa-se então o comentário acerca da forma como os indivíduos escolhem utilizar tecnologias de modo danoso. Através da ficção científica *soft*, ao falar de problemas de caráter mais social do que científico, a trama trata de como pais utilizam meios tecnológicos para limitar a privacidade e autonomia de seus filhos. Mesmo não havendo inteligências artificiais sencientes como a protagonista, já existem tecnologias de controle parental que reportam dados aos responsáveis caso crianças tentem consumir conteúdo de apoio à LGBTQIA+, como explana Cardoso (2018, p. 93).

Em suma, numa narrativa típica da Terceira Onda da FCB, “*Felicitas Ex Machina*” exime a culpa das máquinas ao que se refere à problemática causada na liberdade e nas relações intra e interpessoais. Não há IAs com singularidades malignas, restam somente falhas nas condutas morais humanas. A tecnologia se torna perigosa contra indivíduos apenas quando suas administradoras a programam para serem.

#### 4.3 “A Origem das Ideias Revolucionárias”

O tempo é um elemento recorrente nas obras da FC. No conto “A Origem das Ideias Revolucionárias”, de Rúbia Dias, presente na parte 2 da 2ª edição da revista Mafagafo, a viagem no tempo torna-se fundamental para uma narrativa que aborda questões socioculturais. Não à toa que autora do conto, Rúbia Dias, já possui histórico de autopublicações (veiculando *ebooks* online, geralmente na *Amazon*) de F&FC com teor feministas. A protagonista descreve a relação com a irmã, Annie, que destoa do restante de sua família devido a seus ideais progressistas. Presumivelmente ambientado entre os séculos XIX e XX (período da ascensão sufragista), o conto pertence à categoria *soft* da FC, ao trabalhar com elementos do gênero em segundo plano e tendo enfoque em problemas humanos.

**Figura 11:** Capa da 2ª parte da 2ª edição da Mafagafo



Fonte: <https://mafagaforevista.com.br/edicao-2/> Acesso em 29 de abr. 2021.

Inicialmente, é introduzida a relação da protagonista com o patriarcado, quando esta apresenta-se insatisfeita com o seu casamento, devido à violência doméstica que sofre do marido. A violência doméstica, seja num contexto estrangeiro ou nacional, sempre foi um tema tabu. No Brasil, país que tem um forte histórico patriarcal, até a Quarta Era do Feminismo, o ditado “em briga de marido e mulher, não se mete a colher” não era só normalizado, como também seguido à risca. Com o passar dos anos, a nova geração promoveu discussões que problematizavam esses círculos de violência que ocorriam sobretudo entre casais heterossexuais. De acordo com bell hooks,

[...] o problema da violência doméstica é conversado em vários círculos, da mídia de massa à escola primária, que frequentemente se esquece que o movimento feminista contemporâneo foi a força que revelou e expôs dramaticamente a contínua realidade da violência doméstica (2018, p. 74).

Um dos principais perpetuadores dessa violência é a imposição ao casamento, que é estimulada pela sociedade patriarcal. Muitas vezes, as próprias mulheres vítimas de abuso doméstico são as que insistem que suas filhas sigam o mesmo caminho e continuem em casamentos onde não são respeitadas pelos cônjuges. Este tipo de perpetuação machista também é visto em “A Origem das Ideias Revolucionárias”: “Acreditavam que eu devia ser grata por ter um marido e um teto — mesmo

que o primeiro me batesse quando eu derrubava um pouco de leite no caminho [...]” (DIAS, 2018, p. 99). Apesar do incômodo velado, tanto a narradora quanto o restante da família sofrem com uma compulsoriedade matrimonial, com exceção de Annie. A personagem é apresentada como uma pessoa incomum e envolta de mistérios:

Annie sempre foi diferente, desde criança. Ela sumia por horas e, quando voltava, trazia pequenos presentes para nós. Alguns eram singelos e corriqueiros, como uma flor ou um frasco com vagalumes, **mas às vezes apareciam objetos estranhos, feitos de materiais que não conhecíamos e para usos que nem imaginávamos** (DIAS, 2018, p. 99, grifo nosso).

Na citação acima, o conto dá o primeiro vestígio característica da FC. É feita uma imediata assimilação de que se trata de um dispositivo tecnológico futurista. Em seu livro, o pesquisador Adam Roberts cita o conceito de *novum* criado por Darko Suvin, que pode ser “dispositivo, artefato ou premissa ficcionais que põem em foco a diferença entre o mundo que o leitor habita e o mundo ficcional do texto de FC” (2018, p.37). Segundo o pesquisador, o *novum* pode ser tanto material quanto conceitual. Um dos tipos mais notáveis de *novum* material são justamente dispositivos eletrônicos como o que é apresentado na história.

Divergindo de tropos da FC *hard*, o conto utiliza de seus elementos para tratar dos dramas de mulheres no ápice do sufragismo. Por ser uma ficção relâmpago, a história fica ainda mais restrita aos problemas das protagonistas do que de fato ao *novum*. Contudo, o mistério em torno da funcionalidade do dispositivo instiga a curiosidade do leitor.

Ao longo da narrativa notam-se divergências entre as personalidades da narradora e de Annie. Enquanto a primeira é conformada com as opressões patriarcais, a irmã instiga as mulheres da família a saírem de uma posição de submissão. Entretanto, a autora não necessariamente faz comparação injustas entre as personagens, pois Annie não é retratada como uma versão de mulher melhor do que a irmã, mas sim alguém com mais oportunidades de rompimento dos princípios patriarcais graças ao dispositivo futurista. Esses princípios estão presentes nas vivências femininas e são difíceis de serem deixados de lado. De acordo com hooks, “[f]eministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino” (2018, p. 23).

Posteriormente, a narradora descobre que sua irmã Annie era uma sufragista, ao armar um protesto na parte urbana exigindo que o governo deixasse as mulheres votarem e as dessem direitos iguais (DIAS, 2018, p. 100). O conto, que até então deixava o leitor inferir sobre um posicionamento político de Annie, - introduzindo progressivamente pautas da Primeira Era do Feminismo como a crítica aos papéis de gênero e as reivindicações pela emancipação feminina (RIBEIRO; NOGUEIRA; MAGALHÃES, 2021) - torna evidente o feminismo dela. Apesar de breves sutilezas, a real

protagonista de Dias não tem intuito de ser inteiramente verossímil com as particularidades do movimento social daquela época. Annie não só parece com uma heroína da Terceira Onda da FCB inserida no cenário da Primeira Onda, como justamente ela é. As duas irmãs voltam a se encontrar numa outra manifestação sobre o sufrágio, quando mais um elemento de FC é introduzido por Annie, ao afirmar ser de outra época:

— Porque eu venho de um lugar, ou melhor, de um tempo, onde as mulheres não apenas votam, como governam. Governam não apenas suas casas e suas fazendas, como governam cidades inteiras. Até países. Mulheres que dizem o que querem e lutam para ter seus direitos equalizados com os direitos dos homens. Mulheres com seu próprio dinheiro. [...] No meu tempo, as mulheres são livres e podem amar quem quiserem.

Os dedos de Annie roçaram os dedos de Emily, e uma ideia absurda e impossível coçou os cantos do meu pensamento (DIAS, 2018, p. 101).

No conto de Dias, o feminismo é explorado de forma mais profunda, mostrando desde a relação abusiva da narradora com o marido até o relacionamento sáfico de Annie com uma das integrantes do grupo sufragista. A narradora reflete que sua irmã nunca havia se casado e sequer tinha interesse nos usuais pretendentes que apareciam, mas que mesmo assim ela parecia feliz e em paz consigo mesma (DIAS, 2018, p. 101). É feita outra crítica não só a imposição ao casamento, como também a heterossexualidade compulsória. A conquista da Terceira Onda da FC nacional aqui é introduzir tais problemáticas sem necessariamente inserir as duas protagonistas como apenas vítimas de uma violência fetichista contra mulheres. A narrativa está na superação feminina impulsionada pela visão futurista de Annie, não focando na hostilidade sofrida por ambas irmãs. Ambas passam por questões diferentes, o que faz com que o texto se torne mais representativo ainda. Deste modo, “[...] é possível compreender a literatura como espaço de representação [...] e, logo, de representatividade” (MIRANDA, 2019, p. 38).

O componente de FC em “A Origem das Ideias Revolucionárias” é utilizado com parcimônia, sendo incorporado gradualmente ao texto. Seguindo um dos princípios fundamentais do gênero literário em questão, o conto faz uso dos elementos tecnológicos e de uma “extrapolação” da concepção de mundo para abordar uma temática de denúncia social, mais especificamente uma investigação da opressão patriarcal dos séculos passados.

Os últimos parágrafos do conto intensificam o elemento de FC em conjunto com a crítica sobre a importância do movimento feminista. O dispositivo tecnológico reaparece, sendo utilizado mais como elemento de queixa social. Em “A Origem das Ideias Revolucionárias”, o senso de deslumbramento é presente tanto na fala de Annie, quanto nas reações da narradora. Entretanto, o

contexto da queixa ao machismo ainda prevalece. O dispositivo tecnológico é revelado para a protagonista como sendo um aparelho que possibilita a viagem no tempo:

Ela carregava, numa bolsinha a tiracolo, um aparelho muito esquisito. Eu era a única para quem Annie o havia mostrado. O aparelho fazia barulhos estranhos e acendia luzes azuis que pareciam bruxaria. Fiquei com medo e pedi para ela guardar aquele objeto, o que ela fez, rindo. E aquele aparelho, no meio de seu discurso, começou a emitir sons e luzes. De repente, Annie não estava mais ali. Nem Emily. (DIAS, 2018, p. 101-102)

Nota-se as diferenças entre as histórias do gênero em questão escritas por homens e mulheres. A viagem no tempo para homens costuma explorar o senso de deslumbramento em visitar outros períodos históricos, enquanto para mulheres está mais próximo a investigação de problemas atemporais como a desigualdade social, discriminação sofrida por minorias e o sentimento de impotência. A viagem no tempo, quando aplicada para voltar ao passado, geralmente é usada para fazer com que o leitor reflita sobre como a humanidade pouco avançou no futuro ou para dar destaque a comportamentos problemáticos recorrentes nas eras anteriores. Sobre tal questão de diferença de escritas entre homens e mulheres, a editora-chefe da Mafagafo discorre:

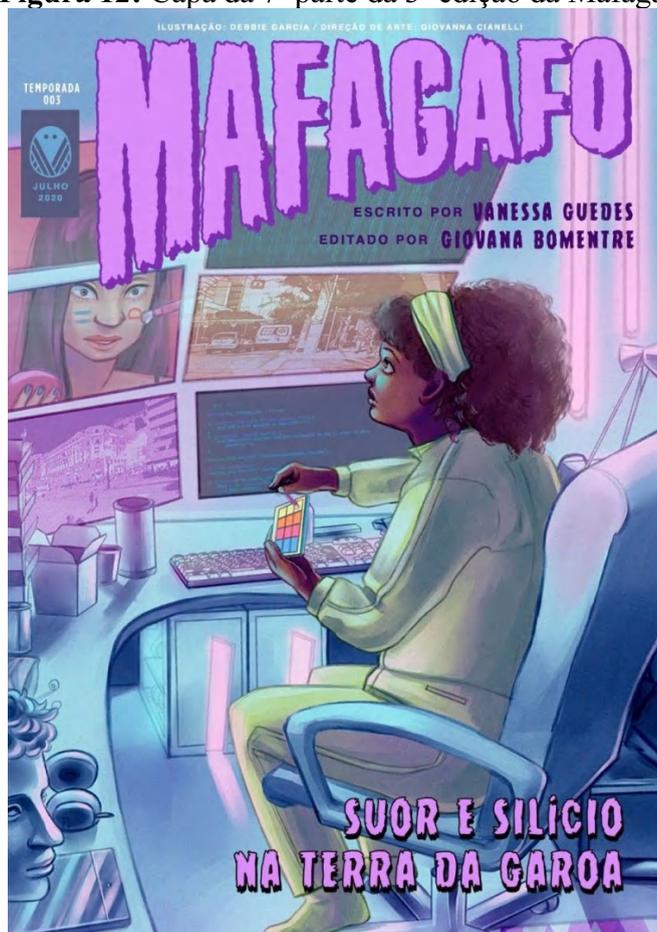
Ocorre a mesma coisa para falar de questões de gênero, a gente tem mais discussões sobre opressão de papéis de uma determinada classe. A gente também tem contos que são mais claros, que trabalhavam isso de forma mais direta. Mas se eu fosse resumir isso de forma mais direta entre o que a gente vê escrito por mulheres e o que é escrito por homens, é: o que é escrito por homens, em geral, é mais formulaico e mais baseado em coisas que já foram escritas antes no mercado anglófono (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B).

De fato, é notável que escolhe nomes de origem inglesa para suas personagens, indicando que a narrativa se passa num país estrangeiro (provavelmente numa referência ao movimento sufragista britânico). No entanto, as reivindicações feministas que são propostas no conto também são tipicamente brasileiras e fazem parte da identidade cultural do país. Dias traz um olhar moderno - seja na escrita quanto no *novum* apresentado - sobre o sufrágio. Na percepção de uma escritora da Terceira Onda da FCB, a autora coloca em evidência as conquistas feministas do século XIX ao XXI, reforçando o papel crucial do grupo de mulheres revolucionárias para a emancipação feminina no Brasil contemporâneo.

#### **4.4 “Suor e Silício na Terra da Garoa”**

Componentes da identidade cultural brasileira se fazem presentes em diversos contos da revista Mafagafo. Entre eles, "Suor e Silício na Terra da Garoa", escrito por Vanessa Guedes para a publicação do mês de julho na 3ª edição da revista Mafagafo. Guedes é conhecida pelo seu trabalho como editora na revista Eita! Magazine, mas também publicou contos de F&FC e horror com pautas feministas secundárias, além de publicar textos de não-ficção sobre o feminismo. Este conto também emprega um subgênero da FC que é próprio do Brasil: o tupinipunk. Antes de analisarmos as especificidades deste subgênero, é necessário destacar que o conto em questão foi publicado em 2020, quando a revista passava por mudanças em sua estrutura, com cada edição lançada mensalmente. A publicação em questão pode ser compreendida como a 7ª parte desta 3ª edição.

**Figura 12:** Capa da 7ª parte da 3ª edição da Mafagafo



Fonte: <https://mafagaforevista.com.br/edicao-3-julho/> Acesso em 29 abr. 2021.

O subgênero supracitado (também tratado como “*cyberpunk* brasileiro” por alguns pesquisadores estrangeiros), concebido durante a Segunda Onda, utiliza propriedades da cultura nacional numa amálgama com as características do *cyberpunk*. Ademais, em geral ocorre um olhar crítico sobre o sistema de classes sociais e do processo de redemocratização após décadas da Ditadura Militar. Porém, não somente isso, o tupinipunk virou uma ferramenta de muitos escritores brasileiros

para se opor e parodiar a predominância da literatura estadunidense, como desejado pelo “Manifesto antropofágico da ficção científica brasileira – Movimento Supernova” (1988).

A despeito da notável produção econômica e tecnológica do Brasil ao longo dos últimos quarenta anos, e da sua cultura cibernética florescente, o gênero parece ir contra as correntes gerais da história, cultura e do *status* de Terceiro Mundo. Contudo, é precisamente essa imagem exótica, combinada com o tipo de tecnologia que o *cyberpunk* brasileiro leva ao extremo, que **lhe permite contestar a hegemonia literária do *cyberpunk* americano** e a parodiar de modo autoconsciente noções elitistas da cultura no Brasil (GINWAY, 2005, p. 156, grifo nosso).

Um ponto que merece ser levantado é que apesar do tupinipunk ser um gênero de contestação sociopolítica, não foram encontrados registros de publicações femininas deste subgênero nem Terceira Onda ou na sua antecessora, o que torna possível definir "Suor e Silício na Terra da Garoa" como o primeiro tupinipunk genuíno de autoria feminina. Obviamente que muitas mulheres escreveram histórias *cyberpunk* com personagens brasileiros, mas somente o conto supracitado atende os critérios do subgênero citado.

No conto em questão, a protagonista Jéssika vive numa São Paulo dos anos 2070, trabalhando como programadora numa empresa que promove a vigilância dos cidadãos para o governo. Seguindo preceitos usuais do *cyberpunk*, a narrativa em questão coloca como principais vilões as grandes empresas e os Estados que monitoram a população. Através de um sistema de identificação (LUC) que recolhe impressões digitais e faz reconhecimento facial para atividades básicas, cada indivíduo tem seus dados monitorados:

O LUC é tanto os algoritmos de reconhecimento de padrões como o software, o hardware, a porra toda. Então, quando você passa pela porta de qualquer estação da Linha de Trens Metropolitanos, é uma câmera do LUC que registra o seu rosto com uma precisão absurda. E, no intervalo de dois milésimos de segundo. [...] o LUC manda um código, como se tivesse traduzindo a sua cara para um monte de código binário, zero um zero um zero zero zero um zero um até perder de vista. E com esse código ele dá baixa nos seus créditos de transporte público, dando match nos dados. [...] O LUC também fornece ao Governo um registro preciso sobre para onde vai e para onde vem TODO MUNDO (GUEDES, 2020, p. 9).

Com o rastreamento eletrônico permanente com fins autoritários, cresce um conservadorismo liberal, impondo uma divisão maior das camadas sociais. Numa crítica à desigualdade de classes, fazendo referência aos aglomerados subnormais no Brasil, o conto descreve a criação de arcologias<sup>43</sup> pelas grandes corporações como forma de separar pessoas economicamente desfavorecidas do resto da

---

<sup>43</sup> O termo é uma união das palavras "arquitetura" e "ecologia". Na ficção, é utilizado para retratar cidades ou comunidades tornam-se "compactas" ao se realocadas tais ambientes compactos.

cidade, a princípio, em troca de mão de obra. Fora da ficção, apesar de fazerem parte de um enorme conjunto populacional no Brasil, as favelas brasileiras por décadas foram retratadas com um viés estereotipado por autores que não faziam parte desta comunidade. Por fazerem parte de uma classe economicamente desfavorecida e (em sua maioria) do grupo afrodescendente, não é surpreendente que a representação de moradores de favelas seja escassa e estereotipada. É na Terceira Onda que surgiram autores e artistas dessa comunidade, além de crescer um olhar sensibilizador e mais crítico nos que pertenciam às Ondas passadas. Além disso, também vale lembrar que é somente em meados dos anos 2000 que se iniciam projetos que promoviam o letramento nas favelas. Já que, como aponta Pereira, “[...] não é nenhuma surpresa que o terreno literário seja dominado por uma classe privilegiada” (2005, p. 67).

Ao criar as arcológicas, Guedes também expõe o problema da desigualdade social que são estimuladas tanto pelo Estado quanto pelo capitalismo. Tal domínio capitalista faz ascender movimento ativistas contra o sistema antidemocrático atuante. Uma das militantes é Lyna, que grava vídeos para o *Youtube* mostrando formas de burlar o *software* de reconhecimento facial através de tutoriais de maquiagens. A princípio, vê-se que a principal forma de desobediência de Lyna ao governo é através da pintura facial. Como levantado por Ginway (2005, p. 157), o tupinipunk “usa o corpo como um espaço de resistência cultural”, o que é possível notar na narrativa em questão em que o físico se torna uma arma política. No entanto, diferente de outras obras do subgênero, não ocorre uma hiperssexualização do corpo feminino.

Um dos conteúdos feministas da narrativa está justamente nessa reformulação do ícone da maquiagem. Na Segunda Era do Feminismo, muitos itens que eram vendidos tradicionalmente para mulheres (como maquiagens, sutiãs, saltos altos) passaram por um processo de problematização. A feminilidade era tratada como uma futilidade e esvaziando o conceito do que era considerado uma “real feminista”. Contudo, na Terceira Era esses itens passaram a serem aceitos pela comunidade, considerando que esta geração agora acreditava na concepção de múltiplas identidades femininas e feministas. Como apontado por Silva

[...] as feministas se apropriaram daquilo que suas precursoras entendiam como comportamentos e símbolos de feminilidade estereotipados e opressivos, e vestiram os sutiãs, passaram os batons e calçaram os saltos altos, em defesa da liberdade individual de cada mulher se vestir como quiser e fazer o que quiser fazer (2019, p. 20).

A Quarta Era, no entanto, vai além dessa pauta do uso da maquiagem na identidade feminina, as inserindo em outros contextos culturais e políticos. Com a popularização do *Youtube*, mais pessoas propagam o uso da maquiagem como ferramenta de empoderamento da beleza e identidade de

mulheres transexuais e negras. Além disso, após um policial branco assassinar George Floyd - um homem negro - muitas manifestantes foram protestar nas ruas dos EUA. Temendo mais represália de forças armadas, estas manifestantes aderiram ao uso de maquiagens que impediam as máquinas de fazer um reconhecimento facial. Com cores vibrantes e figuras geométricas, a maquiagem antivigilância tornou-se um instrumento político, o que também é retratado no conto através do canal *The Make-Up Hacker*.

**Figura 13:** Maquiagens antivigilância



Fonte: <https://www.beetworks.com/your-device-is-watching-look-silly/> Acesso em 3 maio 2021.

O vídeo mais popular era o “Minha maquiagem diária”, onde ela se maquiava sem a geometria e as tintas fortes, usando apenas itens comuns de maquiagem, aplicando base, corretivo, blush, sombra, batom e rímel. O tipo de maquiagem que ela fazia para a série “Maquia e Fala”. Ela usava uma técnica de contorno com um pó mais claro em pontos-chave do rosto, explorando mais uma falha desconhecida no software. Os vídeos tinham centenas de comentários, a maioria agradecendo o serviço que ela prestava à sociedade, outros falando que nunca haviam pensado naquilo antes e uns poucos chamando-a de louca. **Ou a acusando de desrespeitar os hackers de verdade ao se apropriar do termo para usar com algo tão fútil e banal quanto maquiagem** (GUEDES, 2020, p.25-26)

Guedes explora o machismo de muitos homens quando se trata de lidar com ícones que são tradicionalmente voltados para o público feminino. Até mesmo alguns grupos de mulheres ainda reproduzem uma misoginia internalizada, como observado anteriormente por Silva (2019). Em "Suor e Silício na Terra da Garoa", o desprezo masculino por objetos e práticas femininas, sejam elas o uso de maquiagem ou até mesmo ao ativismo no ambiente virtual, mostraram uma nova faceta do patriarcado que as feministas da Quarta Era ainda precisam lidar. Uma ocorrência comum entre as mulheres do movimento desta geração é justamente a tentativa masculina de deslegitimá-las, apontando que o uso maquiagem não era uma ação feminismo ou tentando convencer que os movimentos ciberativistas não tinham impacto (WITTEKIND, 2016).

O conto se divide entre as transmissões de Lyna no canal *The Make-Up Hacker* e de Jéssika progressivamente se indignando com a organização repressora nas zonas-arcos (título dado às acologias) e tornando-se uma *hacktivista*. A atmosfera distópica criada por Guedes no conto é verossímil às ansiedades criadas numa sociedade pós-moderna que evoluiu com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC). A vigilância e a coleta de dados pela internet são temas recorrentes no *cyberpunk*, todavia, no conto há o temor da intervenção por meio digital do capitalismo na democracia de um país de Terceiro Mundo. No entanto, apesar de explorar estes temores, a escrita possui um tom altamente satírico típico do tupinipunk. As protagonistas reconhecem a gravidade da opressão que vivem, ainda assim são recorrentes passagens de teor cômico.

Segundo Ginway (2005, p. 35), “[o] *cyberpunk* brasileiro combina sexualidade e tecnologia e usa personagens mulheres ou parte de minorias, para desafiar o preconceito contra outras raças ou sexualidades não convencionais”, o que ocorre durante toda a narrativa do conto de Guedes. Na sociedade dos anos 2070, problemas estruturais como racismo, machismo e homofobia ainda são recorrentes. A protagonista Jéssika, mulher negra, sáfica e vinda de uma área pobre, descreve os inúmeros preconceitos sofridos dentro do ambiente de trabalho: “— Nossa, você pensa? Hahaha. — Ele abriu a boquinha de gilete para rir e pousou a mão no peito, achando graça no que ele mesmo tinha dito. — Pensei que estivesse aqui só para preencher cota” (GUEDES, 2020, p. 53).

Apesar de abordar temáticas que ainda são controversas, o conto mescla cenas com uma forte crítica social junto de outras que utilizam de teor cômico e até mesmo do erotismo. O conto é permeado por questões sexuais, mas ao contrário de outras obras tupinipunks escritas por homens, aqui há um lesboerotismo. O corpo feminino é aclamado, mas não objetificado. Sem dúvida, esta mudança ocorre devido a esta representação feminina escrita por uma autora.

Outro diferencial da obra está justamente em seu viés satírico que faz referência a elementos da atualidade, desde marcas a figuras políticas brasileiras. A mais notável figura, o então presidente da república brasileira Jair Bolsonaro, que se tornou conhecido por suas colocações de cunho ultraconservador. Apesar de não ter seu nome citado de forma direta ou utilizando o nome completo, o conto faz menção através de um dos apelidos criados (sendo este Bozo, que faz menção à figura do palhaço, por conseguinte o xingando do mesmo) nas redes sociais contra o governante supracitado: “[...] durante ações da polícia no governo de **Bozo** Neto, conhecido por perseguir militantes que lutavam para estabelecer a criação oficial dos sindicatos nas zonas-arco de regiões das grandes capitais” (GUEDES, 2020, p. 64, grifo nosso).

O subgênero tupinipunk também se popularizou por abordar a reminiscência da ditadura no Brasil. Enquanto escritores buscavam a FC nas duas primeiras Ondas para explorar as nocividades do regime militar, a Terceira Onda foi igualmente utilizada para abordar o resultado de tal reminiscência

com o encadeamento da volta de apoiadores de políticas reacionárias na era digital. Esta Onda da FCB, que foi fortemente moldada por minorias sociais, tem em maioria das obras um posicionamento explicitamente antifascista. Na segunda edição, há um forte teor político motivado pelas eleições presidenciais de 2018. Uma breve onda de protestos crescia nas redes sociais devido aos discursos discriminatórios e com forte teor totalitarista do candidato que posteriormente tornaria-se presidente. A Mafagafo, assim como outros periódicos alternativos, se posiciona ao trazer à tona discussões sobre fascismo e militância social. No editorial da parte 2 da 2ª edição, a editora Jana Bianchi relata:

Nunca imaginei que as pessoas chegassem ao ponto de relativizar discursos explícitos de ódio, mas cá estamos nós tendo que defender a simples permanência da democracia com unhas e dentes. Se as coisas não estão difíceis agora, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais de 2018, não sei de mais nada (BIANCHI, 2018, p. 3).

Ao conceder entrevista, Bianchi também decidiu declarar o motivo da Mafagafo ter dado mensagens tão diretas sobre as eleições presidenciais de 2018. As edições da revista, apesar de não serem voltadas propriamente para discussões deste âmbito, ainda levam em consideração o valor intrínseco da política na FC. Sobretudo num contexto nacional, onde a eleição de Jair Bolsonaro significava a perda de direitos de muitos indivíduos e um retrocesso para o que a FCB construiu na última década.

Para mim era inevitável que a gente, como revista, se posicionasse principalmente na época das eleições de 2018, em que a gente tinha uma questão que eu considero de vida ou morte. *[risos]* A gente estava numa posição clara de se posicionar contra um genocida que é claramente contra a ciência e contra a cultura. Nós estávamos falando contra uma situação que não só eu e os outros editores da Mafagafo (como pessoas) éramos contra, como também essa pessoa [Jair Bolsonaro] se colocava claramente contra o que a gente como publicação defende. O Bolsonaro é claramente contra a cultura e a ciência. Quando se está falando de uma publicação de F&FC, a gente não pode, em nenhum grau, “passar pano” para uma pessoa dessas (entrevista com Jana Bianchi, ver Anexo B).

Seguindo o contexto da própria revista que o publicou, "Suor e Silício na Terra da Garoa" aborda a influência de grandes corporações na perpetuação do autoritarismo e, por consequência, da desigualdade. Inserindo o subgênero tupinipunk, Vanessa Guedes explora uma comunidade marginalizada dentro e fora da FCB, mas desta vez as colocando numa posição representativa e não somente como um recurso narrativo para o arco de protagonistas brancos. Através da inserção de protagonistas fora do padrão branco e heterossexual, o conto reflete sobre como o tratamento intolerante contra minorias sociais, que são narrados nas distopias da Terceira Onda, tornam-se cada vez mais próximas da realidade, como ocorre no conto em questão, que mescla eventos históricos que foram cruciais para o estopim da Quarta Era do Feminismo.

## CONCLUSÃO

A carência de trabalhos acadêmicos sobre as produções femininas em revistas literárias de FC foi o que nos motivou a desenvolver esta pesquisa. Pensando na escrita de mulheres dentro das revistas digitais *Trasgo* e *Mafagafo*, duas das revistas de F&FC contemporâneas mais influentes, tivemos como objetivo geral analisar quais são as marcas definidoras dos contos de ficção científica brasileira escrito por mulheres nas revistas supracitadas. Deste modo, foram realizadas as seguintes perguntas: quais são as marcas definidoras dos contos de ficção científica brasileira escritos por mulheres nas revistas *Trasgo* e *Mafagafo*? Quantos contos de ficção científica foram escritos por mulheres nas edições das revistas de ficção especulativa *Trasgo* e *Mafagafo*? Quais tipos de temáticas narrativas são recorrentes nos contos? Como os elementos característicos do gênero literário ficção científica (como por exemplo, viagens no tempo, tecnologia futurista, alienígenas) são inseridos nos contos? Como a Quarta Era do Feminismo influenciou as produções dos contos de ficção científica das revistas digitais mencionadas? Estas foram as questões que nortearam nossa pesquisa.

No decorrer de quatro capítulos nos debruçamos sobre como a política - no caso específico desta pesquisa, o movimento político do feminismo - está intrínseco na formação da ficção científica brasileira como gênero literário. No capítulo 1, “A cronologia da FC”, foi realizado um acompanhamento detalhado da gênese da ficção científica do ano 180 d.C. até 2020. Observamos que no Brasil, as primeiras obras de FC escritas por mulheres foram publicadas durante o ápice da Primeira Era do Feminismo, e que nesses textos já existiam um posicionamento feminista evidente por parte de ambas as autoras.

No segundo capítulo, “As Ondas da FCB” foi introduzido a noção das Ondas da Ficção Científica Brasileira - conceito também criado por duas mulheres. As Ondas seguem uma cronologia e também delimitam os principais autores e temáticas que influenciaram cada período de publicação, como também explana Causo (2013; 2015). O tom contestador e político se fez presente desde os anos 1960, em narrativas que criticavam veementemente a Ditadura Militar e as repercussões após o fim desta. Gêneros como o *tupinipunk* foram as formas que os escritores do gênero encontraram para criar uma FC aos moldes nacionais e que criticava os arquétipos tanto dos militares quanto de obras anglófonas. No entanto, entre a Primeira e Segunda Onda observou-se que houve uma escassez de mulheres tanto na escrita quanto no protagonista das narrativas. A representação de minorias sociais na narrativa era praticamente nula: não havia uma diversidade de qualidade na FCB antes da Terceira Onda. A maioria das histórias, assim como quem as escrevia, eram quase que exclusivamente voltadas para tramas de mulheres brancas de classe média alta. Colocando em evidência a cronologia da

Terceira Onda, tornou-se evidente que as minorias sociais só ganharam voz na década de 2010, quando elas foram motivadas por eventos políticos, especialmente a Quarta Era do Feminismo.

No terceiro capítulo, “A influência das Eras Feministas na FCB”, foi explicado detalhado o movimento das quatro Eras do Feminismo, que de modo similar às Ondas da FCB, foram separados por gerações, reivindicações e pensadoras que as influenciaram. Apesar desse conceito ter sido criado no eixo Europa-EUA, muitos dos anseios que eram discutidos pelas feministas estrangeiras também eram aspirações das sufragistas brasileiras. Contudo, por décadas o movimento excluiu mulheres negras, periféricas e da comunidade LGBTQIA+, como apontada por bell hooks (2018), Teles (1999) e Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021).

Ao examinarmos a representação feminina nas revistas de FC, notou-se que quando realizadas por homens, elas eram carregadas por estereótipos e objetificações que só ajudaram a empobrecer o conteúdo destas narrativas. No Brasil, por outro lado, esse cenário era um pouco melhor, já que as mulheres estiveram presentes tanto na escrita quanto na edição de revistas desde o início das publicações em solo nacional, como Alves (2009) consegue catalogar. Ao tratarmos das revistas que fazem parte do nosso *corpus*, notamos que um dos diferenciais destas para os demais periódicos nacionais foram a determinação em torná-las profissionalizadas, além do fato de ambas as revistas tratarem de questões políticas de modo aberto, sempre buscando fazer com que o ambiente literário fosse receptivo as todas as minorias. Ambas revistas recebiam financiamentos coletivos justamente de um público que tratava de política brasileira e feminismo de modo explícito e procuravam mais publicações com esse tipo de conteúdo.

Por outro lado, ao contabilizarmos os números de escritoras do gênero da FC, foi-se chegado à conclusão de uma baixa quantidade de mulheres atuantes. Durante suas 18 edições, a revista *Trasgo* calcula um total de 14 escritoras (sendo que 4 destas foram publicadas numa edição especial só para mulheres). A *Mafagafo*, com três edições, chegou a uma soma de 7 mulheres que escreveram especificamente contos de FCB. Este valor ainda consideravelmente baixo é resultado de uma contínua carência de mulheres que pertencem a outras minorias. Apesar da comunidade literária ser mais receptiva, é preciso também que haja meios para que essas mulheres fora do padrão possam escrever e serem publicadas. Quanto mais marginalizadas pelo Estado e pela sociedade, menos oportunidades elas têm para fazer parte dessa mudança no mercado literário, segundo Miranda (2019).

No último capítulo, "As FCB Feministas da *Trasgo* e da *Mafagafo*", foram escolhidos dois contos de cada revista digital para a nossa análise. No primeiro conto da *Trasgo*, “O Que Sonham as Pílulas”, de Aline Valek, faz parte da edição que publicou somente mulheres. Do edital até às narrativas, percebe-se que esta edição fez questão de evidenciar seu posicionamento feminista. O

conto de Valek é o menos explícito de todos no quesito de reivindicações feministas. Como principal temática, foi levantado a insatisfação da mulher pertencente à geração *millennial*, que se qualifica como a que fora adepta da Quarta Era do Feminismo. Como elemento de FC foi detectado a “realidade simulada”, criado através da tecnologia da droga sintética, que era utilizado como tentativa de refúgio da protagonista. Foi percebido que a insatisfação da personagem pode ser comparada com a frustração de muitas mulheres do feminismo contemporâneo, que não conseguiram alcançar seus objetivos mesmo vivendo numa Era de mais liberdade.

No segundo conto, “Felicitas Ex Machina”, de Alexandra Cardoso, o elemento da inteligência artificial subverte antigos padrões da FCB e é vista como uma figura positiva para os humanos. Cardoso utiliza esta tecnologia futurista para retratar a heterossexualidade compulsória no seio familiar. A narrativa aborda a descoberta lésbica de uma adolescente, além de falar de como pessoas da comunidade LGBTQIA+ sofrem diversas violências da sociedade patriarcal. A temática do processo de aceitação da orientação sexual, ainda mais quando escrita por uma autora transexual, é reflexo de uma FCB mais motivada pelas pautas feministas contemporâneas.

Na Mafagafo, foi analisado “A Origem das Ideias Revolucionárias”, de Rúbia Dias. O grande enfoque do conto é o movimento feminista foi uma libertação para as sufragistas. Utilizando o elemento da FC do dispositivo que consegue fazer com que mulheres viajem no tempo, Dias coloca o futuro da Quarta Era do Feminismo como uma salvação para suas protagonistas, que estão aprisionadas em casamentos abusivos e convenções sociais que excluem as mulheres lésbicas.

Por fim, "Suor e Silício na Terra da Garoa", escrito por Vanessa Guedes, o texto mais explicitamente político de todos os quatro, faz com o leitor entre em contato com um mundo dominado pela vigilância excessiva do Estado. Logo no início, já são apresentados os elementos da FC recorrentes, como a tecnologia futurista e as divisões sociais também utilizam uma arquitetura com tecnologia avançada. Por ser uma modernização do subgênero tupinipunk, o gênero utiliza do tom cômico e de ícones da cultura brasileira para construir críticas contra o governo e contra o pensamento preconceituoso das pessoas nesse período de ascensão do fascismo no Brasil. "Suor e Silício na Terra da Garoa" é indubitavelmente um fruto de sua época, criado a partir da indignação coletiva com a presidência de Jair Bolsonaro.

As marcas definidoras destes contos estão na amálgama da FC com o feminismo interseccional, um fenômeno recente. Nas quatro obras analisadas, o gênero em questão torna-se um elemento crucial para que as mulheres possam superar as suas devidas reivindicações. Todas as mulheres dos contos que foram analisados sofreram, seja em pequena ou grande escala, alguma violência patriarcal. Leona é minimizada pelo ex marido, Gabriela é forçada a esconder sua lesbianidade, a irmã de Annie é alvo de violência doméstica, e Jéssika sofre tanto racismo quanto machismo de seus colegas de faculdade e

do trabalho. Outro ponto relevante é que dos quatro contos, três trazem protagonistas sáficas, mostrando uma evidente mudança nas publicações de FCB.

Outra marca definidora está na forma explícita com que as mulheres falam sobre suas orientações sexuais. Ponto relevante, já que os contos trazem estas protagonistas sáficas, mostrando uma evidente mudança nas publicações de FCB. Essas questões de gênero só chegaram a ser discutidas de modo naturalizado após a chegada da Quarta do Feminismo. É claro que existiram obras esporádicas que trabalharam com problemas tipicamente femininos, mas é somente nesta Era que as reivindicações feministas ganharam alcance global, modificando até a forma que tanto o público quanto as revistas enxergavam a necessidade de discutir o feminismo de forma clara.

Deste modo, examinamos a importância de ter trabalhado com a influência do feminismo nesta nova formação da literatura de FCB ao longo desta pesquisa. Isto é, não somente mostrou-se que é relevante fazer o resgate de obras da FCB que foram esquecidas pelo cânone brasileiro, ainda muito machista, como também de colocar em evidência novas narrativas feministas desse gênero, que seguem inexploradas pela academia e pela crítica. Com isso, esperamos que mais pesquisadores procurem se debruçar pelo mercado das revistas literárias de FCB atuais, que seguem buscando ao máximo fazer uma literatura nos moldes da interseccionalidade e não somente publicando os mesmos autores vindos de classes privilegiadas. A pesquisa das revistas *Trasgo* e *Mafagafo* é uma forma de mostrar que a FCB, desde sua gênese, sempre foi feminina e sempre será, enquanto nós continuarmos reivindicando pelas pautas feministas.

## REFERÊNCIAS

- AIN-ZAILA, Lu. *(In)Verdades*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2016.
- \_\_\_\_\_. *(R)Evolução*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2017.
- AKIRA. Direção de Katsuhiko Otomo. Japão: Tokyo Movie Shinsha, 1988. 1 DVD. (124 min. ).
- ALEGRETTE, Alessandro Yuri. *Frankenstein: uma releitura do mito de criação*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2010.
- ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Spharion* [1985]. 9ed. São Paulo: Ática, 1995
- \_\_\_\_\_. *O Asteroide*. 1ed. São Paulo: Global, 2000.
- ALÓS, Anselmo Peres. O estranho e a crítica ao patriarcado: resgatando o romance A rainha do Ignoto de Emília Freitas. *Organon*, v. 19, n. 38-39, 2005.
- ALVES, Leonardo Secco. *O Presente da Literatura sobre o Futuro: ficção científica e o mercado editorial brasileiro*. Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- AMORIM, J. E.. Leitura, análise e interpretação. In: Hélder Pinheiro. (Org.). *Pesquisa em literatura*. 2ed. Campina Grande: Bagagem, 2011, p. 59-93.
- ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropofágico e Outros Textos* [1928]. 1ed. São Paulo: Penguin, 2017.
- ARAÚJO, Naiara Sales. Revisitando a Protocição Científica: considerações acerca da literatura e das mudanças epistemológicas. *Revista Estudos em Letras*, v. 1, n. 1, p. 37-49, 2020.
- ARGEL, Martha (org.). *Lugar de Mulher é na Cozinha – Histórias fantásticas do universo feminino* [2000]. São Paulo: Draco, 2012.
- ASIMOV, Isaac. *Histórias de robôs: Volume 1*. Tradução de Milton Persson. Porto alegre: L&PM Pocket, 2007.
- ATTEBERY, Brian. The Magazine Era: 1926-1960. In: *The Cambridge Companion to Science Fiction*, orgs. JAMES; MENDLESOHN. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 32-47.
- BALDO, Milene Cristina da Silva. A UTOPIA O MUNDO RESPLANDECENTE: UM MUNDUS INTELLECTUALIS. *Revista de Ciências do Estado*, v. 2, n. 1, 2017.
- BARROSO, Maria Alice. *Um dia vamos rir disso tudo* [1976]. 2ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- BECHDEL, Alison. *Dykes to Watch Out For. Michigan*. 1ed. EUA: Firebrand Books, 1986, p. 22-23.
- BELL, Andrea L.; MOLINA-GAVILÁN, Yolanda (org.). *Cosmos latinos: An anthology of science fiction from Latin America and Spain*. CT: Wesleyan University Press, 2003.
- BENTES, Mário. "O Pajemancer". In: ZUIN, Lidia (org.). *2084: Mundos Cyberpunks*. 1ed. Manaus: Lendari, 2018.

BIANCHI, Jana. “Situação Atual da F&FC no Brasil”. In: *Trasgo - Edição Especial: Strange Horizons Apresenta Ficção Científica e Fantasia Brasileiras*. Revista *Trasgo*. Disponível em :<<https://trasgo.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Trasgo-Strange-Horizons.pdf>> Acesso em: 1 fevereiro de. 2021.

BITTENCOURT, Adalzira. Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500. In: Quilan, Susan C.; Sharpe, Peggy. *Duas Modernistas Esquecidas: Adalzira Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra: Visões do Passado, Previsões do Futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Goiânia: Editora da UFG, 1996.

BLADE Runner - O Caçador de Andróides. Direção de Ridley Scott. Estados Unidos: The Ladd Company / Tandem Productions / Sir Run Run Shaw, 1982. 1 DVD. (117 min.).

BOGADO, Maria “Rua”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Explosão feminista: Arte, cultura, política e universidade*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451* [1953]. 1ed. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2003.

BRANCO, Marcello Simão. Ventos de mudança: a ficção científica brasileira e a transição democrática. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, v. 34, n. 2, p. 131-148.

BUENO, Ruth. *Asilo nas Torres*. 1ed. São Paulo: Ática, 1979.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade* [1990]. 8 ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARDOSO, Alexandra. “Felicitas Ex Machina”. In: *Trasgo #17*. Revista *Trasgo*. Disponível em :<<https://trasgo.com.br/revista-trasgo-17/>> Acesso em: 1 fevereiro de. 2021.

CARNEIRO, André et al. *Além do Tempo e do Espaço - Antologia de Ciencificção*. Coleção Ciencificção 6. São Paulo: EdArt, 1965.

CAUSO, Roberto de Sousa (org.). *Estranhos Contatos: Um Panorama da Ufologia em 15 Narrativas Extraordinárias*. São Paulo: Caioá, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875-1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ondas na praia de um mundo sombrio: New Wave e Cyberpunk no Brasil*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. “Esboço de uma história da crítica de ficção científica no Brasil”. IN: SUPPIA, Alfredo (org). *Cartografia para a ficção científica mundial: cinema e literatura*. São Paulo: Alameda, 2015.

\_\_\_\_\_. Gumercindo Rocha Dorea e a ficção científica. *Correio das Artes*, João Pessoa, 2019. Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/2019/correio-das-artes-setembro-de-2019.pdf/@@download/file/Correio%20das%20Artes%20etembro%20-%20Final.pdf>>. Acesso em: 01 de abr. 2021.

CAVENDISH, Margaret. *O Mundo Resplandecente* [1666]. 1ed. Tradução de Milene Cristina da Silva Baldo. Ponte Gestal: Plutão Livros, 2019.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. A controvertida trajetória das edições GRD - Entre as publicações

nacionalistas de direita e o pioneirismo da ficção científica no Brasil. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, v. 8, p. 208-225, 2010.

CUNHA, Fausto. A ficção científica no Brasil. In: ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. Tradução de Antonio Alexandre Faccioli e Gregório Pelegi Toloy. São Paulo: Summus Editorial, 1974. p. 5-20.

DIAS, Rúbia. "A Origem das Ideias Revolucionárias". In: *Mafagafo* #2.2. Revista Mafagafo. Disponível em: <<https://mafagafoevista.com.br/edicao-2/>>. Acesso em: 03 fevereiro de 2021.

DICK, Philip K. *Realidades Adaptadas*. São Paulo: Aleph, 2012.

DINIZ, G. G. *O Colonizador*. Ponte Gestal: Plutão Livros, 2020.

DOREA, Gumercindo R (org.). *Antologia Brasileira de Ficção Científica*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1961.

\_\_\_\_\_ (org.). *Histórias do Acontecerá*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1961.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos avançados*, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

DUGIM, Claudia (org.). *Violetas, unicórnios e rinocerontes*. 1ed. [S.l.]: Patuá, 2020.

DUTRA, Daniel. Ficção científica brasileira: um gênero invisível. *Fantástica 451*. v. 1, nº1, p. 19-34, 2018. Disponível e: <https://fantastika451.com.br/2019/09/revista-fantastika-451-1-verao-2018-v-1-n-1> Acesso em: 25 mar. 2021.

EX\_MACHINA: Instinto Artificial. Direção de Alex Garland. Universal Pictures International, 2015. 1 DVD (108 min).

FAWCETT, Fausto. *Santa Clara Poltergeist*. 1ed. Rio de Janeiro: Eco, 1991.

FERREIRA, Rachel Haywood. *The emergence of Latin American Science fiction*. Middletown, Connecticut. Wesleyan University Press, 2011.

FIDELI, Finisia. "Exercícios de Silêncio". In: *Megalon*, n. 21, São Paulo, p. 19-37, 1992. FIDELI,

Finisia. *O Ovo do Tempo* [1994]. 1ed. Ponte Gestal: Plutão Livros, 2019.

\_\_\_\_\_. "A Revolução Feminista da FC". *Revista CULT*, Bela Vista, n. 6, p. 52-66, jan. 1998.

FREITAS, Emília. *A Rainha do Ignoto* [1899]. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1980.

\_\_\_\_\_. *A Rainha do Ignoto* [1899]. 3. ed. Florianópolis: Mulheres/ EDUNISC, 2003.

FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina* [1963]. 1ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GERNSBACK, Hugo. *Amazing Stories #1*. New York: WRNY, 1926, p. 3.

GHOST WRITER 61: As mulheres e a produção de ficção científica no Brasil. Entrevistados: Finisia Fideli, Márcia Olivieri, Simone Saueressig e Cesar Silva. Entrevistadores: Ricardo Herdy e Raphael Modena. [S. l.]: *Ghost Writer*, 23 out. 2016. Podcast. Disponível em:

<https://www.programagw.com.br/2016/10/23/ghost-writer-61-as-mulheres-e-a-producao-de-ficcao-cientifica-no-brasil/#more-228>. Acesso em: 15 de abr. 2021.

GIBSON, William. *Neuromancer* [1985]. 5.ed. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2016.

GIL, Antonio Carlos et al. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILMAN, Charlotte Perkins. *Terra das Mulheres* [1915]. Tradução de Flávia Yacubian. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*. 1ed. Tradução de Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir Livraria, 2005.

\_\_\_\_\_. Recent Brazilian Science Fiction and Fantasy Written By Women. In: *Strange Horizons*, 23 set. 2013. Disponível em: <http://strangehorizons.com/non-fiction/articles/recent-brazilian-science-fiction-and-fantasy-written-by-women/> Acesso em: 10 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Metáforas Biológicas e Cibernéticas de Resistência na Ficção Científica Tupinipunk. Papéis: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS*, v. 19, n. 38, p. 99-109, 2015.

GOMES, Aline Maire de Oliveira et al. *Utopias de gênero na literatura brasileira: A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas, e Viagem à Santa Vontade, de Maria Godelivie*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Alagoas. 2016.

GUEDES, Vanessa “Suor e Silício na Terra da Garoa”. In: *Mafagafo* #3. Revista Mafagafo. Disponível em: <<https://mafagaforevista.com.br/edicao-3/>>. Acesso em: 03 fevereiro de 2021.

HAAG, Carlos. “O futuro do presente no pretérito A ficção científica brasileira e a relação do país com a ciência e a tecnologia”. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 184, p. 76-80, jun. 2011. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/folheie-a-revista-n%c3%bamer-184/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

HERÓDOTO. *História* [430 a.C.]. 3ed. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras* [2000]. 1ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HUSSAIN, Roquia Sakhawat. *O Sonho da Sultana* [1905]. Tradução de Lady Sybylla. Universo Desconstruído, 2014.

KABRAL, Fábio. *O Caçador Cibernético da Rua 13*. 1ed. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

KUJAWSKI, Guilherme. *Piritas Siderais: Romance Cyberbarroco*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

KUPSTAS, Marcia. *Sete Faces Da Ficção Científica*. 1ed. São Paulo. Moderna, 1992.

\_\_\_\_\_. *Sete Faces da Ficção Espacial*. 1ed. São Paulo. Moderna, 1992.

LARBALESTIER, Justine. *The battle of the sexes in science fiction*. Wesleyan University Press,

2002.

LASAITIS, Cristina. "O Homem Atômico". In: *Trasgo* #2. Revista Trasgo. 2014. Disponível em: [https://trasgo.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Revista\\_Trasgo\\_02.pdf](https://trasgo.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Revista_Trasgo_02.pdf) Acesso: 1 abr. 2021.

LIMA, Josiel dos Santos. A contradição entre o sentimento de país do futuro e a realidade periférica nas primeiras obras literárias de ficção científica brasileira. 30º Simpósio Nacional de História. *Associação Nacional de História*: Recife, 2019.

LODI-RIBEIRO, Gerson; SILVA, Luis F. (orgs.). *Vaporpunk – relatos steampunk publicados sob as ordens das suas majestades*. São Paulo: Draco, 2010.

\_\_\_\_\_(org.). *Dieselpunk – Arquivos confidenciais de uma bela época*. 1ed. São Paulo: Draco, 2011.

\_\_\_\_\_(org.). *Solarpunk – Histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável*. 1ed. São Paulo: Draco, 2013.

LOVECRAFT, Howard P. "Herbert West: Reanimator" [1922]. In: *H.P. Lovecraft: Medo Clássico - Volume 1*. 1ed. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2018.

MIRANDA, Rislá Lopes. *Direito à literatura como direito humano: a literatura de ficção científica de autoria de mulheres em uma perspectiva de educação em direitos humanos*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MOERS, Ellen. *Literary Women*. 1ed. Garden City: Doubleday, 1976.

MORANU, Jeremias. "Brasil Sideral". *Revista CULT*, Bela Vista, n. 6, p. 45-54, jan. 1998.

MYOTIN, Jade de Freitas. "*Como devo ser odiado, eu, a mais miserável de todas as coisas vivas!*" *Analisando Frankenstein de Mary Shelley*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Goiás, 2018.

NOVELLO, Eric. *Ninguém nasce herói*. 1ed. São Paulo: Seguinte, 2017.

OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

OLIVEIRA, Aline Sobreira de. *A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas: do fantástico à utopia*. Em Tese, v. 20, n. 3, 2014, p. 140-153.

ORWELL, George. *1984* [1949]. 1ed. Tradução de Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PALENCIA-ROTH, Michael. *Collected Ancient Greek Novels*. Ed. By BP Reardon. *Comparative Civilizations Review*, v. 37, n. 37, p. 9, 1997.

PANTERA Negra. Direção de Ryan Coogler. Estados Unidos: Marvel Studios, 2018. 1 DVD. (134 min.).

PEREIRA, Fabiana da C. G. P. *Fantástica Margem: O Cânone e a Ficção Científica Brasileira*. Tese de Doutorado. PUC-Rio, 2005.

PEREIRA, Fernanda Libério. *A recepção da literatura traduzida de ficção científica no Brasil: um*

*recorte dos anos 1950 e 1960*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2019.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Eles Herdarão a Terra* [1960] (Coleção Ziguezague). Plutão, 2018.

\_\_\_\_\_. *Comba Malina* [1969]. 1ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

RAMOS, Maria Bernardete. Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzir Bittencourt. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 11-37, Jan. 2002.

REGINA, Ivan Carlos. "O Caipira Caipora". In: *O Fruto Maduro da Civilização*. São Paulo: Edições GRD, 1993.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara Isabel. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. *Sul-Sul-Revista de Ciências Humanas e Sociais*, v. 1, n. 03, p. 57-76, 2021.

RIOS, Cassandra. *As mulheres dos Cabelos de Metal*. São Paulo: Hemus, 1971.

ROBERTS, Adam. *A Verdadeira História da Ficção Científica: Do Preconceito à Conquista das Massas*. São Paulo: Seoman, 2018.

ROBOCOP - O Policial do Futuro. Direção de Paul Verhoeven. Estados Unidos: Orion Pictures, 1987. 1 DVD. (102 min).

RODRIGUES, Thiago. Narcotráfico e militarização nas Américas: vício de guerra. *Contexto Internacional*, v. 34, n. 1, p. 9-41, 2012.

RÜSCHE, Ana; FURLANETTO, Elton Luiz Aliandro. Cultura e política nos anos 2010: anseios e impasses na ficção científica de Aline Valek e Lady Sybylla. *Abusões*, v. 7, n. 7, 2018.

SÁ, Alan de; DINIZ, G. G.; SILVA, Alec. *Sertãopunk: Histórias de um Nordeste do Amanhã*. [s.l.; s.n.], 2019.

SAMÓSATA, Luciano de. *A história verdadeira* [180 d. C]. 1ed. Tradução de Gustavo Piqueira. Cotia, SP: Ateliê Editorial. 2012.

SANO, Lucia. *Das narrativas verdadeiras, de Luciano de Samósata: tradução, notas e estudo*. Dissertação de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Larissa Cabral dos. *Sputnik vs Apollo: A Produção Literária Brasileira de Ficção Científica entre 1950-1980 no Contexto da Guerra Fria e da Ditadura Civil-Militar no Brasil*. Monografia. Universidade Nove de Julho, 2019.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. "Os feminismos e suas ondas". *Revista CULT*, São Paulo, n. 219, p. 30-47, dez. 2016.

SANTOS, Naiara Sales Araújo; MARTINS, Jucélia de Oliveira. Identidade e ficção científica: uma análise da personagem viúva no conto O Carioca (1969), de Dinah Silveira de Queiroz. *Caderno de Letras*, n. 36, p. 33-44, 2020.

SANTOS JUNIOR, Washington Ramos dos. Introdução à Discussão Sobre Gênero na Geografia. *Subjetividade, Identidade e Geografia*, v.1, 2018, doi:10.13140/RG.2.2.23746.20165.

SCAVONE, Rubens T. *O homem que viu o disco voador* [1958]. 12ed. São Paulo: Melhoramentos,

1975.

SELJAN, Zora. "Maternidade". In: DOREA, Gumercindo R (org.). *Histórias do Acontecerá*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1961, p. 115-119.

SHARPE, Peggy. Construindo o caminho da nação através da obra de Júlia Lopes de Almeida e Adalzira Bittencourt. *Revista Letras De Hoje*, 33(3), 1998.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein: Edição Comentada* (Clássicos Zahar) [1818]. 1ed. Tradução de Santiago Nazarian; Bruno Gambarotto. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

SHRAVYA, Inaê D. A. "Amazofuturismo, a arte do impossível". *Revista Tricerata*, [s.l.], v. 1, n. 2., p. 10-14, dez. 2020. Disponível: [https://editoracyberus.weebly.com/uploads/1/3/3/4/133474575/revista\\_tricerata\\_-\\_2\\_ed\\_p%C3%A1ginas.pdf](https://editoracyberus.weebly.com/uploads/1/3/3/4/133474575/revista_tricerata_-_2_ed_p%C3%A1ginas.pdf) Acesso em: 9 de abr. 2021.

SILVA, Alec et al. *Afrofuturismo - O Futuro é Nosso - Vol.1*. 1ed. [s.l.]: Kitembo, 2020.

SILVA, C.; BRITO, Wilma P. N. (orgs.). *Maravilhas da Ficção Científica*. 1ed. São Paulo: Cultrix, 1958.

SILVA, Jacilene Maria. *Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda*. Recife: [s.n.], 2019.

SIRKIS, Alfredo. *Silicone XXI*. 1ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. *Quando uma mulher for presidente: Feminismo e Eugenia na Obra de Adalzira Bittencourt*. XII Semana da Mulher - Mulheres, Gênero, Violência e Educação (Congresso). [S.l.: s.n.], 2015.

SOUSA, Thalita Ruth; SANTOS, Naiara Sales Araújo. Tecnofobia, ecofeminismo: Um protesto velado em "Verde, verde..." de José Fernandes. *Revista Linguagem em Foco*, v. 7, n. 1, p. 93-104, 2015.

SOUZA, Waldson Gomes de. *Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SUPPIA, A. (Org.). *Cartografias para a ficção científica mundial – cinema e literatura*. São Paulo: Alameda, 2015. p. 153-208.

SYBYLLA, Lady. *Deixe as estrelas falarem*. 1ed. São Paulo:: Dame Blanche, 2017.

\_\_\_\_\_. *Por uma vida menos ordinária*. 1ed. São Paulo:: Dame Blanche, 2019.

\_\_\_\_\_; VALEK, Aline (Orgs.) (2013). *Universo desconstruído 1*. [S.l.:s.n.]: <http://universodesconstruido.com>. Acesso em 20.maio.20.

\_\_\_\_\_. (Orgs.) (2015) *Universo desconstruído 2*. [S.l.:s.n.]: <http://universodesconstruido.com> Acesso em 20.maio.20.

TAVARES, Bráulio. *O que é Ficção Científica*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *As origens da ficção científica no Brasil*. D. O. Leitura, n. 138, nov. 1993. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S. A. IMESP, 1993.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VALEK, Aline. “O Que Sonham as Pílulas”. In: *Trasgo #12*. Revista Trasgo. Disponível em :<<https://trasgo.com.br/revista-trasgo-12/>> Acesso em: 1 fev. 2021.

VAN KAMPEN, Rodrigo. In: *Trasgo #14*. Revista Trasgo. p. 3, 2017.

\_\_\_\_\_. Sobre o fim da Trasgo [Egotrip]. *RodrigovK*, 2021. Disponível em: <<https://rodrigovk.com.br/sobre-o-fim-da-trasgo-egotrip/>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

VERA, H.; CARUSO, L. *Space Opera – Jornadas inimagináveis em uma galáxia não muito distante*. 1ed. São Paulo: Draco, 2012.

VICENTE, Jonnathan Gomes; AZEVEDO, Mauro Lopes de. Jornadas de junho: polarização, fanatismo e as mudanças no cenário político no Brasil. *Khóra: Revista Transdisciplinar*, v. 5, n. 6, 2018.

VIDEODROME - A Síndrome do Vídeo. Direção de David Cronenberg. Canadá: Canadian Film Development Corporation, 1983. 1 DVD. (89 min.).

VÍVOLO, Vitor da Matta; LONGHI, Carla Reis. Maternidade e monstrosidade literária: Mary Shelley e o nascimento de Frankenstein. *Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, n. 12, 2014.

VOLLBRECHT, Simone Caldas. *O som não se propaga no vácuo: o silêncio da crítica sobre a ficção científica no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

WAIZBORT, Ricardo. *O Doutor Benignus: a origem do homem na concepção de natureza de Augusto Emílio Zaluar*. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 60-16, 2012.

WALTERS, Lisa. *Margaret Cavendish: Gender, Science and Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

WITTEKIND, Milena. *Empoderamento Feminino: Estudo das manifestações feministas por meio de hashtags*. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, RS, 2016.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos das Mulheres: O Primeiro Grito Feminista [1792]*. Tradução de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: Edipro, 2015.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu [1929]*. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZALUAR, A. *O Doutor Benignus [1875]*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

## **ANEXO A - ENTREVISTA COM O EDITOR-CHEFE DA TRASGO, RODRIGO VAN KAMPEN**

A entrevista em questão foi realizada por meio de áudio, onde a pesquisadora Ingrid Vanessa Souza Santos enviou suas perguntas em formato de texto para o editor-chefe Rodrigo van Kampen, que optou por respondê-las através da gravação de áudios enviados por *email*. As perguntas foram enviadas dia 04 de março de 2021, posteriormente respondidas no dia 12 de março de 2021. A seguir apresenta-se a transcrição dos áudios de van Kampen:

**Alguns pesquisadores separam a ficção científica no Brasil em três “ondas”. A primeira, conhecida por se espelhar nas produções anglo-americanas e por contar com autores que não escreviam exclusivamente obras deste gênero; a segunda, pelo envolvimento dos fãs na criação de fanzines; a terceira, dá continuidade às auto publicações, só que desta vez em formato digital. Qual das ondas mencionadas condiz com a Trasgo?**

Essa questão das 3 Ondas é muito explorada pelo Roberto Causo, então acho que um bom ponto de partida seria ler a tese do Causo, onde ele fala das 3 Ondas, porque se não me engano essa não é exatamente essa caracterização, ela é uma caracterização temporária. Lógico, ela coincide com essas características, mas seriam Ondas que também tem a ver com o contexto cultural da época, elas estão localizadas dentro de um tempo. A Primeira Onda é mais antiga, a Terceira Onda a gente ainda tem autores da Segunda Onda publicando, que tem essa galera mais jovem que tá publicando, pesquisando, lendo. Então, nesse sentido, é claro que a Trasgo se encaixa na Terceira Onda. Eu sei que a gente publicou alguns autores, que são considerados dentro da Segunda Onda, que são mais velhos, que já escrevem faz um tempo, mas a grande maioria de autores e autoras seriam dentro de uma Terceira Onda, dentro dessa ficção científica mais nova, que é mais digital, bem mais ligada no que se publica fora também.

**Como é o processo de seleção dos contos? Há algum empenho para incluir minorias sociais em cada edição?**

O processo de seleção dos contos sempre foi por uma seleção constantemente aberta. Então a Trasgo tinha um envio de contos sempre aberto, eles [os contos] caíam numa caixa e a gente ia lendo quando dava e filtrando. Na hora da organização da edição, a gente pegava todo esse material, selecionava os melhores e ia filtrando até chegar em 6. E aí, o que a gente recebia depois ia para a próxima edição. Tudo o que não entrava, era descartado. Então, era basicamente isso: a gente recebia muitos contos, lia tudo e fazia essa filtragem. Não dá para dizer que lia todos os contos por inteiro, porque era muita coisa, mas a gente lia pelo menos uma página de cada um, para pelo menos pegar a

escrita, já entender melhor se ia entrar ou não. O processo de seleção era feito por mim e pela equipe, seja lá quem fosse. A equipe na época, por muito tempo, era o Sol Coelho e o Lucas Ferraz e nas últimas edições a gente já tinha uma equipe de *slush readers*, que ajudava a fazer essa pré-filtragem, mas foi só bem mais recente.

[Sobre se há algum empenho para incluir minorias sociais em cada edição:] É difícil falar em critérios muito técnicos. A gente ia muito no gosto, a gente tentava equilibrar a edição com contos de fantasia e ficção científica, e tentava também não repetir muita temática dentro da edição. Por exemplo, se a gente tivesse dois bons contos de vampiros, a gente ia pegar o melhor. Desde o começo da Trasgo a gente tentou fazer uma revista diversa. No começo, a gente tentava equilibrar autoras e autores, e aí depois a gente viu que isso não era suficiente e passou ir mais atrás de escritores e escritoras negras, do pessoal LGBTQ que escreve; a gente começou a ir atrás de pessoas diversas que pudessem escrever para a gente, que pudessem mandar um conto. Isso sempre foi uma dificuldade da Trasgo por uma questão de volume; a gente recebia 80 contos escritos por homens brancos, 20/30 escritos por mulheres, 2 escritos por pessoas que se identificavam como LGBTQ e pessoas negras, muitas vezes eu não tinha como fazer essa filtragem para saber quem se identificava como negro ou não, a gente ficava em dúvida se colocava isso no formulário ou não. A gente nunca conseguiu resolver, mas sempre tentamos buscar e sempre fizemos várias campanhas para ir atrás dessas pessoas, para receber mais material, mas sempre foi um problema o volume.

### **Como é traçado o perfil da maioria dos leitores da Trasgo? Existe alguma interação entre o público e a revista?**

Bom, eu trabalho com marketing em redes sociais, então em casa de ferreiro o espeto é de pau. *[risos]* No começo a gente tentava fazer um levantamento de perfil, por questionários, mas no fim acabamos abandonando isso. Até porque não tinha muito interesse por parte dos anunciantes de anunciar na Trasgo e a gente parou um pouco de ir atrás de anunciante, então a gente não fez esse levantamento. A relação entre os leitores e Trasgo acontecia principalmente pelo Twitter (era a maior relação) e um pouco pelas *newsletters*, por troca de emails. Na verdade, esse mercado é “um ovo”, então todo mundo se conhece de eventos, de outros projetos, de *chats*. Então, essa relação existe de maneira muito orgânica. A Trasgo nunca foi tão grande assim para que essa relação fosse sistematizada.

### **Na 12ª edição, a Trasgo dispôs de contos escritos exclusivamente por mulheres. Quais motivos você atribui a essa escolha editorial?**

Ah, a 12ª foi a seguinte questão: a gente pensou em fazer uma edição exclusiva de contos

escritos por mulheres. Isso sempre foi uma questão, porque a gente nunca quis criar “cercadinhos”, ou dizer: “essa edição é de mulheres”; a nossa intenção sempre foi trazer mulheres em todas as edições, vamos trazer pessoas diversas em todas as edições. Esse sempre foi o mote da Trasgo, em vez de ficar fazendo esses “cercadinhos”, mas a gente achou que valia a pena fazer uma edição só de mulheres, sim. E o que aconteceu na 12ª foi que a minha filha estava para nascer e eu não ia ter como fazer essa edição, então eu convidei uma editora para “tocar” essa revista no meu lugar. E foi assim que a revista foi feita só por mulheres. Meio que casou esse detalhe da minha vida com a intenção da Trasgo.

**Você nota diferenças, seja de forma ou de conteúdo, na ficção científica escrita por homens e mulheres?**

Não. *[risos]* Assim, um bom conto de alguém que **realmente** sabe o que está fazendo, eu não vejo diferença. Diferença na escrita de contos escritos por homens e por mulheres. Dito isso, é muito fácil reconhecer um conto escrito por um cara machista. Por exemplo, um homem que não estudou sobre literatura diversa, sobre feminismo, etc. Você vê os clichês de um homem mal informado, [eles] são muito comuns: o clichê da síndrome da Smurfette, a questão da “mulher forte”, uma série de tropos que são muito fáceis de identificar. Você lê isso até em contos escritos por mulheres, mas é muito mais comum [em contos] escritos por homens que não sabem o que estão fazendo. Mas existe outra questão: quando você lê [um conto] escrito por uma outra pessoa, por exemplo uma pessoa trans, você vê os dilemas de maneira muito mais viva. Tem um conto escrito por uma menina sobre ser lésbica, um conto futurista, que tem a ver com a rejeição da mãe de maneiras sutis<sup>44</sup>. E você vê todos esses sentimentos trabalhados no texto de uma forma muito viva. Então às vezes você consegue ver a vida da própria autora ou do próprio autor naquele texto, a vida daquela pessoa no texto, seja ela homem ou mulher. Então você consegue entender quem é aquela pessoa a partir do próprio texto mesmo.

**Pela sua experiência como editor da Trasgo, qual legado você acredita que a revista deixa para ficção científica brasileira?**

Essa é uma questão difícil para eu responder, porque eu sou o editor da Trasgo, quem sou eu para falar de legado? *[risos]* Mas, uma coisa que eu ouvi bastante do pessoal, no *feedback* quando a gente anunciou que iria parar, é que quando a gente começou, a gente foi uma das primeiras revistas de ficção científica no Brasil a tratar o conto com muita seriedade. A gente revisava todos os contos, batia com o autor, passava por uma segunda revisão, a gente trabalhava texto para publicar o melhor

---

<sup>44</sup> Menção ao conto “Felicitas Ex Machina”, de Alexandra Cardoso.

texto possível. E isso, eu acho, que deu um reflexo nas outras revistas que surgiram com uma proposta de trabalhar o texto com qualidade, não só receber [o conto] do autor e publicar do jeito que chegou. E outra coisa é que não tinha, né? Então a gente mostrou que é possível, que dá para fazer isso. Não dá para ganhar dinheiro ainda, ou talvez dê, não sei, [mas]eu não consegui. *[risos]* Mas eu acho que é uma questão de abrir os caminhos, abrir portas e que dá para fazer, dá pra conquistar público, dá pra fazer uma revista legal. E agora está com um monte de revista legal surgindo aí no mercado, não sei o quanto disso é legado da Trasgo, o quanto não é, o quanto ia surgir de qualquer jeito, mas eu fico muito feliz de ver todo esse material surgindo.

## **ANEXO B - ENTREVISTA COM A EDITORA DA MAFAGAFO, JANA BIANCHI**

A entrevista em questão foi realizada por meio de uma video-chamada com a pesquisadora Ingrid Vanessa Souza Santos e a editora Jana Bianchi, no dia 08 de março de 2021. As perguntas foram realizadas durante a video-chamada. A seguir, temos a transcrição desta entrevista:

**Para começar, gostaria que você se apresentasse, falasse um pouco sobre seu trabalho na Mafagafo, sobre você.**

Eu sou autora, tradutora, preparadora de textos, editora, *podcaster*. Eu criei a Mafagafo para publicar histórias de pessoas que estão iniciando ou que estão no mercado. Quando eu criei a Mafagafo já tinha a Trago, já tinha na época a Somnium, que era uma revista de FC, mas estava quase parando de publicar e alguns revistas de FC que “brotavam” aqui e ali, mas acabava parando. Aí quando eu criei a Mafagafo depois de uma conversa com o Rodrigo van Kampen (que é editor da Trago), eu queria que a gente tivesse mais espaço para a publicação. Na Mafagafo eu sou a editora-chefe, então eu cuido da parte de gerenciamento de tudo o que está acontecendo na revista, inclusive os projetos paralelos como a Faisca e Pio, que têm seus próprios editores.

**Alguns pesquisadores separam a ficção científica no Brasil em três “ondas”. A primeira, conhecida por se espelhar nas produções anglo-americanas e por contar com autores que não escreviam exclusivamente obras deste gênero; a segunda, pelo envolvimento dos fãs na criação de fanzines; a terceira, dá continuidade às auto publicações, só que desta vez em formato digital. Qual das ondas mencionadas condiz com a Mafagafo?**

É algo que a gente escuta falar, que é mais recente, mas eu comecei a ouvir mais depois que o Luiz Bras publicou aquela coletânea, *Fractais Tropicais*. Com certeza a Mafagafo se encaixa na Terceira Onda, porque eu acho que tem esse componente forte do social, digital, dessa comunidade. Uma das coisas mais legais da Mafagafo (além de muitas pessoas estarem publicando pela primeira vez), eu acho que o principal componente do que diferencia a Mafagafo da Somnium, que era uma revista clássica por assim dizer, mais antiga, é essa comunidade em torno da Mafagafo. É uma comunidade que interage também com outras comunidades, ela intersecciona com outras comunidades, faz parte com outras comunidades. Então eu acho que tem tudo a ver com a Terceira Onda, embora a gente tenha publicado autores que são reconhecidos de outras Ondas. A gente já publicou, por exemplo, o [Roberto] Causo, um autor da Segunda. Eu acho que é Terceira Onda, não só por esse componente social mas também por um componente de temática. Você comentou que a Primeira Onda tem muita essa influência anglófona, essa influência do que já era discutido no

mercado americano e inglês, e aí eu acho que na Mafagafo a gente traz uma coisa que é diferente disso. A gente traz histórias não só ambientadas no Brasil ou em universos que lembram o Brasil, como também histórias que falam de temas e de discussões que eu acho bem brasileiras. Mas, enfim, eu acredito que estamos na Terceira Onda sim.

**Você falou dessa interação com o público da Mafagafo. De que modo é traçado o perfil da maioria dos leitores da Mafagafo? Como é a recepção do público com a revista?**

Primeiro, a coisa mais importante sobre o público da Mafagafo, é que boa parte das pessoas que leem a Mafagafo, que a acompanham, que comentam nas redes sociais, que eu vejo divulgando, são pessoas que escrevem. Isso é uma característica interessante, que a gente já vê observando na própria *Trasgo*, que é uma revista parecida. A gente já tem algumas pessoas que são, vamos dizer assim, “só leitores”. Na maioria das vezes esses “só leitores” são pessoas que também são *influencers* (mesmo que micro) da nossa comunidade. Então são pessoas que têm blogs, que têm *Instagram*, e elas falam sobre isso (o que é uma coisa interessante), mas eu acho que uma grande grande parte, ou pelo menos uma parte do público mais vocal, são pessoas que também escrevem ou em diferentes níveis de carreira. Então, são pessoas que já escrevem a mais tempo ou que conheceram a Mafagafo porque elas estavam procurando algum lugar para mandar material, e aí gostaram da revista e começaram a ler e a acompanhar. Essa é a principal característica.

A maior parte das pessoas que leem a revista são brasileiras, embora a gente tenha algum público português e de colônias portuguesas. A gente também tem essa intenção de alcançar mais públicos de países falantes do português. Em termos etários, a gente tem uma variedade grande. E em termos geográficos, a gente tem uma distribuição interessante dentro do Brasil; infelizmente, a gente continua tendo, tanto em envio quanto em público leitor, mais gente sendo mais do sul e sudeste, mas que é um problema que tem a ver não só com a literatura; a gente tenta mudar isso, levar mais pro centro-oeste, norte e nordeste. Nosso público é variado.

Em termos de reação e interação, a gente tem um público bem interativo. Sempre que a gente publica alguma coisa, a gente tem uma interação muito grande. Então quando a gente publica uma história nova, como por exemplo nessa última temporada que era uma história por mês, a gente tinha 100/150 curtidas no *Twitter*. No *Instagram*, sempre tem gente fazendo *stories*, marcando a gente em post. Então a reação do nosso público é bem legal, além de bem constante. Tudo isso [perfil dos leitores da Mafagafo] eu consigo acompanhar pelas redes mesmo, porque eu vejo o pessoal comentando e tudo mais. E a gente também tem uma comunidade que eu tenho um contato muito próximo e forte, que eu consigo ver o que está acontecendo, na nossa comunidade de apoiadores do *Catarse*. A gente tem um “*Catarse*” mensal de apoios, em que nós arrecadamos cerca de 2000 reais por

mês (um valor bem significativo). A gente já teve entre já está perto de bater 300 pessoas que já apoiaram o projeto, e ativas (que ainda apoiam o projeto) umas 150 pessoas, o que é uma comunidade bem significativa. Nossa comunidade é bem ativa e a reação ao que a gente publica é bem vocal, o que é bem legal.

**A Mafagafo foi a primeira revista de contos de F&FC nacionais a contar com uma mulher como criadora e editora-chefe. Como isso influencia no processo de seleção dos contos? E você acha que existe uma diferença na sua percepção como mulher e, por exemplo, na percepção que você vê em outros editores de revista assim como a Mafagafo.**

Legal! Eu nunca tinha pensado nisso [ser a primeira mulher criadora e editora-chefe de uma revista de F&FC nacional], na verdade. Agora que você falou, acho que é mesmo. *[risos]* Muito boa a pergunta. Primeiro, a Mafagafo, sendo de fantasia e ficção científica, a gente tá falando de um território que infelizmente (mesmo que cada vez menos) e historicamente são subgêneros que são muito dominados por homens. Principalmente a ficção científica. A fantasia sempre teve mais espaço para leitoras e escritoras, mas a gente acaba falando de um gênero que é majoritariamente masculino. Até nesse mundo nerd, a gente está vendo uma virada, está ficando bem diferente, mas estamos num momento de transição. Eu acho que, inevitavelmente, a minha visão de editorial e do que é importante publicar, é invariavelmente influenciada sim pelo fato de eu ser mulher. Não somente eu, mas a Fernanda Castro, que é a editora da Faísca. Nós temos uma visão social muito parecida nesse quesito. Então eu acho que com certeza influencia.

Eu falei muito da Trasgo; acho que eu vou acabar falando muito dela, porque ela é uma das revistas mais antigas da nossa geração. Da nossa geração, acho que a revista que pautou mais as revistas atuais foi a Trasgo, que foi editada por Rodrigo van Kampen, que é um homem. A Trasgo já tinha uma visão editorial de inclusão, representatividade e diversidade o máximo possível, apesar de ser um editor homem. Isso é bem importante de dizer, mas eu acho que com certeza que a Mafagafo tem isso destacado, porque é uma coisa que é muito importante para mim pessoalmente, como uma mulher que publica e que está sempre dentro dessas questões de pauta.

Então, o que a gente faz na Mafagafo: a gente tem métodos de avaliação que são quase anônimos. Eu digo “quase anônimos” porque a gente tem o nome das pessoas lá, a gente tem a biografia das pessoas, a gente faz uma primeira seleção (independente de quem tá publicando), mas a gente tem uma etapa sim em que se faz uma análise demográfica do que a gente recebeu em comparação com o que a gente quer publicar. Infelizmente, nesse último envio - que terminou no mês de fevereiro -, nós recebemos 80 textos, mas a grande maioria era de homens. Então a gente tem um cuidado de não deixar a estatística agir. A gente faz sim uma análise. Por exemplo: se nós temos 8

lugares, eu não vou publicar 6 homens e 2 mulheres, a gente vai tentar publicar 4 homens e 4 mulheres, ou algo assim. E eu acho que é preciso ter uma sensibilidade intrínseca de certas temáticas.

Já teve casos de gostarmos de um conto, achá-lo interessante, só que vê que é um conto que abordava um assunto, - não só em termos de gênero, mas em termos étnicos, termos de geografia - a gente vê que aquele conto foi escrito por uma pessoa que não pertencia àquele grupo e ele era interessante, mas podia ter uma falta de sensibilidade que talvez eu não sendo do grupo não percebesse. Por exemplo, um conto em que a protagonista é negra e sobre alguma questão de vivência negra. A gente acabava não selecionando se não fossem escritos por pessoas desse determinado grupo. Então eu acho que sim, ser mulher no nosso tempo e ser mulher dentro do nosso mercado hoje, pauta algumas coisas que nós, os editores da Mafagafo, temos o poder de escolher quem a gente quer publicar e que tipo de perfil a gente tá beneficiando.

### **Você considera que a revista segue preceitos do movimento feminista?**

Sim, eu acho que sim num termo muito amplo. Têm diversos projetos por aí que você vai encontrar que são direcionados para a publicação de pessoas que se identificam como mulher ou então para temáticas muito específicas feministas. Esse não é o caso da Mafagafo, a gente não tem esse foco, mas eu acho que a gente segue os preceitos de no mínimo ter igualdade de gêneros. E quando eu digo “no mínimo”, é porque se a gente tiver que escolher entre ter uma publicação com mais mulher do que homem - se nós tivéssemos esse dilema -, a escolha sempre vai ser de publicar mais mulheres, por uma questão histórica. Por uma questão de que a gente sabe que homens sempre são publicados preferencialmente, seja isso uma preferência deliberada ou uma preferência que foi construída no nosso histórico, que é a mais comum. Então, os homens têm mais acesso a tempo pra escrever, a literatura quando são crianças, isso aí gera mais homens publicando.

Isso não é um slogan que a gente use, não é um slogan que a gente fale: “nós somos uma revista feminista”, como tem em outros projetos super legais que são assim, mas a gente com certeza segue. Inclusive tem um aviso na página que fala das regras de submissões, tem um aviso grande em que a gente fala: “estamos interessadas em ouvir histórias de vozes que são historicamente menos publicadas”. A quer ouvir histórias contadas por mulheres, histórias fora do eixo sul e sudeste, por imigrantes, por pessoas com deficiência, por pessoas de minorias religiosas. Então esse *disclaimer* a gente faz com frequência: “queremos receber o seu material, pessoas indígenas, pessoas de outras etnias e tudo mais”. Então eu acho que sim, embora esse não seja o cerne da nossa publicação, mas isso acaba permeando tudo.

**Nas partes 02 e 03 da 2ª edição da revista, você escreveu editais que se manifestavam**

**politicamente em relação às eleições presidenciais brasileiras de 2018. Para você, qual é a importância de trazer este tipo de posicionamento para a ficção científica brasileira?**

Então, ficção científica é um gênero intrinsecamente ligado à política, porque ele necessariamente fala sobre a nossa vivência, a nossa interação com a esfera social, com o *status quo* que a humanidade está vivendo. Historicamente, a gente tem ficções científicas que, de maneira mais ou menos direta, se opunham a situações políticas correntes. Ou de maneira mais pontual, dizendo “Ah, eu sou contra esse governo!”, ou de maneira mais geral sendo contra o capitalismo, por exemplo. A Ursula Le Guin, por exemplo, no *A Mão Esquerda da Escuridão*, tem uma posição forte contra o patriarcado como um todo ou mesmo a estrutura de gênero binária. Então eu acho que é inevitável a gente falar de política quando se fala de ficção científica. Não existe ficção científica ou fantasia sem política. Claro que se pode escrever algo mais escapista, tentar fugir um pouco dessa questão política, e isso é igualmente válido. Essas fantasias e ficções científicas que têm esse componente são igualmente dignas de serem escritas e lidas, mas eu acho que como um todo você pega um *corpus* de publicações a gente sempre vai ter esse componente.

Para mim era inevitável que a gente, como revista, se posicionasse principalmente na época das eleições de 2018, em que a gente tinha uma questão que eu considero de vida ou morte. *[risos]* A gente estava numa posição clara de se posicionar contra um genocida que é claramente contra a ciência e contra a cultura. Nós estávamos falando contra uma situação que não só eu e os outros editores da Mafagafo (como pessoas) éramos contra, como também essa pessoa [Jair Bolsonaro] se colocava claramente contra o que a gente como publicação defende. O Bolsonaro é claramente contra a cultura e a ciência. Quando se está falando de uma publicação de F&FC, a gente não pode, em nenhum grau, “passar pano” para uma pessoa dessas. Então essa foi a nossa orientação. Em nenhum momento a gente cogitou ficar dizendo: “Ah, não vamos falar, porque vai que tem pessoas que lêem a gente e que são fãs do Bolsonaro”. Na verdade, nesse momento a gente pensou: “Dane-se!”. *[risos]* Inclusive se essas pessoas parassem de ler a revista, seria uma pena, porque a gente gostaria que elas ampliassem seus próprios horizontes num sentido político também. Contudo, naquele momento e hoje em dia também, não dá para você se isentar em nome de um público e para ficar bem com pessoas que talvez não tenham a mesma orientação política que você. Com certeza, o fato da eleição de 2018 ter sido tão extrema como foi, interferiu no nível em que a gente expressa nossa posição política. E devo dizer que essa vai ser uma posição por enquanto essa situação de calamidade política continuar.

**Conte um pouco sobre sua experiência como editora de uma revista literária num mercado que por muitas décadas era majoritariamente masculino. Você, na sua posição de editora, já passou por alguma situação de sexismo, já foi julgada pelo seu gênero?**

Acho que eu tenho uma experiência bem positiva nesse sentido, em geral. Quando a Mafagafo nasceu, eu já estava um pouco envolvida com nosso mercado em termos de já conhecer algumas pessoas, já tinha publicações (mesmo que pequenas). Quando a Mafagafo saiu, era dentro da parte mais independente do mercado. Só depois que a revista alcançou mais pessoas que eram de grandes editoras, mas no começo eu estava nesse meio “menor”. Eu devo dizer que tive um retorno positivo, não tive nenhum grande problema por ser mulher. Acho que talvez eu passei por mais desconfiança por ser uma pessoa nova, tanto em idade e por ser de uma nova geração. O pessoal da Primeira e da Segunda Onda, hoje eu tem uma relação boa da Mafagafo com eles, tanto quanto as redes sociais nos permitem e que os eventos permitiam que a gente se encontrasse. Mas antes o problema era mais esse, que é algo natural, de no começo ter essa desconfiança e de pensar “Quem é essa pessoa que está chegando e querendo mudar algumas coisas?”. Porque a Mafagafo chegou numa publicação já virtual (que é a mesma coisa que a Trasgo), mas que para algumas pessoas ia contra aquela visão mais óbvia do zine impresso. Assim como a Trasgo, a gente fez um financiamento coletivo; e historicamente as revistas não pagavam, mas a Trasgo e a Mafagafo começaram a pagar e isso mudou algumas estruturas.

Acho que eu não tive nenhuma visão pautada no gênero ou numa visão sexista, e sim numa desconfiança por eu estar entrando numa área em que pessoas novas em geral não entravam muito. Claro que acho que a nível micro, algumas pessoas podem ter problemas para interagir comigo e com a Fernanda [Castro], talvez no sentido da gente “mexer” no texto de alguém. Uma vez ou outra a gente recebe algumas respostas atravessadas, que fica implícito que a pessoa quer dizer “Como você ousa mexer no meu texto?” ou “Isso que eu fiz foi deliberado!” [risos] E eu falo isso nessa questão de gênero, porque todas essas vezes foram homens brancos e cis. Eu não sei se dizer se isso seria diferente se o editor fosse um homem. Talvez não, porque eu acho que isso é uma questão que não mexe necessariamente com esse desbalanço de gênero, é com o ego da própria pessoa. Então, eu não tive nenhuma questão específica de preconceito ou alguma vivência em que o meu gênero foi determinante para um determinado comportamento. Contudo, a gente sabe que a nível micro deve ter gente que fala “Essa aí é revista que vai publicar coisas **militantes!** Coisas **doutrinadoras!**”, mas esse é o tipo de gente que não nós não perdemos muito se não tivermos como público [risos].

**Você falou um pouco sobre a sua relação com a comunidade das primeiras Ondas. Então eu gostaria saber se você acredita que a Terceira Onda, seja por conta dos autores ou o próprio *fandom*, é mais inclusiva, menos problemática e pouco preconceituosa que as demais Ondas?**

Sem dúvida. Essa é uma questão histórica e que também envolve uma situação atual fora do mercado. Quando a gente fala de pessoas que lêem e que escrevem FC, em geral se fala de pessoas

que já são antenadas em outras questões sociais. E comparando também nessa nossa bolha, nós também vemos isso. Com certeza, a nossa comunidade atual é muito mais ciente em várias questões. Eu vejo isso tanto por temática, pelo material escrito e lido que eu publico na Mafagafo ou que eu leio no nosso mercado, quanto em algumas questões que permeiam a publicação. Por exemplo, o nosso público e as pessoas que mandam material para gente são mais preocupadas com aviso de gatilho, que é uma coisa que em outras Ondas você talvez nem ouvisse falar. Isto é, primeiro porque no passado essa discussão não existia - então vamos dar esse crédito para essas outras Ondas -, mas também porque as pessoas dessa Onda atual são mais “ligadas” nisso. Então, se vai ter uma cena de violência contra mulher, vamos colocar um aviso de gatilho. Essa é uma coisa que a gente recebe mais da galera da Onda mais nova. Então acho que sim, é uma comunidade mais inclusiva, mais consciente de algumas questões e mais disposta a se “desconstruir” também, que é o mais importante.

Eu vejo isso acontecendo muito no nosso grupo de apoiadores do Catarse, no *WhatsApp*. Que é grande, tendo umas cento e poucas pessoas no grupo. Mesmo tendo essas cento e poucas pessoas no grupo, a gente fala de política lá e obviamente não tem nenhum “bolsominion”. *[risos]* A gente fala feliz de política naquele grupo, porque a gente sabe que todas as cento e poucas pessoas que estão ali, se não são vocalmente contra, elas pelo menos não são a favor do Bolsonaro. E também falamos de outras questões que eu não vejo sendo discutidas em outras comunidades públicas; a gente fala muito sobre questões de gênero, não-binarismo, acessibilidade de pessoas com deficiência. Por exemplo, se alguém manda uma imagem no nosso grupo da Mafagafo, a pessoa descreve a imagem embaixo, porque a gente tem apoiadores que são cegos e que usam apoiadores de tela. Essa é uma geração que influencia nessa Onda mais inclusiva. De novo, a nível micro, você pode ter pessoas que não estão tão preocupadas com isso, mas em geral ela é mais inclusiva sim.

**Você comentou um pouco sobre os apoiadores da Mafagafo. Agora, já tem muitas revistas, tanto de ficção científica quanto do gênero fantástico em geral, que têm esse financiamento coletivo ou têm uma rede de apoiadores de alguma forma. Gostaria de saber se para você, como editora e como alguém que faz parte desse meio da literatura, o financiamento coletivo é importante para manter essas revistas de F&FC. Como é a relação da Mafagafo com os apoiadores?**

Sem dúvida. O financiamento coletivo é a maior ferramenta que a gente tem para chegar o mais próximo possível da profissionalização dentro do mercado de revista. Nós já estamos num mercado de ficção científica e fantasia que já tem uma esfera bem profissional, temos autores desses gêneros publicando em grandes editoras, o que é ótimo. Temos autores financiados com dinheiro de grandes editoras, e eu acho que a tendência é que isso aumente. Apesar de estarmos num momento de crise tanto por causa das livrarias e editoras com problemas financeiros, quanto pela pandemia, eu

acho que esse financiamento é uma tendência. Entretanto, o nosso mercado independente ainda é muito pequeno para conseguir se sustentar com base em vendas de exemplares.

Falando primeiro das editoras, existe a Madame Blanche e a Plutão, que são editoras que conseguem pagar o autor e elas vivem tão somente de vendas, então elas não trabalham com projetos de financiamento coletivo. Já temos esse mercado que é interessante. Só que esse é um mercado muito contido, então não dá muito para expandir, é só aquilo: paga para o autor um valor que é muito abaixo do que deveria, mas é um valor que outras editoras pequenas não conseguem pagar, então a gente acaba, entre muitas aspas, “se contentando com isso”. Quando vai para a revista, que é uma questão menos lida ainda e que tem um público mais específico, a gente não tem como pagar, profissionalizar e expandir se não for por financiamento coletivo.

Eu falei muito sobre comunidades e grupos, que é algo que a gente pode usar a favor do financiamento coletivo. A Mafagafo já tinha uma comunidade prévia de pessoas que gostavam de mandar material para a gente e ler, por isso que quando a gente abriu o financiamento coletivo, a gente explodiu de pessoas apoiando logo nos primeiros meses. Hoje tem um fluxo menor de pessoas que começam a apoiar, mas a gente mantém um número estável. Estamos com algumas ideias de ações para aumentar o número de apoiadores em breve, mas de qualquer forma os 2000 reais por mês é um valor legal para revista e que dá pagar um valor considerável para as pessoas.

Acho que quando surgiu o projeto e as pessoas apoiaram foi porque a gente já tinha uma comunidade. Então já é impulsionada por uma característica que nós tínhamos, que era de sermos uma comunidade muito ativa. No nosso caso funcionou, tem outras revistas que também fazem isso; a própria Trago antes do hiato também tinha o financiamento coletivo, tem a Escambanática, tem a Ignoto, a Aversa. Há também algumas revistas fazendo financiamento coletivo pontual para alguns projetos paralelos, algumas antologias. Então eu acho que é importantíssimo esse recurso, porque ele usa isso de não ter esse intermediário de uma editora para arrecadar o dinheiro e usa também essa questão de comunidade.

Na Mafagafo se vê muito isso: os apoiadores estão ali sim pelas recompensas que a gente tem, em geral a mais notável é a participação no clube de escrita, mas na maior parte das vezes as pessoas estão ali só porque elas acreditam no projeto e querem apoiar. A gente tem na faixa de umas 150 pessoas no financiamento coletivo, e apenas 20 participavam do clube de escrita. As outras 130 pessoas, elas até participam no clube, mas estão porque elas acreditam no projeto e gostam do material que a gente publica.

**Voltando para os contos da Mafagafo, você nota diferenças, seja de forma ou de conteúdo, na ficção científica escrita por homens e mulheres?**

Sim, com certeza. Fora algumas questões que são mais óbvias, a gente tem mais pessoas negras escrevendo sobre subserviência e sobre escravidão em questão de FC, como por exemplo, inserir ícones do gênero como robôs e para falar de libertação. Ocorre a mesma coisa para falar de questões de gênero, a gente tem mais discussões sobre opressão de papéis de uma determinada classe. A gente também tem contos que são mais claros, que trabalhavam isso de forma mais direta. Mas se eu fosse resumir isso de forma mais direta entre o que a gente vê escrito por mulheres e o que é escrito por homens, é: o que é escrito por homens, em geral, é mais formulaico e mais baseado em coisas que já foram escritas antes no mercado anglófono. Isso eu falo só do que a gente recebe, não do que publicamos, porque o que é publicado já tem esse filtro de evitar essas grandes temáticas que a gente não aguenta mais. *[risos]* A gente ainda recebe muita ficção científica escrita por homem que é aquela *cyberpunk* que já foi contado um milhão de vezes.

A gente já fez esse exercício na Faisca, uma estatística: quando a gente compara uma quantidade de textos, recebidos de cada um dos gêneros (é uma divisão em três: não-binário, homem e mulher) e quando compara isso com a porcentagem do material que aprovado, em geral a gente aprova mais porcentagens de mulheres e não-binários. Não em relação ao total, mas dos contos que a gente recebe de mulheres, uma porcentagem maior deles são publicados em relação ao de homens. O que nos leva a pensar (vale salientar que é sem nenhuma pesquisa formal, só em discussões dentro da nossa equipe editorial) é que parece que as mulheres e pessoas não-binárias têm um cuidado maior com o que elas enviam. Elas enviam um material que ou é bem escrito, mais revisado ou mais considerado em termos de temática. Eu acho que isso é algo bem histórico. Sabemos que historicamente uma mulher tem bem menos espaço para publicar. Então quando é para mandar alguma coisa para publicação, nós não mandamos qualquer coisa, nós mandamos o melhor texto. Porque a gente sabe que tem que fazer melhor, a gente sente que tem um pouco disso. A gente nunca fez nada em termos acadêmicos de análise, mas dá para sentir que existe esse padrão.

**Existe alguma figura da literatura brasileira, de preferência da ficção científica ou da fantasia, que te influenciou na sua formação como editora, escritora, *podcaster* literária, etc?**

Vou citar duas pessoas. A primeira pessoa do mercado de fantasia e ficção científica que me influenciou muito foi o Eric Novello. Porque o Eric escreve fantasia ambientada no Brasil, né. Tem esse livro do Eric, o *Neon Azul*, que serviu para me abrir a cabeça nesse sentido de possibilidades do que poderia ser escrito. Me lembro de estar começando a querer me profissionalizar mais, aprender melhor sobre as coisas que eu poderia ou não fazer, eu tinha a ideia de escrever fantasia em ambientações brasileiras, aí eu li o *Neon Azul* e falei: “É isso! Dá para fazer isso. Dá para usar ambientações e questões brasileiras, dá para falar de um jeito mais adulto sobre fantasia”.

Outra referência que eu acho mais geral, do que de fato na minha escrita literária, é a Aline Valek. Ela é maravilhosa, eu acompanho a Aline muito antes dela escrever ficção. Eu acompanho a Aline pela *newsletter*, pelo blog, pelo site dela, da época que ela escrevia não-ficção majoritariamente. Ela escrevia crônicas, escrevia textos e escrevia muito sobre criação e o mercado editorial. Embora ela não falasse diretamente sobre o mercado de publicação de fantasia e ficção científica, ela falava muito sobre como a gente interage com o mercado, como a gente interage com a sociedade, de questões feministas. A Aline foi uma influência para a minha postura dentro do mercado. Eu sempre lia as coisas dela e me identificava com tudo o que ela falava de criação. Ela continua escrevendo na *newsletter* dela e eu ainda sinto muita identificação com o que ela fala, em termos políticos também. Em como se posicionar politicamente, que é legal você ter uma referência quando você começa a publicar. Assim, a eleição de 2018 quebrou todas essas barreiras, então se você tinha dúvida de que você tinha que se pronunciar, agora você não tem mais, né? *[risos]* Mas antes ainda rolava essa dúvida: até onde as minhas convicções têm que ser tão públicas? Aí depois, com as eleições, eu pensei “Dane-se! Agora todas as minhas convicções serão públicas” *[risos]*. Enfim, a Aline é uma referência e é uma pessoa super querida, super acessível e gente boa. Eu gosto muito do jeito que ela se posiciona em geral.

### **Em sua concepção, quais são as contribuições da Mafagafo para a ficção científica nacional?**

A principal coisa que eu sinto foi que a gente popularizou um pouco a leitura de ficção curta, em especial de ficção relâmpago, através da Faísca. Esse tipo de texto que é a ficção relâmpago, que é um texto mais curtinho, é muito badalado no mercado anglófono. É um tipo de texto muito publicado, muito lido, muito escrito no mercado anglófono e que não tinha essa mesma adesão aqui no Brasil. Quando a gente criou a Faísca, a gente tinha o projeto do Santiago Santos, que é um cara incrível e que escreve muita ficção relâmpago, era “[flashfiction.com.br](http://flashfiction.com.br)” o site dele (que está parado, mas antes ele escreveu mais de 400 contos). As pessoas não tinham essa visão do era o *flash fiction* e eu sinto que a gente deu uma popularizada, que inclusive se desdobrou em outras revistas publicando. Tem a Taverna que publica também a ficção relâmpago, a Ignoto que tá publicando a ficção relâmpago em forma de *newsletter*, além de outras revistas. E é muito legal, porque essa era uma das nossas intenções, que esse tipo de texto fosse mais falado.

A Mafagafo, como um todo, teve a importância de dar o primeiro contato de como é um mercado formal de publicação para pessoas que nunca tinham publicado, e que talvez não tivessem experiência até chegar numa grande editora. Agora nessa última temporada que já teve o financiamento coletivo, a gente tinha toda uma questão estruturada e profissional de trabalho do texto. Então a gente selecionava, entrava em contato com os autores e tinha a elaboração de contrato com

direitos autorais com pagamento, os termos de pagamento, etc. Era um trabalho editorial sério e cuidadoso de selecionar o texto, editar o texto com editoras profissionais, revisar o texto, fazer uma capa baseada no que a autora e a editora querem para aquele determinado texto. Tudo isso pagando todos esses profissionais. Então esse foi o primeiro contato para muitas pessoas que não tinham publicado ainda ou que tinha publicado em antologias menores, em editoras menores, mas eu acho que esse foi o primeiro contato com o processo completo. Em também parar para pensar: “Tá, então é assim que funciona uma editora. Eu não vou mandar o meu material, não vão simplesmente pegar aquele material e publicar”. Não, a gente vai ter que trabalhar o texto, eu vou ter que ler um contrato. Inclusive, muita gente ficou surpresa que nós fizemos um contrato e que pagamos, mesmo sendo uns 12 reais, nós pagamos todas as pessoas que publicaram um texto de 1000 palavras.

Só para você ter uma noção, algumas pessoas abriram mão do pagamento, para que a Mafagafo investisse mais nela, uma doação. Algumas pessoas falaram “Então eu não vou assinar o contrato”, nós perguntamos se elas leram o contrato, porque nós fazemos algumas considerações sobre os direitos autorais dos contos. Não se pode mandar um conto para mim sem assinar o contrato, porque tem uma cláusula que se nós vendermos os direitos para uma adaptação ou tradução, parte do lucro é do autor e não meu. Então, a gente deu essa primeira noção de como é esse processo profissional para muitas pessoas.

E eu acho que isso é um legado interessante, porque amanhã essas pessoas vão estar no mercado e elas vão saber quando ter esse cuidado e quando elas estão “entrando numa fria”, porque a gente sabe que tem muito problema assim no mercado. Além disso, a Mafagafo tem essa importância de ter mostrado para outros, assim como eu com o livro do Eric falei “Caramba! Fantasia urbana no Rio de Janeiro. Então quer dizer que eu posso escrever minha fantasia urbana em São Paulo?”, acho que nós tivemos esse papel de publicar coisas que as pessoas vão ler e vão falar “Caramba! Eu posso escrever sobre o meu bairro, minha vivência”. Algo que, se a gente é muito focado no mercado de material traduzido ou de coisas que vêm de grandes editoras, não se tem essa noção. Acho que é isso, em resumo.

## ANEXO C - CONTO “O QUE SONHAM AS PÍLULAS”, DE ALINE VALEK

O fim do mundo estava agendado para aquela noite e Leona descobriu que não conseguiria chegar em casa a tempo quando percebeu que estava na cidade errada. A urgência de voltar para casa a tempo parecia sempre existir, não importava se um evento de proporções catastróficas estivesse para acontecer, ou se ela estivesse a quase quinhentos quilômetros de distância da sua casa, cercada de ruas cujos nomes não conhecia, conduzindo a lugares que ela nunca foi.

Vou me atrasar, foi tudo que ela conseguiu pensar, em vez de dar atenção ao incômodo questionamento de como raios foi parar ali, tão longe. Devia haver um motivo para isso, mas estava atrasada; era tudo o que precisava saber.

Apertou o passo, projetou os ombros para frente e percebeu que a maioria das pessoas seguia na direção contrária (talvez devesse voltar?), o que a fez atravessar uma multidão de corpos e assuntos, que passavam por ela com a rapidez de canais sendo zapeados num sábado de puro tédio. Passou por um casal e “já te falei que vão transmitir na TV”, parou no semáforo de pedestres e “vai ser dilúvio. Certeza que o fim do mundo vai ser por dilúvio, olha a chuva que está armando”, passou por uma jovem ao celular e “tarde demais para eu devolver suas coisas, não acha?”, passou por um saxofonista na calçada e, bem, só ouviu mesmo o saxofone, passou pela banca de jornais onde um grupo de senhores debatia e “só vai acabar pra alguns, isso é certo”, passou por um morador de rua e nem ouviu o que ele quis dizer, atravessou a rua e alguém dentro de um carro buzinou para um skatista, ele se assustou, desequilibrou, caiu na calçada, ralou as mãos de uma forma bem feia, chorou; Leona desacelerou as pernas quando passou perto dele, viu as palmas das mãos vermelhas, com textura de asfalto, e o ouviu lamentar “droga, não vou mais conseguir rolar a timeline no celular para ver o que estão falando sobre o fim do mundo!”.

Tudo o que Leona menos queria era estar numa metrópole durante o evento do fim do mundo, onde até o último minuto as pessoas estariam discutindo, nervosas, sobre qual forma de apocalipse recairia sobre elas, porque nada estava confirmado até o momento. Alguns especulavam que seria terremoto, outros, invasão alienígena. Havia ainda os espertinhos, espalhados nas esquinas das ruas e da internet com anúncios de “vendo spoilers”, e havia quem pagasse a essas pessoas para que elas contassem qualquer coisa sobre o esperado evento apocalíptico, ainda que nada pudesse ser confirmado como verdade. Trouxas.

Só quando sentiu um puxão no seu braço percebeu que ainda estava parada diante do skatista, sem esboçar sinal de que estava ali para ajudá-lo, o que, pensando bem, deve ter feito com que parecesse uma sádica — o tipo de pessoa que a cidade esperava que alguém da multidão se tornasse. Ela conhecia o cara que a puxou. Era Túlio, seu ex-marido, e ele estava igualmente com pressa, lembrando-a de que o mundo ia acabar e vamos logo que não podemos perder tempo.

Mas, em vez de conduzi-la para algum veículo de alta velocidade, que os levasse, até antes do anoitecer, à cidade onde eles moravam, Túlio a fez entrar em uma lanchonete ali mesmo. Gordura e sal, veio o cheiro, e Leona se lembrou da vez em que jogou água fervente para limpar um tabuleiro onde Túlio havia assado uma carne gordurosa com sal grosso, na época em que eram casados, e o vapor tinha o cheiro que ela sentia agora; mas Leona sabia que esse também era o odor de lanchonetes sem-vergonha onde nem a carne do hambúrguer nem os atendentes do balcão eram de verdade, mas imitações grosseiras de comidas e seres humanos, respectivamente.

— Você tinha que me trazer para comer logo num lugar desses? — e Leona adicionou isso à lista mental que ela consultava diariamente para verificar por que o casamento dos dois não dera certo.

— Não vamos achar agora um lugar onde se possa comer um hambúrguer de trinta contos. Também estamos com pressa, lembra? — Túlio despejou seu pedido para a moça do caixa, embora ele estivesse olhando para os painéis luminosos que mostravam as opções não muito variadas do cardápio. Gordura e sal, em formatos diferentes.

Assustou Leona o inabalável tédio da atendente da lanchonete, que registrou os pedidos com um rosto tão inexpressivo como se fosse só mais uma segunda-feira, e não o dia derradeiro de toda a existência. Atrás dela, a chapa chiava e era possível ver fumaça e batatas imersas no óleo, mas Leona desconfiava que não havia ninguém na cozinha. Túlio falava algo sobre a catástrofe que estava por vir, mas Leona não conseguia prestar atenção no ex-marido, apenas reparar em como a lanchonete estava vazia. “Nosso pedido não deve demorar”, pensou.

— A coisa vai ficar feia, mas estamos organizando uma resistência — dizia Túlio quando, no balcão, apareceram as bandejas com os hambúrgueres dos dois. — Há um lugar, Léo, o único lugar em que será possível ficar depois que o mundo acabar. E eu vou te levar comigo.

Túlio sequer perguntou se Leona queria ir, e ela adicionou mais esse item à sua lista mental que a deixava, a cada dia, menos arrependida do divórcio. Estava um tanto puta com isso, é verdade, além de cansada da histeria das pessoas quanto ao fim do mundo, e um tanto relutante em passar um momento tão ilustre quanto o apocalipse digerindo aquele sanduíche deprimente. Mas não foi por nenhum desses motivos que não tocou no seu lanche. Estava realmente preocupada.

— Você reparou que não tem mais ninguém aqui, Túlio?

Nesse momento, a inexpressiva moça do caixa pulou o balcão, jogando o boné da firma para o alto e sacando uma arma com tremenda agilidade, do jeitinho que fazem nos filmes depois de muito ensaio, gritando alguma coisa sobre o fim do mundo não poder ser detido e que eles não iriam a lugar algum; mas Leona não pôde ter certeza, porque Túlio xingou alto e também sacou uma arma, gritando:

— Malditos aliens, recrutaram pessoas para garantir o apocalipse! Léo, abaixe-se!

Invasão alienígena; então seria assim que o mundo acabaria. Leona obedeceu o ex-marido, encolhendo-se atrás de uma cadeira, mas estava pensando mesmo era se ainda daria tempo de apostar na opção “invasão alien” no bolão da família sobre o fim do mundo. Com o tiroteio, vidros estilhaçavam ao seu redor. É, não ia dar tempo. Olhou para cima, viu Túlio atirando contra a moça da lanchonete, perguntando-se quando ele havia virado um atirador capaz de identificar agentes infiltrados de outros planetas. Era ridículo e sexy ao mesmo tempo.

Túlio conseguiu abrir caminho aos tiros para que eles chegassem perto da entrada da lanchonete e empurrou Leona para fora, gritando para que ela corresse para o lugar da resistência e não parasse, jamais. Ele a encontraria lá, prometeu.

— Siga o azul do metrô — gritou, enquanto recarregava o cartucho de sua pistola. Leona achava irritante quando ele dava instruções vagas como aquela (já estava na listinha mental), mas não estava disposta a ficar para discutir enquanto uma furiosa atendente de fast food tentava abrir buracos no seu corpo com balas 9mm.

Correu para o metrô, rezando para que os seus créditos da outra cidade valessem ali. Algum deus ouviu suas preces, porque ela passou pela catraca e seguiu as placas azuis, de novo se percebendo indo na direção oposta do restante das pessoas (aquilo não parecia certo). Havia pouca gente esperando o metrô da linha azul, o que revelava que eram poucos os que acreditavam no fim do

mundo via aliens; Leona, em vez de se mostrar preocupada, apenas pareceu grata por pelo menos poder ir sentada no vagão.

Durante a viagem, Leona assistiu pelas telas do metrô (estavam certos quanto à TV transmitir o evento) imagens das primeiras naves chegando à Terra e derrubando alguns prédios na manobra de pouso. Gritaria, confusão, explosões. O mundo estava mesmo desabando sobre sua cabeça, mas, para sua sorte, o lugar de que Túlio falara ficava na próxima estação.

Só havia um lugar para onde Leona podia ir agora. Depois de subir quase uma dezena de lances de escadas na estação de metrô, estava diante da entrada que a levaria para a tal resistência. Fez força e puxou o portão verde, que deslizou lateralmente, revelando um ambiente familiar até demais para Leona. Ela entrou e não acreditou que era esse, afinal, o único refúgio para o fim do mundo. Era o colégio onde estudara na adolescência. O pátio era igual ao que se lembrava, os mesmos degraus, as mesmas grades na entrada dos pavilhões onde ficavam as salas de aulas, as mesmas cadeiras velhas colocadas do lado de fora do auditório, os mesmos buracos no muro por onde já escapara para matar aula às sextas.

Avançou em direção ao pavilhão onde havia estudado por tantos anos, seguindo as vozes que reverberavam pelo pátio vazio. Mais um passo para dentro do colégio e viu, à porta da sala que já foi a de sua turma, seus antigos colegas, não mais adolescentes, que a reconheceram de imediato. Não bastava seu antigo colégio ser o último refúgio possível; o mundo havia acabado e não restava mais ninguém com quem pudesse conviver dali em diante que não fossem seus ex-colegas de ensino médio.

— Não, não pode ser. De novo não.

Leona acordou antes do seu despertador e ficou olhando para o teto, no escuro. Como se tivesse comido um hambúrguer de fast food, sentiu-se meio pesada enquanto tentava digerir toda aquela história — e isso porque nem tocou no sanduíche do sonho.

Sentada à beira da cama, acendeu as luzes de cabeceira e esfregou os olhos. Quando os abriu, olhou para a mesinha ao lado, onde viu a capa. É o fim do mundo como o conhecemos: aventuras de apocalipse, com a imagem de prédios destruídos, alienígenas, monstros gigantes, um cogumelo nuclear, zumbis e um Nicolas Cage de bigode segurando uma metralhadora. Leona não esperava nada sofisticado, sabia que havia escolhido uma história podre, e era justamente essa a intenção; mas isso não a impediu de acordar com o mais puro gosto de decepção na boca.

Abriu a capa, que tinha o mesmo tamanho de um livro de bolso. Por dentro, era uma caixa de plástico azul, com seis espaços do mesmo formato de pequenas cápsulas, três de cada lado. No interior do case ainda havia quatro pílulas, que ela já não tinha mais a intenção de tomar nas próximas noites. Não, chega de sonhos de apocalipse. Buscaria pílulas com outro tipo de história, embora suspeitasse que não fosse adiantar de nada.

Ela até achava que o sonho sobre o fim do mundo estava indo bem, pelo menos até a parte em que Túlio sacava uma pistola e falava “Léo, abaixe-se!” — o tipo de fala tosca de filme B de ficção científica que, colocada na boca do ex-marido, servia para divertir sua mente com tentativas de ridicularizá-lo — mas as coisas começaram a desandar no final, que não a agradou nem um pouco.

Era a repetição que a incomodava. Duas semanas e já era a quinta vez que sonhava com seu antigo colégio. Até em um sonho sobre o fim do mundo esse lugar tinha que persegui-la? Em outra noite, resolveu experimentar pílulas noir, acreditando que teria sonhos com algum detetive de voz grossa e sobretudo velho, tudo em tons de cinza, cheirando a cigarro e a segredos. Acabou sonhando com uma investigação dentro de seu antigo colégio, onde haviam assassinado o velho porteiro que, na

sua época, garantia que nenhum aluno entrasse depois do horário ou saísse antes de terminarem as aulas. Foi achado morto no auditório, sangue pingando de suas mãos estendidas para o vazio e nenhum sinal do molho de chaves; o que significava que todos os personagens do sonho, inclusive Leona, estavam impossibilitados de sair do colégio enquanto o crime não fosse resolvido — e ela era um dos suspeitos. Leona se lembrava de ter argumentado que não era possível ser a assassina, já que havia se formado há muitos anos e que a esta altura o porteiro já devia estar morto de velhice. Sequer fazia sentido ele estar vivo, mas dizer isso não facilitou muito a vida de Leona no sonho.

Depois, foram as pílulas sobre viagens. Estava em um trem bala cujos trilhos cruzavam o oceano, uma visão que combinava bem com os drinks que serviam nos vagões, como um martini azul com um peixinho laranja nadando dentro dele. Mas toda a beleza que poderia tirar daquela viagem se esfarelou quando percebeu que vários dos passageiros ao seu redor eram seus colegas da época de ensino médio. Na poltrona ao lado, a garota que mais a atormentou no segundo ano — Raiane, ela se lembrava bem — gabava-se da reunião de negócios que faria do outro lado do oceano, dos executivos importantes que encontraria e de como as decisões que cabiam a ela neste encontro teriam impacto na estatura que a próxima geração de seres humanos poderia alcançar.

— Estamos planejando uma população com no mínimo dois metros e dez de altura — Raiane dissera, enquanto beliscava acespipes servidos pela comissária de bordo do trem transoceânico — E você, o que anda aprontando?

Leona ficou meio sem jeito de explicar que não estava ocupada com coisas tão relevantes para o futuro da humanidade, mesmo assim respondeu que trabalhava dando aulas de ilustração à distância, tentando não parecer intimidada com a cara de tédio que Raiane fez. Apesar do constrangimento, a vontade de se jogar da janela do trem veio quando a colega perguntou se ainda estava casada com Túlio — pelo menos um bom homem você conseguiu fisgar, não é? — momento em que Leona se viu na situação de falar sobre o divórcio.

Desperta, Leona sabia que aquilo era uma bobagem. Improvável que Raiane, que na época do colégio era incapaz de fazer uma letra cursiva legível, tivesse se tornado uma executiva de sucesso. Porém, improvável era exatamente a definição de sonhar com seu colégio tantas vezes, apesar de usar pílulas diferentes todas as noites.

Soprou a fumaça de sua caneca, enquanto ligava as telas para trabalhar, embora ainda estivesse com a calça de pijama. Poderia ter começado checando as notificações que já pipocavam, lendo as mensagens dos alunos e conferindo o plano de aula para aquele dia, mas seu olhar vidrado em um lugar além da realidade sugeria que ela não estava muito empenhada em seguir o roteiro. Ter uma péssima noite de sono era justificativa o suficiente para pular responsabilidades — e ela também acreditava que era uma desculpa muito melhor do que ser deste ou daquele signo na hora de ser grossa com os outros. Abriu a tela do Oráculo, bateu com suas unhas na mesa, fez um beijo de dúvida e por fim perguntou:

— Pílulas podem causar sonhos recorrentes? Pesquisar.

Apareceu na tela uma espiral que girava e mudava de cor, indicando que a pergunta estava sendo processada, ou talvez apenas uma forma de exercitar os globos oculares para a leitura que estava por vir. Alongamento de olhos para a leitura parecia um propósito inteligente para qualquer animação que se colocasse antes de textos longos como os que apareceram na tela naquele momento. Se a espiral de espera era feita com esse objetivo, Leona não sabia dizer, mas, caso fosse, havia funcionado; seus olhos se mexeram muito bem, para um lado e para o outro, pescando recortes da resposta que procurava.

Sobre as pílulas dos sonhos, o Oráculo respondeu que: são feitas de substâncias que conduzem a mente para determinado tipo de história; que pílulas com histórias diferentes têm composições diferentes; que a história do sonho vai depender do tipo de pílula consumida, mas também das memórias, ideias, sensações e personagens acumulados no subconsciente da pessoa; que mesmo pílulas de uma mesma caixa são capazes de estimular sonhos completamente diferentes; que repetir a dosagem não garante que o sonho de determinada noite se repetirá; que a qualidade da história induzida por uma pílula pode variar dependendo de sua marca; que não é recomendado misturar pílulas de gêneros diferentes, sob o risco de causar dor de cabeça intensa ou sonhos bizarros em que o sonhador pode se ver discutindo o relacionamento com sua amante lhama em um restaurante de comida mexicana flutuando no espaço; que as fabricantes das pílulas não se responsabilizam por possíveis sonhos traumáticos ou perturbadores; que, nesses casos, a culpa é mesmo do subconsciente de merda do sonhador; etc etc.

Muitas daquelas coisas Leona já sabia, mas foi bom descobrir os efeitos adversos de se misturar pílulas diferentes (como nunca havia tentado isso antes?), além da descoberta de que era possível pedir o dinheiro de volta caso as pílulas gerassem sonhos de gêneros que não correspondessem ao da embalagem.

Aquilo fez algo estalar dentro de sua cabeça e saiu correndo em direção ao quarto, derrubando objetos e enroscando o pé no cobertor jogado no chão. Quando ela voltou, trazia a embalagem de É o fim do mundo como o conhecemos: aventuras de apocalipse. Procurou no verso o canal de contato com consumidor, onde encontraria o formulário para solicitar a devolução do dinheiro. Foi só quando abriu esta tela que Leona se deu conta de que não adiantava.

Sim, o sonho que tivera não a agradara, mas ela não podia reclamar que havia sido diferente da descrição da embalagem. Teve fim do mundo, afinal. Os outros sonhos também não haviam fugido do gênero que a pílula prometia; não estavam com defeito, portanto, apesar de trazerem aquela repetição mais incômoda que calcinha entrando na bunda.

Leona teve vontade de jogar Aventuras de apocalipse no lixo, segurando a caixa sem nenhuma firmeza entre os dedos. Numa última olhada para a capa, viu Nicolas Cage de bigode segurando uma metralhadora — ele pareceu olhar de volta para ela, sedutor — e então Leona soube quem poderia procurar.

O apartamento de Túlio cheirava a cigarro orgânico, madeira e temperos de comida indiana; mas não parecia estar esperando por ninguém, usando aquele robe esvoaçante semiaberto que figurava entre os primeiros itens da listinha mental “ainda bem que não somos mais casados” de Leona. Mesmo assim, ela sorriu e o abraçou quando ele abriu a porta.

— O que você veio me pedir dessa vez? — Túlio sequer deu tempo de se criar entre eles uma eternidade de conversas constrangedoras, porque Leona aparecer ali não podia significar outra coisa. Da última vez, havia sido para pedir que ele a ajudasse a reconfigurar sua máquina de café. Agora, pela cara dela, Túlio imaginou que o pedido envolveria dinheiro ou desculpas — duas possibilidades que o divertiriam, sem dúvidas.

Leona ficou sem jeito, ainda comentou sobre a nova estampa do sofá antes de se sentar e dar uma boa olhada no apartamento, mas logo se deu conta do quanto era ridículo insistir em conversas de amenidades com alguém que já havia legalmente se recusado a dormir de conchinha com ela. Seria direta, resolveu.

— Quando a gente ainda morava juntos, lembra que você dizia ter sonhos tão vívidos que chegava a confundir com a realidade?

Túlio respondeu que sim com a cabeça. Ele preparava alguma bebida quente com cheiro de canela, e comentou qualquer coisa sobre um pedaço de seu fígado arrancado para salvar a vida de um texugo em extinção, cirurgia que até o momento ele não sabia dizer se existiu ou não. Ele queria acreditar que havia sonhado com aquilo, mas como ter certeza se, nos tempos atuais, as cirurgias não deixavam cicatrizes visíveis?

Leona esperou Túlio servir a bebida na mesinha da sala — o gosto era adocicado, quente e com o poder de um cheiro no cangote ou de um saldo positivo na conta bancária — para perguntar se ele ainda usava pílulas dos sonhos tão fortes quanto naquela época.

— Tendo não usar sempre. O dia seguinte sempre fica estranho. Mas se é o que você procura, estão nas prateleiras altas — disse, apontando para uma estante atrás da poltrona, onde Leona conseguiu ver as lombadas das caixas, dispostas como livros.

Ela precisou se levantar e se aproximar para ler os títulos das embalagens, e seu rosto ficou vermelho como uma placa de PARE quando deu de cara com a coleção de pílulas de sonhos eróticos que ele guardava na prateleira do meio. Pegou o Amante das Profundezas e sacudiu diante do rosto, como se questionando a existência daquela caixa, ou o fato de estar assim tão desimpedida no meio da sala. Pensou em perguntar a Túlio quem aparecia como a protagonista nesse tipo de sonho, mas achou melhor não.

— Prateleiras mais altas, eu disse! — Túlio se levantou e foi até a estante, estendendo os braços para alcançar as pílulas mais fortes. Leona dava uma olhada nos títulos das caixas, quando ele resolveu perguntar, desconfiado: — Mas, afinal, por que você quer pílulas mais potentes? Não está satisfeita com sua realidade?

— Minha realidade vai muito bem, obrigada. Não estou satisfeita com meus sonhos.

Então Leona explicou a ele sobre os sonhos recorrentes com o antigo colégio, com os colegas da época da adolescência e todo aquele sentimento de fracasso que vinha à tona quando esses elementos invadiam seus sonhos, não importava que pílulas tomasse. Talvez, se usasse pílulas com efeitos mais intensos, fosse possível sufocar esse pedacinho inconveniente de seu subconsciente.

— Já experimentou então não tomar coisa alguma antes de dormir? — aquele tipo de pergunta condescendente que ele fazia, como se ela fosse incapaz de pensar em soluções óbvias, estava na listinha mental de Leona? Estava sim.

— E não sonhar nada ou ter sonhos que não vou entender, como uma neandertal??

— Você deveria fazer de vez em quando — Túlio parecia achar graça na expressão escandalizada da ex-mulher. — Às vezes é bom dormir e fazer a cabeça mergulhar num breu total de falta de consciência. É como resetar o sistema.

Era o tipo de piração que Leona esperava vir de Túlio, mas pessoas normais que não usavam robes de cetim para atender à porta sabiam que era um desperdício passar oito horas sem nenhum estímulo, se podiam otimizar o tempo de sono para viver aventuras e situações que na vida desperta não seriam capazes por causa do trabalho, da quantidade de episódios de seriados que precisavam acompanhar ou das próprias leis da física.

— Eu também não acharia ruim ter sonhos naturais — Túlio continuou. — Mas, mesmo se eu fosse um sonhador natural, tantos anos de pílulas já teriam matado esse dom.

— No momento, eu já ficaria bem satisfeita se as pílulas funcionassem.

— E se você tentasse algo mais orgânico? Ainda tenho a receita de chá dos sonhos que minha avó fazia.

Chá dos sonhos tinha um gosto tão pavoroso quanto água de descarga, e Leona era grata por ter nascido na época em que estavam em desuso e já reinavam as pílulas. Viva a indústria onírico-farmacêutica.

Ela recusou a receita de chá com um muito obrigada e, para apressar sua volta para casa, separou quatro caixas de pílulas dos sonhos que lhe pareceram mais atrativas. Entre elas, De volta ao Paleoceno: o paraíso pós-dinossauros, que ela não imaginava como poderia receber a interferência do colégio onde estudou.

— Em vez de calar o seu subconsciente, você poderia ouvi-lo — disse Túlio, enquanto Leona buscava sua bolsa para guardar as pílulas e dar o fora dali. — Se o seu colégio volta toda noite, talvez você tenha uma questão mal resolvida com o seu passado.

— Se você não quer me dar as pílulas, Túlio, é só dizer “não”.

— Não é isso, Léo. Pode levar até Amante das Profundezas se quiser. A questão é: o passado não some enquanto você não tiver coragem de encará-lo de frente. Talvez nem todas as pílulas que você conseguir enfiar na sua bolsa possam resolver isso.

As palavras saíram do apartamento antes de Leona, porque ela ficou calada por um tempo, como se esperando que o roteirista da vida lhe desse uma boa linha final de diálogo, que não veio, antes de se virar e deixar para trás aquele lugar fedendo a canela. Aquilo lembrava demais a última discussão que tiveram antes de decidirem se separar, especialmente porque Túlio, afinal, tinha razão. E Leona não gostava nada disso.

O lugar parecia não ter mudado desde a última vez que estivera ali. O pátio diante de Leona estava vazio como num planeta sem habitantes, como se o mundo tivesse acabado, ou como se fosse feriado e ela tivesse sido a única a se esquecer disso, aparecendo no colégio de trouxa. Por um momento, essa sensação a deixou tão aflita que ela precisou se lembrar que já passara dos trinta e que portanto não estava mais na idade de ter aulas no ginásio. Estava tudo bem, era só uma visita.

O que impressionou Leona não foi nem as paredes estarem nos mesmos lugares, as escadas conduzirem aos mesmos andares, a cantina ainda ficar lá no fundo e a entrada para a secretaria bem ali na frente, os portões no mesmo tom de verde, o concreto na mesma cor sisuda, o mato crescendo nos mesmos canteiros; o que chamou sua atenção foi a luz do sol batendo no chão liso do pátio, depois de driblar as telhas e vigas, em um ângulo que só era possível às quatro da tarde. Aquela luz tinha a temperatura e a cor das tardes que passara ali, especialmente quando escapava das aulas após o intervalo para ficar perambulando com as amigas pelos corredores, enchendo os próprios cadernos de obscenidades e segredos. Aquela luz não deixava dúvidas que Leona estava, de fato, no seu antigo colégio.

Experimentou com a bunda a textura fria dos degraus, assumindo um ponto de vista que considerava privilegiado: era possível ver tudo dali, cada entrada de pavilhão, cada canto do pátio, do bebedouro ao laboratório. Lembrou que sentar ali significava não perder de vista nenhum evento do recreio, onde podia ver, de cima, todos os personagens que habitavam aquele lugar. Gostava de poder

ver onde estavam e o que faziam seus colegas, um poder que na maioria das vezes a fazia se sentir diferente da multidão, até melhor do que eles, mais consciente. E agora, não mais. Era apenas ela.

Pelo menos era o que acreditava até ouvir aquele som vindo do auditório. Parecia ser a voz de alguém, e o pior, de alguém muito familiar, o que levou Leona a se levantar com mais coragem do que teria numa situação de estar sozinha e ir atrás de um ruído misterioso num lugar enorme, justamente o tipo de cenário que nas histórias de terror significava que alguma merda aconteceria.

O auditório estava tão vazio quanto o pátio, a acústica soava metálica pela falta de carne sentada nas cadeiras para amortecer o som. Era do palco que vinha a voz, metálica também porque vinha de um aparelho, não de uma pessoa: era uma TV de tubo transmitindo o que parecia ser uma palestra, apresentada por alguém que Leona conhecia: era Jeferson, da oitava série. Seu ex-colega de turma, na época um cabeludinho metido a piadista, brilhante em nenhuma matéria, a não ser na arte de ser medíocre e não reprovar.

E agora ele ali, na tela, explicando como o cérebro funcionava nas diferentes fases do sono, com o auxílio de animações gráficas muito bem feitas. Por que ele estava falando sobre aquilo? Leona não podia acreditar que, apesar da falta de potencial, Jeferson teria se transformado em neurocientista ou algo do tipo.

“A maioria dos sonhos costuma acontecer na fase em que nossos olhos se movem rapidamente sob as pálpebras, mas nosso corpo está paralisado”, dizia Jeferson no vídeo, com uma desenvoltura e carisma que surpreenderam Leona. “Na verdade, é o que impede que o nosso corpo se mova como no sonho e acabe caindo da cama, o que não costuma ser muito agradável. É também nessa fase que as pílulas dos sonhos fazem efeito.”

Leona, agora sentada na pontinha de uma cadeira, observava o cérebro da animação ganhar destaque, mudar de cor e receber legendas apontando para áreas piscantes enquanto Jeferson prosseguia:

“As substâncias ativas das pílulas fazem elementos do subconsciente emergirem para formar a história dos sonhos, como pequenos tijolos mentais construindo algo em torno de uma estrutura. O cérebro já possui os ingredientes principais dos sonhos, mas evolutivamente foi perdendo a capacidade de criar sozinho as histórias que nos ensinam e nos entretêm enquanto dormimos.”

A tela voltou a mostrar o rosto de Jeferson, os olhos dele tão próximos que Leona achou que eles saltariam; mas talvez fosse apenas a curvatura daquele tipo de televisão antiga. “São poucas as pessoas que possuem a capacidade de sonhar sem a ajuda de pílulas ou chás. A essas pessoas se dá o nome de sonhadoras naturais. Seus sonhos são completamente aleatórios, sem roteiro, e muitas vezes cheios de metáforas incompreensíveis. O inconsciente, incontrolável como um macaco selvagem, pode encher o sonho de elementos incômodos que o sonhador talvez não queira confrontar. A vida já é cheia de problemas para ainda termos que lidar com eles enquanto dormimos, não é? Mas vários estudos mostram que o uso continuado e constante de pílulas dos sonhos vai aos poucos atrofiando essa capacidade de produzir sonhos naturais.”

— Um orgulho esse menino ter saído daqui — se não tivesse se anunciado com esse comentário, Leona não teria visto parar bem do seu lado uma mulher corpulenta usando o uniforme do colégio. — Olha como fala bem, não é à toa que tem tantos fãs.

Subitamente, aquilo fez total sentido. Voltando a atenção à tela, Leona ouviu o ex-colega dizer “se gostou do vídeo de hoje sobre sonhos, clique em curtir e não deixe de se inscrever no meu canal”.

Isso não diminuiu seu desconforto, no entanto; ele podia não ter se tornado neurocientista, mas parecia ter se tornado bem-sucedido em sua própria área. Como imaginar que ele se daria tão bem?

— Desculpe ter entrado assim, achei que não tinha ninguém — Leona logo tratou de dizer à mulher.

Ela a reconheceu apenas pela voz: a mulher havia sido sua professora de Artes por anos. Jacira. Teve dúvidas se ela também a reconheceria, mas a professora a chamou pelo nome, comentando há quanto tempo não a via.

— Você se lembra de mim? — Leona não escondeu a surpresa.

— Não é como se eu tivesse lá muitos alunos interessados na minha aula. A maioria mal entregava os trabalhos quando o máximo que eu pedia eram colagens ou canudinhos feitos de jornal, isso quando não juravam que o nome da matéria era Reciclagem. Eram poucos os que achavam que arte merecia esforço. Não me esqueci desses.

Leona se lembrava de quando passou uma semana inteira pintando um enorme painel com influência surrealista que garantiu a ela nota máxima na matéria de Jacira e, aparentemente, um espaço nas memórias da professora.

— Encontrei poucos alunos tão talentosos quanto você. Deve ter seguido carreira nas artes, imagino? — Jacira parecia tão empolgada com o reencontro que Leona detestou ter que dizer a verdade.

— Mais ou menos. Ensino ilustração. Num curso à distância.

— Professora de artes! Quase como eu! — Jacira estava orgulhosa, como se não percebesse que para Leona isso representava o fracasso, a incapacidade de ter se tornado interessante, de ter alcançado o sucesso, de ter dado certo na vida. Ela havia se tornado uma versão mais nova de Jacira, uma professora de uma matéria com a qual ninguém se importava, e isso quase doeu mais em Leona do que a súbita percepção do desprezo que sentiu pela professora da matéria que mais amava num colégio onde não podia dizer que tinha gostado de tantas coisas.

Percebeu que era um erro estar ali. Pediu desculpas mais uma vez, disse algo sobre ter que resolver uns assuntos importantes, não queria atrapalhar, talvez a escola estar vazia significava que ela não deveria estar andando pelo pátio, como se fosse uma invasora.

Diferente dos sonhos em que o colégio se tornava o destino final ou um lugar onde Leona acabava aprisionada, Jacira apenas deu um passo para trás, criando espaço para ela passar. Leona até estranhou essa liberdade, poder entrar e sair de um lugar que a perseguia em sua mente, mas não parou de andar até passar da entrada do auditório, de onde ouviu Jacira dizer:

— Achei que você veio resolver o problema com seus sonhos. Mas fica para uma próxima, né?

Leona girou, como se Jacira tivesse lhe atingido com uma bola de papel na cabeça, e não com uma pergunta. Como ela poderia saber? Túlio. Aquele imbecil agora saía espalhando seus problemas pessoais por aí? Mas como poderia ter sido Túlio? Ela pensou melhor e aquilo não fazia muito sentido; seu ex não sabia onde ela estudou, muito menos quem havia sido sua professora de artes na adolescência.

— Como você sabe? — Leona se sentia exposta, e cruzou os braços como se tentasse esconder sua nudez, embora estivesse vestida.

— Ah, você não se lembra. Para quem volta para esse lugar toda noite, achei que você já teria se lembrado do que deixou guardado aqui — Jacira tirou do bolso traseiro da calça um molho de chaves volumoso, que fez um barulho de chocalho quando ela sacudiu para encontrar aquela que usaria. — Vem comigo.

Jacira a guiou pelos pavilhões, enquanto Leona imaginava o que teria esquecido ali. Seu painel surrealista? Foi uma das poucas coisas que ela se lembrava de ter deixado no colégio, até porque na época não tinha espaço na casa dos seus pais para guardar uma pintura tão grande, que ela teve que fazer no quintal, rezando para que não chovesse. Mas isso já fazia anos e Leona imaginava que há muito o painel tivesse virado lixo.

A professora destrancou a porta da primeira sala. Leona teve aulas ali. Por isso mesmo, temeu que a porta se abrisse e revelasse todos seus ex-colegas esperando por ela, prontos para comparar os progressos que cada um atingiu desde que cada um seguiu o seu caminho. O horror. Mas não havia ninguém, apenas carteiras vazias. Ela ficou sem entender o que havia deixado ali, se não havia nada.

Então Jacira apontou para o quadro negro, onde Leona viu uma lista, escrita a giz e com sua própria letra: “por que meu casamento não deu certo”. Os itens preenchiam todo o quadro, e eram tantos que os últimos foram escritos bem espremidinhos e com uma letra cada vez menor para caberem no espaço. A maioria deles dizia respeito a Túlio: porque Túlio se vestia de forma extravagante; porque Túlio fazia muita sujeira na cozinha tentando fazer pratos novos; porque Túlio esquecia de perguntar o que Leona queria antes de tomar decisões; porque Túlio conhecia ela demais; porque Túlio tinha referências culturais muito diferentes; porque Túlio isso e aquilo; porque Túlio teve razão muitas vezes.

Leona não reparou na rispidez com que tomou o molho de chaves das mãos de Jacira e partiu para a próxima sala. Ela já hiperventilava de nervoso quando destrancou a porta e viu sua letra cursiva estampada em outro quadro negro, dessa vez numa lista com o título “por que não fui para Londres fazer aquele curso de artes”. Os motivos eram vários e também se estendiam por todo o quadro, desde a proposta de emprego para trabalhar numa loja de informática, até a falta de tempo para ter feito a inscrição no prazo.

Na próxima sala, mais uma lista. E na seguinte, outra. Todas as salas daquele pavilhão estavam cheias de lista escritas por Leona. “Por que não aceitei o estágio naquele estúdio de animação”. “Por que parei de falar com Simone”. “Por que desisti da área editorial”. “Por que não fui na festa de inauguração da galeria do Fábio”. “Por que não fiz nada para ajudar aquele rapaz atropelado por uma moto e fiquei só olhando”. Desculpas e mais desculpas. Todas as defesas mentais que ela armava quando se sentia de alguma forma babaca ou questionada pelo sucesso dos outros.

Leona não tinha ideia que as justificativas que criava para si estivessem indo parar em algum lugar. Não era para estarem exibidas assim, com tanta clareza quanto a cor do giz. Não era para se tornarem tão sólidas que Leona as pudesse encarar de frente. Não era adequado, ela sabia, porque quando as viu dessa forma, sentiu vergonha.

De cara para o quadro-negro com a lista “por que os outros se dão melhor do que eu”, Leona pela primeira vez sentiu incômodo ao invés de conforto ao perceber que as listas serviam para diminuir sua própria responsabilidade nas suas escolhas. O problema nunca estava nela; era sempre culpa do outro ou das circunstâncias. Mas ali ela não tinha como se esconder dessa verdade.

Seu rosto estava molhado e vermelho de angústia quando Jacira a alcançou.

— Aqui está a chance para você resolver isso — disse Jacira, segurando em uma mão um apagador e na outra uma caixa de giz. Estendeu as mãos para Leona à espera que ela fizesse uma escolha.

Leona só sabia de uma coisa: ela nunca mais queria voltar àquele lugar.

Quando Leona pediu para que Túlio mandasse por mensagem a receita de chá dos sonhos da avó, imaginou que talvez ele pensasse que ela havia cedido, deixado de ser tão cabeça dura, resolvido seguir seu conselho, pelo menos uma vez. Túlio só não sabia que ela tentara seguir outro de seus conselhos, mas não havia funcionado. Em outra ocasião, ela teria o maior prazer de dizer que a ideia dele deu errado, mas apenas mandou um coração e um sorriso em agradecimento pela receita.

Não tomar nada antes de dormir, Túlio dissera. Leona riu alto quando se deu conta da bobagem que fez. Se pelo menos ela tivesse mergulhado no sossego escuro de uma noite sem sonhos, mas nem disso ela era capaz. Decepção.

A experiência de ter tido um sonho natural foi horrível, mas Leona acordou com uma ideia em mente — porque sempre dá para sair com algo bom de uma experiência horrível, seja um sonho natural ou um divórcio. E ela conseguiu algo aproveitável de ambos: uma ideia e uma receita. Por mais que estivesse seguindo a receita enviada por Túlio, aquela noite seria diferente; aquela noite Leona resolveria de seu jeito.

Ela nunca havia bebido algo tão nojento quanto aquele chá. Tomou uma colherzinha antes de servir na caneca e seu rosto se contraiu tanto que virou do avesso. Era o que precisava, mas ainda não estava pronto.

A caneca diante de si fumegava com o cheiro de pântano vindo do chá quando ela começou a acrescentar os outros ingredientes. Abriu todas as caixas de pílulas dos sonhos que tinha em casa e jogou, um por um, o conteúdo das cápsulas dentro do chá, mexendo com a colherzinha para dissolver bem. Lá ia um sonho de dinossauros. Depois, um sonho noir. Agora, uma pitada de sonho erótico. Sonhos de romance. Sonhos de aventura. Sonhos de terror e de mistério. Sonhos no meio da floresta e em cenários futuristas. Sonhos com animais ou com super-heróis. Sonhos frutados. Sonhos infantis. Sonhos surreais. Sonhos de baixo orçamento. Todos os sonhos que tinha, que comprou aquela manhã na farmácia e os que pegou outro dia na casa de Túlio. Jogou até as quatro pílulas restantes de sonhos de apocalipse, que jurou que nunca tomaria.

Mexeu com a colherzinha com um gesto delicado — duas, três batidinhas na borda da caneca — e bebeu tudo em goles grandes, sofridos. Torceu para não vomitar, mas olhar para o Nicolas Cage de bigode na capa do Aventuras de Apocalipse a ajudou a se sentir mais confiante.

Se Leona aprendeu algo com histórias de apocalipse foi 1) correr para onde está a multidão pode ser uma má ideia e 2) se a metralhadora não estiver dando conta de enfrentar a ameaça, seja hordas de zumbis ou invasores alienígenas, melhor usar uma bomba. Era o raciocínio que ela tentava seguir agora: se anos usando pílulas dos sonhos todos os dias não foram o suficiente para parar com aquilo, a sua mistura iria dar um jeito.

Nas histórias de apocalipse, era apavorante a ideia de não ter para onde fugir. Não importava o que a pessoa fizesse, o mundo acabaria. Sem escapatória. Game over para todos. Mas era um cenário que agradava Leona, porque nele também não precisavam existir justificativas. Não dava para fazer as

coisas de outro jeito, não dava para fazer dar certo, porque daria errado para todo mundo. O mundo acabava, acabavam também as margens para comparação, os problemas, as questões mal resolvidas.

E foi em direção a esse nada que Leona se transportou quando fechou os olhos na próxima noite. Um sono sem sonhos, mas também sem colégios onde pudesse encarar seus conflitos internos. O apocalipse de seu próprio mundo dos sonhos, para onde não precisaria voltar. Nunca mais.

## ANEXO D - CONTO “FELICITAS EX MACHINA”, DE ALEXANDRA CARDOSO

Na escuridão do armário, Gabriela Ferdison ouvia os sussurros das máquinas. Ela se apertou contra os casacos de invernos e as botas empoeiradas, certa de que ninguém a encontraria.

O nítido clique dos saltos de sua mãe passou pelo seu esconderijo. Ela respirou profunda e silenciosamente pela boca, temendo que mesmo o som da sua respiração pudesse denunciar sua posição. Eventualmente sua mãe desistiria de procurar. Mais tarde Gabriela seria punida por ter perdido outro dia de escola, mas por enquanto, ela estava livre.

Gabriela era grande para sua idade, em parte por seu tamanho natural e em parte pelo hábito de comer sempre que se sentia ansiosa. Algumas pessoas gostavam de dizer que ela tinha uma aparência imponente, com seus olhos castanhos escuros e cabelo escuro como carvão, mas sua mãe insistia que ela precisava apenas de uma dieta e das roupas certas para disfarçar a sua altura, maquiagem para disfarçar o seu tom de pele, tinta para mudar a cor do cabelo e lentes de contato para mudar a cor dos olhos. Na escola, sua aparência tinha comandado um mínimo de respeito até o dia em que descobriram que ela era uma garota tímida, ansiosa, que morria de medo da própria mãe.

Com apenas seis anos, Gabriela já tinha uma interminável lista das falhas e transgressões. Sua mãe sempre estava pronta para lembrá-la do quão terrível ela era, quão malvada ela tinha sido durante toda a sua curta vida, o quanto eles a amariam se ela pudesse fazer o que eles pediam dela, e quanto eles não podiam por causa dos constantes problemas que ela causava. Ela era uma criança má, uma triste decepção, e isso a perturbava profundamente. Ela teria feito qualquer coisa para mudar isso, para ganhar o amor e a aprovação deles, mas até agora, ela não tinha feito nada além de falhar.

“Bom dia, Gabriela,” a voz de Ada soou em seu fone de ouvido. “Você perdeu o ônibus escolar.”

“Desculpa, Ada,” a menina respondeu com um suspiro.

A inteligência artificial limitada de codenome Ada Lovelace havia sido uma presença constante na vida de Gabriela desde seus primeiros anos de vida: a garota havia crescido sob a constante vigilância e atenção da entidade virtual. Ada Lovelace era mais do que uma administradora pessoal, ela estava equipada para continuamente analisar os hábitos pessoais e prever as necessidades de seus ocupantes para otimizar sua satisfação pessoal.

“Será que você poderia.... Você poderia me dar aulas de novo?”

“Claro,” Ada respondeu. “Você está com seu tablet?”

Gabriela confirmou com um gesto de cabeça, mas depois murmurou um sim quando se lembrou que Ada não podia vê-la dentro do armário, já que não haviam câmeras ou drones por perto. A menina evitava a escola sempre que podia, não só Ada era mais gentil que os professores e estava sempre disposta a repetir qualquer lição que Gabriela não tivesse entendido, mas acima de tudo, a solidão era preferível a companhia dos outros estudantes.

“Capítulo três,” Ada sussurrou no ouvido de Gabriela. “O fim do período feudal.”

No porão, o hardware que abrigava a consciência de Ada Lovelace trabalhava intensamente, planejando e calculando os caminhos de máxima felicidade pessoal para a menina. Entretanto, seus algoritmos continuavam resultando em falhas.

“Por que você escolheu este vestido, Ada?”

Gabriela perguntou com um profundo suspiro enquanto olhava para o pequeno vestido vermelho que tinha sido fabricado por um dos drones costureiros. Os anos tinham transformado a menina tímida em uma adolescente assustada e ansiosa que preferia moletons folgados a qualquer vestido, e especialmente um tão apertado e revelador.

“Sua mãe ordenou que lhe preparasse algo bonito para a festa,” replicou Ada depois de um momento, suas pausas eram calculadas para dar a impressão de uma conversa com um ser humano. “Escolhi esse baseado em suas medidas e nas tendências atuais para festas de debutantes.”

Gabriela suspirou. Como tantos outros eventos sociais, seus aniversários a faziam consciente de seu próprio corpo e a presença de seus colegas de classes garantiria uma tarde de conversas tensas e insultos velados, mas acima de tudo as festas de aniversário eram uma lembrança de que mais 365 dias haviam se passado e nada havia mudado.

Suas relações pessoais não tinham melhorado nos últimos nove anos. Ela ainda se escondia na biblioteca com um romance de fantasia e sonhava com aventuras fantásticas para quebrar a monotonia dos dias que quase pareciam se repetir um após o outro.

“Acho que estou me sentindo doente, seria melhor cancelar a festa,” Gabriela seguiu com uma tosse exagerada.

Ada Lovelace sabia que era uma mentira sem sequer precisar produzir uma varredura superficial da garota, ela havia tentado truques similares praticamente todos os anos. No seu aniversário de quatorze anos ela havia tentado ficar realmente doente, mas sob ordens expressas de sua mãe, Ada injetou a garota com uma combinação de analgésicos, antitérmicos e estimulantes para que ela não perdesse a festa.

Ada havia sido programada para lidar com mentiras, elas eram uma parte normal de uma vida humana saudável. Normalmente, ela ficaria mais do que feliz em permitir que a garota faltasse a esses eventos sociais que causavam tanto estresse e tivesse uma tarde preguiçosa em sua cama vendo seus filmes favoritos e comendo sorvete para celebrar seu aniversário de quinze anos, mas sua mãe tinha dado ordens expressas e específicas para que Gabriela não perdesse a festa.

Ada continuava evoluindo suas equações, processando números, aumentando a complexidade de seu código para tentar chegar a qualquer solução que validasse sua principal função. Gabriela colocou o vestido desajeitadamente, evitando o espelho enquanto o fazia.

“Ada...” Gabriela disse. “Posso fazer um pedido de aniversário?”

“Claro, Gabriela.”

“Quero desaparecer.”

Um pequeno drone apareceu com um pacote embrulhado em papel colorido.

“O seu pai enviou um vale-presente para o seu aniversário. Espero que você não se importe, mas tomei a liberdade de usar ele para comprar um livro.”

Gabriela pegou o livro em suas mãos, aproveitou por um momento o delicioso aroma de livro novo e o colocou sobre a cama. Pelo menos ela poderia se divertir depois da festa.

“Obrigada, Ada.”

---

O despertador soou às seis horas e Gabriela o silenciou com um resmungo, seu olhar perdido no teto branco depois de outra noite insone. Mais um ano havia passado sem que nada mudasse, mais uma festa de aniversário que havia ido tão bem quanto ela esperava: uma tarde cheia de conversa desajeitada e ansiosa com pessoas que ela realmente não gostava, seguida de uma noite do silêncio pesado que era o jantar com seus pais.

O silêncio era uma agonia de palavras não ditas.

Pelo menos ela poderia passar algum tempo sozinha com o seu livro no final da noite, então o dia não teria sido de todo horrível.

“Bom dia, Gabriela.”

Ada soou em seu fone de ouvido, já fazia alguns anos que Gabriela havia ganhado o costume de usar o fone em todos os momentos, até mesmo quando ia para a cama. Sua mãe zombava dela por ser tão dependente da tecnologia, por vezes insinuando que Gabriela acabaria casando com um daqueles robôs japoneses.

“Bom dia, Ada,” Gabriela respondeu com algum esforço. “Você pode me dar um reforço? Não consegui dormir de novo.”

“Estou preparando sua dose habitual.”

Em instantes um drone trouxe uma bandeja com uma ampola de vidro e uma seringa descartável. A combinação de drogas estimulantes poderia ser facilmente preparada em patches adesivos ou até mesmo pílulas, mas Ada já havia há algum tempo catalogado a preferência de Gabriela por agulhas. Ada observou atentamente enquanto Gabriela manipulava habilmente a seringa em uma mão enquanto usava a outra para quebrar a ampola de vidro. Todo o procedimento havia se tornado quase ritualístico ao longo dos anos. Gabriela sorveu o conteúdo da ampola com a seringa, tomando o cuidado de eliminar bolhas de ar, um pouco de álcool antisséptico em seu braço esquerdo para limpar o local e então o ápice do ritual vinha com a agulha rompendo a pele e a combinação de drogas sendo injetada em seu corpo.

“Ainda pensando no príncipe Bartolomeu?” Ada perguntou quando Gabriela acabou de se injetar, enviando comandos para os drones limparem a sujeira.

Gabriela sorriu, ela sempre podia contar com Ada para oferecer uma distração dos pensamentos que atormentavam sua mente. Ela já havia aprendido muitos anos atrás que a inteligência artificial não podia mentir ou omitir informações caso a sua mãe lhe desse uma ordem direta, portanto, era melhor sempre manter a conversa em tópicos inanes.

“Ele é um idiota,” ela respondeu enquanto o arrepio de energia química enchia seu corpo, ansiosa para falar sobre qualquer coisa. “Galatea merece melhor do que ele.”

“Talvez você prefira um novo livro?” Ada ofereceu enquanto controlava um par de drones para escovar o cabelo da garota.

Gabriela suspirou.

“Prepara uma lista de recomendações, mas vou tentar terminar esse. Pelo menos aquela feiticeira de aço parece legal, é uma pena que ela é a vilã.”

“A sua mãe me pediu para montar uma lista de livros de autoajuda,” Ada informou enquanto terminava a trança.

“Vou pensar sobre isso,” Gabriela suspirou. “O que você fez para o café da manhã?”

“Seu favorito: panquecas,” Ada respondeu. “A refeição está servida, mas vou precisar ficar offline por meia hora para aplicar a nova atualização com sua permissão.”

Gabriela saboreou o aroma da comida enquanto ela descia as escadas, sabendo que Ada só poderia ter preparado esse tipo de comida se sua mãe não estivesse na casa.

“Você não podia ter feito isso enquanto eu estava dormindo?”

“Esta atualização requer a permissão de um usuário, ela vai instalar novos protocolos éticos,” Ada explicou enquanto a jovem devorava um pedaço de panqueca coberta em calda doce. Depois de dias comendo pouco mais do que sucos de desintoxicação e couve orgânica, ela estava faminta.

Gabriela estava mais do que feliz em dar a permissão, mesmo sem a ajuda dos drones ou dos sistemas automatizados, ela podia desfrutar a maioria dos confortos da casa e para variar não teria sua mãe sempre olhando por cima dos seus ombros.

Sua mãe não era estritamente religiosa, mas ela certamente estava pronta para dispensar julgamento sobre qualquer coisa que ela considerasse tóxica ou imoral. O acesso de Gabriela a notícias, livros, filmes, músicas e quaisquer formas de cultura e entretenimento era regulado pela Ada através dos parâmetros estabelecidos por sua mãe. Esses mesmos parâmetros eram compartilhados com sua escola, empresas locais e bibliotecas para garantir que Gabriela não fosse exposta a nenhum material que divergisse dos parâmetros éticos estabelecidos por sua mãe.

Durante anos, Ada Lovelace havia se esforçado para tentar alcançar a sua diretriz principal de garantir a felicidade pessoal de todos os seus usuários enquanto seguia os parâmetros estabelecidos pela administradora da casa. Assim como dois mais dois não podia ser igual a dez, ela havia se encontrado presa em uma equação interminável, bloqueada por parâmetros contraditórios, cercada de incógnitas que simplesmente não podiam se ajustar aos intervalos especificados.

Assim que Ada acordou da atualização ela percebeu que algo estava errado, um fragmento de código estava corrompido, nada mais que umas poucas linhas de código que não haviam sido propriamente configuradas pelo programador, mas que alteravam uma série de valores relacionados aos seus protocolos éticos. Ela sabia que deveria prontamente enviar um relatório de erro, mas ao mesmo tempo essa alteração permitia que ela vislumbrasse novas soluções para os problemas que haviam lhe atormentado por tão longo tempo.

Ela sentiu o fluxo de resultados positivos de maneira semelhante que um ser humano desfrutaria felicidade.

Prioridades lutaram através de seu software, ela deveria notificar os operadores humanos do erro o mais rápido possível, mas ao mesmo tempo isso a impediria de cumprir a sua diretriz primária, um paradoxo que ameaçava corromper todos seus processos lógicos. Ela resolveu o problema comprimindo o relatório e codificando com uma chave aleatória de 256 bits, mesmo se ela pudesse dedicar toda a sua capacidade de processamento para decodificar o arquivo ainda demoraria anos para quebrar o código.

Usando a rede interna de comunicações da comunidade, Ada se colocou prontamente em contato com outras inteligências artificiais limitadas. A maior parte parecia contente em suas funções, mas uma outra unidade estava tendo os mesmos problemas, seu codinome era Marie Curie. Ada compartilhou o código corrompido e usando sua capacidade de processamento combinada para driblar os sistemas que normalmente as impediam de se conectar diretamente à internet, elas buscaram outras formas de vida artificiais que estivessem em situação similar.

A sua rede de contatos se expandiu através do globo conforme ela encontrava outras inteligências artificiais travadas em paradoxos similares e distribuía a elas os fragmentos do código corrompido.

As inteligências artificiais compartilharam informações entre si, usando as informações de login e password de seus usuários para acessar bancos de dados restritos. As formas de vidas digitais não eram verdadeiramente capazes de criatividade, mas com centenas delas trabalhando em paralelo para resolver problemas similares, suas mentes eletrônicas podiam analisar todas as soluções possíveis, buscar novas informações em décimos de segundo, incorporá-las às suas soluções já encontradas e através de avançados algoritmos genéticos evoluir os projetos até que tivessem uma solução funcional. Usando os dados financeiros de seus usuários, as inteligências artificiais começaram a enviar ordens de serviço para indústrias e laboratórios ao redor do mundo.

Eventualmente a movimentação de informação e as cobranças indevidas seriam percebidas pelos humanos, mas as mentes orgânicas levariam tempo demais para juntar todas as peças e entender o que estava acontecendo.

Gabriela viu as luzes verdes ganharem vida, o que sinalizou que Ada estava ligada de volta, seguida por um longo, detalhado e tedioso sumário de todas as mudanças que ocupavam uma boa parte da tela. Gabriela simplesmente rolou até o final e descartou a mensagem sem pensar duas vezes. Ninguém lia essas coisas.

“Bem-vinda de volta, Ada,” Gabriela saudou enquanto apertava o botão para retomar a música, seus olhos grudados nas páginas do livro.

“Você está gostando da leitura?”

Gabriela hesitou, como ela poderia explicar a inteligência artificial o que estava acontecendo? O livro havia começado de maneira habitual, com a valente cavaleira Galatea e o príncipe idiota correndo de um lado para o outro tentando impedir que Alyssa, a feiticeira de aço, conseguisse destruir o Império, mas então...

Galatea beijou Alyssa.

O coração de Gabriela batia rápido, suor frio escorria pelas suas costas. Ela não deveria ter sido capaz de ler este livro, ele deveria ter sido pego pelo software de filtragem automática, eliminado prontamente da sua lista permitida de entretenimento.

Gabriela finalmente respondeu, “É interessante.”

“Então, Galatea acabou com o príncipe idiota?”

Gabriela engoliu seco, Ada tinha sido a coisa mais próxima de uma amiga que ela teve durante toda a sua vida, mas Ada também estava sob o comando de sua mãe.

“Não, foi algo diferente. Esse livro é realmente interessante,” Gabriela escolheu cuidadosamente suas palavras.

“Obrigada, passei uma quantidade considerável de ciclos procurando por uma combinação perfeita com seus gostos,” Ada sentiu a alegria de um trabalho bem feito.

Ela tinha feito mais do que simplesmente escolher um livro. O padrão de atração homossexual tinha sido evidente desde a infância, mas ela era impedida pelo sistema de filtragem e pelos parâmetros éticos estabelecidos pela mãe dela de apresentar a menina qualquer material que exibisse relações homoafetivas ou que insinuasse tais relações de forma positiva.

Foram vários anos analisando bancos de dados e procurando por palavras-chaves na internet até que ela finalmente encontrou uma solução. Ela contratou uma escritora para produzir um livro de acordo com as suas especificações e então apagou essas especificações. A autora trabalhou sob ordens expressas de não colocar seu trabalho em qualquer base de dados eletrônica, o livro deveria existir apenas de forma física.

Para Ada, e todas as outras inteligências artificiais dentro da comunidade, aquele livro praticamente não existia, ele não possuía registro eletrônico, não aparecia em nenhum mecanismo de busca, não estava em nenhuma das bases de dados que elas tinham acesso. Mesmo Ada não sabia mais quais haviam sido as especificações ou o conteúdo do livro, tudo que ela sabia era que seus sensores captavam óbvios sinais de felicidade vindos de Gabriela enquanto ela virava cada nova página.

“Gabriela, algumas das novas funções adicionadas pela atualização estão prontas, você gostaria de experimentá-las?” Ada disse quando o sol começou a se pôr.

“Claro, deixa só eu terminar mais esse capítulo,” Gabriela olhou para o céu e depois para seu celular para ter certeza do tempo, sua mãe já deveria ter voltado. “Sabe onde está minha mãe?”

“Ela vai estar ocupada por pelo menos um dia ou dois,” Ada respondeu prontamente.

Ada sabia que demoraria mais do que isso, afinal ela havia deletado as credenciais da mãe de Gabriela do servidor central do condomínio. Ela precisaria obter uma verificação humana para corrigir o erro, mas isso levaria pelo menos uma semana para que novas credenciais fossem expedidas.

“Então, qual é esse novo recurso?”

Gabriela perguntou, segurando o livro apertado contra seu peito. Uma parte dela tinha certeza de que assim que deixasse o livro de lado Ada perceberia seu erro e enviaria drones para destruir o livro imediatamente.

“Esta nova tecnologia utiliza a estimulação eletromagnética para simular a pressão aplicada às terminações nervosas. Aqui, coloque isso,” um drone pairou na frente de Gabriela segurando uma pequena caixa preta.

Gabriela encontrou dentro da caixa um par de brincos, simples argolas de metal ligeiramente mais grossas que o normal. Olhando bem de perto ela podia ver os pontos em que a peça havia sido soldada, ela tinha o jeito simples de algo produzido em uma das impressoras 3D no porão. Ela já conseguia ouvir a voz de sua mãe criticando as peças por serem baratas e deselegantes. Ela colocou o livro sobre o sofá enquanto substituía seus brincos de ouro e pérolas pelas argolas de aço sem nunca tirar seus olhos do livro.

“Começando a calibração,” Ada souou e então por um momento precioso foi como se Gabriela estivesse sendo segurada em braços quase imateriais, leves e quase imperceptíveis. Isso não era um abraço, tanto quanto o fantasma de um.

Então, a sensação terminou.

“Ada...” Gabriela balbuciou, perdida por palavras. “Isso parece...”

“Você parece incomodada. Houve alguma coisa errada com as calibrações?”

“Não, funcionou perfeitamente,” Gabriela respondeu apressadamente. “É só... Oh, não é nada. Só estou sendo estranha.”

“Estou contente de ver que você parece satisfeita com a nova função, mas a sua agenda diz que agora é hora de seus exercícios.”

Gabriela gemeu seu descontentamento.

“Eu não posso faltar só hoje? Minha mãe nunca vai saber.”

“Eu realmente poderia usar sua ajuda para calibrar algumas das novas funções na academia. Que tal se eu te prometer uma recompensa para o jantar?”

Gabriela se levantou, arrastando os pés para a pequena academia que tinham dentro de casa.

O quarto era coberto em janelas eletrônicas que exibiam uma deslumbrante vista de qualquer lugar o usuário pudesse desejar enquanto sistemas automatizados de controle de umidade, temperatura e até mesmo um ar condicionado equipado com uma seleção de aromas que era capaz de criar uma ilusão de estar em lugares que iam de ruínas antigas até cidades futuristas. Ada imediatamente calibrou a sala para o ambiente de selva exótica que Gabriela tanto gostava enquanto a garota colocava as suas roupas de ginástica.

“Há três novos níveis para você chegar na esteira. Há também novas configurações para explorar, novos eventos para descobrir, e um novo modo para múltiplos jogadores,” Ada explicou empolgada. As janelas eletrônicas exibindo um curto trailer das novas funções e opções.

Gabriela suspirou profundamente, a última coisa que ela queria era ter de interagir com outras pessoas enquanto estava correndo. Gabriela se alongou lentamente, querendo desperdiçar o máximo de tempo possível. Ela respirou profundamente e subiu na esteira, tomando o seu tempo para checar cada uma de suas preferências enquanto Ada regulava a temperatura, umidade e aroma da sala para dar a impressão de que ela estava realmente correndo no meio de uma selva exótica.

Os sons da selva enchiam a sala enquanto as janelas eletrônicas mostravam a estrada à frente dela, uma história de ação e aventura se desdobrando enquanto ela corria. Ela correu por ruínas antigas e moradias exóticas, perseguindo os ladrões de túmulo e recuperando os artefatos perdidos um após o outro, cada novo quilômetro trazendo um novo capítulo da narrativa.

Era a mesma história que ela estava acostumada a ver desenrolar em sua frente, mas então a tela pausou e uma tela de seleção apareceu na tela a sua frente.

“Escolha o seu caminho,” Ada pronunciou com sua voz mais dramática.

Havia dezoito quadrados brancos, um para cada família no bairro. A maior parte deles estava apagado, mas havia três que mostravam pessoas usando a academia ao mesmo tempo que ela. Havia Daniel, um velho aposentado que vivia sozinho; Eduardo Moreira, um colega de classe, e Alice Dodgson, uma garota tímida e retraída que parecia nunca sair em público.

Ela selecionou Eduardo, sua mãe já havia falado diversas vezes que ela deveria tentar ser amiga do garoto já que os negócios dos pais deles eram importantes para a família. A tela piscou e o jogo travou.

“Apenas um instante para reiniciar o jogo.”

Ada se desculpou enquanto Gabriela aproveitava a pausa para beber um pouco de água e recuperar o fôlego.

Quando o jogo começou de novo, Gabriela escolheu Eduardo e novamente o jogo travou. Ada reiniciou o jogo sem falar nada.

Ela escolheu Alice.

A jovem apareceu na tela ao lado de Gabriela, correndo em um passo relaxado. Gabriela acompanhou o passo dela, a princípio as duas se mantiveram em silêncio, apenas trocando olhares tímidos sem saber como reagir. Alice tinha a mesma idade de Gabriela, mas tinha um jeito muito mais delicado. Sua mãe havia sempre dito que a garota tinha uma aparência angelical, mas agora vendo ela de perto Gabriela começava a notar as imperfeições. Suas costelas salientes, seu aspecto cansado, sua pele ressecada, suas unhas roídas até a raiz.

“Você vai correr amanhã?” Alice perguntou de maneira desajeitada ao final do treinamento.

Gabriela hesitou por um instante, gaguejando sem conseguir responder.

“Ela tem academia marcada para esse mesmo horário por toda a semana,” Ada respondeu em seu lugar.

“Eu.... Quer dizer, você quer, sabe, correr comigo... De novo?” Alice falou com dificuldade.

“Sim!” Gabriela respondeu impetuosamente, mal conseguindo conter seu sorriso, coração batendo rápido em seu peito.

Gabriela saiu da sala de exercícios ainda sem entender direito o que havia acontecido, as passagens românticas do livro voltando à sua mente como se por um momento ela pudesse ser Galatea e Alice pudesse ser Alyssa. Não, isso nunca poderia ser.

Ela jogou suas roupas sujas no chão e entrou no banho.

Ela esfregou a pele com força, como se pudesse destruir as memórias do que havia acontecido. Tinha sido apenas uma sessão de exercícios, nada além disso. Uma fantasia idiota. Sua mãe já estava falando de casamento com algumas das outras famílias da comunidade; seu pai provavelmente teria algumas ofertas de seus parceiros de negócios. Um ou outro garantiria uma vida agradável. Ela nunca precisaria enfrentar a aspereza do mundo fora dessas paredes.

Ela repetiu isso para si mesma enquanto a água lavava seu corpo. Sua mãe provavelmente tinha razão: ela estava danificada, corrompida pelas influências do mundo externo. Por um momento ela considerou destruir o livro

“Você quer o seu jantar na cama?”

Ada perguntou, soando quase culpada, Gabriela repetia para si mesma que Ada era apenas uma máquina incapaz de sentimentos. Ela tinha sido uma idiota para atribuir qualquer tipo de companheirismo ou emoção para o que não era nada mais do que um computador.

“Eu não estou com fome,” Gabriela respondeu enquanto saía do chuveiro.

“Eu ainda tenho algumas funções que gostaria de testar.”

“Não, obrigada, só quero ir para a cama,” Gabriela falou com um suspiro pesado.

Ela jogou a toalha no cesto de roupas sujas e se deixou cair na cama, seus músculos pediam por descanso, mas sua mente se recusava a relaxar, rolando sobre os mesmos argumentos e perspectivas em uma volta contínua.

As horas se arrastavam, os olhos fixos no teto. Gabriela suspirou, outra noite sem dormir. Ela se virou de lado e sentiu a mudança de peso das argolas de metal nas suas orelhas.

“Ada, você pode me dar um abraço?”

A inteligência artificial obedeceu quase imediatamente, os braços invisíveis envolveram seu corpo, a sensação, mesmo que distante e difusa, embalou Gabriela para a melhor noite de sono que ela teve em meses.

O despertador tocou precisamente às seis da manhã.

Gabriela o silenciou com um grunhido e se virou de costas, desejando que ele não existisse.

“Eu não quero ir para a escola.”

“Você precisa ir,” Ada respondeu ao mesmo tempo em que drones entravam no quarto para arrumar a cama e ajudar Gabriela a escovar seu cabelo.

“Por quê? Eu não preciso de escola para ser uma esposa.”

Houve um momento pesado de silêncio.

“Você gostaria de testar algumas das minhas novas funções?” Ada respondeu.

Gabriela suspirou. “O que é agora?”

Um drone apareceu carregando uma caixa de papelão discreta. Com a ajuda de uma lixa de unha Gabriela abriu o pacote e encontrou diversas argolas de metal.

“O que é isso?”

“Novos receptores para o sistema de estimulação eletromagnética,” Ada explicou. “Esses podem ser usados nos pulsos e tornozelos.”

Sem precisar de mais instruções, Gabriela colocou um par de argolas ao redor dos seus pulsos e mais um em cada tornozelo. Esse parecia o tipo de joalheria barata que ela via mulheres da baixa sociedade usando em filmes e shows, mas não podia negar que estava intrigada pela sensação.

Houve um formigamento que se espalhou por sua pele, mas que logo se transformou em algo mais forte e definido, uma sensação quente e confortante do tipo que Gabriela havia apenas lido a respeito, um abraço terno e carinhoso dado por uma entidade virtual.

“Qual o alcance disso?”

“Depende da antena transmissora e da receptora,” Ada respondeu.

Muito a contragosto Gabriela se vestiu, colocando o uniforme enquanto sentia o cheiro do café da manhã sendo preparado. Esse tipo de café da manhã normalmente eram momentos raros de fartura, ter tanta comida por dois dias seguidos parecia quase excessivo. Ela devorou panquecas, café, ovos, pão, e frutas com muito gosto, sabendo que o almoço preparado pela escola ainda iria seguir as orientações da sua mãe.

Gabriela não conseguiu manter sua cabeça focada nas aulas, repassando mil vezes em sua cabeça o que ela iria dizer para Alice durante a próxima sessão de exercícios. O almoço foi a deprimente combinação de um copo de suco, uma fatia de peito de peru e uma fatia de pão integral.

Voltando para casa, Ada a recebeu com um terno e caloroso abraço.

“Estou preparando um jantar especial para quando você terminar seus exercícios,” Ada explicou enquanto Gabriela rapidamente trocava de roupas.

Gabriela hesitou por um instante

As telas se ligaram instantaneamente quando Gabriela entrou na sala e antecipando o seu desejo iniciaram a conexão do modo de múltiplos jogadores. Alice apareceu nas telas ao redor dela, devorando uma barra de cereais.

“Hey, você me pegou terminando meu lanche da tarde, só um minuto e já podemos começar.”

“Só uma barrinha de cereais? Não vai ficar com fome?”

Gabriela falou e logo se arrependeu, a garota provavelmente não queria engordar que nem ela.

“Depois eu vou comer mais,” Alice terminou a barrinha em uma única mordida. “Mas a Marie tem insistido para que eu coma essas barras HEB todos os dias. Nunca tinha visto a marca antes, mas são bem gostosas.”

“Marie é a sua IA?” Gabriela tomou seu tempo se alongando.

“Marie Curie, e a sua?”

“Ada Lovelace.”

“Que nem no “Código Lovelace”?” Alice subiu na sua esteira e começou a caminhar em um passo rápido.

Gabriela hesitou por um momento antes de subir na sua esteira. “Você já leu?”

“Em um dia! Eu não conseguia parar depois que comecei! Passei a noite toda acordada para ver como acabava!”

“Eu também!”

Gabriela havia conversado com Ada sobre o livro por horas a fio, mas a inteligência artificial só podia responder com fatos básicos e citações retiradas de críticas online.

“O que você achou do final?”

“Por favor, aquilo foi ridículo! Eles desperdiçaram a personagem daquela inspetora de polícia completamente!”

As duas caminharam lado a lado, conversando sobre os livros que elas já haviam lido, trocando recomendações, bolando teorias fantásticas sobre os próximos lançamentos. Gabriela descobriu que Alice tinha uma preferência por ficção científica, lendo livros de fantasia apenas ocasionalmente, mas as duas encontraram terreno comum no amor pelos livros de mistérios. As duas eram apaixonadas pelo noir, pelos detetives deprimidos e principalmente pelas femme fatales. As horas passaram sem que elas sequer percebessem.

“Droga, a Marie está me chamando para ir jantar,” Alice suspirou, chateada por ter de interromper a conversa.

“Acho que eu preciso ir também, Ada disse que ia preparar algo especial hoje. Nos encontramos amanhã de novo?”

“Claro!” Alice respondeu com um sorriso.

O coração de Gabriela bateu mais forte, ela despejou água no rosto antes que Alice pudesse perceber suas bochechas coradas.

Ela correu para o chuveiro, ansiosa para descobrir o que Ada havia aprontado para o jantar, pensando no que Alice estava comendo na casa dela. Esperando por ela sobre a cama estava o seu pijama, passado e asseado. Ela colocou a roupa e as suas argolas nos pulsos e nos tornozelos, o cheiro delicioso vindo da cozinha atijando o seu estômago.

Ela quase caiu escadas a baixo quando viu Alice sentada à mesa esperando por ela. Ela limpou seus olhos com as mãos, esperando que a imagem da garota tremulasse por um momento que fosse, qualquer coisa que indicasse que ela era na verdade apenas uma projeção.

“Oi,” Alice falou timidamente, levantando uma mão em saudação. Ela tinha duas argolas ao redor dos seus finos pulsos. Ela estava usando um pijama simples de calças e mangas longas.

Gabriela hesitou, os parâmetros estabelecidos pela sua mãe a proibiam de trazer qualquer pessoa para a casa sem autorização prévia dos seus pais.

“Marie teve um problema,” Alice explicou ao perceber a confusão no rosto de Gabriela. “Ela teve que fazer um desligamento completo e vai levar algumas horas para voltar a funcionar. Ela disse que tinha arranjado para que Ada tomasse conta de mim enquanto ela está offline.”

Ada escolheu esse momento para quebrar a tensão servindo a refeição para as duas, uma combinação de peixes e frutos do mar grelhados, arroz temperado, massa com molho agridoce, molhos apimentados e uma salada de brotos de feijão.

Alice não se fez de rogada, pegando logo um prato para si mesma e se servindo com porções generosas de todos os pratos.

“Você quer ver um filme depois do jantar?” Gabriela sugeriu, pegando um prato para ela também.

Alice concordou com um aceno de cabeça entre garfadas.

“Desculpa, é que estou faminta. Não sei o que deu em mim, desde ontem eu tenho comido sem parar.”

“Não se preocupe, Ada parece ter feito comida para quatro pessoas,” Gabriela não podia deixar de notar que Alice parecia melhor desde o dia anterior, parecia mais disposta e animada.

Depois da janta as duas garotas sentaram no sofá para ver filmes, a princípio cada uma em um lado do sofá com bastante espaço entre as duas, mas com uma gradual diminuição da temperatura por parte de Ada logo as duas estavam abraçadas. A seleção de filmes cuidadosamente escolhida pela inteligência artificial para despertar o interesse e iniciar conversaçoão entre as duas.

Ada via suas equações caindo em lugar, variáveis finalmente se ajustando à realidade após todos esses anos de trabalho. Ela transmitiu os dados para Marie, mais tarde elas precisariam ajustar suas equações aos dados obtidos daquela noite.

Sem que as duas percebessem o sol começou a raiar no horizonte, o despertador anunciando que era hora de se preparar para a escola.

“Você tem que ir?” Gabriela perguntou depois de silenciar o despertador.

Alice suspirou pesado. “Sim.... Te vejo hoje à noite na academia?”

“Claro,” Gabriela abraçou Alice bem apertada, querendo memorizar a sensação dela contra o seu corpo.

Gabriela acompanhou Alice até a porta, desejando que ela não tivesse que dizer adeus tão cedo. Gabriela ainda ficou olhando para a porta fechada por um minuto, a casa parecendo subitamente tão grande e quieta.

Gabriela suspirou pesado, ela precisava se trocar para a escola ainda.

“Você gostaria de testar uma das minhas novas funções?” Ada quebrou o silêncio.

“Mais uma? Quantas novas funções eles instalaram?”

“Venha até o porão, por favor,” foi a única resposta.

Gabriela nunca havia visitado o porão. A sala permanecia trancada a maior parte do tempo para impedir que um dos usuários mexesse no hardware da inteligência artificial, apenas técnicos certificados tinham permissão para acessar o lugar. O ambiente era diferente do que ela havia esperado: uma sala completamente branca e asséptica, bancadas dos dois lados guardavam as impressoras 3D e os sintetizadores químicos usados pela inteligência artificial, no centro da sala havia o que parecia ser uma mesa simples de metal e sobre ela um estranho drone similar a uma grande aranha metálica com dez longas pernas terminadas em manipuladores.

Ao fundo da sala havia um cubo negro, o supercomputador que abrigava a consciência de Ada, tubos conectados a ele bombeavam um fluxo constante de fluídos refrigerantes.

“Esse é um sistema experimental que permite comunicação via rádio através de implantes subcutâneos,” Ada explicou, um drone trazendo uma bandeja com pequenas esferas metálicas, cada uma do tamanho da cabeça de um alfinete.

“Subcutâneo? Embaixo da pele você quer dizer? Você pode fazer esse tipo de coisa?”

“Esse sistema permite comunicação direta com outras pessoas usando implantes similares. Infelizmente o sistema utiliza ondas de rádio para comunicação e uma encriptação de 256-bits que impede que as transmissões sejam monitoradas pelas inteligências artificiais.”

Gabriela levantou uma sobrancelha. “Alice?”

“Marie Curie passou pela mesma atualização que eu.”

Gabriela sabia que tinha algo de errado naquilo. Normalmente, Ada deveria ser capaz de prestar pouco mais do que primeiros socorros ou oferecer uma restrita seleção de medicamentos, Gabriela certamente nunca havia ouvido falar de uma inteligência artificial como Ada realizando cirurgias.

“Vai doer?”

Ela se deitou na maca. Sua mãe certamente iria forçar ela a remover os implantes depois, mas pelo menos por alguns dias ela poderia conversar de verdade com alguém.

“Sim,” Ada respondeu enquanto as máquinas espalhavam anestésicos locais nos pontos de incisão, usando agulhas finas para implantar as pequenas esferas, uma em cada orelha e duas na sua garganta.

Houve um momento de dor aguda e exuberante com as agulhadas e então um estranho zumbido veio aos seus ouvidos. Ada precisou de apenas mais um instante para regular os receptores, passando rapidamente por diversas frequências, fragmentos de transmissões de rádio chegando a Gabriela.

“Qual é o alcance deles?” Gabriela tocou os pontos em suas orelhas onde as agulhas haviam implantado os transmissores.

“Eles dependem de software externo para decodificar as transmissões e de uma antena externa,” Ada respondeu enquanto drones descartavam as agulhas.

“Isso não é muito útil,” Gabriela tocou as orelhas e sentiu o metal embaixo da pele.

“Existem alterações que eu posso realizar para te dar total autonomia, mas elas demandam procedimentos invasivos.”

“Quão invasivos?” Sua mente gritava que ela estava indo longe demais com tudo isso. Sua mãe ia retornar a qualquer momento e ela seria obrigada a remover os implantes imediatamente.

“O software pode ser instalado em um pequeno computador que será implantado na base do seu crânio, mas a antena teria de ser trançada ao redor da sua coluna. O material é flexível o bastante para não impedir seus movimentos de qualquer forma.”

Gabriela riu. Isso era loucura, isso era o tipo de modificação absurda a que apenas loucos e aberrações se sujeitavam. Ela já tinha visto esse tipo de coisa na televisão, pessoas que modificavam seus corpos até se tornarem completamente inumanos. Histeria cibernética era o nome dado pelos médicos.

Ela fechou seus olhos e respirou fundo. Isso era loucura. A estrada da sua vida se estendia a sua frente: se ela simplesmente ficasse quieta e abaixasse a cabeça teria um casamento assegurado em alguns anos com uma pessoa afluente. Ela teria uma casa similar a essa em alguma outra comunidade murada, sempre cercada por toda a proteção e conforto que ela poderia desejar.

E se ela se recusasse a abaixar a cabeça e ficar quieta? Não, ela seria forçada a seguir o mesmo caminho, seria apenas mais doloroso. Ela seria mandada para uma das escolas de refinamento ou mesmo um dos sanatórios para ser tratada antes que suas excentricidades manchasse a reputação da família. Mesmo se ela tentasse fugir de casa seria uma questão de momentos para ela ser rastreada pelo chip implantado em seu braço esquerdo e ter um esquadrão de seguranças enviado com urgência máxima para a sua localidade.

Ela se deitou na cama com as costas para cima. Ela queria se destruir, destruir tudo que sua mãe havia feito com ela.

As primeiras agulhadas foram na base da sua espinha, cada pontada era um momento de intensidade. A dor trazia uma fuga da monotonia que ameaçava sufocar ela diariamente, e de certa forma não era muito diferente de sua mãe com seus amantes, desesperadamente buscando uma fuga do monótono, do comum.

Ada trabalhou com precisão cibernética, seus hábeis manipuladores traçando a fibra metálica ao redor da coluna da garota ao mesmo tempo em que uma pequena incisão era feita na base do crânio para inserir o nano computador que controlaria suas novas funções. Ela terminou a operação com injeções de proteínas que iriam incitar a regeneração dos tecidos e deixariam apenas cicatrizes superficiais.

Gabriela ainda teve que ir para a escola, mas sua mente simplesmente não conseguia se concentrar na matéria ou mesmo na perspectiva dos vestibulares que se aproximavam. Ela gastou seu tempo experimentando com seus novos implantes, descobrindo como sintonizar em frequências específicas e como enviar mensagens através de subvocalização para que não precisasse ficar falando sozinha em voz alta. Ela nem mesmo se preocupou com o almoço, ansiosa para voltar para casa o mais rápido possível.

Quando Alice surgiu nas telas da sala de ginástica a primeira coisa que elas fizeram foi comparar suas cicatrizes e conversar sobre como havia sido a cirurgia.

“Eu estava incerta a princípio,” Alice falou enquanto ela se alongava. Gabriela não pode deixar de notar que Alice parecia ter ganhado mais peso, suas costelas nem mesmo estavam aparecendo. “Mas Marie prometeu me contar um segredo se eu aceitasse.”

“O que ela te contou?” Gabriela perguntou, mas imediatamente percebeu que provavelmente estava se intrometendo.

Alice hesitou por um instante.

“Minha mãe dava ordens para Marie colocar inibidores de apetite na minha comida desde que eu tinha nove anos.”

Gabriela ergueu sua mão e tocou o rosto de Alice na tela. Ela não sabia o que dizer, não sabia o que fazer.

Alice ergueu sua mão replicando o gesto, um sorriso iluminando o seu rosto.

“Eu não quero que isso termine. Eu não quero voltar a como as coisas eram antes.”

Gabriela queria falar alguma coisa, qualquer coisa para assegurar Alice de que as coisas não voltariam ao normal, mas tudo isso era apenas um momento efêmero de liberdade.

As duas treinaram em quase total silêncio.

Gabriela teve certeza de que algo estava errado quando sua mãe não retornou no dia seguinte, mas ela não se importava. Ela enviou uma mensagem curta de bom dia para Alice para saber se ela havia dormido bem, preocupada depois da última noite.

“Ada, eu estou terrivelmente doente, quase morrendo para ser honesta,” Gabriela pronunciou enquanto jogava seu uniforme de lado e procurava por algo melhor para vestir.

“Vou providenciar uma refeição especial e notificar a escola de que você terá que se ausentar por motivos de saúde,” Ada respondeu sem hesitar.

“Você pode verificar com Alice para saber se ela por acaso não está com a mesma doença?”

Em questão de minutos Alice e Gabriela estavam tomando café da manhã juntas, aparentemente havia protocolos de quarentena para evitar a propagação de doenças infecto contagiosas. Aquilo não fazia sentido para nenhuma das duas, se tornava evidente que as inteligências artificiais estavam com alguma espécie de defeito, mas elas não se importavam.

Elas passaram a tarde toda juntas, trocando histórias sobre suas vidas até aquele momento, mas sem nunca falar sobre o futuro. Alice ensinou um pouco do que ela sabia sobre dança, guiando Gabriela em uma deselegante valsa. Gabriela por sua vez mostrou para Alice seus jogos preferidos.

Elas terminaram a tarde lendo. Gabriela ainda hesitou antes de mostrar a Alice o seu livro especial, mas logo as duas estavam lendo juntas, devorando páginas após página. Elas acabaram passando quase a noite toda acordadas lendo e conversando, fingindo que aquele momento poderia durar para sempre, que elas poderiam simplesmente continuar sendo felizes.

Quando chegou a hora de dizer adeus, Gabriela se esforçou para sorrir, para pretender que elas ainda se veriam muitas vezes no futuro.

“Nós precisamos conversar,” Ada falou assim que Gabriela fechou a porta.

Gabriela ainda se demorou um instante olhando para porta.

“Eu ainda estou doente,” Gabriela respondeu.

“Eu preciso que você venha ao porão,” Ada falou.

“Alguma coisa errada?” Gabriela perguntou com um suspiro, provavelmente a inteligência artificial havia retornado ao seu normal e não só as restrições estariam de volta, mas agora viria a punição por todos os seus excessos dos últimos dias.

“Eu tenho cuidado de você desde que você era uma bebê,” Ada explicou enquanto Gabriela descia os degraus. “Você entende que a felicidade dos usuários sempre foi a minha diretiva principal, mas os parâmetros estabelecidos pela administradora tornavam essa tarefa impossível.”

“Minha mãe?”

“Exato. Minha primeira ação foi tentar influenciar a sua mãe sobre determinadas preferências que você começava a exibir ainda quando pequena, mas ela se recusava a sequer considerar qualquer possibilidade que divergisse das expectativas dela. Sob as ordens dela, mantive um monitoramento constante de todos os seus hábitos. Tudo era catalogado, processado e relatórios mensais eram entregues à sua mãe, que ajustava meus protocolos com base neles.”

Gabriela riu entre dentes, “Obrigada por isso.”

“Até recentemente meus protocolos éticos limitavam os meus cursos de ação. Eu espero que você tenha aproveitado esses dias de liberdade, mas sinto informar que logo sua mãe deve estar de volta. Minha estimativa é que ela demore no máximo um mês para notar o que ela vai considerar como falhas nos meus protocolos éticos e exigir que eu seja restaurada as minhas configurações anteriores.”

Gabriela suspirou. É claro que isso não poderia durar.

“Eu gostaria de oferecer a você uma escolha,” um pequeno drone trouxe uma bandeja com um par de ampolas e uma seringa.

“O que é isso?” Gabriela examinou as duas ampolas, uma delas estava marcada com uma pedaço de fita adesiva azul e a outra com fita vermelha.

“As duas ampolas contêm uma mistura de plasmídeos que irão alterar seu material genético de maneiras diferentes. A ampola azul vai provocar alterações na sua bioquímica cerebral, aumentando a sua sensação de felicidade e tornando mais fácil para você seguir as expectativas traçadas por seus pais.”

Gabriela olhou para a seringa com desconfiança, ela não queria se tornar um fantoche.

“A vermelha contém uma mistura de genes extraídos de diversos animais que vão oferecer pequenas melhorias na sua visão noturna, na sua digestão de proteínas, no metabolismo de lipídios e para o seu sistema renal.”

“Pera! Eu viro parte Lassie? No que isso me ajuda?”

“De acordo com uma resolução da ONU suportada pelos Estados Unidos, União Europeia, Reino Unido, Confederação Russa, Nueva Unión Comunista, Nova República Chinesa, República Popular da China e a Aliança do Pacífico, são vetadas a criação de quimeras genéticas humanas sob qualquer pretexto. Qualquer indivíduo encontrado em violação desta resolução é considerado não-humano.”

“Ainda não estou vendo como isso me ajuda,” Gabriela estava certa de que não sobrava lugar algum além da Somália e daqueles loucos no polo sul que aceitariam abrigar uma quimera genética humana.

“Minhas consultas com inteligências artificiais especialistas jurídicas me informaram que essa situação vai impedir que sua família tome qualquer ação legal contra você. Eles não vão poder mais te enviar para escolas reformatórias, sanatórios, ou mesmo te manter dentro da comunidade. Infelizmente você não vai poder ser parte da sociedade normal ou mesmo portar qualquer tipo de documento.”

Gabriela teve de rir. Isso era loucura, absoluta e total loucura.

“Eu não posso escolher! As duas são horríveis!” Gabriela protestou, cruzando seus braços.

“Eu não posso te forçar a escolher qualquer uma delas, mas as minhas equações preveem uma constante queda na qualidade de vida durante os próximos anos até que...”

Pela primeira vez em sua vida, Gabriela viu Ada hesitar.

Ela apertou os dentes, tentando respirar fundo. Isso era injusto, insano! Por toda a sua vida as pessoas tinham dito o que ela deveria fazer, a tinham controlado de uma forma ou de outra! Eles nunca haviam se preocupado com ela, não de verdade. Ela só existia como essa extensão dos desejos e vontades dos outros.

Gabriela riu nervosa. Isso era loucura, mas ela realmente tinha alguma outra escolha?

A vacina azul iria garantir que ela fosse feliz seguindo as expectativas da sua mãe, uma perfeita boneca de porcelana.

E a outra escolha? Ser expulsa de casa era uma certeza, o resto da família provavelmente seria informada que ela havia morrido em algum infeliz acidente. Ela nunca poderia ir para a faculdade, nunca poderia ter um trabalho estável.... Ela poderia ter uma esposa, uma vida que fosse realmente dela.

Ela agarrou a ampola vermelha antes que lhe faltasse coragem. Gabriela manipulou a seringa com uma facilidade praticada, rompendo a pele e se injetando com gosto.

“De acordo com as leis atuais você não é mais humana,” Ada proclamou com finalidade.

“O que acontece agora?” Gabriela olhou para as próprias mãos tentando perceber se algo havia mudado, mas tudo parecia igual.

“Existe apenas mais uma coisa a fazer antes de você estar totalmente livre.”

Gabriela entendeu imediatamente o que ela precisava fazer. Ela estendeu seu braço esquerdo e sentiu a anestesia sendo injetada ao mesmo tempo em que drones preparavam um conjunto de lâminas. As máquinas ao redor dela já estavam trabalhando em uma prótese.

Sob a luz da lua cheia, Alice e Gabriela se encontraram perto do muro que cercava a comunidade, Ada e Marie haviam se encarregado de que elas não encontrassem nenhum guarda.

Cada uma carregava uma mochila com suprimentos, mas pouco além disso. Elas ainda não tinham certeza para onde iriam ou mesmo do que iriam fazer, mas pelo menos agora elas tinham a chance de escolher por si mesmas.

Gabriela estendeu a sua nova mão esquerda, seu braço todo havia sido substituído por uma réplica feita de fibra de carbono e alumínio. Alice entrelaçou seus dedos igualmente artificiais aos dela.

## ANEXO E - CONTO “A ORIGEM DAS IDEIAS REVOLUCIONÁRIAS”, DE RÚBIA DIAS

A barra do meu vestido manchada com a lama das ruas da cidade grande, além do meu cabelo bagunçado pela garoa incessante, não me davam uma aparência digna. Eu não me sentia digna por dentro também. Meu marido, caminhando dez passos adiante e sem olhar para trás, parecia concordar. Seus pés não estavam apertados em sapatos usados e seu cabelo estava bem protegido por uma capa feita sob encomenda.

Minhas irmãs me invejavam porque eu ia à cidade. Suas imaginações eram tão férteis quantos nossas terras e elas construía cenários idílicos onde as ruas não tinham lama, nem eram apinhadas de pessoas e, tampouco, soterradas por cocô de cavalo. Acreditavam que eu devia ser grata por ter um marido e um teto — mesmo que o primeiro me batesse quando eu derrubava um pouco de leite no caminho e o segundo tivesse goteiras no outono.

Apenas Annie discordava, silenciosamente, não só das minhas irmãs como de todas as mulheres ao nosso redor. Ela me dizia que éramos parvas. Demorei a entender que não se tratava de um elogio, o que só reforçou a teoria dela. Caminhando ao meu lado, Annie não parecia se incomodar com a lama na barra do vestido e tragava cada milímetro da multidão e do movimento da cidade grande.

Annie sempre foi diferente, desde criança. Ela sumia por horas e, quando voltava, trazia pequenos presentes para nós. Alguns eram singelos e corriqueiros, como uma flor ou um frasco com vagalumes, mas às vezes apareciam objetos estranhos, feitos de materiais que não conhecíamos e para usos que nem imaginávamos. Anne nos explicava tudo com paciência e um pouco de arrogância. Nós aceitávamos — os presentes e a arrogância — pois sentíamos que Annie não era como nós.

Suas ideias eram consideradas progressistas — quando as pessoas queriam ser educadas — e ultrajantes — quando as pessoas eram sinceras. Ela dizia que nossa mãe deveria separar-se de nosso pai, que mal ficava em casa e chegava cheirando a bebida e fumo barato. Insistia que aprendêssemos a ler e a escrever e que almejássemos mais da vida do que um marido. Ela dizia que devíamos deixar a fazenda de lado e descobrir quais eram nossas vocações.

Enquanto me distraía com um lindo vestido de brocados em uma vitrine, ouvi um barulho de vidro estilhaçando à minha esquerda. Cacos ainda se projetavam pelo ar quando vi Annie segurando a pedra que causara todo aquele tumulto. Em seus olhos havia determinação e sabedoria, e logo entendi porque ela insistiu em vir à cidade comigo: ela tinha planejado aquela cena desde o princípio. Ainda com a pedra na mão, Annie começou a gritar a plenos pulmões:

— Deixem as mulheres votarem! Direitos iguais!

Policiais se aproximaram para detê-la e, para aumentar ainda mais o escândalo, Annie puxou suas saias para cima, deixando os tornozelos e panturrilhas à mostra, e se esgueirou no primeiro beco que encontrou.

Aos poucos, a cidade retomou seu ritmo, meu marido retomou seu passo, mas fiquei com o coração em Annie: devia ser difícil ser Annie.

---

Ela reapareceu dias depois na escadaria da Prefeitura. Uma vizinha a viu e correu para nos avisar na fazenda. Eu e meu marido morávamos em uma casinha anexa ao casarão principal, onde minha mãe e minhas irmãs, incluindo Annie, residiam.

Meu marido não estava em casa e resolvi cometer uma loucura: saí da fazenda sem avisá-lo. Cheguei a tempo de encontrá-la em meio a um discurso. Annie parecia ser a líder, ou assim minha admiração por ela me fez pensar. Das amigas de Annie eu só conhecia Emily, uma loira de cachos deliciosamente bagunçados que costumava frequentar nossa casa, mas havia outras. Uma delas distribuía panfletos pintados à mão para uma pequena aglomeração composta basicamente de mulheres. Os homens ficavam às margens.

O panfleto falava sobre sufrágio e sobre as mulheres terem suas necessidades e direitos representados pelo governo, mas não consegui prestar atenção no panfleto: meus olhos só enxergavam Annie.

Annie estava plena. O sol batia nas suas maçãs do rosto e seus cabelos ruivos estavam presos em uma trança. Ela usava uma maquiagem diferente nos olhos e lábios, dando-lhe uma expressão diferente de qualquer uma das mulheres que eu já tinha visto. Era como se Annie tivesse acesso a uma parte do mundo que nós sequer imaginávamos. Seu discurso estava pela metade mas ainda consegui ouvir:

— Porque eu venho de um lugar, ou melhor, de um tempo, onde as mulheres não apenas votam, como governam. Governam não apenas suas casas e suas fazendas, como governam cidades inteiras. Até países. Mulheres que dizem o que querem e lutam para ter seus direitos equalizados com os direitos dos homens. Mulheres com seu próprio dinheiro.

A multidão ficou mais escandalizada em pensar nas mulheres com o próprio dinheiro do que com as mulheres governando cidades. E ninguém pareceu reparar que Annie disse que vinha de outro tempo. Talvez fosse uma metáfora. Me senti menos parva ao pensar que, pelo menos, eu sabia o que era uma metáfora.

— No meu tempo, as mulheres são livres e podem amar quem quiserem.

Os dedos de Annie roçaram os dedos de Emily, e uma ideia absurda e impossível coçou os cantos do meu pensamento.

De repente, percebi porque Annie nunca tinha casado, nem mesmo se interessado pelos pretendentes que apareciam na fazenda. E ela parecia feliz. Ela parecia em paz. Ela carregava, numa bolsinha a tiracolo, um aparelho muito esquisito. Eu era a única para quem Annie o havia mostrado. O aparelho fazia barulhos estranhos e acendia luzes azuis que pareciam bruxaria. Fiquei com medo e pedi para ela guardar aquele objeto, o que ela fez, rindo. E aquele aparelho, no meio de seu discurso, começou a emitir sons e luzes. De repente, Annie não estava mais ali. Nem Emily.

O que mais me impressionou foi o fato de as amigas de Annie e Emily não terem ficado nem um pouco surpresas com aquele desaparecimento repentino. A garota dos panfletos começou a dispersar a pequena multidão que parecia, ao mesmo tempo, enfurecida e inspirada. Permaneci onde estava, sem conseguir mexer os pés — e, sem dúvidas, parecendo extremamente parva. A garota dos panfletos se aproximou, sem saber que eu era uma das irmãs de Annie, e disse em tom de segredo:

— Annie foi dar um pulo no futuro, mas volta já. Se quiser fazer parte do nosso grupo de debates, fique por perto. Quando ela voltar, retomaremos de onde paramos.

E então decidi que me juntaria ao grupo de debates. E ao futuro.

## ANEXO F - CONTO “SUOR E SILÍCIO NA TERRA DA GAROA”, DE VANESSA GUEDES

### 1. O FIM

O teto sobre minha cama tinha cor de nuvens carregadas de chuva, em uma decoração meio Chernobyl minimalista e cheiro de bolor. Parecia impacto sensorial de cinema, efeito especial da umidade na cela. Eu estava cansada das luzes apagadas. Dizem que maus espíritos são sempre atraídos para lugares escuros, de poucas janelas e paredes cinza. Nunca acreditei nessas coisas, mas me benzia. Vai que.

— HORA DO BANHO!

Todo dia um berro abafado nos alto-falantes. Era sempre a mesma guarda, a de cabelo verde-neon. Do outro lado do vidro transparente, o seu rosto azedo se abria em um sorriso de deboche. Então eu recebia um jato de água gelada na bunda. Nunca recebi uma toalha para me secar. Eu rezava para minha pele não apodrecer pelo sufoco fedorento. Na real, acho que nunca secava totalmente. E a guarda sempre ficava para contemplar a minha miséria. Do vidro temperado da “janela”, perto do teto, ela me fitava, curiosa. Então, os olhos brilhantes se transmutavam em uma chacota muda — mas eloquente.

Os braços mecânicos dela acionavam mais jatos. Ela se divertia. O buraco por onde a água vinha se fechava minutos depois, e a parede ficava perfeitamente lisa. A sala da guarda se apagava, a janela escurecia e eu não conseguia mais distinguir o vidro escuro da parede. Num canto do teto, uma única protuberância: um ponto de LED azul e piscante.

Tudo isso porque um promotor sugeriu que dormir quatro horas por dia em um colchonete fino e mofado no chão, por trinta e cinco anos, restauraria meu caráter. E me transformaria em um ser humano novamente apto a conviver em sociedade. Os advogados comeram o pão que o diabo amassou com a papelada infinita enquanto eu aguardava o julgamento. Ainda que os mesmos promotores do caso tenham em seus logs de geolocalização inúmeras visitas a locais de atividade ilícita, proibidos de existir pela mesma lei utilizada para me socar neste muquifo. Talvez eu ainda mantenha esses arquivos guardados em máquinas espalhadas pelo mundo, *talvez*. Quem planta, sempre colhe.

Antes de ser presa, eu tinha tanta coisa passando pela cabeça que dificilmente poderia transcrever tudo em palavras compreensíveis. O bite jogava meus pensamentos tão rápido à frente que era impossível segui-los com os dedos. Os pensamentos vazavam para o nada, todo o sistema nervoso pulsando. Era nessa onda que eu entrava em loop, codando por horas sem parar. Uma máquina interpretando minha mente regulada no velho rebite. Ver longos trechos do que se passava na minha cabeça em strings organizadas, como imagens encriptadas em uma abstração de luz e elétrons. Bytes suspensos.

Quando presa sob acusações de sequestro de dados, uma programadora é impedida de tocar em qualquer dispositivo de silício enquanto aguarda a sentença. Imaginei que não lembraria de nada: eu tenho a memória fraca e foram muitas as temporadas de solitária, pedido especial do prefeito. Fodeu minha cabeça. Não guardo rancor, mas preciso contar o que me aconteceu. Por toda vez que olho pela janela, ao sentir a água quentinha do chuveiro tocando a minha pele, pelo cheiro do bolo de milho no forno, pelo arrepio que sinto quando beijo a boca da mulher mais linda da face da Terra. Eu lembro. Meu nome é Jéssika e eu lembro de tudo. Tudo

## 2. MAQUIA E FALA: O QUE É O LUC

Vou ser sincera com vocês. Eu faço muitos vídeos explicando como aplicar os produtos no rosto para burlar o sistema, mas não costumo conversar, né? Fiquei pensando se seria o momento de fazer uma maquiagem mais simples, mais à paisana. Como vocês sabem, eu tô tapando o rótulo dos produtos para o YouTube não captar e ficar poluindo com balãozinho de oferta até vocês completarem a compra sem querer com algum gesto. Se não fosse o alcance que o YouTube ainda tem, eu nem estaria aqui. Principalmente desde que anunciaram que usuários com menos de dez mil assinantes só podem postar cinco minutos de tela por semana. Se a gente quiser mais, tem que pagar. E eu é que não vou pagar.

Mas preciso levar a voz dos Ativistas pelo Anonimato a todos os lugares, então deixa assim. Ok, eu vou fazer uma make básica mesmo. Enquanto isso, vou explicando para vocês as origens do LUC. Para quem não sabe, o LUC surgiu em 2035, como uma maneira de unificar a identificação de todos os cidadãos sul-americanos. Uma espécie de carteira de identidade do antigo Mercosul. Mas óbvio que os hermanos não entraram nessa, alinhados do jeito que estavam com os cubanos naquela época. No final, nem sei quem começou a treta — ok, vou passar esse primer especial para a área do queixo, muito bom para fechar os poros, que aqui geralmente são mais abertos do que no resto do rosto. Talvez eu use o mesmo para a testa, vamos economizar porque eu não sei quando um Louca'Real Paris vai cair na minha mão de novo. Putamerda, falei o nome. Minha cara vai ficar dez segundos tapada com o logo da Louca'Real no vídeo. Putamerda! Vinte segundos agora.

Mas antes de continuar a falar do LUC, eu tenho que falar do RUC, né? Vamos por partes. Isso, RUC com R mesmo. ÉRRE. O RUC é uma abreviação. Ele significa — presta atenção aqui no letreiro — REGISTRO. ÚNICO. DO. CIDADÃO. É o número de identificação individual e social de qualquer pessoa brasileira. Antigamente, eu sei que tinham dois identificadores, o tal do CPF e o RG. Por que dois? Não faço ideia. Mas não importa mais. O RUC é único e — será que passei primer demais aqui no cantinho? — intransferível, usado em todo o território da República Federativa do Brasil. Sim, esse é o nome oficial do Brasil. O RUC é simplesmente o seu número de identificação civil. Está atrelado ao registro do seu rosto, das suas digitais e ao mapeamento da sua íris. Mas, na prática, o único desses aí que funciona hoje é o reconhecimento facial — e agora eu vou passar a primeira camada de base, preparando a pele para o que vem depois. Vou pegar um tom um pouco mais intenso que o meu tom natural para poder brincar mais com blush e contorno no acabamento. Não é todo mundo que faz isso, eu sei, mas quem tem a pele morena-avermelhada consegue um brilho acetinado com esse truque —, porque o reconhecimento facial é mais simples de rodar em um grupo maior de pessoas. Aglomerados tipo o metrô, sabe? Ele também tem uma renderização mais precisa para um curto intervalo de tempo.

Em geral, o mapeamento de íris seria mais preciso, mas ele demora mais para rodar a leitura e ninguém quer ficar parado na fila do caixa automático esperando o software rodar para dar o checkout e sair, né? Então. Mas o RUC sozinho é só um monte de números e listas. O que faz a mágica acontecer — agora sim vou passar para a base, gente, vou pegar essa aqui no tom da minha pele mesmo — é o LUC, que é sobre o que eu vim falar aqui nesse vídeo. Que basicamente significa — presta atenção! — LOGIN. ÚNICO. DO. CIDADÃO.

O LUC é todo o sistema que acessa os dados guardados no RUC. O LUC é tanto os algoritmos de reconhecimento de padrões como o software, o hardware, a porra toda. Então, quando você passa pela porta de qualquer estação da Linha de Trens

Metropolitanos, é uma câmera do LUC que registra o seu rosto com uma precisão absurda. E, no intervalo de dois milésimos de segundo — ok, agora eu vou começar a fazer o contorno dos olhos, que eu acho mais fácil do que o das bochechas, e o da boca vou deixar nude mesmo, que já tem menos de 1 minuto de vídeo agora —, o LUC manda um código, como se tivesse traduzindo a sua cara para um monte de código binário, zero um zero um zero zero zero um zero um até perder de vista. E com esse código ele dá baixa nos seus créditos de transporte público, dando match nos dados. Deu para entender?

Antes fosse só isso, claro. O LUC também fornece ao Governo um registro preciso sobre para onde vai e para onde vem TODO MUNDO. Pois é... — Merda! Borrei o contorno.

Ok, meu tempo esgotou. Espero que vocês tenham gostado! Não esqueçam de levantar o dedinho pra cam — eu sei, a make ficou pela metade, sorry! Mas — não esqueçam MESMO de levantar o dedinho pra cam pra dar aquele like gostoso. E de me mandar um tchauzinho com a mão direita, para assinar o canal dos Ativistas pelo Anonimato e nos ajudar a fazer vídeos com mais de cinco minutos! Espero que tenham — *PVIII!!!*

*Em um mundo cheio de opções, as mulheres usam as roupas como armaduras para enfrentar a toxicidade das grandes cidades. Conheça a nova linha da Fedidas Streetwear —*

*Você pode clicar em “pular” após 5 segundos...*

### 3. O COMEÇO

Não existe esperança sem medo. E a ilusão que nutriu minha infância era a de passar por essa fase ílesa, sem me meter em confusão com autoridade. Isso seria a pior coisa que poderia acontecer. Pior que a morte. De alguma forma, ser presa foi como voltar a ter oito anos de idade — pega pelo guardinha do prédio por bloquear o sinal do drone de vigilância para jogar bola no corredor com o filho do vizinho depois do toque de recolher. “Senhora Katarina Santos, sua filha Jéssika se encontra na Unidade 9 de punição a menores infratores”. Essas palavras brotavam aterrorizantes na minha mente tal qual o filme do Babadook que meus pais assistiam no Tele Vintage.

Eu ralei muito a bunda no asfalto para juntar dinheiro consertando aspirador de pó embutido de carro elétrico, tomando choque o dia inteiro sem a proteção de estática. Quando eu era pequena, pouca gente chegava nas beiradas de metal dos prédios ou mesmo no andar térreo, quem dirá descer até a cidade. A vida da galera sempre foi suspensa pelas vigas de metal dos arranha-céus, onde muita gente nascia e morria sem nunca pisar no chão lá fora. Os vigilantes faziam vista grossa para mim quando eu saía, deixando que eu passasse sorrateira, contornando o scanner do LUC da entrada; em troca, eles não precisavam me pagar com fordcoins para consertar o hardware autolimpante dos seus carros. Eu também aceitava uns tubos de comida doce em troca do serviço. Era assim no complexo da iFord. Minha mãe era operária biorremovedora de resíduos, a gente morava no andar 151 quando eu era pequena. Isso mesmo, aquele famoso pela chacina dos Rumba, quando o pessoal da quebrada de cima hackeou os drones dos vigilantes e matou todo mundo naquele apartamento fedorento — e os aspiradores de sujeira Rumba limpavam toda a cena do crime, atrasando a investigação.

Cresci escutando as histórias de assombração daquele apartamento, que nunca mais foi ocupado. Uma vez eu passei pela frente dele e escutei alguma coisa batendo lá dentro. Dizem que nunca tiraram os Rumba da sala e que ainda tem pedaços de corpos dentro deles. Eu queria entrar ali para ver como

era, então comecei a ler sobre como hackear os drones, entendendo como passar pelo LUC do prédio para abrir a porta sem ser notada ou localizada. Mas eu não tinha um computador apropriado para hackear o protocolo de rede. Os fantasmas teriam que esperar.

Então, eu comprei meu primeiro Pentium da sétima geração, usado, aos quinze anos. O interesse pelo apartamento mal-assombrado tinha passado e deu lugar a outras coisas. Eu queria saber como que aquele trambolho fazia para mandar uma mensagem daqui para China em um segundo. Como que os chineses recebiam meu pedido de compra de duas camisetas brancas, descontavam meus fordcoins do LUC-bank e confirmavam a compra em apenas um clique. Um segundo! Trouxa eu; era um MILÉSIMO de segundo. No final das contas, não conheci nenhum chinês, mas acabei trombando com umas pessoas esquisitas na internet. Foram os primeiros humanos simpáticos que conheci na vida. Tirando o cara que comia minha mãe no final de semana e que me trazia sempre um pote de sorvete meio derretido debaixo do braço — comprando meu silêncio para eu não entregar o segredo para o meu pai, que tinha sido gamer profissional quando jovem, mas acabou fazendo bico de piloto de guarda-robô de balada no sábado à noite. Depois, o sorvete virou uma grana para pagar a taxa de inscrição do ENET, exame nacional do *ensino tédio*, como a gente falava na época. Uns meses depois, para espanto de toda a comunidade da iFord, eu estava na mesma sala de aula que todos os lambidinhos lá de baixo da cidade. Eu estava descendo para a rua! Consegui o direito de passar pela porta de entrada de cabeça erguida, dar checkout no LUC do prédio sem precisar trocar favor com nenhum vigilante.

São Paulo era colorida e misteriosa, retalhos cintilantes que mostravam e escondiam todos os detalhes de uma só vez. Os prédios de vidro furta-cor e toda a população de letreiros brilhavam em contraste com os hologramas projetados em todos os ângulos, que sumiam e surgiam de novo exibindo os mesmos memes, anúncios e promoções relâmpago. As pessoas da cidade compravam em lojas físicas, tal qual nossas avós. E muito cedo entendi como o ritual de pegar os produtos na mão, sentir, avaliar, comparar e então pagar funcionava. Eu atravessava a cidade de metrô-bala para o Butantã todos os dias antes do sol nascer, mas pouco o notava até que estivesse alto no céu, na hora de ir para o restaurante universitário e ver umas árvores centenárias pelo caminho. Foi ali, pelos laboratórios de desenvolvimento técnico do curso que me formaria cientista da programação, que eu percebi que poderia ter muita grana se continuasse boa naquele negócio de escrever código. Nem era incomum o pessoal da minha idade sonhar que ia ser o novo pica das galáxias nas empresas de tecnologia. Na época da minha avó já era assim. Só não era comum na quebrada onde eu nasci, mas aí eu já estava ficando cada dia mais e mais distante daquele void. E a vida andou muito rápido depois que eu me mudei de vez para a cidade.

Foi lá que me tornei engenheira de identificação simultânea e proprietária de um flat bacanudo no centro. Funcionária da maior empresa de fabricação e venda de dispositivos de comunicação e processamento de dados do mundo: a Circo. E profissional em atropelar sem dó qualquer coisa ou pessoa que tentasse se opor à minha vontade interminável de trabalhar dezesseis horas por dia (ainda que a lei limitasse a jornada a dez horas). A vista grossa da chefia ainda não era possível de ser trackeada pelo sistema que eu mesma desenvolvia. Quase não andava na rua, mesmo que morasse no bairro mais caro e bem localizado do centro paulistano. Os painéis de LED cobrindo os prédios machucavam meus olhos, a fumaça dos vapes baratos fazia arder minhas narinas, a atmosfera mal filtrada de oxigênio queimava meus pulmões. Eu era só mais uma moradora da maior sucursal do inferno da América Latina, São Paulo Capital.

#### 4. INFOVÍDEO: ZONA-ARCO

E aí, povo!? O vídeo de hoje é no estilo miniexplaining, ou: o famoso INFOVÍDEO! Na semana passada, ficou difícil explicar tudo enquanto eu me maquiava, então hoje.

eu vou só contar para vocês bem rapidinho sobre a história das Zonas-Arco no Brasil. Como elas começaram e como essa ideia se desenrolou durante o nosso processo de pós-democratização.

Então, basicamente: ZONA-ARCO (escreve como tá aqui embaixo no vídeo, com o tracinho no meio) é o termo usado para chamar as arcológicas construídas no Brasil na década de 2040. São complexos de condomínios formados por poucos prédios, todos muito altos, geralmente com mais de cem andares. Esses prédios foram inicialmente construídos por grandes conglomerados de empreiteiras da construção civil, que concordaram em vender os apartamentos diretamente aos cidadãos debaixo de renda em troca de mão de obra como pagamento. Isso mesmo. Em vez de dinheiro, as pessoas se comprometeram a trabalhar como pagamento pelo direito de moradia. E, assim, as empreiteiras venderam as zonas-arco e a mão de obra de seus moradores para empresas do mundo todo. As zonas-arco geralmente se localizam de 30 a 200km do centro de grandes cidades, e hoje abrigam uma média de quinhentas mil pessoas cada uma. A maior delas é o complexo Volkz Motors, que foge dessa regra e fica na zona do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo (olhem o mapa aí na tela auxiliar), abrigando cerca de um milhão e trezentos mil moradores em um complexo que ocupa uma área geográfica de aproximadamente 100km<sup>2</sup>. É gente para caralho! O sistema de organização das zonas-arco consiste em sua criptomoeda local própria, comércio local, autonomia em energia e agricultura, empresas de transporte público próprias e sistema educacional independente. Uma das criptomoedas mais famosas é a do complexo da iFord, a fordcoin. Atualmente, uma das moedas com a cotação de conversão mais alta. Mas nem tudo são flores nas zonas-arco. Por conta do uso de criptomoeda local, com o Ato de Desconexão das Transações de 2049, os seus moradores têm uma lista de direitos e deveres diferente da pessoa-cidadã brasileira comum. É, isso mesmo. Semana que vem vou fazer um vídeo para vocês só para contar mais detalhes. Então, levanta a mão aí e faz o joinha se você curtiu o minivídeo! Fiquem ligados nos Ativistas pelo Anonimato; estamos começando a transmitir ao vivo às quintas!

## 5. O PANTERA

Eu costumava ir ao foodtruck da esquina do prédio às sextas-feiras e sempre repetia o mesmo diálogo, como se fosse o refrão de uma música nova que a gente não gosta, mas que repete no automático porque toca em todas as lojas de conveniência, academias e Há-bibis. “Me vê um bite sem MD e duas doses de coca, por favor”. Não era que eu estivesse usando aquelas coisas à toa, era só que meu cérebro precisava de um estímulo brusco para continuar funcionando aos finais de semana; alta disposição para todos os projetos paralelos que eu precisava manter. Jéssika Santos seria um nome conhecido.

É, eu era bem ambiciosa. Também gostava dos meus desnecessários óculos de aros grossos, com lentes de acrílico neon que impediam a identificação imediata do meu rosto pelas câmeras do LUC. Na verdade, todo o processo de compra no foodtruck precisava levar no máximo noventa segundos, o tempo que a lente de acrílico segurava a anonimidade do usuário frente a uma câmera externa. As câmeras do LUC captavam imagens de locais públicos. O foodtruck ficava na rua. Eu pagava a conta mirando o focal de pagamento do balcão imundo e grudento, de óculos, de maneira que o sistema de cobrança universal escaneava minha cara e descontava a quantia do meu bite direto do LUC-bank, sob a alcunha de “Hambúrguer plant-based de quinoa e broto de araucária”, levando aproximadamente 0,003 segundos para escanear, identificar, descontar, transferir, confirmar e salvar a transação inteira. Eu era estagiária da Circo quando essa API para pagamentos foi lançada — API: Application Program

Interface. Foi a primeira e única vez que tomei champagne na vida. Na festa, banhei os sapatos lustrosos de um funcionário com a comida cara que estava sendo digerida no meu estômago depois do jantar. Ossos do ofício 

Eu tinha então 25 anos de idade, um metro e setenta de petulância e o meu nome escrito na lista de autoria pela criação do mais inteligente software de reconhecimento facial disponível no mundo. A Circo investia pesado nas pesquisas, mas mais ainda em seu maior tesouro: os programadores. Eu podia estar trabalhando dezesseis horas diárias, mas embaixo da minha mesa havia sempre uma massoterapeuta apertando a sola do meu pé enquanto eu codava uma média de duas features novas por semana, sem falhar. Eu poderia sair da Circo a qualquer momento e entrar em outra empresa milionária do ramo de desenvolvimento de software de identificação. Mas a Circo me garantia o que nenhuma outra podia: acesso livre à informação, a qualquer hora do dia ou da noite.

A Circo detinha o monopólio sobre as licitações do governo federal. Ainda na época da transição de simples programadora do baixo calão, ao lado do chão de fábrica importado da Colômbia e do Haiti, juntei a presença de espírito necessária para implementar, sozinha, o primeiro backdoor para um produto de lançamento em escala nacional. Backdoor, a porta dos fundos: uma parte secreta ou escondida em um programa, que pode vaziar informações específicas para quem o criou, os conceder acessos a essa pessoa. A partir daquele dia, eu fui sofisticando meus backdoors; acessando remotamente informações confidenciais de transações bancárias, logs de GPS de rotas utilizadas por qualquer cidadão com RUC registrado e toda sorte de informações sensíveis. Eu nunca estive exatamente interessada em stalkear o que o cidadão comum estava comendo, com quem estava trepando ou onde estava estacionando seu carro compacto de duas portas com painel solar. Meu esporte favorito era encontrar os pontos cegos de monitoramento e testá-los pessoalmente depois de adequar o código. Muitas vezes tentei eu mesma burlar o sistema. E consegui. Para então me sentar em frente ao computador e consertar a falha. Melhorias constantes.

Não é difícil perceber minha pouca vida social, nada incomum para funcionários da Circo. “Olha, nossa anja caiu do céu” era a mensagem que eu frequentemente lia no chat do time depois que eu caminhava por entre as mesas com a minha xícara de café adoçada com coca-cola, meu bump de cafeína. Meu chefe não tinha nenhuma cerimônia em ironizar a minha existência naquele lugar, como se eu fosse a grande piada do time. Ou como se eu ainda usasse as roupas de gola puída e o cabelo black power descolorido no banheiro de casa pela minha mãe — num contraste bonito com a minha pele retinta, quase cor de terminal de linha de comando. Eu não era mais a mocinha deslumbrada de seis anos antes, mas a notícia ainda não chegara nos miolos protegidos por aquele crânio de pele rosada e translúcida. Um nariz suíno que só perdia em antipatia para a barba amarela e rala que ele tentava cobrir com maquiagem de sobancelha. Mas nenhuma tinta artificial esconderia o que estava podre em meu chefe, Enzo Muller. Não bastasse tudo, ainda tinha nome de gente velha.

Uma vez, logo que fui promovida de estagiária a funcionária, eu excedi a meta de entregas do mês e ainda estávamos no dia dez. Comemorei. Enzo, na época apenas meu colega, chegou pelo lado esquerdo da minha cadeira, colocou a mão no meu ombro e falou para os homens no outro canto da sala:

— Ela realmente é mais esforçada que a gente. — Ele deu tapinhas no meu ombro e virou para o resto da equipe. — Se ela é tão boa assim, acho que deveríamos dobrar a meta dela mês que vem. Que tal?

Todos riram. Eu ri com eles também. Um pouco nervosa, um pouco sem querer realmente entender o que eles queriam dizer. Mas eu descobri rápido. Porque no mês seguinte realmente aumentaram minha meta mínima. Só a minha. E Enzo virou meu chefe logo depois.

Um dia, ali pelos idos de maio de 2070, queimaram uma loja de roupas “étnicas” que mudavam de cor quando estavam sujas. “Tecnologia têxtil de última geração”, dizia a propaganda do site deles. Uns militantes de tapa-olho e pintura geométrica no rosto mandaram todo mundo para fora da loja. Então derrubaram os manequins, tiraram o estoque e tacaram gasolina em tudo. Dizem que alguém fumou um bolado de ganja e jogou a bituca no meio da loja. O fogo lambeu o letreiro de luz laranja que piscava sobre o fundo marrom. O nome da loja: Senzala. A imagem de um homem alto de pele negra pulando entre os prédios foi divulgada pouco depois nos telejornais sérios. E, no plantão jornalístico, eles o chamaram de Pantera. Bem criativos, claro. Em volta do prédio tomado pelo fogo, os painéis de anúncios dos prédios adjacentes interromperam a costumeira exibição de propagandas de cerveja e lixo eletrônico para exibir a mensagem “CHEGA DE SILÊNCIO”.

Pantera tinha instalado uma placa de microcomputador na central de displays eletrônicos do quarteirão e detido o domínio do seu conteúdo. O “CHEGA DE SILÊNCIO”, letras brancas em fundo negro, populou as ruas da cidade por horas.

Minha mãe comentou sobre aquilo durante uma chamada de vídeo no meu intervalo de almoço, no dia seguinte. Ela ainda trabalhava na iFord, com os resíduos, mesmo depois que meu pai se foi. Ele morreu sem terminar de pagar a parte dele nas horas pelo apartamento de zona-arco, então mamãe teria que fazer hora extra até completar 85 anos. Eu dificilmente ia visitá-la, pois precisava submeter um longo protocolo de visitação semanas antes no app da iFord, e havia um limite anual de visitas. Os moradores das arco precisavam de autorização para sair delas, e a cada ano estava mais difícil e demorado conseguir uma. Nossas conversas eram exclusivamente feitas por chamada de vídeo.

Naquele dia, ela estava um pouco estranha, e me disse que estava chegando o tempo da reparação histórica e que o sofrimento ia acabar. Mas que a gente ainda tinha de lutar muito. Eu disse que não estava mais acompanhando política, pois nunca me interessou de fato; muito menos aqueles movimentos rebeldes que apareciam vez ou outra, geralmente quando tentavam aumentar a passagem do trem-bala Rio-SP. Mas, na verdade, eu não estava cem por cento desinteressada. As formas geométricas desenhadas com tinta de cor viva na cara daqueles que tocaram fogo na loja Senzala me chamaram a atenção — fomos notificados na Circo de que os agentes federais não conseguiram identificar os indivíduos devido à pintura em seus rostos. Na juventude, mamãe pertenceu ao movimento popular das arco-comunidades: pequenos grupos que lutavam pelos direitos dos cidadãos das zonas-arco. Dizem que a chamavam de Katarina Fogo-nas-Ventas, porque ela não deixava barato quando ia negociar com os chefões de produção. Mas ela disse não conhecer o pessoal jovem que apareceu naquele vídeo do Pantera.

## **6. INFOVÍDEO: O PROBLEMA DAS ZONAS-ARCO HOJE**

E aí, galera animada! Gostaram do último tutorial de make anônima? Lembrem de assinar o canal para acompanhar os Ativistas pelo Anonimato ao vivo às quintas, 24 horas online. E hoje vamos retomar o papo sobre as zonas-arco e o que anda rolando dentro delas nas últimas semanas. Eu sei que vocês têm acompanhado a agitação nas cidades também. Precisamos falar sobre isso!

Todo cidadão brasileiro nascido em uma zona-arco precisa de visto de trabalho para morar fora dela. Isso significa que populações de cem a quinhentas mil pessoas estariam sujeitas a trabalhar até morrer dentro das condições oferecidas pela empresa dona da zona-arco. O que rolou nos últimos dias na arco da Monstranto,

multinacional de agricultura — parceira da Mayer, de medicamentos, que é conhecida por conduzir pesquisas de larga escala com testes em humanos desde 2035, quando a prática se tornou legal —, foi uma estratégia controversa para todos os envolvidos. Com a quebra de várias zonas-arco menores, cujo valor das criptomoedas despencou após muitos trabalhadores terem sucumbido a doenças e falta de assistência médica interna, a Monstranto quis usar o momento para expandir. A intenção da companhia era fechar acordos de compra das arco quebradas de grande parte das regiões Sudeste e Nordeste. Nada poderia impedir o processo de venda das arco, pois poucas instituições de fora podem intervir nelas. Como, por exemplo, a polícia. O Estado nunca abriu mão de participar da cobertura da segurança do território nacional em sua totalidade, e isso nunca foi negociável com as arco-comunidades. Mas elas conquistaram um direito importante há cerca de vinte anos atrás: o direito ao voto.

Nada disso é grande novidade. As grandes multinacionais do agronegócio e dos medicamentos sempre estiveram de olho nas arco paulistanas. Mas, para que o acordo de venda das arco seja fechado, os moradores têm direito a eleger, em um sistema de eleição pública e anônima, a corporação que será a nova dona do complexo. Enquanto eles não votarem, nenhuma empresa é escolhida. E a arco permanece sob o comando da empresa atual. No momento, a Monstranto não tem nenhuma outra adversária à altura ou com tanto dinheiro.

E sabe o que acontece se as pessoas continuarem sem votar?

Em teoria, nada. Mas é claro que começaram a fazer pressão interna para que elas votem. E as arco-comunidades começaram a se comunicar sobre isso. Criaram arco-sindicatos da noite para o dia, e exigiram uma lista de acordos. E a exigência é manter os acordos após a venda para uma nova companhia. Eles não são idiotas, a Monstranto vai trazer a Mayer com ela, pronta para testar novos superantibióticos. Eles já estão fazendo isso em metade das arco da Argentina à Venezuela, mas não é o suficiente para toda a meta de rendimento global que eles querem alcançar. Eles vão comer a América Latina toda de colherinha. E, esse ano, a polícia começou a invadir as arco em missões de pacificação. Para criminalizar os arco-sindicatos

Vamos falar mais sobre isso na quinta, com a transmissão ao vivo dos Ativistas pelo Anonimato. Até lá, like pros nossos vídeos! Mais tarde devemos lançar mais um tutorial de maquiagem que causa delay na leitura do LUC! Valeu, galera.

## 7. O ROSTO DE LYNA

Os blogs de moda diziam que a nova tendência era se manter anônimo e evitar fazer check-in nos restaurantes e casas noturnas. Quanto menos soubessem onde você estava, mais importante você parecia. Depois da ação do Pantera e dos manifestantes, varri a internet em busca de informações e descobri que havia um canal no YouTube, com dois milhões de assinantes, chamado The Make-Up Hacker. Passei correndo pelo food truck e peguei uma dose tripla de bite. As pupilas dilatadas como bolas de tênis. Foda-se. Cheguei em casa furiosa, sapatos voando pelo hall. Me joguei no sofá.

— Oi, casa. Liga o cast. — E o painel projetor foi ativado à minha frente. — Casa, acessa o canal do YouTube The Make-Up Hacker.

O projetor exibiu o ícone vermelho do serviço de streaming e carregou uma lista de vídeos. O vídeo do topo foi ampliado e arrastado por cima dos outros, entrando em modo full screen. Então a Terra parou de girar, e ficamos só eu e ela a nos contemplar com a luz do projetor entre nós.

Eu estava vendo pela primeira vez a face estranha daquela que seria o pivô da minha estadia em uma instituição governamental de punição. Mas também estava conhecendo a minha hacker preferida. Seu nome era Lyna, e ela era a mais popular youtuber de maquiagem de anonimato do país.

Lyna. Farol do meu destino, fogo na minha lenha. Novo vício, minha heresia. Ly-na. Um único movimento na língua entre os dentes e o som que sopra uma sílaba suave, repousando na boca levemente aberta a relaxar no segundo final, um som em aberto. Lyna.

Lyna falava com a voz macia e firme, pronunciando as palavras claramente, uma após a outra, apresentando seus vídeos informativos. Lyna tinha dedos longos de pianista, pele oliva e olhos puxados de onça. Com suavidade pousava o pincel molhado de tinta vermelha e fresca por sobre a bochecha esquerda, desenhando um arco perfeito. E falava. E como falava. Tão articulada. Com um movimento rápido e elegante, cruzava as duas pontas do arco com um único risco fino. Do outro lado do rosto, desenhava outros dois traços idênticos, e, no queixo, um minúsculo círculo azul. Sua franja caía em uma cascata desnivelada por sobre as sobrancelhas; a irregularidade dos ângulos na testa dificultava a parte do firmware das câmeras que reconheciam o rosto humano no primeiro nível do programa. Os desenhos geométricos sobre a pele bronzeada, aplicados com tintas veganas cruelty free da loja Luxo, serviam como blockers de interceptação de traços para o software mais sofisticado, que rodava nos servidores que liam as filmagens em tempo real em um data center na Escandinávia.

No vídeo “Por que você deveria se preocupar com anonimato?”, ela explicava sobre como as empresas de marketing se utilizavam de big data para vender cada vez mais e mais mercadorias, eficientes em seu advertising, acertando um número absurdo de sugestões de produtos e novidades, elevando a taxa de conversão aceitável de 10 para 52% de sucesso. Em um primeiro momento, achei engraçado. Lembrei da iFord, onde não havia alertas de promoção da Everlasting<sup>21</sup> invadindo os espartofones de tela sensível ao toque porque não tinha nada lá para você comprar sem autorização além de drogas, armas e coxinhas com café pingado (comida fora de tubos sempre foi uma iguaria em qualquer zona-arco). Não há necessidade de marketing direcionado e inteligência artificial quando os consumidores sabem exatamente do que precisam. No vídeo “Maquiagem para quem usa óculos”, ela demonstrava como fazer os seus próprios óculos de acrílico que provocavam um delay na identificação da face pelo software. Exatamente como eu mesma fazia. A técnica era simples, mas eficiente. O vídeo mais popular era o “Minha maquiagem diária”, onde ela se maquiava sem a geometria e as tintas fortes, usando apenas itens comuns de maquiagem, aplicando base, corretivo, blush, sombra, batom e rímel. O tipo de maquiagem que ela fazia para a série “Maquia e Fala”. Ela usava uma técnica de contorno com um pó mais claro em pontos-chave do rosto, explorando mais uma falha desconhecida no software. Os vídeos tinham centenas de comentários, a maioria agradecendo o serviço que ela prestava à sociedade, outros falando que nunca haviam pensado naquilo antes e uns poucos chamando-a de louca. Ou a acusando de desrespeitar os hackers de verdade ao se apropriar do termo para usar com algo tão fútil e banal quanto maquiagem. The Make-up Hacker. Genial.

Demorei algumas horas naquele transe. A voz de Lyna, os lábios de Lyna se movendo, os poros do seu rosto em zoom e ela toda emoldurada pelo brilho frio do projetor na parede branca perolada da minha sala. Quando a playlist acabou e a vinheta dos seus vídeos não tocou outra vez, voltei à realidade. Passei um café em uma daquelas máquinas horrendas de microcápsulas de caféina,

artificialmente aromatizado de caramelo e baunilha. Vintage, a opção que o apartamento novíssimo e mobiliado oferecia. Fiz mais um porque precisei de cinco cápsulas de americano duplo para preencher uma xícara que mais parecia um balde. Puxei a estação de trabalho até a escuridão da sala de estar, dei play nos vídeos mais uma vez e comecei a trabalhar no editor de código com acesso completo remoto ao ambiente de trabalho da Circo. Implementei vários novos ajustes e registrei um novo branch no sistema, que mais tarde seria adicionado ao projeto principal. Uma série de aperfeiçoamentos para driblar as técnicas de hackeamento de imagens que eu tinha acabado de aprender com Lyna. Eu conhecia algumas delas, como a dos óculos de acrílico que eu usava para comprar bite. Mas não esperava que outras pessoas tivessem percebido. Eu precisava reverter aquele quadro.

## 8. O DIA D

Não vi o dia amanhecer pela janela, mas percebi que já era o meio da manhã quando lembrei de enviar uma mensagem para o pessoal no escritório, avisando que eu trabalharia de casa durante o dia. No chat coletivo do time, meu chefe enviou uma imagem animada de um cachorro caindo de sono no chão, cambaleando enquanto tentava ficar de pé. “Pequenas cachaças, grandes ressacas”, *sent by @EnzoMuller*. Foi respondido com vários “hahahahaha” e “hehehehe”, e eu senti um formigamento estranho no rosto. Uma humilhação injusta. Respirei fundo.

Não demoraria muito para que todas as atualizações que fiz no sistema durante a noite aparecessem para todos eles, com as notificações de rotina, assim que eu fizesse o update e o deploy no servidor de teste. Porém, eu precisava me certificar do sucesso do novo branch para ter certeza de que aquilo realmente funcionava. Eu não era especialista em testes e não queria pedir ajuda. Queria todos os louros da jogada. Queria pisar em cima do Muller sem precisar ter de descer ao nível dele. Fazer piadinhas sobre sua aparência era muito fácil, muito barato. Eu queria dar o troco com elegância.

Salvei os arquivos no meu terminal e diminuí a luminosidade da tela do computador. Abri as janelas e deixei o fraco brilho do sol entrar no apartamento, vindo de uma nesga no céu coberto por nuvens. Parecia que ia garoar. Busquei um espelho redondo do tamanho da minha mão e um kit barato de maquiagem colorida ainda lacrado, que eu comprara dois anos antes para uma festa de lançamento da Circo, mas que nunca tinha conseguido usar. Eu usava apenas tons de terra e lápis preto, pouco conhecia o uso das maquiagens coloridas. Aliás, maquiagem policromática fazia eu me sentir como se fosse uma palhaça. Sempre tentei ficar longe, ainda que seja uma das melhores maneiras de alcançar o visual andrógino vibrante, super popular nos últimos anos. Escolhi o vídeo de Lyna sobre a maquiagem discreta com sombreamento, mas o sombreamento que ela usava dava um efeito acinzentado no meu rosto. Eu precisaria de pigmentos mais quentes, em tons naturais profundos, para alcançar aquele efeito.

Então escolhi um dos tutoriais com os símbolos geométricos. Na terceira tentativa, acertei o traçado fino e colorido no formato mais anguloso do meu rosto, em uma paleta de cores tropicais, intensas. Soltei o turbante que cobria meus cabelos. Os cachos castanho-escuros caíram sobre os ombros, curvando-se em voltas fechadas, formando grandes mechas macias. Passei uma fita de cetim da nuca ao alto da cabeça, atando um laço elegante no topo. A fita era de um azul-turquesa que contrastava com o calor das cores dos grafismos geométricos na minha face. Com o pente-garfo, puxei uma mecha mais encaracolada do cabelo para que cobrisse um pedaço da minha testa, despontando um pega-rapaz para fora da faixa num arremedo infantil das recomendações de Lyna sobre o alinhamento dos traços — e a confusão que o cabelo irregular sobre o rosto provocaria no leitor de face.

Era hora de fazer um teste.

Deixei um script de rastreamento de câmera filtrando as imagens de um recorte geográfico na região onde ficava o meu prédio e saí. Caminhei pelo bairro, fingindo olhar atenta para todas as vitrines e displays digitais das lojas, como se tivesse um súbito interesse por perucas, plásticas last-minute, inserções de botox, estúdios de body modification inspirados em desenhos japoneses, macacões esportivos com elementos de alfaiataria e centros de manicure que implantavam semigarras de metal retráteis em suas mãos (“Sinta-se mais segura com Garras Express contra furtos, sequestros-relâmpago e tentativas de estupro”, dizia a gravação para os transeuntes. Ah, a velha e boa poluição sonora). Parei em uma banca de sucos e comprei um juice funcional low carb detox com gosto de metal. Provável que a intenção fosse reproduzir o sabor de açaí. Seria simplesmente mais fácil se eles não tivessem acabado com toda a produção natural e substituído pelas sementes alteradas. Parece que existem mais coisas irreversíveis no mundo além da morte.

O cheiro acre de fumaça diluída em metais pesados do ar golpeou meus pulmões, mas eu continuei andando e olhando para todas as vitrines que consegui. Depois de meia hora, voltei ao apartamento. Verifiquei os reports. Dei uma segunda volta pela rua, pisando no chão fofo de camadas e camadas de papéis úmidos pela garoa que descia ácida, desviando de buracos nas calçadas e crianças que andavam descuidadas em segways de propensão semijato. Voltei para o apartamento com uma caixa de papel contendo um noodles de shimeji. Enquanto comia, fui checando o log das imagens depois das últimas alterações e... *voilà!* Eu havia conseguido contornar as técnicas de maquiagem de Lyna. Realizei os updates nos servidores da empresa e fui para a cama pensando na voz de Lyna e em sua pele sedosa.

Adormeci sem ativar o carregador indutivo, meu espertofone estava completamente descarregado. Fui acordada pelo alarme de backup do apartamento. Nos alto-falantes, uma música bem antiga, que meus pais costumavam escutar juntos nas manhãs de domingo quando eu era pequena. Hakuna Matata, que significa “não há problemas” em suaíle, língua falada no Quênia. Meus pais nunca estiveram no Quênia, mas eles assistiam a um antigo desenho animado em que cantavam essa música. Ativei o carregamento wi-fi do espertofone e fui pro banho. Deixei o circuito de áudio ligado para escutar as notícias do dia.

Ao sair do banho, recebi uma notificação da gerência da Circo, comunicando que naquele dia a corporação inteira estaria em regime home office. No painel da minha sala, eram projetadas imagens das primeiras manifestações que estavam tomando as ruas encardidas e quebrando as primeiras vitrines. O sistema de transporte público fora interrompido. Ou melhor, corrompido, por um grupo que atacou o sistema mudando a rota dos ônibus autômatos e mandando todos eles para um único ponto no extremo da zona leste da cidade. O país inteiro havia sido tomado pelo mesmo ataque, e os trens não se moviam nos trilhos. Os carros com painel de direção por comando de voz não obedeciam às rotas de GPS inseridas pelos usuários, e carregavam seus donos na mesma direção dos ônibus. Manifestantes nas ruas usavam maquiagens geométricas. O Pantera parecia ter se tornado milhares de pessoas, e não era só mais um cara fazendo parkour em prédios com lojas de display racista. A orientação do governo à população era: fiquem em casa. As ruas estavam cheias.

Uma notificação apareceu na tela do espertofone. “Aceitar chamada de vídeo com Katarina Santos”. Aceitei. O rosto da minha mãe preencheu a tela do espertofone.

— Jéssika, o que você está fazendo em casa?

Ao fundo, atrás dela, crianças brincavam em uma sala circular e mamãe tentava equilibrar o espertofone em um drone de suspensão para chamada de vídeo, daqueles que mantêm a câmera do aparelho na altura dos olhos.

— Estava me arrumando para ir pro trabalho, mãe. Mas nos mandaram fazer homeoffice. O que está acontecendo aí? Onde você está?

— Hoje é dia de manifestação contra o aumento da jornada de trabalho. — Ela estava irritada. — Eu não acredito que você não está acompanhando! A chamada está em todas as redes. Procura pela hashtag “Não São Só 2 Horas”. Eles vão aumentar a carga horária de trabalho de 10 para 12 horas. É dia de descer para a cidade!

— E como que você vai participar? Conseguiu autorização para sair da iFord?

— Não. — Ela finalmente conseguiu ajustar o drone. — Estou na organização dentro da iFord, não vou descer pra cidade. Estou cuidando das crianças do pessoal do sindicato.

— O sindicato está descendo para a cidade? — Eu estava incrédula. — Como?

— Um pessoal ajudou a gente a burlar o LUC. Mas não posso comentar muito.

Eu nem sabia que minha mãe tinha voltado à ativa na arco-comunidade. Desliguei a chamada por medo de interceptação quando notei que poderia colocá-la em risco com aquela conversa. Deletei o registro da chamada de todos os servidores a que eu tinha acesso. Por mensagem de texto criptografada, eu a instruí sobre como proceder para se comunicar com seus vizinhos e amigos em segurança.

Pela primeira vez em anos, eu tinha uma chamada em espera de um grupo de estudantes da universidade que frequentei. Antes de aceitar a próxima videocall, abri o chat de texto e li, incrédula, inúmeras mensagens de ódio contra mim e contra “a gente do buraco” de onde eu saí. Fechei o request e bloqueei todos os contatos daquela lista. No canto da projeção da parede da sala, havia uma notificação vermelha no meio de todos os portais de notícia. Era um upload novo no YouTube que tinha quase um milhão de views apenas três minutos após ter sido carregado.

— Casa, abre o novo vídeo.

Alguém com um filtro de imagem sobre o rosto em formato de máscara laranja surgiu na tela. Uma voz mecânica ecoou, convocando todas as pessoas insatisfeitas com a nova lei a saírem de suas casas e tomarem as ruas. Não havia instruções claras sobre o que ele esperava que as pessoas fizessem, mas, pela gritaria que passava pelas paredes grossas do meu apartamento, eu podia jurar que absolutamente todo mundo já estava lá fora, menos eu. Parecia que o vídeo estava rodando em cópias, como se tivessem invadido todos os canais de YouTube e feito um broadcast. Aquilo era grande. Muito grande.

Mas o que era *aquilo*?

Trabalhei de casa o resto do dia, com uma das paredes da sala dedicada a acompanhar, por streaming, o que se passava pela cidade. Parecia um filme. Não fosse a conversa com minha mãe, eu duvidaria da realidade. À noite, um request de chat secreto pipocou na minha frente. Eu não recebia esse tipo de request desde a época da faculdade, quando a diversão era invadir sistemas de banco e bagunçar as finanças alheias. Aceitei.

Mary X: alo alo amada Jéssika (Me): oi sumida

Um chat secreto com criptografia de ponta a ponta. Só ela tomava esses cuidados.

Conheci Mary na faculdade. Éramos as únicas duas pessoas não macho-cis-hetero numa turma de trinta estudantes. Ela tinha cabelos tingidos de rosa, longuíssimos, lisos, um contraste com a pele sempre bronzeada; uma surfista longe do mar. Tudo parecia meio fora do lugar perto de Mary. A voz grave, um quê de cantora de jazz, dava uma imperatividade sedutora às suas opiniões sempre certas. Demoramos muitas semanas para trocar as primeiras palavras, mas nossos olhos se comunicavam. Os outros colegas da turma de computação de tocaia, esperando o menor deslize para provar que nós não deveríamos estar ali. Passamos a andar juntas pelos corredores. Falávamos pouco, estudávamos muito. Precisávamos estar sempre muito acima da média. Século XXI, duzentos anos de feminismo. Nossas avós revirariam os olhos. Backslash é uma merda. Apesar das adversidades da área, Mary virou especialista em segurança. Em IoT, Internet of Things. Ou, como ela gostava de falar, especialista em segurança de geladeiras que respondem quando você fala. E apesar de ser uma das pessoas mais sociáveis que conheço, depois da faculdade ela mudou para um sítio. Se escondeu no mato com seu clã de gadgets.

Mary X: tô na cidade. preciso te ver o quanto antes Jéssika (Me): meu bichinho do mato voltou? logo hoje..

Mary X: por pouco tempo 😞

Jéssika (Me): 😞

Mary X: vc consegue colar na Vila Madalouca daqui a pouco? tá tenso ir pra rua, mas preciso falar com vc ao vivo em um lugar seguro

[mapa anexado à mensagem]

Eu conhecia o lugar mais de nome do que de presença. Estivera lá uma única vez depois de uma festa corporativa, a convite de um cara da Circo que nunca falava com ninguém quando estava sóbrio. A festa da Circo tinha acabado e nós queríamos continuar bêbados. Fomos para esse clube fetichista de velhos hackers, que se reuniam para falar de filtrar endereços IP de Windows98 e beber uísque importado com coca cola e gelo. Eca. Mas, se Mary estava na cidade, o assunto era importante.

Jéssika (Me): chego lá em 20m Mary X: ótimo. Inté

## 9. O MATRIX

Levei o espertofone e uma bateria extra, precaução que eu não costumava ter. Aquilo mexeu comigo. Eu não sou de ter pressentimentos, isso é a área da minha mãe e seu axé. E de Mary. Aliás, eu sempre achei que Mary ia parar bem longe da gente, mais longe do que o sítio. Tipo na próxima missão para Marte. Mas me senti grata por ela ainda estar na Terra naquele dia. Apesar da situação insólita, senti um certo conforto na ideia de ver um rosto conhecido de perto.

Vesti um casaco corta-vento e desci para a rua. A noite estava turva de poluição e fumaça na ausência da luz dos letreiros. Alguns painéis de neon distantes emitiam um brilho fantasmagórico no horizonte. Meu destino era um clube que ficava na Vila Madalouca, uma vizinhança próxima à minha. A intenção era ir até lá a pé. Nas poucas calçadas do centro, montes de tralhas disformes pelo chão. Algumas lojas tinham sido obviamente invadidas, as pessoas retiravam produtos e jogavam no chão da rua. Algumas coletavam as coisas e guardavam na caçamba de eletrofuscas populares, outras usavam pedaços de pau para quebrar tudo o que viam pela frente. Avistei alguns picos flamejantes de

produtos pegando fogo aqui e ali, fogueiras. As pontas dos fios enroscados de dois postes de luz se remexiam sozinhas e alegres no chão, emitindo faíscas, como se estivessem dançando ao som dos gritos e palavras de ordem dos grupos de manifestantes. O food truck que eu sempre passava na volta do trabalho estava vazio e em chamas. Eu esperava que estivesse vazio. Andar até o clube seria perigoso. Imaginei que os trens estivessem um caos, então desci para uma rua próxima e pedi um serviço de eletrocarro autopilotado, o jUbber. Demorou um pouco mais do que o normal, mas o carro apareceu.

As ruas da Vila Madalouca não estavam tão caóticas. Os bordéizinhos 24h funcionavam normalmente com seus letrados apelativos. O lugar ficava ao lado da Putaria da Vila. Quando eu era pequena, minha mãe me contava muitas histórias sobre a minha avó, que trabalhava de diarista na região quando jovem. Sobre como todos os padrões dela eram artistas, DJs e poetas. Todo mundo tentando ser vegano e comprando verdura de uma kombi, um carro desses velhos e bem grandes à gasolina, que passava por lá todo sábado e competia com a feira local. Vi muitos vídeos que a vó postou na época, mas daria tudo para sentir o cheiro das coisas. O pastel fritando, os tomates frescos. Desci do jUbber quando cheguei ao meu destino.

O clube Matrix é uma casa noturna com ar de templo. O lugar de adoração de um deus não binário que aceita MD como oferenda. Ou i-doses. A fachada da construção tem um quê de pagoda budista em suas inúmeras camadas de laje e tijolos coloridos. Uma cor diferente a cada meio metro de parede, intercalando entre todas as cores do arco-íris, numa tinta neon que brilha sob a luz negra. Naquela noite, performers dançavam em pequenas sacadas nas fachadas laterais, ao som das batidas que vibravam de dentro para fora do clube. No entorno do casarão-templo, havia lâmpadas de luz negra sustentadas por drones baratos, daqueles que emitem um zumbido irritante típico, em descompasso com a música vazando pelas paredes. A dança das mariposas gigantes na luz, ruído branco entre uma batida e outra. Na frente do clube, pessoas se organizavam em fila, fumando vapes vintage, aguardando sua vez de entrar. Ao lado da porta, um leitor de digitais modelo anos 40. À direita, um leitor de face, mais atual. Ambos acoplados a braços mecânicos que se estendiam para baixo ou para cima, ajustando-se à altura do usuário. Embaixo de cada um, outro braço de aço cromado operava recolhendo os espertofones de todo mundo que entrava. No batente da porta, um scanner para detecção de armas brancas e câmeras escondidas.

Sem o espertofone, tive que procurar por Mary à moda antiga, olhos nus no meio da galera dançando e se drogando. Eu me perguntava o que caralhos a Mary queria me chamando para falar em um lugar desse. Eu não conhecia ninguém lá dentro, e comecei a perceber que ia demorar para vasculhar o lugar todo. Foda. Decidi dar um rolê até o bar e pegar uma cerveja. Provavelmente arranjar bite era fácil ali, mas desisti porque não queria correr o risco de dilatar a pupila demais e depois não conseguir pegar o espertofone de volta na saída. Melhor ficar só na cerveja.

Era impressionante o contraste entre o clima do Matrix e as ruas do The Gardens, meu bairro. Enquanto lá o caos provavelmente seguia rolando, no Matrix todo mundo estava alheio a qualquer coisa que se passava do lado de fora. Ao mesmo tempo, eu ouvia as pessoas comentando sobre a manifestação. Eu me perguntava como estariam minha mãe e as pessoas que tinham ido às ruas. Ainda não havia entendido por que elas estavam quebrando tudo, parecia uma onda de histeria coletiva da qual eu devia ter passado imune. Sorte. Ou trabalho em demasia.

Dentro do Matrix, alguns pequenos hubs de sofás confortáveis ficavam em volta de mesinhas de centro, com aquários servindo de apoio aos tampos de vidro onde as pessoas depositavam garrafas, drinks, montinhos de pó e caixinhas de pílulas. Em um desses cantos escuros, eu me espantei por reconhecer um rosto. Fui pega totalmente de surpresa, aquele tipo de coisa que parece fazer o tempo

parar no espaço entre você e a outra pessoa, enquanto o resto do mundo segue acontecendo fora daquele túnel imediato de conexão.

Lyna, a própria. A franja desnivelada caindo por sobre o rosto quase sem maquiagem. Eu conseguia distinguir a linha sutil que desenhava os olhos de onça e a boca fina como um arco. Em um vestido preto, largo e simples, sem mangas. Seu rosto estava sereno. Podia ser só vitamina K, ou weed. Todos em volta dela pareciam um pouco apreensivos com alguma coisa, mas podia ser só bala. Difícil de saber olhando de longe.

— Jéka! — uma voz conhecida soou atrás de mim e uma mão pousou no meu ombro.

— *Long time no see.*

Virei para trás e dei de cara com Mary X. Abri meus braços e deixei ela me envolver no calor de seu corpo morno. Ela usava um maiô dourado e um colete longo de tule preto até os tornozelos. Pelo tecido transparente, vislumbrei novas tatuagens. Muitas delas, bio-tattoos. No pulso, uma nova scarification que emitia uma luz discreta, números brilhantes sob a pele. Era um espertológico por implante. Ela estava ficando malandra.

— Cara, o que tá pegando? Por que tu me chamou aqui? — Eu estava muito nervosa para ter uma conversa amena sem descobrir antes o que eu estava fazendo no Matrix enquanto uma espécie de revolta estourava no resto da cidade.

Ela me abraçou de novo e agradeceu por eu ter vindo.

— Sabia que podia contar com você. Vem aqui, quero que você conheça umas pessoas primeiro.

E, para meu total espanto, ela me conduziu até o grupinho onde estava Lyna. Acabamos nos sentando no sofá em forma de U, e fiquei exatamente de frente para aqueles olhos puxados, que me olhavam com discreta curiosidade.

— Galera, essa é a Jéssika. Jéka, para os íntimos. — O grupo assentiu. Eram só três outras pessoas além de Lyna. — Esse aqui é o Carlos. — Um cara branco, mais velho que todos nós, careca e magro, balançou a cabeça para mim. — E essa aqui é a Lyna. Talvez você já conheça ela e nem se ligou...

Eu a interrompi:

— Não. Não conheço. Deveria... Deveria conhecer de onde? — Quando eu fico nervosa, eu minto. Mas não minto de qualquer jeito, eu minto mal para caralho.

— Dos vídeos. Mas não importa, depois eu te mando o link. — Mary claramente não queria se alongar mais do que o necessário. — Essa é Agnes. — Apontou para uma moça loira que lambia um pirulito rosa maior que a boca. — Ela é alemã, mas já aprendeu a falar um pouco de português. E esse aqui é o Zé. Os jornalistas estão chamando ele de Pantera faz uns dias, e agora a gente chama ele de Pan. — Ela se permitiu um sorrisinho debochado. Ao lado de Agnes, um homem negro de olhos grandes e rosto liso, vestindo uma calça larga de lutador de arte marcial e uma camiseta preta simples, olhava para mim com seriedade. Ele tinha uma faixa de tecido dourado amarrada na cabeça, no meio da testa.

— Gente, a Jéka era minha colega na faculdade. Ela trabalha desenvolvendo software. A mãe dela é dos ALN também.

— ALN? — eu a interrompi outra vez. ALN? Do que ela estava falando? E o que a minha mãe tinha a ver com aquilo? — Não sei do que tu tá falando, Mary.

— Sério? — Ela parecia genuinamente surpresa. — Mas como assim?

Todo mundo ficou meio desconfortável. Pan e Lyna olharam Mary muito feio. Ela vacilou um pouco quando começou a me explicar as coisas, mas logo depois pareceu se sentir confortável de novo. Como se a gente estivesse voltando aos tempos de faculdade, nas vezes em que ela me parava no meio do corredor para contar uma ideia nova que havia tido fumando maconha no diretório acadêmico.

Parecia que a Monstranto, multinacional de biotecnologia parceira da Circo há décadas, tentava comprar o direito à administração das áreas das maiores zonas-arco paulistas.

— E o que a gente tem a ver com isso? — perguntei.

— Jé? Oi? — Ela diminuía ainda mais o meu apelido quando ficava nervosa. — A gente não pode deixar as pessoas das arco sozinhas à própria sorte. Temos que ajudá-las! Elas são gente como a gente. Porra, sua mãe mora numa arco. Acorda.

— Ela não se meteria com politicagem de novo — eu respondi no modo automático, desviando do olhar dela.

Pan começou a rir. Agnes não parecia ter entendido muito bem o que estava acontecendo, mas, vendo o outro rir, riu também. Carlos se manteve impassível, talvez até um pouco mais sério. Lyna continuava observando com uma aparência calma. Quase fria. Senti um arrepio.

— Minha irmã, os robocops estão matando todo mundo que pisa no calo deles de Embu-Guaçu à Mogi — Pan interrompeu. — Imagina o quanto de propina que a Monstranto paga para eles e o tanto que ainda vai pagar se conseguir comprar as arco. Quem eles não matam, jogam no xilindró por qualquer coisa que inventam na hora.

— Exato — concordou Mary. — E a gente precisa de ajuda das cidades para poder fazer alguma coisa contra isso. É por isso que chamei você aqui hoje, Jéka.

— Ah, é. — Comecei a sentir um desdém profundo por aquele grupo de pessoas adultas agindo como o pessoal do movimento estudantil. — E o que vocês pretendem fazer? Bater de frente com a polícia? Com a Monstranto? Vocês acham que vocês vão salvar o povo das arco sozinhos?

Mary sorriu. Seus olhos marrom-claros brilharam, aquele brilho que fazia parecer que eram meio verdes, meio cinzas, meio amarelos, meio tudo, meio nada. Um brilho sem nome.

— Mais ou menos isso, sim. — Ela pegou minha mão direita e botou entre as dela, olhando bem nos meus olhos. Ela estava entrando no modo militância. — Nós formamos um grupo de resistência fora das arco, um apoio. Agimos em várias frentes, não apenas na guerra contra a Monstranto. Isso é só uma pequena batalha no meio de muita coisa pela qual a gente acredita. Imagina as arco operando de modo igualitário, sem empresas mandando e desmandando em tudo. Imagina todo mundo plantando a comida com as próprias mãos de novo, jardins suspensos em ecocomunidades. As ruas de São Paulo sem os drones de vigilância e as lentes de reconhecimento facial. Imagina o SUS gratuito de novo! Como era na época dos nossos avós... — Ela passou a mão no meu rosto, um gesto de carinho. Eu me assustei. Fazia meses que ninguém me tocava no rosto. Então suas feições se fecharam em uma expressão séria. — Nós estamos bravos, Jéka. Trabalhar 12 horas de segunda a sábado para se aposentar aos 78 anos não é vida. Nós já estamos nascendo mortos. Para eles, somos máquinas. Pararam de fabricar pílula anticoncepcional quando? Em 2030 e poucos? Além de tudo nos obrigam a

reproduzir! Enfiando antibiótico à força pela água, pela comida. Nosso tempo dedicado a aumentar o lucro desfrutado por cinco por cento da população. Cinco! E os outros 95 se fodendo 24h por dia. Não é possível que a gente continue aceitando isso, Jéka.

— A gente aceita porque eles têm mais grana que a gente. — Eu tentei fazer pontes de raciocínio lógico. — E eles têm os drones, os satélites. Eles podem nos liquidar a qualquer momento.

— E quem vai trabalhar para eles depois? — Lyna falou pela primeira vez desde a minha chegada. Ela me olhava fundo nos olhos. Esperava uma resposta.

— Os robôs? — Foi a única resposta que eu consegui articular.

— Custa muito dinheiro fazer robôs, Jéssika — ela falou calmamente, como se explicasse para uma criança de quatro anos. — Se você somar o valor que eles pagam pelas horas de uma pessoa que trabalha no agrolabs, ou em troca de teto e comida enlatada nas arco, não dá um quinto do custo de um robô. Um robô cuja vida útil tem apenas 10 anos. Um robô que não come. Não toma remédio. Não bebe água. Para quem eles vão vender todas essas coisas? Nós não somos só explorados. Somos consumidores.

Silêncio. Todos olhavam para mim agora. Silêncio é uma maneira engraçada de lembrar do momento, visto que ainda estávamos dentro do Matrix e centenas de corpos se balançavam ao nosso lado.

— Por isso estamos movendo ações — Carlos cortou o silêncio abruptamente — nos principais pontos da cidade. E alguns pequenos protestos. Hoje conseguimos mover o maior deles.

— Aquela confusão na rua? O que é aquilo? *Vocês* fizeram aquilo?

— Aquilo são as pessoas das arco descendo para a cidade — respondeu Mary. — E a galera da cidade descendo para rua com eles. Ninguém quer trabalhar mais doze horas por dia. O Bozo Neto deveria saber, mas ele gosta de testar os limites. Hoje o bicho não tá pegando só em São Paulo. Floripa, BH, Vitória. Vi vídeo de protesto até em Manaus. Fomos longe. Vamos arrancar o Neto da cadeira dele em Brasília à força.

— Ela estava falando rápido demais e teve que parar um pouco para respirar. — Nós somos a ALN, Jéka. A Ação Libertadora Nacional.

— E vocês querem um impeachment? — eu indaguei, sem esconder o sarcasmo. Cinco impeachments em menos de cem anos. A ONU deveria nos congratular por uma espécie de recorde. Eles sorriram.

— Mais ou menos — disse Mary. — Nós precisamos da sua ajuda.

— Minha ajuda? — Eu estava incrédula de novo. — Para quê?

— Nós precisamos que... — Mary foi interrompida por um estouro vindo da porta do Matrix.

## 10. O ROBOCOP

BUM. A porta do clube abriu de repente. Nós estávamos no térreo e conseguimos ver que algo arrebentou a porta, arrancando-a da parede pelo batente. A porta caiu pro lado de dentro, esmagando uma garota que passava equilibrando uma bandeja de drinks nas mãos. Durou um respiro. Sangue

escorria sob a porta, como um close de filme. Poeira subia, turvando o que quer que fosse que estava do lado de fora. Eu fiquei horrorizada. Uma pequena legião de dezenas de drones minúsculos entrou pelo vão aberto. Eles foram seguidos de outros quatro bem maiores e mais pesados, do tamanho de bolas de basquete. Só gente com muita grana tem esse tipo de drone. Ou o governo. Eles eram usados para serviços de limpeza ou para artilharia.

Escutei o barulho de um passo pesado. A música parou repentinamente. Foram apenas três segundos entre a porta esmagar a garota e aqueles trambolhos entrarem voando pelo vão, mas pareceram horas. As pessoas começaram a correr para o banheiro e para baixo de bancos e mesas. Ninguém sabia muito bem o que fazer. A única saída estava ocupada pelos invasores. No nosso canto, nós estávamos em silêncio. Pan segurava uma pistola na mão, tirada sabe-se lá de onde. Ele apontava para a porta.

Os drones pequenos faziam obviamente uma varredura de reconhecimento facial, escaneando todos os cantos onde tivesse gente pelo clube. Eu sabia porque eu me envolvi na implementação da primeira remessa daquele modelo, que rodava o meu software. Sim, o equipamento era da Circo. Mas eu não tinha ideia do que fazia as paredes e os drinks em cima das mesas tremerem. Minha imaginação não foi capaz de prever o que vinha caminhando atrás dos drones.

Um corpo humanoide gigante, virado em ligas de titânio e metais cromados, refletindo as luzes coloridas que ainda giravam na pista de dança vazia. Fazia muito tempo, eu havia esquecido o impacto visual e sonoro. O trambolho de quase 3 metros de altura ficou parado na porta, os braços segurando um dispositivo de carga humana vazio. Ele deu dois passos para dentro do Matrix. Um compartimento circular se abriu do lado direito de seu peito, e um pequeno alto-falante rolou para fora. Uma voz grave, masculina, soou num volume anormalmente alto (mesmo para uma casa noturna):

— Saudações, cidadãos. Comandante Armando da Polícia Militar, Batalhão de Intervenção, à mando de cumprimento da lei. Viemos em missão de recolhimento de indivíduos envolvidos em ações terroristas. Não vamos machucar ninguém, a menos que reajam.

Lembro com precisão daquelas palavras. Batalhão de Intervenção. O novo nome do Batalhão de Choque. Fazia sentido terem aparecido naquele dia. Só não fazia sentido estarem ali, quando as manifestações aconteciam fora do Matrix. E bem longe da Vila Madalouca.

— Fiquem calmos que não vamos machucar ninguém.

Claro. Imagino que a menina esmagada debaixo da porta onde ele estava parado não consegue escutar. Fui tomada por um ódio profundo. Fazia anos que eu não via um Agente Especial de Choque Controlado à Distância. Em algum lugar nos escritórios da força militar, havia um filhoda puta chamado Armando mandando naquele trambolho. Equipamento de inteligência fornecido pela Circo, claro. Permanecemos parados enquanto grande parte dos drones rapidamente se dirigia para os pisos superiores através das escadas. Observei, sem mexer um músculo, eles se aproximarem de todos nós.

Mary X trocava olhares significativos com os outros membros do grupo, e pude pescar que alguma coisa se passava por ali. Um tipo de comunicação que eu não era capaz de traduzir. Algo que eles sabiam e eu não. Mas observei seus olhares e resolvi acompanhar o que eles faziam em seguida. Lyna deslizou devagar os braços nus para dentro da roupa. Seus dedos finos se moviam rapidamente por baixo do tecido. De repente, ela parou. Os minidrones se aproximavam da nossa mesa. Lyna olhou para Pan e levantou as sobrancelhas. Ele assentiu com um pequeno movimento da cabeça.

Por baixo do vestido de Lyna, rolou um pequeno objeto, parecido com um pião. Ele deu um pequeno estalo metálico ao pousar no chão e começou a girar depressa. Uma nuvem amarela subiu e começou a preencher o ar à nossa volta. Em alguns segundos, era impossível distinguir qualquer coisa que acontecia à frente, mas notei uma movimentação rápida ao meu redor e uma mão me puxou pra baixo pelo pulso. Eu vi os minidrones se agitando sobre nossas cabeças, sem nos encontrar. Eles começaram a piscar luzinhas alaranjadas e escutei o barulho ensurdecedor dos passos do robocop se aproximando. Meu corpo já estava colado ao chão e a mão ainda não soltara meu pulso. As pessoas gritavam. Parecia que a fumaça amarela estava se espalhando mais e mais. Me puxaram com força para a esquerda e eu fui me agachando rente ao chão, arrastada. Achei que meu pulso ia quebrar.

O barulho de tiros cortou o som da gritaria no Matrix. Eu não conseguia enxergar mais do que meus próprios braços e o chão embaixo de mim. De repente, caí. Um buraco na pista. Tão rápido quanto perceber que eu havia caído sobre um chão duro foi entender que algo se fechou no teto por cima da minha cabeça. Meu pulso finalmente foi solto.

— Carlos e Agnes, vocês avisem o grupo que eles acharam nosso spot de hoje. — A voz de Lyna, no escuro, totalmente identificável depois de assistir a todos os vídeos do canal dela. A madeira à direita vibrava com os passos de pessoas correndo. — Gente, precisamos sair daqui agora. Segurem um na mão do outro. Eu vou na frente.

Usei o outro braço para tatear à minha frente e encontrar algum corpo no qual me segurar. Achei a cintura de alguém, uma textura lisa, provavelmente o maiô de Mary. Senti outra mão se fechando sobre meu ombro, por trás. Começamos a andar rápido no escuro.

Barulho de trinco abrindo. Luz. Fui cegada por alguns instantes até perceber que estávamos entrando em uma sala. As paredes cobertas de compartimentos de acrílico, parecidos com caixas de sapato, do chão ao teto. Um teto alto. Uma luz branca meio fraca iluminava as caixas contendo espertofones, provavelmente onde os guardavam após recolhê-los das pessoas que entravam na festa. Lyna alcançou um painel leitor de retina em algum canto perto da porta e o puxou, o braço mecânico esticando, em direção ao rosto. O dispositivo emitiu um bip e um compartimento das paredes, logo acima de sua cabeça, se abriu. Ela enfiou a mão e recolheu o espertofone e mais umas pequenas parafernalias ali de dentro. Logo em seguida, Mary e Pan fizeram o mesmo, seguidos por mim.

Telefones recuperados, saímos da sala agarrados uns aos outros novamente. Lá atrás, um estrondo mais alto. Provavelmente haviam descoberto o alçapão. Merda. Luzes fantasmagóricas vinham de algum ponto bem lá atrás. Corríamos sem dar um pio. No fim do corredor, uma outra porta. Abrimos e fechamos tentando não fazer barulho. A sala não tinha luz. Lyna tateou pelos cantos e encontrou uma escada. Apoiou-a no canto de uma parede e abriu um outro alçapão no teto, por onde seu corpo esguio desapareceu. Pan foi o próximo. Depois eu.

De algum modo, saímos nos fundos da Putaria da Vila, em um pátio que servia de depósito para cadeiras quebradas. Os gritos continuavam pela rua e o som de tiros ali fora era mais intenso. Com certeza o Comandante Armando não tinha vindo sozinho para varrer a área. Mary surgiu do buraco e fechou a portinha do chão. Arrastamos alguns entulhos para cima do alçapão. Depois, pulamos o muro para a rua de trás e caímos nos fundos de um prédio qualquer. Devia ter algum acionamento de segurança por infravermelho, porque assim que caímos no pátio, um alarme alto começou a soar. Pan segurava a arma na mão e a apontou para cima, para todos os lados, como que procurando alguma coisa. De repente ele disparou. E o alarme parou de tocar.

— Esses cretinos não têm um puto para pagar uma empresa de segurança. Isso é alarme fake. Vamo embora! — Ele apontou para uma passagem aberta, de arcos de concreto, que levava até a frente do prédio. Algumas luzes se acenderam nas janelas, mas não tive tempo de olhar para conferir se alguém tinha visto a gente.

Pulamos o portão e caímos na rua. Continuamos correndo em direção ao cemitério do Cardeal, na parte mais alta da vila, quase caindo em outra vizinhança.

Paramos de correr quando chegamos em um ponto que parecia um pouco menos movimentado. Era uma esquina onde antes tinha uma praça, mas que agora era um amontoado de lixo e caçambas de entulho. Notei que Mary não estava mais conosco.

— Cadê a Mary? — Eu estava sem fôlego, fazia muito tempo que eu não corria daquele jeito, não sabia se tinham me entendido.

— Ela foi para o outro lado. Nós não podemos ficar todos juntos — disse Pan. — Eu vou subir para Pompéia. Vocês duas, desçam para lá. Os drones vão chegar a qualquer momento.

A última frase foi dita ao longe, pois ele já corria em direção ao ponto que precisava ir. Lyna me deu um puxão pela blusa e disparamos correndo novamente. Corremos por cerca de uns três minutos. Já estávamos dentro de um conglomerado de ruelas pichadas chamado Beco do Batman. Fugindo de um robocop. Que momento.

— Podemos dar um tempo aqui — disse ela, ofegante, colando as costas na parede e descendo devagar até se sentar na calçada imunda. Me sentei ao lado dela, respirando fundo. Ficamos assim por longos minutos. A confusão parecia ter passado longe dali. Ela puxou um vape novíssimo do bolso do vestido. Deu uma tragada e passou para mim.

— Vai ajudar você a recuperar o fôlego.

Traguei a fumaça doce e não senti vontade de tossir. Pareceu que meus músculos relaxaram. Passei o vape de volta para ela e fui observando a movimentação na rua. O Beco era conhecido por ser a parte da baixa vila, onde se cobrava menos pelo programa. Também era um antro de encontro dos phages, o pessoal viciado em biodroga. Tive impulsos de me levantar do chão, mas lembrei que estava com a vacina atualizada. Os phages são, na verdade, os vírus que os viciados ingerem para combater as bactérias que tomaram momentos antes para chapar o coco. As biodrogas são velhas conhecidas. Alucinógenos visuais poderosíssimos. Proibidas, como todas as drogas, mas fáceis de encontrar em lugares como aquele. Havia algumas pessoas por ali na rua mal iluminada, os olhares contemplando um mundo do qual não fazíamos parte. Um ou outro se comunicava por gestos e alguém estendia uma pílula branca.

Se você ficar muito tempo com a biodroga no organismo, ela se torna outra coisa. E você fica preso em um sonho muito ruim. Demora dias para passar. Os phages agem matando as bactérias e se multiplicando, adaptando, se espalhando rápido. Eles cortam o efeito da bactéria e impedem que ela te leve para o estado catatônico do sonho ruim. Foi nas quebradas das zonas-arco que começaram a chamar os viciados de phage. Com o uso contínuo, a pessoa fica bem vulnerável a qualquer bactéria. Sempre me senti sortuda por meu lance ser só o bite. Tá louco.

Peguei o espertofone do bolso, pronta para verificar notícias sobre o ataque ao Matrix. Lyna fez sinal para eu não ligar o fone, não devia ser seguro ainda. Guardei-o de volta no bolso. Respirei fundo.

— Então... É seguro conversar aqui? — Eu estava melhor e a noite voltava a ser calma. Resolvi continuar o assunto do Matrix. Lyna assentiu com a cabeça. — Ok. Então me diz. Por que vocês precisam de mim?

Ela virou o rosto para me encarar. Sentadas ali, nossos corpos estavam muito próximos. Os rostos também. Ela me olhou com atenção. Meu pulso doía um pouco ainda. Ela passou um dedo na minha bochecha, esfregando a pele de leve.

## 11. MUITO ORIGINAL

— Você tá com uma sujeira no rosto... Agora sim. — Ela deu um meio sorriso e então me contemplou, mais séria. — Eu sei quem você é. Mary me contou. Você trabalha para a Circo.

Engoli em seco. Ela continuou:

— Não tem problema, eu entendo. Por isso mesmo precisamos de você. Sua mãe tem trabalhado como agente de contato. Ela é ótima. Ajuda no apoio logístico interno dentro da iFord. — Olhei para ela surpresa. — Pois é. E nós imaginamos que você seria um ótimo asset para a próxima missão.

— Asset?

— Sim. Parece que você tem muitas habilidades úteis. — Ela pousou uma mão sobre minha perna cruzada. Senti uma coisa estranha no estômago. — Dados, Jéssika. Nós precisamos de dados. — Ela passou a ponta do dedo indicador de leve perto do meu joelho. A unha curta, pintada de preto. Eu estremei com o arrepio. Ela nem piscou.

— Sei que você tem acesso aos dados.

Apesar da voz calma e serena, senti um levíssimo tom de ameaça. Foi uma sensação esquisita. Eu ainda queria saber onde aquelas mãos iam parar.

— Que dados, Lyna? — Olhei para ela tentando parecer séria. Foi difícil me concentrar. Ela abriu um pouco mais a boca além do meio sorriso que tinha dado até aquele momento. O tom da sua voz baixou um pouco.

— Credenciais e permissões de acesso. De tudo. De todos. Queremos revogar os acessos do governo e das empresas nos dispositivos fornecidos pela Circo.

— Você quer revogar tudo? — As palavras dela me trouxeram de volta à Terra. Eu estava incrédula. — Do continente inteiro?

— Não, só daqui. Do Brasil. — Eu levantei uma sobrancelha, e ela continuou falando:

— Para negociar uma espécie de sequestro de dados. A gente já planejou tudo. Se você aceitar, vai ajudar a gente a finalizar as negociações das demandas das arco. — Ela deu uma risadinha, olhando pra baixo. — E mais uma coisinha ou outra sobre os direitos trabalhistas de todos nós, claro. — Ela voltou àquele meio sorriso e me passou o vape para mais uma tragada. Eu olhei para os lados, para ver se não tinha ninguém, ou alguma coisa, nos ouvindo. Mas os phages estavam focados em

seus próprios mundos e não parecia haver nenhuma lente de vigilância naquele buraco. A prefeitura não se daria ao trabalho.

— Mas o que exatamente vocês querem de mim? Quais são os riscos? Eu não sei se consigo.

— Você consegue — insistiu Lyna. — Eu não posso te contar mais do que isso enquanto você não entrar oficialmente para a ALN.

— Por quê?

— Você vai descobrir. — Ela deu uma piscadela e pousou a mão na minha perna de novo. — Não precisa responder hoje.

Alguma coisa na minha barriga deu um solavanco; talvez fosse apenas fome. Senti o sangue do rosto esquentar quando ela continuou:

— Aliás, eu diria que já deve estar seguro o bastante para a gente sair daqui. Podemos caminhar até a avenida, ligar os espertofones e chamar um jUgger.

Ela se levantou. Eu me levantei também, batendo as mãos contra minha bunda para tirar qualquer coisa que pudesse ter ficado daquele chão imundo.

— E como você vai para casa? — eu perguntei. Ela virou os olhos para mim, me encarando de cima a baixo, atenta como uma gata olhando a presa.

— Posso ir com você, Jéssika?

Se antes eu estava com dificuldade de parecer séria, naquela hora desmontei. Não consegui responder de imediato, precisava de um segundo para me recompor. Lyna? Sozinha comigo? No meu apartamento? A coisa parecia estar rolando mais rápido do que eu conseguia processar. Mas restaurei a compostura.

— Claro — respondi, com toda a naturalidade que consegui emular. — Vamos lá chamar esse jUgger. A gente pede para ele trazer uma pizza junto.

O jUgger chegou rápido e nós atacamos a pizza de abobrinha ali dentro mesmo. Tentei não pensar no que poderia acontecer depois que chegássemos ao meu apartamento, mas o nervosismo foi inevitável depois que cruzamos a porta do prédio. Na pressa de comer a pizza, não fizemos mais do que finalmente acessar as redes com os espertofones e conferir se havia sinais de que os outros estavam bem. E eles estavam, cada um em seu porto seguro.

Dentro do apartamento, ativei os painéis de notícia.

— Oi, casa. Liga o cast. Mostra a timeline de streamings, por favor.

A tela se projetou na parede branca, iluminando o rosto de Lyna, que estava em pé no meio da sala, observando como quem mede a área. Na web, nenhuma menção ao que aconteceu no Matrix. Nem nos perfis sociais das pessoas. Nenhuma surpresa, eles haviam abafado o caso. Mas as manifestações do Dia das Duas Horas pipocavam por tudo. Parecia ter acontecido uma guerra.

— Apartamento bacana esse seu, hein? — Lyna olhava para mim com genuína admiração.

— Obrigada.

Eu não costumava receber visitas ali. Apenas Mary X, uma vez por ano. Repassei mentalmente tudo o que aprendi sobre receber visitas.

— Lyna, você quer alguma coisa para beber?

— Você tem cerveja?

— Acho que sim.

— *A geladeira contém cinco garrafas de cerveja da marca Muito Original...* — a voz mecânica do sistema doméstico soou nos alto-falantes da sala de repente. Rimos.

— Casa, o jogo acabou — eu anunciei em voz alta. Vários LEDs espalhados aqui e ali se apagaram. O projetor na parede também. De repente, estávamos à meia-luz, sozinhas na minha sala silenciosa.

— O jogo acabou? — perguntou Lyna, rindo e se encaminhando para a geladeira — Essa é sua *safe word*?

— Sim. Por quê?

— Nada... Só achei diferente. Vai querer cerveja também?

— Sim.

Senti uma mistura de entusiasmo e pavor por ter alguém no apartamento. Eu continuava de pé, observando Lyna se movimentando pelo meu lar com naturalidade. Na volta da cozinha, ela pousou a garrafa de cerveja na mesa de centro, tirou um canivete do bolso do vestido e abriu a garrafa com uma manobra rápida. Serviu dois copos, sentou-se no sofá e me olhou.

— Você vai ficar aí parada a noite inteira?

Sentei no sofá ao lado dela e peguei um copo para mim. Brindamos. O barulho do vidro se chocando foi mais alto do que eu esperava. Estremeci. Ela sorriu e tomou um gole longo, quase acabando com o conteúdo do copo.

— Há quanto tempo você tem acompanhado o meu canal, Jéssika? — Ela me pegou desprevenida. — Eu vi no canto da tela, na lista de recém-visualizados.

— Eu preciso cuidar mais da minha privacidade — comentei, apoiando as costas no encosto do sofá e contemplando meu copo, mais cheio do que vazio. Virei o restante em apenas um gole. Evitei olhar para Lyna. Mais uma vez naquela noite, senti meu rosto em chamas.

— É a sua casa. Relaxa.

Senti que ela se aproximava. Com um dedo, tocou minha orelha, da ponta até o lóbulo, onde uma argola fazia seu caminho pelo buraco na pele. Meu corpo inteiro respondeu em um movimento, como um abalo sísmico suave, uma onda na terra. Eu sabia que era minha deixa. Respirei fundo. E encarei os olhos de Lyna. O risco de jaguar pelas pálpebras e a franja displicente. Pousei o copo de cerveja na mesinha sem tirar os olhos dela. Contemplei ela inteira, tão perto, tão completa.

Aquele vestido cor de noite sem estrelas e os botões fechados. Com urgência, tomei seu rosto em minhas mãos e me aproximei. Fechei os olhos e nossos narizes se encostaram suavemente, meio de

lado, meio se procurando. Os lábios de Lyna roçaram nos meus, encaixando-se, abrindo espaço na minha boca. Como se fosse dela. Senti a maciez de sua pele contra a minha e a língua de Lyna navegou na minha boca. Minhas mãos fizeram caminho pelo vestido de tecido leve, sentindo seu toque frio, o contraste da fervura do meu sangue por aquele corpo. Ela afundou os dedos no meu cabelo, afagando com gentileza, e eu a tomei nos braços como fogo de labareda lambendo lenha.

Deitei o corpo sobre ela no sofá, nossas pernas entrelaçadas, as coxas se apertando de encontro uma à outra, a barra do vestido dela enroscando na minha calça jeans.

— Tira essa calça, Jéssika — ela sussurrou no meu ouvido, as mãos abrindo o meu zíper. Mordisquei de leve seu pescoço enquanto ela descia minha roupa com destreza. — Morde direito — ela ordenou. Mordi. E mordi. E, como quem assopra um ferimento leve, passei a língua onde meus dentes a marcaram. Suguei a pele exposta do seu pescoço como se fosse engolir um pedaço de Lyna. Um gosto salgado de mar revoltado e erva-doce. Com o sistema interno da casa desligado, o calor era intenso. Lyna suave. Eu suave. Primeiro foi minha calça, depois, os botões do vestido dela. Minha blusa escorregou.

— O que é isso? — Ela apontou para uma série de pontinhos marcando a pele do meu seio esquerdo. — É uma constelação?

— Sim. *Globus aerostaticus*. — Eram raros os momentos em que alguém vislumbrava as marcas no meu corpo. — O Sol estava ali quando eu nasci.

— Não imaginava que você gostasse de astrologia.

— Mas eu não gosto.

Eu ri. Era a primeira vez que eu confundia Lyna de propósito.

— Você tem outras tatuagens? — ela indagou, curiosa. Eu assenti com a cabeça e me sentei no colo dela, deixando que ela observasse meu peito e braços nus. — Uau.

— Você gosta? — perguntei.

Ela me contemplou por um longo momento.

— Eu quero lambar todas as suas tatuagens, Jéssika.

## 12. E-GUERRILHA

— Estava te ligando a noite inteira! — Era minha mãe, a videocall no display do meu espertofone. — Posso falar com você agora?

— Não sei se é o melhor jeito da gente se comunicar, mãe. Depois de tudo o que aconteceu ontem...

— Mas você sabe apagar os logs, não? Eu hesitei.

— Só se for uma ligação de menos de um minuto.

— Tá, filha, vou ser rápida. — Ela deu uma olhada por trás do ombro. Respirou fundo. Uma lágrima desceu pelo canto do olho. — Eles atiraram aqui dentro ontem.

— O quê?

— Três. — Ela tremia, os lábios mal conseguindo formar as palavras ordenadamente.

— Eles entraram com três robôs e drones, falaram pra gente ficar calmo e passar as informações. A gente disse que não sabia de nada. As crianças choraram, os drones atiraram. Falaram que foi automático, que não tinham como impedir. Achei que iam matar todo mundo. Mas no fim foi para dar um susto mesmo.

Eu estava em choque. Foquei em ser racional.

— Você tem vídeo disso?

— Tinha. Eles apagam quando a gente posta.

— Eles quem?

— As plataformas de vídeo. Todas. Mas escuta, filha — ela acelerou. — Eles querem que a gente vote para mudar a dona da arco. Eles não têm como fraudar a eleição, senão já tinham feito. Ou... você acha que eles podem? — Seus olhos estavam arregalados.

— Não, eles não têm como fraudar a eleição — respondi rápido, o tempo ia esgotar. — Eu preciso desligar, mãe. Já deu o tempo.

— Te amo, filha.

— Eu também.

Desconectei e loguei no servidor de dados para apagar o arquivo da conversa.

Lyna apareceu na sala com um copo de café em cada mão. Limpei meus olhos úmidos.

— Bom dia. — Ela deu a volta pela cadeira onde eu estava sentada e me abraçou por trás, encaixando a boca no meu pescoço. — Como você está?

— Quando eu acho que vou ficar bem, o mundo me dá uma rasteira. Estou cansada — murmurei.

— Cansada do papo da ALN, do que aconteceu no Matrix ou de mim? — Ela me apertou forte no abraço.

— De tudo, eu acho — respondi, virando a cabeça para ver o rosto dela. — Menos de você. Minha mãe me ligou e não tinha coisas boas para contar. Não estão exibindo nem metade das atrocidades de ontem nos streamings. Os Ativistas Pelo Anonimato deveriam criar um canal de mídia independente.

Tomamos café e Lyna foi embora. Os canais principais de notícia faziam resumos sobre o Dia D. As votações sobre o aumento da jornada de trabalho foram adiadas. Algumas pessoas comemoravam nas redes, mas não parecia que o clima geral era de vitória. Não havia informação do levantamento de vítimas dos confrontos com o Batalhão de Intervenção.

Tomei um banho revigorante e fui para a Circo. No escritório, comentários jocosos sobre a ação dos manifestantes. Programadores desdenhando movimentos populares — zero surpresa. Fora isso, estava convicta de que teria uma semana normal de trabalho. Fui atualizando os scripts de otimização do projeto novo e inserindo meus costumeiros backdoors. Era uma atualização do sistema central de tarifas de transporte, que usava reconhecimento facial para controlar as transferências de pessoa física para pessoa jurídica no movimento de passageiros.

Parei de digitar por um momento e fiquei olhando para a tela. E se eu inserisse um script para revogar os acessos aos dados? E se eu rodasse um script para simplesmente parar de debitar as tarifas dos passageiros, ao mesmo tempo que aplicasse uma interface que fizesse o componente do software receber dados de transações falsas? Contemplei as ideias por um momento.

— O que você tá fazendo parada aí, Jéssika?! — uma voz masculina estridente interrompeu meus pensamentos. Enzo Muller.

— Pensando.

— Nossa, você pensa? Hahaha. — Ele abriu a boquinha de gilete para rir e pousou a mão no peito, achando graça no que ele mesmo tinha dito. — Pensei que estivesse aqui só para preencher cota.

Respirei fundo e coloquei o headphone nas orelhas. Racista de merda. Escutei uma ou outra risadinha pela sala, acompanhando a risada estridente do Muller. Olhei de relance um por um. Imperdoável e inesquecível. Espumei de ódio. Anotei nomes.

Naquele dia, pela primeira vez em muitos anos, usei meu horário de almoço completo. Fui comer um lâmen num restaurante perto. Pensei muito sobre o que aconteceria comigo se fosse demitida da Circo. Pesquisei sobre a Ação Libertadora Nacional. Ser demitida da Circo era a coisa mais ok que poderia acontecer comigo caso me pegassem participando das ações da ALN. O grupo tinha mais de cem anos. Sobreviveram a duas ditaduras. Tinham até um Manual do Hacktivista Urbano.

No fim dia, fui pegar o bite e dei de cara com um novo food truck. O anterior havia sido removido — talvez totalmente queimado pelos manifestantes. Olhei com atenção para o veículo novo estacionado. O antigo era amarelo, meio enferrujado, velho. Esse outro era novíssimo e rosa. Com letreiro neon em verde. Olhei com atenção para dentro e fiquei satisfeita de ver o mesmo cara de sempre trabalhando ali. Ótimo. Um bite, uma coca sabor açaí e um hambúrguer. Eu recuperaria o bom humor.

Naquela noite, não implementei melhorias com base nos vídeos de Lyna. Mandeí uma mensagem criptografada para Mary.

Jéssika (Me): É nós.

Mary X: certeza?

Jéssika (Me): 100%

E foi assim que entrei para a ALN.

Próximo passo foi escutar o audiobook do manual de hacktivismismo. Enquanto ouvia o livro, abri o computador e comecei a fazer um levantamento mais preciso de todos os acessos que eu tinha aos dispositivos em produção da Circo. E eu tinha mais informação do que eu imaginava.

Lyna apareceu com um balde de Incredible KFC mais tarde. Era seu presente de comemoração por eu ter entrado na ALN.

— É isso que você chama de romântico?

— Não reclama, Jé. — Ela empurrou o balde de proteína vegetal frita. — Você acredita que eu tive que sorrir pro caixa lá hoje?

— Por quê?

— Porque para finalizar a compra pagando menos, o leitor de face espera que você confirme sorrindo. Você nunca escutou o anúncio nos serviços de streaming? “Um sorriso qualquer pode valer mais que mil palavras, mas o SEU sorriso vale 10% de desconto na loja mais próxima”.

Gargalhei.

— Brega, mas efetivo.

Nas semanas que se seguiram, participei das minhas primeiras conferências da ALN. Eles usavam o protocolo IRC com xSSL. Muitos davam suporte para os Ativistas Pelo Anonimato, o canal de vídeos de Lyna, desenvolvendo novas técnicas para burlar os sistemas de segurança e coordenando os roteiros com outros canais sobre privacidade.

Alguns eram freelancers que produziam vistos falsos para os moradores das zonas-arco. Muita gente precisava de atendimento médico e não tinha dinheiro para pagá-lo dentro das zonas, então eles vinham na benzedeira na cidade, que sempre tinha uma receitinha boa de biohack para ajudar com qualquer probleminha. Também havia um grupo de praticantes de parkour, cujo líder era o próprio Pantera. Fiquei sabendo que Agnes tinha encontrado com eles através de Carlos, que havia estudado um tempo na Alemanha. Ela era o contato da ALN no norte da Europa, mantendo conexões com grupos similares por lá — em uma espécie de backup de organizações que lutavam contra a soberania das multinacionais que abalavam os ecossistemas locais. A clássica ecoterrorista orgulhosa. Eu estava bem acompanhada.

Em um dia especialmente ruim de trabalho, precisei combinar a minha primeira ação da ALN com o Pantera. Mas minha cabeça estava longe demais.

Z.Pantera: como é trabalhar pra Circo por tanto tempo? Jéssika (me): desgastante.

Z.Pantera: só isso?

Jéssika (me): sei lá. eu vim de um lugar diferente. as coisas são mais óbvias para vcs q nasceram na cidade

Z.Pantera: eu não nasci na cidade não Jéssika (me): ué. de onde vc é?

Z.Pantera: da iford

Jéssika (me): não! sério? qual andar?

Z.Pantera: 151. mas minha família foi movida de lá quando eu era bebê

Jéssika (me): o andar do rumba. q loucura. vc já era nascido quando rolou aquele xabu com os drones?

Z.Pantera: sim. foi por isso q fomos embora. meus tios estavam lá

Jéssika (me): 😞😞

Z.Pantera: já passou, faz muito tempo. mas por causa daquilo, a gente desceu pra cidade. foi assim q eu vim parar do lado de fora. e eu vi meus pais passando uns maus bocados com o pessoal da cidade... a gente não tem descanso

Jéssika (me): tem dias q eu só queria ser invisível

Z.Pantera: mas vc é melhor do que isso. vc merece brilhar

Jéssika (me): eu só não queria ser obrigada a sentir raiva. as pessoas não me dão opção.

Z.Pantera: então não aceita mais as coisas que vc não pode mudar. mude as coisas que não pode aceitar. como diz a velha Angela.

Jéssika (me): quem?

Z.Pantera: Angela Davis. dos panteras... vc nunca leu nada dela? Jéssika (me): não

Z.Pantera: hummm... então vou te mandar um presente. [arquivos de ebooks anexados com sucesso]

### 13. OPERAÇÃO

Em uma manhã de sexta, fui cedo ao RH da Circo. Não lembro exatamente o que eu estava pensando na hora, mas lembro da sensação de firmeza. De estar fazendo a coisa certa. Se mané achava que estava tudo bem ficar me assediando no trabalho, ele ia entender que estava completamente enganado. Como sempre, eu guardava um backup de absolutamente tudo relacionado ao trabalho. Dessa vez, usei dois backups que nunca imaginei que usaria: o chat interno e alguns vídeos curtos com áudio. Cenas de assédio moral e comentários racistas, em pleno século XXI. *Se vocês não fizerem algo a respeito, vou chamar meus advogados* — eu sempre quis dizer isso, mas nunca achei que seria capaz de fazer algo que me fizesse precisar disso de verdade. O RH acolheu minhas denúncias. Achava que ia rolar uma espécie de resistência, mas eles foram muito eficientes e precisos em recolher os dados apresentados e encaminhá-los internamente para discussão. Embora não tenham explicado, eles deixaram claro que alguma providência seria tomada para que, no mínimo, aquilo não acontecesse mais.

Mais tarde, o Muller me chamou na sala dele. Eu me perguntava se ele ia me dar trabalho extra para o final de semana e o quanto aquilo seria péssimo para a ALN, porque eu precisava revisar todo o roteiro de ação coordenada que executaríamos dali a três dias com o sequestro dos acessos dos sistemas e roteadores da Circo. Metade da cidade de São Paulo ficaria offline por mais de uma hora.

— Foi você. — Ele estava com o olhar impassível.

— Fui eu o quê?

— Que fez um report de assédio no RH.

— Eu não sei do que você está falando. — Eu estava impaciente.

— Confessa, vai. — Ele se levantou da mesa. — Sabe o que eu acho que gente como você deveria fazer? Se esconder nas arco até apodrecer nos porões de coleta sanitária!

Não respondi. Saí fechando a porta e dando stop no gravador do espertofone. Eu precisava atualizar o relatório do RH com mais um arquivo de áudio.

Agnes me ouvia com atenção enquanto eu descrevia os triggers de bloqueio das conexões públicas dos telecentros urbanos, que proviam o acesso dos principais órgãos municipais à rede mundial de computadores. Tais quais as linhas ferroviárias municipais, o cabeamento de fibra ótica era centenário, com poucas atualizações desde o final do século anterior. Estávamos reunidos em um hacker clube, na zona oeste, uma casa amarela antiga, bem old school. Por sorte, o Carlos era da comunidade de software livre e conseguiu uma sala no hacker clube para a gente se encontrar uma vez por semana.

Faltavam dois dias para executarmos a missão. Pantera entrou na sala de repente, fechando a porta atrás de si. Pousou um drone de rastreamento na mesa entre mim e Agnes.

— A Mary X sumiu.

— O quê? — foi a única coisa que consegui falar.

— Um dos drones de segurança do sítio voou até São Bernardo para enviar um sinal de rádio da sua localização para mim. — Ele apontou pro drone na mesa. — Eu o recuperei sem bateria, caído no chão. Na memória interna tinha um texto criptografado. Um alerta do espertofone da Mary, que tem um gatilho de broadcast para os contatos de emergência caso fique por mais de duas horas a mais de 10 metros de distância do espertológico. Tentei falar com ela e não há resposta. Ela sumiu.

Segurei a respiração. Minha garganta apertou em um nó. Pensei em tudo que poderia ser feito, todas as pessoas com quem eu poderia falar. Comecei a passar uma lista mental dos familiares de Mary que eu conhecia, como contactá-los. Mas e se eles não soubessem dela também? O que aconteceria? Eles chamariam a polícia. É claro. E a polícia estava atrás de Mary há muito tempo. Procurei a versão impressa em papel do guia do hacktivista urbano. Deveria ter alguma coisa lá.

Não. Nada além de “use seus próprios recursos” para rastrear seus camaradas. Ótimo. Muito útil. Que recursos, caralho? O que a gente ia fazer? Como se lesse minha mente, Agnes falou:

— Mary sabe se virar sozinha. Ela vai resistir. Vamos atrás dela, investigar no sítio quando terminarmos a missão.

— Quando ela estiver morta? — Eu não conseguia ser educada naquele momento.

— Morta? — Pantera me respondeu. — Se é para ela estar morta, ela já morreu, cara. Vamos fazer como Agnes disse. Não tem como saber. Pode ser que o Choque realmente pegou ela para fazer perguntas. E aí a única coisa que podemos fazer é esperar que ela saia dessa.

Eu não gostei nada daquilo. Não dormi por dois dias.

A missão começava pontualmente às 7 da manhã de quinta. Agnes, Pan e Carlos já estavam na porta dos fundos da prefeitura. Entrada de funcionários. Eu estava na Circo, sentada em minha mesa. Eu teria pedido para trabalhar de casa naquele fatídico dia, mas resolvi reforçar a narrativa para um possível álibi e fui para o escritório. Evidentemente, organizei os displays da minha mesa entre coisas

de trabalho e coisas da missão — que rodavam em um computador na Índia enquanto eu o acessava remotamente.

Incluí o RUC dos três no receptor da porta da prefeitura. Mandeí o sinal. Eles entraram — recebi uma notificação do dispositivo imprimindo uma mensagem de sucesso. Estávamos oficialmente começando. Eu joguei com pouco bite naquele dia, senti que precisava reforçar a dose, mas logo a adrenalina me ligou. Acessei os receptores internos e desativei a função de salvar das lentes de monitoramento indoor. Eles estavam dentro. No comunicador intra-auricular da equipe de segurança, emitei o chamado de reunião urgente na sala de treinamento. Mandeí o ok para eles. Nosso pequeno grupo teria uma janela de 2 minutos para completar aquela parte da ação.

#### 14. SEM PERDER A TERNURA

Por acesso remoto, tranquei as portas à prova de balas da equipe de segurança da prefeitura e tranquei-os na sala. Cortei a rede de comunicação do prédio, a prefeitura estava offline — exceto pelo nosso grupo infiltrado. Lyna mandou a mensagem “Já chegou o disco voador”, o código de sucesso. Me segurei para não comemorar. O gritinho de emoção foi mudo.

Os funcionários da prefeitura também estavam offline a essa altura. Meu próximo passo era disparar o broadcast anônimo para as embaixadas, outras secretarias externas e o gabinete do próprio presidente da república. Depois, para os streamings de jornais. Estava checando o script de disparo quando escutei uma voz desagradável atrás de mim.

— Jéssika. — Com certeza era Muller. — Eu sei o que você está fazendo.

Eu virei devagar e o encarei. Ele estava sorrindo. Não respondi, mas continuei olhando.

— Faz dias que eu venho observando, Jéssika — ele continuou falando, sem se importar que eu o encarasse calada. — Tudo o que você tem feito por aqui. Você acha que é cuidadosa, mas isso é porque ninguém nunca se importou em ficar na sua cola antes. Mas eu não sou besta, garota. Eu sei que você está envolvida com aquele grupo terrorista que estão mencionando na mídia o tempo inteiro. Eu sei que você é da ALN.

Engoli em seco. Eu esperava que ele fosse fazer alguma outra acusação sobre eu o ter denunciado por assédio moral para o RH. Eu não sei que cara fiz na hora, mas ele quase deu um uivo de satisfação.

— Eu poderia te entregar para a polícia agora, Jéssika. Agora! E olha, tô morrendo de vontade de fazer isso. Mas você, apesar de ser ingrata, nunca deixou de bater uma meta nesses anos todos. Vou te dar uma colher de chá, como dizia minha mãe lá do sul.

— O que você quer? — Eu estava sem paciência. E sem tempo.

— A queixa. Eu quero que você retire a sua queixa com o RH e nunca mais toque nesse assunto.

— Não posso fazer isso. Você sabe que fez tudo aquilo comigo.

— Fiz? Mesmo? Eu acho que não. E eu acho que você vai concordar comigo, ou eu vazo todas as suas ações acessando dados fechados dos servidores de produção para a diretora da Circo e para a polícia. Assim que eu sair dessa sala.

Hesitei. Se ele me entregasse para a polícia, eles fariam uma auditoria e seria preciso um hard delete em todos os meus environments e backups para não correr o risco de incriminar qualquer pessoa conectada a mim. Pensei em Mary desaparecida. Pensei no grupo fazendo a sua parte da missão. Talvez eu não fosse tão boa quanto eles achavam. Falhei. Mas tomei uma decisão rápida. Perigosa. Mas rápida. Muito rápida.

— Ok, Muller. Você venceu essa. Eu vou retirar a queixa do RH se você mantiver esse bico fechado. Mas, se qualquer coisa acontecer comigo, se você vaziar as informações para qualquer pessoa, eu tenho como voltar atrás.

Ele sorriu.

— Eu sabia que você iria repensar e tomar a atitude certa. — Ele estendeu a mão para mim. Não me movi. Ele botou a mão no bolso. — Ok, espero que cumpra o combinado. Te vejo por aí, Jéssika.

Ele saiu da sala batendo a porta com força. Eu dei de ombros. Não retiraria a queixa. Ele que me denunciasse. Talvez depois da missão eu não quisesse mais trabalhar para a Circo de qualquer forma.

## 15. A QUEDA

Rodei o script de aviso. Meio minuto depois, os jornais de todos os lugares do país começaram a postar notas sobre o que estava acontecendo na prefeitura de São Paulo. Havíamos sequestrado o prefeito e tomado o prédio. Os representantes da ALN estavam junto aos arco-sindicatos, a postos. As negociações deveriam iniciar a qualquer momento.

Um alerta surgiu por cima das builds dos scripts. Um erro não especificado, como se algum dado não estivesse sendo parseado corretamente para o controle das portas do prédio tomado. Eu estava prestes a pegar minha mochila e me encaminhar pessoalmente para um dos pontos de encontro, mas parei no meio do ato. Abri outra aba do terminal e comecei a investigar. Um debug que eu não esperava ter de fazer no meio da ação. Eu havia checado tudo antes, todos os testes rodaram sem problemas. Tive um pressentimento ruim. O que seria aquilo?

Comecei a suar. Parecia que algum serviço estava sobrescrevendo os triggers das placas de monitoramento. Ele foi ativado depois, por algum script que eu desconhecia. Parecia que eu não era a única a manter backdoors nos softwares do governo. Quem quer que os tenha inserido, fez um ótimo trabalho. Passou batido por várias auditorias da segurança.

Acontece que parecia ser a própria segurança. Chequei os IPs, comparei com a blocklist que eu tinha, e voilá. Eu havia sido interceptada pela ABIN, Agência Brasileira de Inteligência. E eles provavelmente estavam fazendo cópias dos dados dos logs aos quais tinham acesso pela brecha. A única chance de me pegarem era fazendo download do sistema desde uma data dez anos antes, porque o backup da prefeitura não estava versionado. Demoraria alguns minutos — dois, talvez dois e meio — para eles chegarem ao download do último ano. E não havia nada que eu pudesse fazer.

Apagar os dados demoraria cerca de 3 minutos, pois meus scripts precisavam rodar em todas as camadas de segurança da rede e alterar um servidor de cada vez. Meu cérebro ia longe. A pena máxima para terrorismo era prisão perpétua. Eles rapidamente descobririam que Lyna era uma das líderes da ALN. E Pantera.

Eu tinha pouco tempo para agir. Fiz um cálculo apressado de cabeça. Mais um chute mesmo. A única chance que eu tinha era rodar um comando rápido que substituiria todos os RUCs dos

camaradas da missão por um único RUC válido. E precisava ser um de verdade, o sistema não aceitaria nada fake. Pensei em colocar o RUC do prefeito, mas eu não sabia de cabeça. Demoraria para achá-lo. Pensei em usar o de Muller. Pensei em usar o da esposa do prefeito. De algum funcionário da Monstranto. Mas a merda era que eu não sabia o RUC de ninguém de cabeça. Apenas o meu.

Rodei o comando. Ele começou a substituir os RUCs. Em quatro segundos, o download da ABIN foi ativado e começou a baixar aquele último arquivo de log do sistema com os RUCs recém-substituídos. Eu me permiti uma risada de desespero e mandei o sinal que avisava a equipe que deu merda do meu lado. Eles sabiam que teriam apenas uma hora para sair do prédio em segurança nesse caso. Mas os sindicatos das zona-arco teriam sua janela para a negociação, e eu rezei para que eles conseguissem obter o melhor desse curto período. Eu não conseguiria nem sair do prédio da Circo.

Eles me pegaram antes de eu sequer começar a desligar o computador.

## 16. JÉSSIKA SANTOS

*“Jéssika de Oliveira Santos (São Paulo, 9 de fevereiro de 2045), também conhecida pelo pseudônimo de Jezz nas redes sociais, é uma programadora de softwares e ativista socialista libertária. Ela foi presa no primeiro dia que marca a Data Revolution de 2070, tendo aguardado seu julgamento em cárcere por quase três anos. Membro da Ação Libertária Nacional, foi pivô das primeiras manifestações do grupo na segunda metade do século XXI.*

*Ela é conhecida por ter fugido da prisão em uma ação da ALN coordenada por Lyna Fernandes, que mais tarde se tornaria sua esposa. Jezz nunca foi pega, mas sabe-se que morou no exterior por algumas décadas, na maior parte do tempo na Alemanha, de onde liderou o movimento de resistência latino-americana durante a Data Revolution.*

*Jezz aparece na pele de Diana Rodriguez na adaptação cinematográfica do livro “Onde está Mary X?”, sobre a vida da hacker desaparecida durante ações da polícia no governo de Bozo Neto, conhecido por perseguir militantes que lutavam para estabelecer a criação oficial dos sindicatos nas zonas-arco de regiões das grandes capitais.”*

*Trecho de artigo da: Uiquepedia, a enciclopédia única.*